

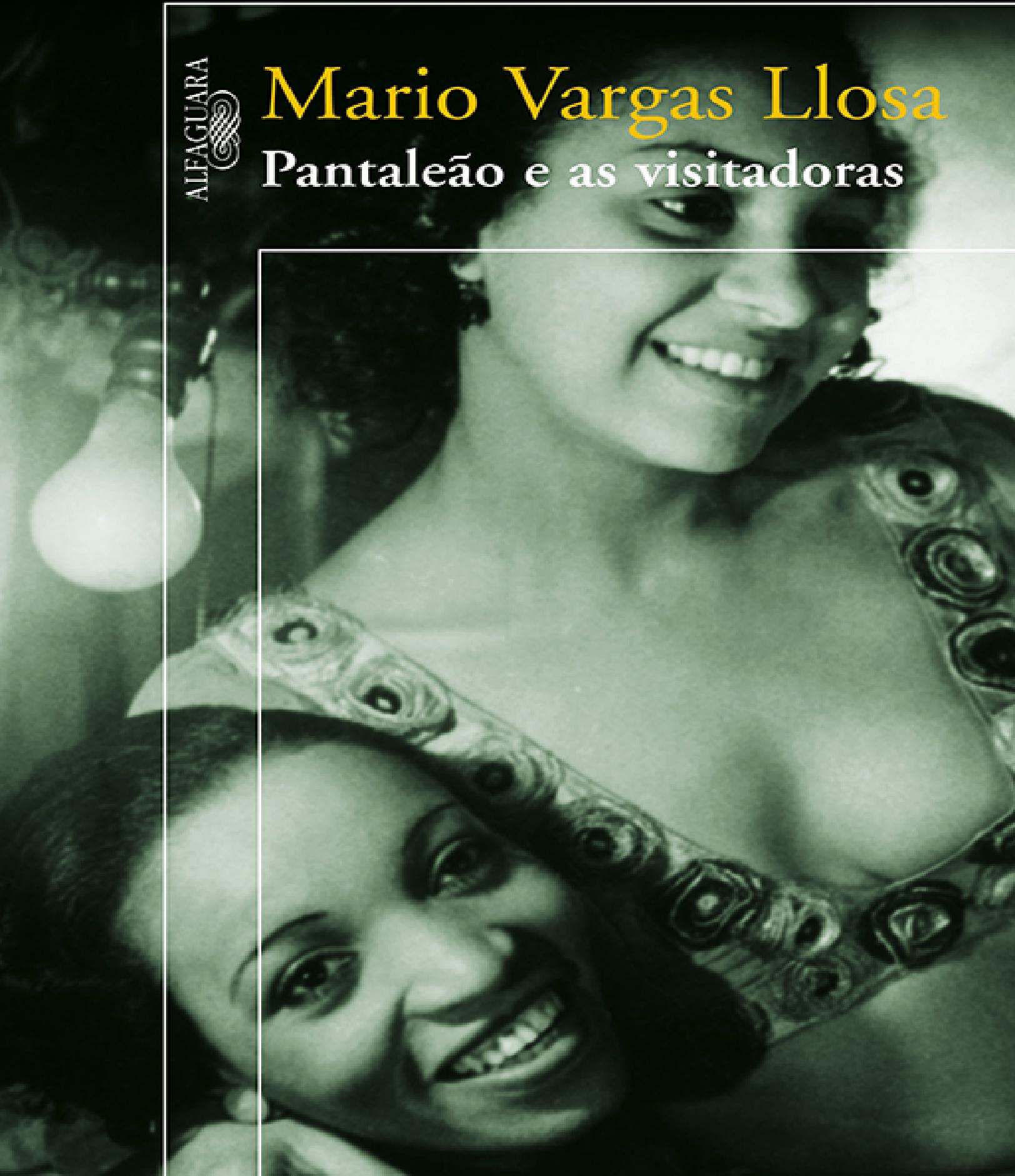


PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

ALFAGUARA

# Mario Vargas Llosa

## Pantaleão e as visitadoras



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**MARIO VARGAS LLOSA**

Pantaleão e as visitadoras

*Tradução*

Paulina Wacht e Ari Roitman

ALFAGUARA



Copyright © 1974 by Mario Vargas Llosa

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de qualquer tipo de reprodução completa ou parcial, à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

*Pantaleón y las visitadoras*

Capa

Raul Fernandes

Imagem de capa

Hulton Archive/Getty Images

Revisão

Luana Gonçalves

Ana Grillo

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V426p

Vargas Llosa, Mario

Pantaleão e as visitadoras [recurso eletrônico] / Mario Vargas Llosa ; tradução Paulina Wacht e Ari Roitman. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2012.

recurso digital

Tradução de: *Pantaleón y las visitadoras*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

p.221 ISBN 978-85-7962-175-8 (recurso eletrônico)

1. Romance peruano. 2. Livros eletrônicos. I. Wacht, Paulina. II. Roitman, Ari. III. Título. 12-5755 CDD: 868.99353

*Para José María Gutiérrez*

*Il y a des hommes n'ayant pour mission parmi  
les autres que de servir d'intermédiaires; on les  
franchit comme des ponts, et l'on va plus loin.*

FLAUBERT, *L'éducation sentimentale*



## Prólogo

Escrevi este romance numa acanhada casinha de Sarrià, em Barcelona, entre 1973 e 1974, ao mesmo tempo que sua versão cinematográfica. Quem iria filmá-la seria José María Gutiérrez, mas, pelos absurdos malabarismos do cinema, acabei dirigindo o filme em colaboração com ele (assumo toda a responsabilidade pela catástrofe).

A história se baseia num fato real — um “serviço de visitadoras” organizado pelo Exército peruano para desafogar as ânsias sexuais das guarnições amazônicas — que conheci de perto em duas viagens à Amazônia, em 1958 e 1962 —, magnificado e distorcido até se transformar numa farsa truculenta. Por incrível que pareça, pervertido como eu estava pela teoria do compromisso na sua versão sartriana, tentei, a princípio, contar esta história a sério. Descobri que era impossível, que ela exigia a paródia e a gargalhada. Foi uma experiência libertadora, que me revelou — só então! — as possibilidades da brincadeira e do humor na literatura. Ao contrário dos meus livros anteriores, que me fizeram transpirar, escrevi este romance com facilidade, divertindo-me muito e lendo os capítulos, à medida que os terminava, para José María Gutiérrez e para Patricia Grieve e Fernando Tola, meus vizinhos da rua Osio.

Alguns anos depois de publicado o livro — com um sucesso de público que não tive antes nem voltei a ter —, recebi um misterioso telefonema, em Lima: “Sou o capitão Pantaleão Pantoja”, disse a enérgica voz. “Gostaria de vê-lo para que me explique como soube de minha história.” Recusei, fiel à minha crença de que os personagens da ficção não devem se intrometer na vida real.

MARIO VARGAS LLOSA  
*Londres, 29 de junho de 1999*



# I

— Acorde, Panta — diz Pochita. — Já são oito horas. Panta, Pantita.

— Já, oito horas? Puxa, que sono — boceja Pantita. — Costurou o meu galão?

— Sim, meu tenente — se perfila Pochita. — Ai, desculpe, capitão. Até eu me acostumar você vai continuar sendo tenentinho, meu amor. Sim, costurei, ficou ótimo. Mas levante-se de uma vez, sua reunião não é às...?

— Às nove, sim — Pantita se ensaboa. — Aonde vão nos mandar, Pocha? Passe a toalha, por favor. Para onde você acha, *chola*?

— Aqui, em Lima — contempla o céu cinzento, as varandas, os automóveis, os pedestres Pochita. — Ai, fico com água na boca: Lima, Lima, Lima.

— Não sonhe, Lima nunca, que esperança — se olha no espelho, amarra a gravata Panta. — Se fosse pelo menos uma cidade como Trujillo ou Tacna, eu ficaria feliz.

— Que engraçada esta notícia no *El Comercio* — franze o rosto Pochita. — Em Leticia um sujeito se crucificou para anunciar o fim do mundo. Foi mandado para o manicômio mas as pessoas o tiraram à força porque acham que ele é santo. Leticia é a parte colombiana da selva, não é?

— Que boa-pinta você está como capitão, filhinho — põe a geleia, o pão e o leite na mesa a senhora Leonor.

— Agora é da Colômbia, mas antes era do Peru, tiraram de nós — passa manteiga numa torrada Panta. — Um pouquinho mais de café, mamãe.

— Se nos mandassem de novo para Chiclayo — junta as migalhas num prato, tira a toalha a senhora Leonor. — Afinal, lá estávamos muito bem, não é mesmo? Para mim, o principal é que não nos mandem para muito longe da costa. Vá, filhinho, boa sorte, com a minha bênção.

— Em nome do Pai e do Espírito Santo e do Filho QUE MORREU NA CRUZ — ergue os olhos para a noite, abaixa os olhos até as

tochas o Irmão Francisco. — Minhas mãos estão amarradas, a madeira é oferenda, façam por mim o sinal da cruz!

— O coronel López López está à minha espera, senhorita — diz o capitão Pantaleão Pantoja.

— E dois generais também — abre os olhinhos a senhorita. — Pode entrar, capitão. Sim, essa aí, a porta marrom.

— Aqui está o homem — se levanta o coronel López López. — Entre, Pantoja, parabéns por esse novo galão.

— A melhor nota no exame de promoção, e por unanimidade do júri — aperta sua mão, dá um tapinha no ombro o general Victoria. — Muito bem, capitão, assim é que se faz carreira para o bem da Pátria.

— Sente-se, Pantoja — aponta para um sofá o general Collazos. — Fique à vontade e segure-se bem para ouvir o que vai ouvir.

— Não o apavore, Tigre — move as mãos o general Victoria. — Assim ele vai pensar que o estamos mandando para o matadouro.

— Os chefões da Intendência vieram pessoalmente lhe comunicar o seu novo destino, isto significa que a coisa não é tão simples — faz uma expressão grave o coronel López López. — Sim, Pantoja, trata-se de um assunto bastante delicado.

— A presença destes chefes é uma honra para mim — bate o calcanhar no chão o capitão Pantoja. — Caramba, o senhor me deixa intrigado, coronel.

— Quer fumar? — tira uma cigareira, um isqueiro o Tigre Collazos. — Mas não fique aí em pé, sente-se. Como, não fuma?

— Está vendo, desta vez o Serviço de Inteligência acertou — acaricia uma fotocópia o coronel López López. — Isso mesmo: nem fumante, nem pau-d'água nem olho-grande.

— Um oficial sem vícios — se admira o general Victoria. — Já temos alguém para representar as armas no Paraíso, junto com Santa Rosa e São Martín de Porres.

— Não exagerem — enrubesce o capitão Pantoja. — Devo ter alguns defeitos desconhecidos.

— Sabemos do senhor mais que o senhor mesmo — apanha uma pasta e torna a largar na mesa o Tigre Collazos. — Ficaria pasmo se

soubesse quantas horas passamos estudando a sua vida. Sabemos o que fez, o que não fez e até o que vai fazer, capitão.

— Podemos recitar sua folha de serviço de cor — abre a pasta, embaralha fichas e formulários o general Victoria. — Nem uma punição como oficial, e como cadete só meia dúzia de advertências leves. Por isso foi escolhido, Pantoja.

— Entre quase oitenta oficiais da Intendência, nada mais, nada menos — levanta uma sobancelha o coronel López López. — Pode ficar inchado feito um pavão.

— Agradeço o bom conceito que têm de mim — se embaça a vista do capitão Pantoja. — Farei tudo o que puder para corresponder a essa confiança, coronel.

— O capitão Pantaleão Pantoja? — sacode o telefone o general Scavino. — Não estou ouvindo direito. Para que o mandou, Tigre?

— O senhor deixou uma magnífica lembrança em Chiclayo — folheia um relatório o general Victoria. — O coronel Montes estava doido para que ficasse lá. Parece que o quartel funcionava como um relógio graças ao senhor.

— “Organizador nato, senso matemático da ordem, capacidade executiva” — lê o Tigre Collazos. — “Conduziu a administração do regimento com eficácia e verdadeira inspiração.” Nossa, o mestiço Montes se apaixonou pelo senhor.

— Tantos elogios me deixam confuso — abaixa a cabeça o capitão Pantoja. — Só procurei cumprir o meu dever, apenas isso.

— O Serviço das... quê? — solta uma gargalhada o general Scavino. — Nem você nem o Victoria vão conseguir me deixar de cabelo em pé, Tigre, esqueceram que sou calvo?

— Bem, vamos aos fatos — sela os lábios com um dedo o general Victoria. — Este assunto exige a mais absoluta reserva. Falo da missão que vamos lhe confiar, capitão. Solte os bichos, Tigre.

— Em poucas palavras, a tropa da selva está comendo as *cholas* — toma fôlego, pisca, tosse o Tigre Collazos. — Há estupros a granel e os tribunais já nem conseguem julgar tanto safado. Toda a Amazônia está em alvoroço.

— Diariamente nos bombardeiam com informes e denúncias — belisca o queixo o general Victoria. — Chegam comissões de

protesto dos povoados mais perdidos.

— Seus soldados abusam das nossas mulheres — espreme o chapéu e perde a voz o prefeito Paiva Runhuí. — Fizeram mal a uma cunhadinha minha há poucos meses, e na semana passada quase abusaram da minha própria esposa.

— Meus soldados não, soldados da Nação — faz gestos apaziguadores o general Victoria. — Calma, calma, senhor prefeito. O Exército lamenta muitíssimo o incidente com sua cunhada e fará tudo o que puder para compensá-la.

— Agora chamam estupro de incidente? — se desconcerta o padre Beltrán. — Porque foi isso o que aconteceu.

— Florcita foi dominada por dois homens uniformizados que vieram da chácara e a violaram no meio da trilha — rói as unhas, pula sem sair do lugar o prefeito Teófilo Morey. — Com uma pontaria tão boa que agora está grávida, general.

— Agora vai identificar esses bandidos, senhorita Dorotea — resmunga o coronel Peter Casahuanqui. — Sem chorar, sem chorar. Vai ver como eu ajeito isto.

— Acha que eu vou lá? — soluça Dorotea. — Ficar sozinha na frente de todos os soldados?

— Eles vão desfilar por aqui, em frente à Delegacia — se esconde por trás da treliça metálica o coronel Máximo Dávila. — Você fica espiando pela janela e os aponta para mim quando descobrir os salientes, senhorita Jesus.

— Salientes? — salpica salivas o padre Beltrán. — Depravados, canalhas e miseráveis, isto é o que eles são. Fazer uma infâmia dessas com dona Asunta! Macular assim o uniforme!

— Luisa Cánepa, minha faxineira, foi estuprada por um sargento, depois por um cabo e depois por um soldado raso — limpa os óculos o tenente Bacacorzo. — Ela gostou da coisa ou sei lá, comandante, mas o fato é que agora se dedica à putaria com o nome de Maminha e tem um veado chamado Milcaras como cafetão.

— Agora diga com qual destas pessoinhas quer se casar, senhorita Dolores — passeia em frente aos três recrutas o coronel Augusto Valdés. — E o capelão casa vocês neste instante. Escolha, escolha, qual deles prefere para papai do seu futuro filhinho?

— Pegaram a minha esposa na própria igreja — permanece rígido na ponta da cadeira o carpinteiro Adriano Lharque. — Na catedral não, na igreja do Santo Cristo de Bagazán, senhor.

— Pois é, queridos radiouvintes — brama o Sinchi. — Esses sacrílegos lascivos não foram contidos pelo temor a Deus nem pelo respeito devido à Sua santa casa nem aos nobres fios grisalhos dessa digníssima matrona, semente já de duas gerações de loretanos.

— Começaram a me puxar, ai meu Jesus, queriam me jogar no chão — chora a senhora Cristina. — Estavam caindo de bêbados e nem queira saber os palavrões que falavam. Na frente do altar-mor, juro.

— É a alma mais caridosa de toda Loreto, general — retumba o padre Beltrán. — Foi ultrajada cinco vezes!

— E também a filhinha e a sobrinha e a afilhadinha, já sei, Scavino — sopra a caspa das ombreiras o Tigre Collazos. — Mas esse padre Beltrán está conosco ou com eles? É ou não é capelão do Exército?

— Protesto como sacerdote e também como soldado, general — encolhe a barriga, estufa o peito o comandante Beltrán. — Porque esses abusos fazem tanto dano à instituição quanto às vítimas.

— O que os recrutas pretendiam fazer com aquela senhora é muito errado, claro — contemporiza, sorri, faz vênias o general Victoria. — Mas os parentes quase os mataram de pancadas, não se esqueça disso. Aqui está o laudo médico: costelas quebradas, hematomas, rasgão na orelha. Neste caso houve empate, doutorzinho.

— Iquitos? — para de umedecer a camisa, levanta o ferro Pochita. — Nossa, como nos mandam para longe, Panta.

— Com madeira você faz o fogo que cozinha seus alimentos, com madeira você constrói a casa onde mora, a cama onde dorme e a balsa em que atravessa o rio — paira sobre o bosque de cabeças imóveis, caras ofegantes e braços abertos o Irmão Francisco. — Com madeira você fabrica o arpão que pesca o peixe, a zarabatana que caça a capivara e o caixão onde enterra o morto. Irmãs! Irmãos! Ajoelhem-se por mim!

— É um baita problema, Pantoja — balança a cabeça o coronel López López. — Em Contamana, o prefeito emitiu um comunicado pedindo à população local que deixe as mulheres trancadas em casa nos dias de folga da tropa.

— E, principalmente, como é longe do mar — solta a agulha, arremata o fio e o corta com os dentes a senhora Leonor. — Será que lá na selva há muito pernilongo? Eles são o meu suplício, você sabe.

— Olhe esta lista — coça a testa o Tigre Collazos. — Quarenta e três grávidas em menos de um ano. Os capelães do padre Beltrán casaram umas vinte, mas, é claro, o problema exige medidas mais radicais que os casamentos forçados. Até agora, castigos e vinganças não mudaram o panorama: todo soldado que chega na selva vira logo um porra-louca.

— Mas você parece o mais desanimado com este lugar, meu amor — começa a abrir e sacudir as malas Pochita. — Por quê, Panta?

— Deve ser o calor, o clima, não acha? — se anima o Tigre Collazos.

— Pode ser, general — gagueja o capitão Pantoja.

— A umidade morna, essa exuberância da natureza — passa a língua pelos lábios o Tigre Collazos. — Sempre acontece comigo: é chegar na selva e começar a respirar fogo, sentir o sangue ferver.

— Se a generala ouvisse isto — ri o general Victoria —, ai das suas garras, Tigre.

— A princípio pensamos que era a alimentação — dá um tapa na barriga o general Collazos. — Que nos quartéis se usava muito tempero, coisas que aumentam o apetite sexual das pessoas.

— Consultamos especialistas, até um suíço que custou os olhos da cara — esfrega dois dedos o coronel López López. — Um nutricionista cheio de títulos.

— *Pas d'inconvénient* — anota numa caderneta o professor Bernard Lahoé. — Vamos planejar uma alimentação que, sem reduzir as proteínas necessárias, enfraqueça a libido dos soldados em 85%.

— Não vá exagerar — murmura o Tigre Collazos. — Também não queremos uma tropa de eunucos, doutor.

— Horcones chamando Iquitos, Horcones chamando Iquitos — parece impaciente o alferes Santana. — Sim, muito grave, extremamente urgente. Não obtivemos os resultados previstos com a operação Rancho Suíço. Meus homens estão morrendo de fome, ficando tuberculosos. Hoje desmaiaram mais dois na revista, comandante.

— Não é brincadeira, Scavino — segura o telefone entre a orelha e o ombro enquanto acende um cigarro o Tigre Collazos. — Procuramos até cansar, e esta é a única solução. Vou lhe mandar o Pantojita com a mãe e a mulher. Faça bom proveito.

— Pochita e eu já nos acostumamos com a ideia e estamos felizes de ir para Iquitos — dobra lenços, arruma saias, embrulha sapatos a senhora Leonor. — Mas você continua de crista caída. O que é isso, filhinho.

— O senhor é o homem certo, Pantoja — fica em pé o coronel López López e o segura pelos braços. — Vai acabar com essa dor de cabeça.

— Apesar de tudo é uma cidade, Panta, e parece que linda — joga panos no lixo, dá nós, fecha bolsas Pochita. — Não faça essa cara, seria pior ir para a puna, não é mesmo?

— Na verdade, coronel, não tenho ideia como — engole saliva o capitão Pantoja. — Mas farei o que me ordenarem, naturalmente.

— Por enquanto, vá para a selva — pega um ponteiro e indica um lugar no mapa o coronel López López. — Seu centro de operações será Iquitos.

— Vamos chegar à raiz do problema e liquidá-lo na sua origem — bate o punho na mão aberta o general Victoria. — Porque, como já deve ter adivinhado, Pantoja, o problema não é só das senhoras atacadas.

— Também é dos recrutas condenados a viver como castos pombinhos naquele calor pecaminoso — estala a língua o Tigre Collazos. — Servir na selva é duro, Pantoja, muito duro.

— Nos povoados amazônicos todas as saias têm dono — gesticula o coronel López López. — Não há bordéis nem garotas de programa nem nada parecido.

— Passam a semana inteira isolados, cumprindo missões no mato, sonhando com o dia de folga — imagina o general Victoria. — Caminham quilômetros até o povoado mais próximo. E o que acontece quando chegam?

— Nada, pela maldita falta de fêmeas — encolhe os ombros o Tigre Collazos. — Então, os que não batem punheta perdem o juízo e no primeiro copinho de aguardente se jogam feito pumas no que estiver à sua frente.

— Houve casos de veadagem e até de bestialismo — precisa o coronel López López. — Imagine que um cabo de Horcones foi surpreendido tendo vida marital com uma macaca.

— A símia responde pelo absurdo apelido de Chupa-chupa da Quinta Esquadra — prende a risada o alferes Santana. — Ou melhor, respondia, porque a matei com um tiro. O degenerado está no calabouço, coronel.

— Enfim, a abstinência nos traz uma corrupção dos diabos — diz o general Victoria. — E desmoralização, nervosismo, apatia.

— Precisamos dar de comer a esses famintos, Pantoja — olha solene nos seus olhos o Tigre Collazos. — É aí que o senhor entra, aí é que vai aplicar seu cérebro organizador.

— Por que está tão aturdido e tão quietinho, Panta? — guarda a passagem na bolsa, pergunta: onde é a saída para o avião? Pochita. — Vamos ter um grande rio, podemos tomar banho, visitar as tribos. Anime-se, bobinho.

— O que houve que você está tão esquisito, filhinho — observa as nuvens, as hélices, as árvores a senhora Leonor. — Não abriu a boca em toda a viagem. Por que está tão preocupado?

— Não é nada, mamãe, nada, Pochita — aperta o cinto de segurança Panta. — Estou bem, não é nada. Olhem, já estamos chegando. Este deve ser o rio Amazonas, não é?

— Você passou todos estes dias feito um idiota — põe os óculos escuros, tira o casaco Pochita. — Não falava nada, ficava sonhando de olhos abertos. Ai, que inferno. Nunca vi você tão mudado, Panta.

— Eu estava um pouco preocupado com o meu novo destino, mas já passou — tira a carteira, dá umas notas ao motorista Panta. —

Sim, chefe, número 549, o Hotel Lima. Espere, mamãe, eu ajudo você a descer.

— Você é militar, não é? — joga a bolsa de viagem numa cadeira, tira os sapatos Pochita. — Sabia que podia ser mandado para qualquer lugar. Iquitos não é nada mau, Panta, não está vendo que parece um lugar simpático?

— Tem razão, estou me comportando feito um bobo — abre o armário, pendura um uniforme, um terno Panta. — Devia estar acostumado demais com Chiclayo; palavra de honra que já passou. Bem, vamos abrir as malas. Que calorzinho, não é, *chola*?

— Por mim, passaria a vida dentro do hotel — deita de costas na cama, se espreguiça Pochita. — Aqui fazem tudo por você, não é preciso se preocupar com nada.

— E seria adequado receber o cadete Pantoja num hotelzinho? — tira a gravata, a camisa Panta.

— O cadete Pantoja? — abre os olhos, desabotoa a blusa, apoia um cotovelo no travesseiro Pochita. — Sério? Já podemos encomendar, Pantita?

— Não prometi que seria quando chegasse o terceiro galão? — estica, dobra e pendura a calça Panta. — Vai ser loretano, que coisa.

— Maravilhoso, Panta — ri, aplaude, toma impulso no colchão Pochita. — Ai, que felicidade, o cadetinho, Pantita Júnior.

— Temos que encomendar o quanto antes — abre e estica as mãos Panta. — Para que chegue rapidinho. Venha, *chola*, não fuja.

— Espere, espere, o que é isso? — salta da cama, corre para o banheiro Pochita. — Ficou maluco?

— Vamos, vamos, o cadetinho — tropeça numa mala, derruba uma cadeira Panta. — Vamos encomendar agora mesmo. Vamos, Pochita.

— Mas são 11 da manhã, acabamos de chegar — gesticula, afasta, empurra, fica zangada Pochita. — Solte, sua mãe vai nos ouvir, Panta.

— Para estrear Iquitos, para estrear o hotel — ofega, luta, abraça, escorrega Pantita. — Venha, amorzinho.

— Veja só o que ganhou com tanta denúncia e tanto comunicado — brande um ofício repleto de carimbos e assinaturas o general

Scavino. — O senhor também tem culpa disso, comandante Beltrán: veja o que esse sujeito veio organizar em Iquitos.

— Vai rasgar a minha saia — se protege atrás do armário, joga um travesseiro, pede paz Pochita. — Não o estou reconhecendo, Panta, sempre tão educadinho, o que há com você. Deixe, eu tiro.

— Queria curar um mal, não causar — lê e relê a cara compungida do comandante Beltrán. — Nunca imaginei que o remédio seria pior que a doença, general. É inconcebível, iníquo. Vai permitir esse horror?

— O sutiã, as meias — transpira, deita, se encolhe, se estica Pantita. — O Tigre tinha razão: a umidade morna, a gente respira fogo, o sangue ferve. — Vem, me belisque onde eu gosto. A orelhinha, Pocha.

— Sinto vergonha assim de dia, Panta — reclama, se enrola na colcha, suspira Pochita. — Você vai adormecer, não tem que estar no Comando às três? Acaba sempre adormecendo.

— Tomo uma chuveirada — se ajoelha, se dobra, se desdobra Pantita. — Não fale nada, não me distraia. Belisque minha orelhinha. Assim, assim. Ai, já sinto que vou desmaiar, *chola*, já nem sei quem sou.

— Sei muito bem quem você é e para que veio a Iquitos — resmunga o general Roger Scavino. — E, de cara, quero logo dizer que não estou nem um pouco feliz com a sua presença nesta cidade. Gosto das coisas claras desde o começo, capitão.

— Desculpe, general — balbucia o capitão Pantoja. — Deve haver algum mal-entendido.

— Não estou de acordo com o Serviço que o senhor vem organizar — aproxima a careca do ventilador e abaixa os olhos por um instante o general Scavino. — Eu me opus a ele desde o começo e continuo pensando que é uma barbaridade.

— E, acima de tudo, uma imoralidade sem nome — se abana com fúria o padre Beltrán.

— O comandante e eu não dissemos nada porque os superiores mandam — desdobra seu lenço e enxuga o suor da testa, das têmporas, do pescoço o general Scavino. — Mas não nos convenceram, capitão.

— Eu não tenho nada a ver com esse projeto, general — transpira imóvel o capitão Pantoja. — Foi a maior surpresa da minha vida quando me comunicaram, padre.

— Comandante — corrige o padre Beltrán. — Não sabe contar os galões?

— Perdão, comandante — bate ligeiramente os calcanhares o capitão Pantoja. — Não interferi em absoluto, juro.

— O senhor não é um dos cérebros da intendência que conceberam essa nojeira? — pega o ventilador, aponta para a própria cara, o crânio, pigarreja o general Scavino. — De todo modo, há algumas coisas que devem ficar bem claras. Não posso evitar que isso vá em frente, mas farei com que a coisa respingue o menos possível nas Forças Armadas. Ninguém vai arranhar a imagem que o Exército conquistou em Loreto desde que estou à frente da Quinta Região.

— Este também é o meu desejo — olha por cima do ombro do general a água barrenta do rio, um barco carregado de bananas, o céu azul, o sol ígneo o capitão Pantoja. — Estou disposto a fazer o possível.

— Porque aqui, se a notícia se espalhar, vai ser um deus nos acuda — eleva a voz, se levanta, põe as mãos no batente da janela o general Scavino. — Os estrategistas de Lima planejam suas sacanagens, bem sossegados lá nos seus escritórios, porque quem vai enfrentar a tempestade se a coisa vier a público é o general Scavino.

— Eu concordo com o senhor, tem que acreditar — transpira, vê as mangas do uniforme se encharcarem, implora o capitão Pantoja. — Eu jamais pediria esta missão. É tão diferente do meu trabalho habitual que nem sei se vou ser capaz de cumpri-la.

— Sobre madeira seu pai e sua mãe se juntaram para fazer você e sobre madeira aquela que o pariu empurrou e abriu as pernas para parir você — ulula e troveja, lá em cima, nas trevas, o Irmão Francisco. — A madeira sentiu o seu corpo, se avermelhou com seu sangue, recebeu suas lágrimas, se umedeceu com o seu suor. A madeira é sagrada, o tronco traz saúde. Irmãs! Irmãos! Abram os braços por mim!

— Por esta porta vão desfilar dezenas de pessoas, este escritório vai se encher de protestos, de abaixo-assinados, de cartas anônimas — se agita, dá uns passos, volta, abre e fecha o leque o padre Beltrán. — A Amazônia inteira vai botar a boca no mundo e achar que o arquiteto do escândalo é o general Scavino.

— Já estou ouvindo o Sinchi, aquele demagogo, vomitando calúnias contra mim pelo microfone — dá meia-volta, transfigurado, o general Scavino.

— Minhas instruções são de que o Serviço funcione no maior segredo — se atreve a tirar o quepe, a passar um lenço na testa, a limpar os olhos o capitão Pantoja. — Vou cumprir essa determinação com muito rigor, meu general.

— E que diabos poderia inventar para aplacar as pessoas? — grita, rodeia a mesa o general Scavino. — Será que pensaram em Lima no papel que vou ter que representar?

— Se o senhor preferir, posso pedir hoje mesmo minha transferência — empalidece o capitão Pantoja. — Para lhe demonstrar que não tenho qualquer interesse no Serviço de - Visitadoras.

— Olhe só o eufemismo que os gênios arranjaram — bate o pé de costas para o capitão Pantoja, olhando para o rio que cintila, as cabanas, a planície de árvores o padre Beltrán. — Visitadoras, visitadoras.

— Nada de transferências, em uma semana eles mandariam outro intendente — torna a se sentar, a se ventilar, a enxugar a careca o general Scavino. — Depende do senhor que isto não prejudique o Exército. Tem uma responsabilidade nos ombros do tamanho de um vulcão.

— Pode dormir tranquilo, general — enrijece o corpo, joga os ombros para trás, olha para a frente o capitão Pantoja. — O que mais respeito e amo na vida é o Exército.

— A melhor maneira que tem de servi-lo agora é mantendo-se afastado dele — suaviza o tom e ensaia uma expressão amável o general Scavino. — Enquanto estiver no comando desse Serviço, pelo menos.

— Como? — pisca o capitão Pantoja. — O que foi que disse?

— Não quero que ponha os pés no Comando nem nos quartéis de Iquitos — expõe às hélices invisíveis que não paravam de zumbir a palma, o dorso das mãos o general Scavino. — O senhor fica proibido de participar de todos os atos oficiais, desfiles, te-déuns. Também de usar uniforme. Deve estar sempre de trajes civis.

— Devo me vestir à paisana até mesmo no meu trabalho? — continua piscando os olhos o capitão Pantoja.

— Seu trabalho vai ser bem longe do Comando — observa-o com receio, com consternação, com piedade o general Scavino. — Não seja ingênuo, rapaz. Imaginou que ia poder abrir um escritório aqui, para o tráfico que vai organizar? Destinei para isso um depósito nos arredores de Iquitos, à beira do rio. Esteja sempre à paisana. Ninguém deve saber que esse lugar tem a menor ligação com o Exército. Entendido?

— Sim, general — sobe e desce a cabeça o boquiaberto capitão Pantoja. — Só que, enfim, eu não esperava uma coisa assim. Vai ser, bem, como trocar de personalidade.

— Faça de conta que foi mandado para o Serviço de Inteligência — sai da janela, se aproxima dele, dá um sorriso benevolente o comandante Beltrán —, que a sua vida depende da sua capacidade de passar despercebido.

— Tentarei me adaptar, general — balbucia o capitão Pantoja.

— E é melhor que não vá morar na Vila Militar, de modo que pode procurar uma casinha na cidade — passa o lenço nas sobancelhas, orelhas, lábios e nariz o general Scavino. — E lhe peço que não mantenha relações com os oficiais.

— Quer dizer relações de amizade, general? — se engasga o capitão Pantoja.

— Não vai ser de amor — ri ou ronca ou tosse o padre Beltrán.

— Já sei que é duro, que vai ser difícil — afirma com amabilidade o general Scavino. — Mas não há outra fórmula, Pantoja. Na sua missão, vai ter contato com toda a ralé da Amazônia. A única maneira de evitar que isso atinja a instituição é sacrificando a si mesmo.

— Em resumo, tenho que esconder minha condição de oficial — vê ao longe um menino nu subindo numa árvore, uma garça rosada

e manca, um horizonte de matagais flamejantes o capitão Pantoja. — Preciso me vestir como civil, conviver com os civis, trabalhar como um civil.

— Mas pensar sempre como militar — dá um soco na mesa o general Scavino. — Designei um tenente para servir de enlace entre nós. Vão se encontrar uma vez por semana e, por intermédio dele, o senhor me presta conta de suas atividades.

— Não tenha a menor preocupação: serei um túmulo — ergue o copo de cerveja e diz saúde o tenente Bacacorso. — Estou a par de tudo, capitão. Podemos nos encontrar às terças-feiras? Pensei que o ponto de encontro pode ser sempre em barzinhos, bordéis. Agora o senhor vai ter que frequentar muito esses ambientes, não é mesmo?

— Ele me fez sentir um delinquente, uma espécie de leproso — passa em revista os macacos, papagaios e pássaros empalhados, os homens que bebem em pé no balcão o capitão Pantoja. — Como diabos vou começar a trabalhar se o próprio general Scavino está me sabotando? Se os próprios superiores começam a me desanimar, a pedir que me disfarce, que não me deixe ver?

— Você foi tão contente para o Comando, e agora volta com essa cara de tonto outra vez — se levanta, dá um beijo em sua bochecha Pochita. — O que foi, Panta? Chegou tarde e o general Scavino esbravejou?

— Vou ajudar no que puder, capitão — o tenente Bacacorso lhe oferece lasquinhas de babunha fritas. — Não sou especialista, mas farei o possível. Não reclame, muitos oficiais dariam qualquer coisa para estar na sua pele. Pense na liberdade que vai ter; o senhor mesmo decidirá seus horários, seu sistema de trabalho. Além de outras coisas gostosas, capitão.

— Vamos morar aqui, neste lugar tão feio? — a senhora Leonor olha as paredes descascadas, o assoalho sujo, as teias de aranha no teto. — Por que não lhe deram uma casa na Vila Militar, que é tão bonita? Outra vez sua falta de firmeza, Panta.

— Não pense que sou derrotista, Bacacorso, é que estou completamente perdido — prova, mastiga, engole, sussurra que gostoso o capitão Pantoja. — Sou um bom administrador, isso sim.

Mas me tiraram do meu ambiente, e aqui não sei fazer nem desfazer.

— Já deu uma olhada no seu centro de operações? — enche de novo os copos o tenente Bacacorzo. — O general Scavino mandou uma circular: nenhum oficial de Iquitos pode se aproximar desse depósito do rio Itaya, sob pena de trinta dias de prisão.

— Ainda não, vou amanhã cedo — bebe, limpa a boca, contém um arroteo o capitão Pantoja. — Porque, vamos ser francos, para cumprir essa missão como me pedem, eu teria que ter experiência na matéria. Conhecer o mundo da noite, ter sido um pouco farrista.

— Você vai ao Comando assim, Panta? — se aproxima, apalpa a camisa sem mangas, fareja a calça azul, o bonezinho Pochita. — E o seu uniforme?

— Infelizmente, não é o meu caso — se entristece, esboça um gesto envergonhado o capitão Pantoja. — Nunca fui bagunceiro. Nem mesmo quando era rapaz.

— Por que não podemos conviver com as famílias dos oficiais? — brande o espanador, a vassoura, um balde, sacode, limpa, varre, se espanta a senhora Leonor. — Por que temos que viver como civis?

— Quando eu era cadete, nos dias de folga preferia ficar estudando na Escola — recorda nostálgico o capitão Pantoja. — Dando duro em matemática, principalmente, minha matéria preferida. Nunca ia às festas. Parece mentira, mas só aprendi as danças mais fáceis: o bolerinho e a valsa.

— Por que nem os vizinhos podem saber que você é capitão? — esfrega vidros, molha pisos, pinta paredes, se assusta Pochita.

— Pois é terrível isso que acontece comigo — olha em volta com apreensão, fala bem perto do ouvido do outro o capitão Pantoja. — Como alguém que nunca na vida teve contato com visitadoras pode organizar um Serviço de Visitadoras, Bacacorzo?

— Uma missão especial? — encera portas, forra armários, pendura quadros Pochita. — Você vai trabalhar no Serviço de Inteligência? Ah, agora entendo tanto mistério, Panta.

— Quando imagino os milhares de soldados que estão esperando, que confiam em mim — vasculha as garrafas, se emociona, sonha o

capitão Pantoja —, que contam os dias e pensam: eles já vêm, já estão chegando, fico até arrepiado, Bacacorzo.

— Que segredo militar que nada — arruma armários, costura cortinas, espana abajures, troca lâmpadas a senhora Leonor. — Segredos com a sua mãezinha? Conte, conte.

— Eu não quero decepcioná-los — se angustia o capitão Pantoja. — Mas por onde vou começar, merda?

— Se não me contar, vai sair perdendo — arruma camas, estende toalhas de mesa, lustra móveis, guarda copos, pratos e talheres no aparador Pochita. — Nunca mais belisquinhos onde você gosta, nunca mais mordidinhas na orelha. Como você preferir, meu filho.

— Pelo começo, capitão — incentiva com um sorriso e um brinde o tenente Bacacorzo. — Se as visitadoras não vêm ao capitão Pantoja, o capitão Pantoja deve ir às visitadoras. É o mais simples, acho.

— Agente secreto, Panta? — esfrega as mãos, contempla o quarto, resmunga como melhoramos esta pocilga, não é, dona Leonor? Pochita. — Como nos filmes? Ai, amor, que emocionante.

— Dê uma voltinha esta noite pela zona de puteiros de Iquitos — anota endereços no guardanapo o tenente Bacacorzo. — O Mao Mao, o 007, Gato Torto, Sanjuancito. Para se familiarizar com o ambiente. Eu o acompanharia com prazer mas, já sabe, as instruções de Scavino são terminantes.

— Aonde vai tão elegante, filhinho? — a senhora Leonor responde: é, ninguém reconheceria, Pochita, merecemos um prêmio. — Caramba, como caprichou, até gravata. Vai morrer de calor. Uma reunião de alto nível? À noite? Que engraçado você bancar o agente secreto, Panta. Está bem, shhh, shh, bico calado.

— Pergunte em qualquer desses locais pelo China Porfirio — dobra e guarda o guardanapo no seu bolso o tenente Bacacorzo. — É um sujeito que pode ajudá-lo. Conseguir “lavadeiras” a domicílio. Sabe o que são, não é?

— Por isso Ele não morreu afogado, nem queimado, nem enforcado, nem apedrejado nem esfolado — geme e chora acima do crepitar das tochas e do rumor das rezas o Irmão Francisco. — Por isso foi pregado num tronco, por isso preferiu a cruz. Ouça quem

quiser ouvir, entenda quem quiser entender. Irmãs! Irmãos! Deem três pancadas no peito por mim!

— Boa noite, ehem, hmm, atchim — assoa o nariz, se senta no banquinho, apoia o cotovelo no balcão Pantaleão Pantoja. — Sim, uma cerveja, por favor. Acabei de chegar a Iquitos, estou me familiarizando com a cidade. Este lugar se chama Mao Mao? Ah, por isso as flechas, os totens, entendi.

— Aqui está, bem gelada — serve, enxuga o copo, aponta para o salão o garçom. — Sim, Mao Mao. Não há quase ninguém porque hoje é segunda-feira.

— Eu gostaria de saber uma coisa, ehem, hmm, hmm — limpa a garganta Pantaleão Pantoja —, se não for incômodo. Como curiosidade, simplesmente.

— Onde se conseguem vadias? — forma uma argola com o polegar e o indicador o garçom. — Aqui mesmo, mas hoje foram ver o Irmão Francisco, o santo da cruz. Dizem que veio do Brasil a pé, e também que faz milagres. Mas veja só quem está entrando. Ei, Porfirio, venha cá. Quero lhe apresentar este senhor, está interessado em informações turísticas.

— Boldéis e meninas? — pisca um olho, faz uma reverência, aperta-lhe a mão o China Porfirio. — Sem dúvida, senhor. Com plazel em dois minutos lhe dou um panolama. Vai lhe costal apenas uma celvejinha, balato, não é?

— Muito prazer — indica que se sente no banquinho ao lado Pantaleão Pantoja. — Sim, é claro, uma cerveja. Não vá imaginar coisas, eu não tenho um interesse pessoal nessa história, é só técnico.

— Técnico? — se espanta o garçom. — Espero que não seja um informante, senhor.

— Boldéis, há pouquinhos — mostra três dedos o China Porfirio. — À sua saúde e vida boa. Dois decentes e um poblinho, pla mendigos. E há também meninas que vão de casa em casa, pol sua conta. As lavadeiras, sabia?

— Ah, é? Que interessante — estimula com sorrisos Pantaleão Pantoja. — É pura curiosidade, eu não frequento esses ambientes. O

senhor tem conhecimentos? Quero dizer, amizades, contatos nesses lugares?

— Onde houver putaria o China está em casa — ri o garçom. — Por isso o chamam de Fumanchú de Belén, não é, compadre? Belén, o bairro das casas flutuantes, a Veneza da Amazônia, já passeou por lá?

— Já fiz de tudo na vida e não dói, senhol — sopra a espuma e bebe um gole o China Porfirio. — Não ganhei dinheilo mas sim expeliência. Bilheteilo de cinema, motolista de lancha, caçadol de coblas pla expoltação.

— E de todos os empregos foi expulso por sua inclinação por putas e sacanagem, meu irmão — lhe acende um cigarro o garçom. — Cante para o moço o que sua patroa lhe profetizou.

*Chinês que nasce pobletão  
Mole cáften ou ladlão*

Canta e festeja com gargalhadas o China Porfirio.

— Ai, minha mãezinha linda que está no santo céu. Como só se vive uma vez, temos que aproveital, não é mesmo? Tlaçamos a segunda geladinha da noite, senhol?

— Está bem, mas, ehem, hmm — se ruboriza Pantaleão Pantoja —, pensei em uma coisa melhor. Por que não mudamos de cenário, meu amigo?

— O senhor Pantoja? — transpira mel a senhora Chuchupe. — Prazer, pode entrar, a casa é sua. Aqui tratamos bem todo mundo, menos os putos dos milicos, que só pedem desconto. Olá, chinês bandido.

— O senhol Pantoja vem de Lima e é meu amigo — beija bochechas, belisca traseiros o China Porfirio. — Vai ablil um negocinho aqui. Já sabe, selviço de luxo, Chuchupe. Este anão se chama Chupito e é o mascote do local, senhol.

— É melhor dizer gerente, barman e guarda-costas, puta que o pariu — traz garrafas, recolhe copos, recebe contas, liga o toca-discos, leva mulheres para a pista de dança Chupito. — Então é a primeira vez que vem à Casa Chuchupe? Não será a última, vai ver.

Hoje há poucas garotas porque todas foram ver o Irmão Francisco, que fez aquela grande cruz na margem do lago Morona.

— Eu também estive lá, havia um bocado de gente, os batedoles de calteila deviam estar fazendo a festa — distribui oizinhos o China Porfirio. — Um disculsadol fantástico, o Ilhão. Não dava pra entender muito, mas emocionava as pessoas.

— Tudo o que se pregar num tronco é oferenda, tudo o que acaba na madeira se eleva e é recebido pelo QUE MORREU NA CRUZ — salmodia o Irmão Francisco. — A borboleta colorida que alegra a manhã, a rosa que perfuma o ar, o morcego com olhinhos que brilham na noite e até o ressentimento que se incrusta sob as unhas. Irmãs! Irmãos! Ergam cruces por mim!

— Que cara de homem sério, mas se anda com este chinês não deve ser tão sério assim — limpa a mesa com o braço, oferece cadeiras, se açucara Chuchupe. — Vamos lá, Chupito, uma cerveja e três copos. A primeira rodada é por conta da casa.

— Sabe o que é uma *chuchupe*? — assobia, mostra uma pontinha da língua o China Porfirio. — A cobra mais venenosa da Amazônia. Imagine as coisas que esta senhora diz do gênio humano pra ganhar semelhante apelido.

— Quietinho, maltrapilho — tampa a sua boca, enche os copos, sorri Chuchupe. — À sua saúde, senhor Pantoja, bem-vindo a Iquitos.

— Uma língua vipelina — mostra as tranças nuas das paredes, o espelho danificado, os abajures vermelhos, as franjas dançantes da poltrona multicolorida o China Porfirio. — Só que é uma boa amiga e esta casa, embora já tenha uns bons anos, é a melhor de Iquitos.

— Dê uma olhada no que temos de material, confira — vai apontando Chupito —: caboclas, brancas, japonesas, até uma albina. A Chuchupe tem ótimo olho para escolher seu pessoal, senhor.

— Que boa música, meus pés já estão coçando — se levanta, pega uma mulher pelo braço, arrasta-a para a pista, dança o China Porfirio. — Licencinha, pra sacudir o esqueleto. Venha cá, popozinha.

— Posso lhe pagar uma cerveja, senhora Chuchupe? — esboça um sorriso sem jeito, sussurra Pantaleão Pantoja. — Gostaria de lhe pedir mais informações, se não for incômodo.

— Que sem-vergonha simpático este China, nunca tem um tostão, mas como alegre a noite — amassa um papel, joga na cabeça de Porfirio, acerta o alvo Chuchupe. — Não sei o que elas veem no sujeito, mas todas fazem qualquer coisa por ele. Veja como se mexe.

— Coisas relacionadas com o seu, ehem, hmm, negócio — insiste Pantaleão Pantoja.

— Sim, com prazer — fica séria, concorda, autopsia o homem com o olhar Chuchupe —, mas não pensei que tinha vindo falar de negócios e sim para outra coisa, senhor Pantoja.

— Uma dor de cabeça terrível — se encolhe, se cobre com os lençóis Pantita. — Estou com o corpo moído, cheio de calafrios.

— Claro que está, claro que está, e se quer saber fico muito feliz — bate o pé no chão Pochita. — Você foi se deitar quase às quatro da manhã e chegou caindo pelas tabelas, seu idiota.

— Vomitou três vezes — se esfalfa entre panelas, pias e toalhas a senhora Leonor —, deixou o quarto fedendo, filhinho.

— Você vai me explicar o que isso significa, Panta — se aproxima da cama, solta faíscas pelos olhos Pochita.

— Já disse, amor, é coisa de trabalho — protesta entre os travesseiros Pantita. — Você sabe muito bem que eu não bebo, que não gosto da madrugada. Fazer essas coisas é um suplício para mim, *chola*.

— Quer dizer que vai continuar fazendo? — gesticula, faz biquinho Pochita. — Vir dormir de manhã, ficar bêbado? Isso é que não, Panta, juro, isso é que não.

— Vamos, não briguem — cuida do equilíbrio do copo, da jarra, da bandeja a senhora Leonor. — Agora, filhinho, bote estes panos frios na testa e tome este Alka-Seltzer. Rápido, com as bolhinhas.

— É o meu trabalho, é a missão que me deram — se desespera, emagrece, perde a voz Pantita. — Eu odeio isso, você tem que acreditar em mim. Não posso dizer nada, não me faça falar, seria gravíssimo para a minha carreira. Tenha confiança em mim, Pocha.

— Você esteve com mulheres — explode em soluços Pochita. — Os homens não bebem até o amanhecer sem mulheres. Tenho certeza que esteve, Panta.

— Pocha, Pochita, minha cabeça está explodindo, as costas doendo — aperta um pano em cima da testa, procura embaixo da cama, puxa um penico, cospe saliva e bile Pantita. — Não chore, você me faz sentir um criminoso, e eu não sou, juro que não sou.

— Feche os olhinhos, abra a boquinha — avança uma xícara fumegante, franze a boca a senhora Leonor. — É agora este cafezinho quentinho, filhinho.



## II

SVGPFA

*Informe número um*

ASSUNTO GERAL: Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins.

ASSUNTO ESPECÍFICO: Preparação do posto de comando e avaliação de lugar aparente para recrutamento.

CARACTERÍSTICAS: Secreto.

DATA E LUGAR: Iquitos, 12 de agosto de 1956.

O signatário, capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja, encarregado de organizar e pôr em funcionamento um Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins (SVGPFA) em toda a região amazônica, respeitosamente se apresenta ante o general Felipe Collazos, chefe de Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército, saúda e diz:

1. Que ao chegar a Iquitos dirigiu-se ao Comando da Quinta Região (Amazônia) para apresentar seus cumprimentos ao general Roger Scavino, comandante em chefe, que, depois de recebê-lo com amabilidade e cordial simpatia, comunicou-lhe algumas providências tomadas para o mais eficaz funcionamento da missão que lhe foi confiada, isto é: que, a fim de preservar o bom nome da instituição, convém que o signatário nunca se apresente no Comando nem nos quartéis desta cidade, nem vista o uniforme, nem resida na Vila Militar, nem mantenha relações com os oficiais da praça, ou seja, que aja o tempo todo como civil, já que as pessoas e ambientes que deverá frequentar (a ralé, a sociedade prostibular) não condizem com as previsíveis relações de um capitão da Força Armada. Que acata estritamente essas disposições, apesar da tristeza por ter que ocultar sua condição de oficial do nosso Exército, da qual se sente

orgulhoso, e manter-se afastado dos seus companheiros de armas, que considera seus irmãos, e apesar também da delicada situação familiar que isso lhe causa, pois é obrigado também a manter ante a senhora sua mãe e sua própria esposa a mais absoluta reserva sobre a missão, e portanto a faltar à verdade quase todo o tempo em benefício da harmonia familiar e do bom sucesso do trabalho. Que aceita esses sacrifícios, consciente da premência da operação que seus superiores lhe incumbiram e dos interesses dos nossos soldados que servem à Pátria nas comarcas mais remotas da selva;

2. Que já tomou posse do local sito à beira do rio Itaya, destinado pela chefia da Quinta Região para ser posto de comando e centro logístico (recrutador/fornecedor) do Serviço de Visitadoras. Que já estão às suas ordens os soldados destacados para o Serviço, que respondem pelos nomes de Sinforoso Caiguas e Palomino Rioalto e que foram escolhidos pelo comando, com muito bom critério, por seus dotes de excelente comportamento, docilidade e certa indiferença frente a pessoas do outro sexo, pois, caso contrário, o tipo de trabalho que enfrentarão e a idiosincrasia do meio que os envolverá poderiam provocar-lhes tentações e conseqüentes problemas para o Serviço. O signatário quer registrar que o local onde está situado o posto de comando e centro logístico dispõe das melhores condições: acima de tudo, amplidão e proximidade do meio de transporte (rio Itaya); depois, estar protegido de olhares indiscretos, pois a cidade se acha bastante longe e o lugar habitado mais próximo, o moinho de arroz Garote, fica na margem oposta (não há ponte). Por outro lado, tem boas possibilidades topográficas para se instalar um pequeno embarcadouro, de maneira que todas as partidas e chegadas, quando o Serviço de Visitadoras tiver o seu sistema circulatório, sejam feitas sob a vigilância direta do posto de comando;

3. Que na primeira semana, o signatário precisou concentrar todo o seu tempo e seu esforço na limpeza e adequação do local, um semiquadrilátero de 1.323 metros quadrados (dos quais uma quarta parte com telhado de zinco), cercado de tabiques de madeira e com dois portões, um no caminho para Iquitos e outro em frente ao rio. A parte coberta tem 327 metros quadrados e está cimentada; consta

de dois andares, sendo o superior apenas um terraço de madeira com varanda, a que se chega por uma escadinha de bombeiro. O signatário instalou ali seu posto de comando, escritório particular, caixa e arquivo. Na parte de baixo — que pode ser observada, a qualquer momento, do posto de comando — foram penduradas redes para Sinfórico Caiguas e Palomino Rioalto, e uma privada de confecção rústica (o desaguadouro é o rio). A parte aberta é um grande terreiro, ainda com algumas árvores;

Que uma semana para a preparação do lugar poderia parecer excessivo, sintoma de leniência ou preguiça, mas o fato é que o local se encontrava em condições inutilizáveis e, com perdão pela palavra, imundas, pelas razões que se expõem a seguir: aproveitando o ensejo de estar abandonado pelo Exército, este depósito vinha servindo para práticas heterogêneas e ilegais. Haviam-se apossado dele uns seguidores do Irmão Francisco, sujeito de origem estrangeira, fundador de uma nova religião e suposto milagreiro, que percorre a pé e de balsa a Amazônia brasileira, colombiana, equatoriana e peruana, erguendo cruces nas localidades por onde passa e fazendo-se crucificar, para pregar nessa extravagante posição, seja em português, espanhol ou nas línguas dos índios chunchos. Costuma anunciar catástrofes e exorta seus devotos (numerosos, apesar da hostilidade que a Igreja católica e as protestantes lhe professam, devido ao carisma do indivíduo, sem dúvida muito grande, pois sua prédica não atinge apenas gente simples e inculta, mas também pessoas com educação, como ocorreu por exemplo e por desgraça com a própria mãe do signatário) a se desprender dos seus bens, erguer cruces de madeira e fazer oferendas para quando chegar o fim do mundo, o que garante será muito em breve. Aqui em Iquitos, por onde o Irmão Francisco passou há poucos dias, há numerosas arcas (assim se chamam os templos da seita criada por esse indivíduo por quem, se o Comando julgar adequado, o Serviço de Inteligência deveria talvez se interessar) e um grupo de irmãos e irmãs, como se chamam entre eles, tinha transformado este depósito em arca. Montaram uma cruz para suas cerimônias anti-higiênicas e cruéis, que consistem em crucificar todo tipo de animais para que seu sangue

banhe os seguidores ajoelhados ao pé da cruz. De modo que o signatário encontrou no local numerosos cadáveres de macacos, cães, onças e até de papagaios e garças, poças e manchas de sangue em toda parte e, sem dúvida, enxames de germes infecciosos. Que quando o signatário foi ocupar o local teve que recorrer à força pública para desalojar os irmãos da Arca, no momento em que se preparavam para fincar um lagarto na cruz, o qual foi confiscado e entregue à Intendência Militar da Quinta Região;

Que, anteriormente, este desafortunado lugar era usado por um feiticeiro ou curandeiro que os irmãos expulsaram com métodos compulsórios, o mestre Poncio, que realizava aqui cerimônias noturnas com um cozimento de cascas, a *ayahuasca*, que, parece, cura doenças e provoca alucinações, mas também, infelizmente, transtornos físicos imediatos, como salivação abundante, urina caudalosa e diarreia maciça, excrescências que, junto com os posteriores cadáveres de animais sacrificados e os muitos urubus e alimárias que chegavam até aqui imantados pelos dejetos e pela carniça, haviam transformado este lugar num verdadeiro inferno para a vista e o olfato. O signatário precisou fornecer enxadas, ancinhos, vassouras, baldes (ver recibos 1, 2 e 3) a Sinforoso Caiguas e Palomino Rioalto para que, trabalhando diligentemente sob o seu controle, queimassem o lixo, lavassem o chão e as paredes e desinfetassem tudo com creolina. Depois foi preciso envenenar e vedar as tocas e espalhar ratoeiras para conter a invasão de roedores, tão abundantes e inescrupulosos que, embora pareça exagero, saíam e caminhavam sem pressa diante dos olhos do signatário e até tropeçavam em seus pés. Foram realizados trabalhos de caiação e pintura das paredes, coisa reclamada com insistência pelos destroços, inscrições, desenhos desavergonhados (o lugar também deve ter sido esconderijo de amores culpados) e cruzes dos irmãos que havia lá. Do mesmo modo, foi preciso adquirir no Mercado de Belén, a preço de liquidação, alguns móveis de escritório como mesa, cadeira, armário e arquivo para o posto de comando (recibos 4, 5, 6 e 7). Quanto ao terreno ao ar livre, onde ainda há muitos objetos abandonados pelo Exército na época em

que o utilizava como depósito (latas, material motorizado caindo aos pedaços) que o Serviço de Visitadoras não quis destruir à espera de ordens, foi todo capinado e devidamente limpo (até uma cobra morta foi encontrada sob uma moita), pelo qual o signatário tem a honra de dizer que em sete dias, impondo, isto sim, jornadas de trabalho de dez e até 12 horas, conseguiu transformar o monturo indescritível que recebeu num lugar habitável, simples mas arrumado, limpo e até agradável, como corresponde a toda dependência do nosso Exército, mesmo clandestina como é o caso da presente;

4. Que uma vez preparado o local, o signatário se dedicou a organizar diversos mapas e organogramas para definir com a maior exatidão possível a área que o SVGPFA abrangerá, o número potencial de usuários que terá e as rotas que seus comboios seguirão. Que a primeira avaliação topográfica totaliza os seguintes números: o Serviço de Visitadoras cobrirá uma área aproximada de 400 mil quilômetros quadrados, que inclui como centros usuários potenciais oito guarnições, 26 postos e 45 acampamentos, até os quais os meios de comunicação habituais, a partir do posto de comando e centro logístico, são o ar e a via fluvial (ver mapa número 1), embora em alguns casos excepcionais o transporte possa efetuar-se por terra (proximidades de Iquitos, Yurimaguas, Contamana e Pucallpa). Que para determinar o número potencial de usuários do Serviço de Visitadoras, o signatário permitiu-se enviar (com a anuência do comandante em chefe da Quinta Região) a todas as Guarnições, Postos de Fronteira e Afins, para que o submetessem aos chefes de companhia ou, na falta destes, de grupo, o seguinte teste de sua própria invenção:

1. *Quantos cabos e soldados solteiros estão sob seu comando? Considere, antes de responder, que, para os fins que interessam, o teste inclui entre os casados não só os cabos e soldados unidos em matrimônio pela Igreja ou pelo Estado, mas também os que têm conviventes (concubinas) e mesmo os que, de maneira irregular ou esporádica, mantêm alguma forma de coabitação*

*Íntima nas imediações do local em que servem.*

*OBSERVAÇÃO: o teste quer estabelecer, com a maior precisão possível, o número de homens sob seu comando que não mantêm nenhuma forma, permanente ou passageira, de vida marital;*

- 2. Uma vez determinada, com a maior exatidão possível, a quantidade de solteiros sob seu comando (na aceção do teste), subtraia desse número todos os cabos e soldados que, por uma razão ou outra, poderiam ser catalogados como incapacitados para realizar atividades íntimas de tipo marital normal. Isto é: invertidos, onanistas inveterados, impotentes e apáticos sexuais.*

*OBSERVAÇÃO: considerando o natural respeito de todos pelo disse-me disse, os preconceitos humanos e o temor lógico de ser objeto de zombarias por parte daquele que reconhecesse estar dentro dessa exceção, alerta-se o oficial responsável pelo teste sobre o risco que se corre, ao confiar unicamente no testemunho de cada cabo ou soldado para realizar essa eliminação estatística. Recomenda-se, por isso, que, para responder a este ponto do teste, o oficial combine os dados do interrogatório pessoal com os testemunhos alheios (confidências de amigos e colegas do sujeito), a própria observação ou algum subterfúgio inspirado e audaz;*

- 3. Feita a subtração e fixado o número de cabos e soldados solteiros com capacidade marital sob seu comando, procure, com malícia e discrição, determinar entre aqueles que compõem este grupo o número de prestações de tipo marital que cada sujeito calcula ou sabe que requereria mensalmente para satisfazer às necessidades da sua virilidade.*

*OBSERVAÇÃO: o teste busca estabelecer um quadro de ambições maximalistas e outro minimalistas, como no exemplo:*

Sujeito X  $\left\{ \begin{array}{l} \text{Ambições máximas por mês: } 30 \\ \text{Ambições mínimas por mês: } 4 \end{array} \right.$

*Estabelecido o quadro precedente, procure determinar no mesmo grupo de solteiros com capacidade marital sob seu comando, mediante a mesma técnica de sondagens indiretas, perguntas de aspecto casual etc., quanto tempo calcula ou sabe positivamente o sujeito que deve durar no seu caso a prestação marital (das preliminares até sua total conclusão), segundo o mesmo esquema maximalista/minimalista:*

Sujeito X  $\left\{ \begin{array}{l} \text{Ambição máxima por prestação: } 2 \text{ horas} \\ \text{Ambição mínima por prestação: } 10 \text{ minutos} \end{array} \right.$

*OBSERVAÇÃO: Tanto no parágrafo 3 como no 4 do teste, tire médias e envie essa cifra sem individualizar a informação. O teste quer estabelecer a média normal mensal ambicionada do número de prestações necessárias à virilidade dos cabos e soldados sob seu comando, assim como o tempo médio normal ambicionado para cada prestação.*

Que o signatário quer registrar o entusiasmo, a celeridade e a eficácia com que os oficiais das guarnições, postos e acampamentos responderam ao teste em questão (apenas uns 15 postos não puderam ser consultados por obstáculos na comunicação provocados por defeitos no equipamento de transmissão, mau tempo etc.), o que permitiu constituir o seguinte quadro:

*Número potencial de usuários do Serviço de Visitadoras:*

8.726 (oito mil setecentos e vinte e seis).

*Número de prestações mensais (média ambicionada por usuário):*

12 (doze).

*Tempo de prestação individual (média ambicionada): 30 minutos.*

O que significa que o Serviço de Visitadoras, para cumprir sua função em plenitude, deveria estar em condições de proporcionar a todas as Guarnições, Postos de Fronteira e Afins da Quinta Região (Amazônia) uma média mensal de 104.712 (cento e quatro mil setecentas e doze) prestações, objetivo evidentemente longínquo nas atuais circunstâncias. Que o signatário está consciente da obrigação de começar o Serviço estabelecendo metas modestas e acessíveis, levando em conta a realidade e a filosofia escondida em ditados como “devagar se vai ao longe” e “Deus ajuda quem cedo madruga”;

5. Que o signatário precisa saber se entre os potenciais usuários do Serviço de Visitadoras devem ser incluídos os postos intermediários (suboficiais). Que solicita uma elucidação rápida a esse respeito, pois, sendo afirmativa a resposta do Comando, as estimativas obtidas se alterariam em grande escala. Levando em conta o já elevado número de usuários potenciais e as alentadas ambições que manifestam, o signatário se permite sugerir que, pelo menos na primeira etapa do seu funcionamento, o Serviço de Visitadoras *não contemple* os postos intermediários;

6. Que começou também a estabelecer os primeiros contatos com vistas ao recrutamento. Graças à cooperação de um indivíduo que responde pelo nome de Porfirio Wong, vulgo China, que conheceu por obra do acaso na casa noturna denominada Mao Mao (rua Pebas, 260), fez uma visita em horas avançadas da noite ao lugar de diversão frequentado por mulheres da vida que é dirigido por dona Leonor Curinchila, apelidada Chuchupe, usualmente conhecido pelo nome de Casa Chuchupe e situado na estrada do balneário de Nanay. Sendo a mencionada Leonor Curinchila amiga de Porfirio Wong, este pôde lhe apresentar o signatário que, na oportunidade, fez-se passar por um negociante (importação/exportação) recém-chegado a Iquitos e à procura de diversão. A mencionada Leonor Curinchila mostrou-se cooperativa e o signatário conseguiu — não tendo outro remédio para isso senão libar muitas taças de bebida (recibo 8) — recolher interessantes dados relacionados com o

sistema de trabalho e os costumes do pessoal do lugar. Desse modo, soubemos que na Casa Chuchupe 16 mulheres formam o que se pode chamar de equipe estável, porque há outras, de 15 a vinte, que trabalham irregularmente, indo alguns dias, faltando outros, por razões que abrangem desde doenças venéreas (v.g. gonorreia ou cancro) contraídas no exercício das prestações até amancebamentos transitórios ou contratos por temporada (v.g. madeireiro se faz acompanhar em viagem de uma semana pela serra), que as afastam momentaneamente do centro de trabalho. Em síntese, o pessoal completo, entre estável e flutuante, da Casa Chuchupe são umas trinta meretrizes, mas o plantel efetivo (mas renovável) de cada noite é a metade. No dia que o signatário efetuou a visita só registrou oito presentes, mas havia um motivo excepcional: a chegada a Iquitos do já célebre Irmão Francisco. Das oito, a maioria devia ter ultrapassado os 25 anos, mas este cálculo é incerto, pois na Amazônia as mulheres envelhecem prematuramente, não sendo estranho topar na rua com damiselas de aparência muito sedutora, quadris desenvolvidos, bustos túrgidos e andar insinuante, às quais, segundo os padrões costeiros, poder-se-iam atribuir 20 ou 22 anos, quando têm 13 ou 14, e, por outro lado, o signatário realizava suas observações meio às escuras, pois a Casa Chuchupe é pobremente iluminada, por falta de recursos técnicos ou, talvez, por malícia, pois a penumbra é mais tentadora que a claridade e, se me permitem uma piada, também porque, como dizem, "na sombra todos os gatos são pardos". A maioria delas, pois, avançando para os 30 anos, quase todas com uma boa média, se avaliadas com critério funcional e sem refinamentos, quer dizer, corpos atraentes e arredondados, sobretudo nos quadris e seios, membros que tendem a ser generosos neste canto da Pátria, e caras apresentáveis, embora, na proximidade, aqui seja possível notar mais defeitos, não uma feiura de nascença, mas adquirida por acne, varíola e perda de dentes, acidente este último bem frequente na Amazônia, pelo clima debilitante e as insuficiências dietéticas. Entre as oito ali presentes predominavam as de pele branca e traços indígenas selvagens, depois as mulatas e, finalmente, as de tipo oriental. A estatura média é mais baixa que alta, e um denominador comum de todo o

peçoal é a vitalidade e alegria características desta terra. O signatário viu, durante sua permanência no local, que, quando não estavam oferecendo as prestações, as meretrizes dançavam e cantavam com entusiasmo e alvoroço, sem demonstrar cansaço ou desânimo, irrompendo frequentemente em piadas e brincadeiras de caráter despudorado como é lógico esperar nesse gênero de estabelecimento. Mas, ao mesmo tempo, sem espírito desordeiro, se bem que, a julgar por episódios que escaparam das bocas de Leonor Curinchila e Porfirio Wong, algumas vezes se produzem acidentes e casos de sangue;

Outrossim, diz: Que também pôde saber, graças à mencionada Chuchupe, que as tarifas pelas prestações são variáveis e que só 2/3 revertem para quem presta o serviço, pois o terço restante é a comissão da casa. Que a diferença de tarifas tem a ver com o maior ou menor atrativo físico da meretriz, com o tempo que a prestação durar (o cliente que deseja realizar várias ou dormir junto à que o atendeu desembolsa, naturalmente, mais dinheiro que aquele que se contenta com uma prestação expedita e fisiológica) e também, e principalmente, com o grau de especialização e tolerância da meretriz. A senhora Curinchila explicou ao signatário que, ao contrário do que este ingenuamente suspeitava, não é a maioria senão uma reduzida minoria de clientes que se contenta com uma prestação simples e normal (tarifa: 50 soles; duração: 15 a vinte minutos), exigindo quase todos uma série de variantes, elaborações, adendos, distorções e complicações que se encaixam no que se deu por chamar de aberrações sexuais. Que, entre a matizada gama de prestações que se oferecem, figuram da singela masturbação efetuada pela meretriz (manual: 50 soles; bucal ou "boquete": 200) até o ato sodomita (em termos vulgares, "foda estreita" ou "com cocozinho": 50), o 69 (200 soles), espetáculo sáfico ou "briga de aranhas" (200 soles cada um), ou casos mais incomuns, como clientes que exigem dar ou receber chicotadas, usar ou ver fantasias e ser adorados, humilhados e até defecados, extravagâncias cujas tarifas oscilam entre 300 e 600 soles. Que levando em conta a ética sexual imperante no país e o reduzido orçamento do SVGPFA, o signatário tomou a decisão de limitar os serviços que exigirá de suas

colaboradoras, e aos quais portanto os usuários poderão aspirar, à *prestação simples e normal* excluindo todas as deformações enumeradas e aparentadas em espírito. Que em função desta premissa o Serviço de Visitadoras estabelecerá o recrutamento e fixará o tempo e o valor das prestações. O que não impede que, quando o Serviço houver coberto plenamente a demanda em termos quantitativos, se os seus meios financeiros se incrementarem e os parâmetros morais do país se alargarem, talvez se possa considerar a conveniência de introduzir um princípio de diversificação qualitativa nas prestações, para atender casos, fantasias ou necessidades particulares (se o Comando assim admitir e autorizar);

Que não pôde o signatário estabelecer, com a precisão que recomendam o cálculo de probabilidades e a estatística de mercado (mercadologia), qual é a média diária de prestações que tabula ou está em condições de tabular uma meretriz, para ter uma ideia inicial de, primeiro, seus ganhos mensais, e, segundo, sua capacidade operacional, porque, aparentemente, reina neste domínio a mais extraordinária arbitrariedade. Uma meretriz pode ganhar numa semana o que depois não consegue fazer em dois meses, dependendo de fatores múltiplos, entre os quais figuram, possivelmente, até o clima, e mesmo os planetas (influência astral nas glândulas e pulsões sexuais dos varões), que tampouco importa muito determinar. Que, pelo menos, o signatário pôde descobrir, mediante brincadeiras e perguntas capciosas, que as mais agraciadas e eficientes podem, numa boa noite de trabalho (sábado ou véspera de festa), efetuar umas vinte prestações sem ficarem excessivamente exaustas, o que permite a seguinte formulação: um comboio de dez visitadoras, escolhidas entre as de maior rendimento, estaria em condições de realizar 4.800 prestações simples e normais por mês (semana de seis dias) trabalhando *full time* e sem contratempos. Ou seja, para cobrir o objetivo máximo ambicionado de 104.712 prestações mensais seria preciso um corpo permanente de 2.115 visitadoras da máxima categoria que trabalhassem em tempo integral e nunca tivessem atrasos. Possibilidade, naturalmente, quimérica a esta altura;

Outrossim, diz: Que além das meretrizes que trabalham em estabelecimentos (além da Casa Chuchupe, há na cidade outros dois do mesmo gênero, embora, ao que parece, de hierarquia inferior), existe em Iquitos um grande número de mulheres, chamadas de lavadeiras, que exercem a vida fácil de maneira ambulante, oferecendo seus serviços de casa em casa, preferivelmente no crepúsculo e ao amanhecer por serem horas de fraca vigilância policial, ou se reunindo em diferentes lugares à caça de clientes, como a praça 28 de Julho e os arredores do cemitério. Que por esta razão parece óbvio que o SVGPFA não terá dificuldade alguma para recrutar pessoal, pois a mão de obra nativa é amplamente suficiente para suas módicas possibilidades iniciais. Que tanto o pessoal feminino da Casa Chuchupe como o dos locais afins e as lavadeiras que operam por conta própria têm protetores masculinos (cafetões ou gigolôs), em geral indivíduos de maus antecedentes, alguns com dívidas a saldar com a justiça, a quem são obrigadas (muitas fazem de moto próprio) a entregar parte ou a totalidade dos seus rendimentos. Este aspecto da questão — existência da caftinagem, ou lenocínio — deverá ser levado em conta pelo Serviço de Visitadoras na hora do recrutamento do pessoal, pois é indubitável que tais pessoas poderiam ser uma fonte de problemas. Mas o signatário sabe muito bem, desde seus inesquecíveis tempos de cadete, que não há missão que não ofereça dificuldades e que não há dificuldade que não possa ser vencida com energia, vontade e trabalho;

Que a direção e a manutenção da Casa Chuchupe parecem ser obra unicamente do esforço de duas pessoas, a proprietária, Leonor Curinchila, e, cumprindo funções que vão de dono de cantina a encarregado da limpeza, um homenzinho de estatura muito baixa, quase anão, idade indefinível e raça mestiça, Juan Rivera, vulgo Chupito, que trata as funcionárias com gracejos e a quem estas obedecem com presteza e respeito e é, da mesma maneira, popular entre os clientes. O que leva o signatário a pensar que, segundo este exemplo, o Serviço de Visitadoras, desde que estruturado devidamente, poderia funcionar com um mínimo de pessoal administrativo. Que esse reconhecimento de um possível local de

recrutamento serviu ao signatário para ter uma ideia geral do meio em que forçosamente deverá operar e para conceber alguns planos imediatos que, assim que forem ultimados, submeterá ao Comando para sua aprovação, aperfeiçoamento ou rejeição;

7. Que em seu afã de adquirir conhecimentos científicos mais amplos, que lhe permitam um maior domínio da meta a alcançar e da forma de atingi-la, o signatário tentou conseguir, nas bibliotecas e livrarias de Iquitos, um estoque de livros, folhetos e revistas concernentes ao tema dos serviços que o SVGPFA deve prestar, lamentando ter que comunicar ao Comando que seus esforços foram quase inúteis, porque nas duas bibliotecas de Iquitos — a Municipal e a do colégio dos padres agostinianos — não encontrou qualquer texto, nem geral nem particular, especificamente dedicado ao assunto que lhe interessava (sexo e afins), passando aliás por momentos embaraçosos ao indagar a respeito, pois mereceu respostas cortantes dos funcionários e, no Santo Agostinho, um religioso se permitiu até a faltar-lhe ao respeito chamando-o de imoral. Tampouco nas três livrarias da cidade, a Lux, a Rodríguez e a Mesía (há uma quarta, dos Adventistas do Sétimo Dia, mas nessa nem valia a pena tentar), conseguiu o signatário achar material de qualidade; só obteve, e a preços bastante elevados (recibos 9 e 10), uns manuais insignificantes e mercantilistas, que atendem pelos títulos *Como desenvolver o ímpeto viril, Afrodisíacos e outros segredos do amor, Todo o sexo em vinte lições*, com os quais, modestamente, inaugurou a biblioteca do SVGPFA. Que pede ao Comando, se este concordar, que lhe envie de Lima uma seleção de obras especializadas em tudo o que se refere à atividade sexual, masculina e feminina, de teoria e de prática, e, em especial, documentação sobre assuntos de interesse básico como doenças venéreas, profilaxia sexual, perversões etc., o que, sem dúvida, resultará em benefício para o Serviço de Visitadoras;

8. Para concluir com um episódio pessoal um tanto risível, a fim de aliviar a matéria escabrosa deste informe, o signatário se permite relatar que a visita à Casa Chuchupe se prolongou até quase quatro da madrugada e lhe provocou um sério transtorno gástrico, resultante das copiosas libações que teve que enfrentar e a que está

pouco acostumado, por sua nula inclinação pela bebida e por prescrição médica (umas hemorroidas felizmente já extirpadas). Que teve que se tratar com um médico civil, para não se valer da Saúde Militar, conforme as instruções recebidas (recibo 11). E que não poucas dificuldades domésticas lhe causou recolher-se ao seu lar a tais horas e em estado pouco idôneo.

Deus o guarde.

Assinado:

capitão EP (Intendência) PANTALEÃO PANTOJA  
cc. ao general Roger Scavino, comandante em chefe da Quinta Região (Amazônia).

Anexos: 11 recibos e um mapa.

### *Noite de 16 para 17 de agosto de 1956*

Sob um sol radiante, a corneta da alvorada inaugura a jornada no quartel de Chiclayo: agitação rumorosa nos pátios, alegres relinchos nos currais, fumaça algodoadada nas chaminés da cozinha. Tudo acordou em poucos segundos e em toda parte reina uma atmosfera cálida, benfazeja, estimulante, de disposição alerta e plenitude vital. Mas, minucioso, rigoroso, pontual, o tenente Pantoja atravessa o descampado — vivo ainda no paladar e na língua o sabor do café com um cremoso leite de cabra e torradas com doce de sapoti — onde a banda está ensaiando para o desfile das Festas Pátrias. As colunas de uma companhia, retílineas e corajosas, desfilam em volta. Mas o tenente Pantoja, rígido, observa agora a distribuição do café da manhã dos soldados: seus lábios vão contando sem fazer ruído e, fatidicamente, quando chega mudo a 120 o cabo do rancho serve o dedinho final de café e entrega o pedaço de pão número 120 e a laranja 120. Mas agora o tenente Pantoja vigia, transformado numa estátua, uns soldados descarregando os fardos de provisões do caminhão: seus dedos acompanham o ritmo da descarga como um maestro os compassos de uma sinfonia. Atrás dele, uma voz firme, com um fundo quase perdido de ternura varonil

que só um ouvido aguçado como um bisturi detectaria, o coronel Montes afirma paternalmente: “Comida melhor que a de Chiclayo? Nem a chinesa nem a francesa, senhores: como elas poderiam enfrentar as 17 variedades de arroz de pato?” Mas já o tenente Pantoja está examinando cuidadosamente e sem alterar um músculo da face as panelas da cozinha. O caboclo Chanfaina, sargento-chefe de cozinheiros, não tira os olhos do oficial, o suor da sua testa e o tremor dos seus lábios denunciam ansiedade e pânico. Mas já o tenente Pantoja, da mesma maneira meticulosa e inexpressiva, examina as peças que a lavanderia devolveu e que dois praças empilham em sacolas de plástico. Mas já o tenente Pantoja preside, em atitude hierática, a distribuição de botas de cano alto aos recrutas recém-chegados. Mas já o tenente Pantoja, com uma expressão, agora sim, animada e quase amorosa, finca bandeirinhas nuns gráficos, retifica as curvas estatísticas de um quadro-negro, acrescenta um número no organograma de um painel. A banda do quartel interpreta com vivacidade uma garbosa canção do mar.

Uma úmida nostalgia impregnou o ar, nublou o sol, silenciou as cornetas, os pratos e o bombo, uma sensação de água que escorre entre os dedos, de saliva que a areia engole, de lábios ardentes que, ao tocarem na bochecha, ficam gangrenados, um sentimento de globo estourado, de filme que acaba, uma tristeza que, de repente, faz um gol: eis que a corneta (da alvorada?, do rancho?, do toque de silêncio?) corta de novo o ar morno (da manhã?, da tarde?, da noite?). Mas agora aparece uma comichão crescente na orelha direita, que rapidamente conquista todo o lóbulo e contagia o pescoço, depois abraça e escala a orelha esquerda: ela também ficou, intimamente, palpitando — movendo seus pelos invisíveis, abrindo sedentos seus incontáveis poros, em busca de, pedindo que —, e depois da nostalgia recalitrante, da feroz melancolia surge agora uma febre secreta, uma apreensão difusa, uma desconfiança de corpo, piramidal como um suspiro de padaria, um medo corrosivo. Mas o rosto do tenente Pantoja não revela nada: esquadrinha, um por um, os soldados que se preparam para entrar disciplinadamente no depósito de roupas. Mas alguma coisa provoca uma discreta hilaridade nesses uniformes de parada que observam

lá do alto, onde devia estar o teto do depósito mas onde está a tribuna das Festas Pátrias. O coronel Montes está presente? Está. O Tigre Collazos? Está. O general Victoria? Está. O coronel López López? Está. Começaram a sorrir sem agressividade, escondendo a boca com suas luvas de couro marrom, virando um pouco a cabeça de lado; cochichando? Mas o tenente Pantoja sabe por quê, de quê, como. Não quer olhar para os soldados que estão esperando o apito para entrar, pegar as roupas novas e entregar as velhas, porque suspeita, sabe ou adivinha que quando olhar, confirmar e positivamente souber, a senhora Leonor vai saber e Pochita também vai saber. Mas seus olhos mudam subitamente de ideia e auscultam a formação: há-há que engraçado, ai que vergonha. Sim, foi assim que aconteceu. A angústia flui espessa como sangue sob a sua pele enquanto observa, tomado por um terror frio, fazendo esforço para ocultar seus sentimentos, como foram, como vão se arredondando os uniformes dos recrutas, no peito, nos ombros, nos quadris, nas coxas, como começam a chover cabelos dos quepes, como se suavizam, adoçam e enrubescem as feições e como os olhares masculinos se tornam acariciantes, irônicos, maliciosos. Ao pânico se sobrepôs uma sensação de ridículo sediciosa e ferina. Toma a súbita decisão de *apostar no tudo ou nada* e, estufando um pouco o peito, ordena: “Desabotoar as camisas, caralho!” Mas já vão passando sob os seus olhos, abertos os botões, vazias as casas, dançando as barras pespontadas das camisas, os fugidios mamilos eretos dos praças, os balançantes e alabastrinos, os mórbidos e terrosos peitos que se sacodem ao ritmo da marcha. Mas já o tenente Pantoja encabeça a companhia, espada em alto, perfil severo, testa nobre, os olhos limpos, pisando no asfalto com decisão: um-dois, um-dois. Ninguém sabe como amaldiçoa a própria sorte. Sua dor é profunda, grande a sua humilhação, infinita sua vergonha porque atrás dele, marcando o passo sem marcialidade, meigamente, como éguas na lama, vêm os recrutas recém-chegados que não se preocuparam sequer em enfaixar os peitos para apertar os mamilos, vestir camisas enganadoras, usar o cabelo nos cinco centímetros do regulamento e cortar as unhas. Sente que vêm andando atrás dele e adivinha: elas não tentam imitar expressões viris, exibem

agressivamente sua condição mulheril, erguem o busto, requebram os quadris, balançam as nádegas e sacodem as longas cabeleiras. (Um calafrio: está quase fazendo xixi nas calças, a senhora Leonor ia ver quando passasse o uniforme, Pochita ia rir quando costurasse o novo galão.) Mas agora precisa se concentrar ferozmente no desfile porque estão passando em frente à tribuna. O Tigre Collazos permanece sério, o general Victoria disfarça um bocejo, o coronel López López assente compreensivo e mesmo jovial, e a coisa não seria tão dura se não estivessem também ali, num canto, censurando-o com tristeza, fúria e decepção, os olhos cinzentos do general Scavino.

Agora já não se importa tanto: o formigamento das orelhas recrudescerá violentamente e ele, disposto a *apostar no tudo ou nada*, ordena à companhia “Passo rápido! Marchem!” e dá o exemplo. Corre numa cadência acelerada e harmoniosa, seguido pelas leves pisadas cálidas e convidativas, enquanto sente subir pelo corpo uma tepidez semelhante aos vapores de uma panela de arroz com pato saindo do fogo. Mas agora o tenente Pantoja parou em seco e atrás dele a perturbadora companhia. Com um leve rubor no rosto faz um gesto não muito claro que, mesmo assim, todos entendem. Foi desencadeado um mecanismo, a desejada cerimônia começou. Desfila à sua frente a primeira seção e é irritante ver que o alferes Porfirio Wong está com o uniforme desmazelado — chega a pensar: “Precisa de uma advertência e instruções sobre o uso das peças”, mas já começaram os praças, ao passar diante dele — que permanece imóvel e inexpressivo —, a desabotoar com rapidez a jaqueta, mostrando os fogosos seios, esticar a mão para beliscar amorosamente seu pescoço, os lóbulos, a curva superior, e depois, adiantando — uma atrás da outra, outro atrás de um — a cabeça (ele facilita a operação inclinando-se) e mordiscando deliciosamente as pontas das orelhas. Uma sensação de prazer ávido, de satisfação animal, de alegria exasperada e tentacular apagam o medo, a nostalgia, o ridículo, enquanto os recrutas beliscam, acariciam e mordiscam as orelhas do tenente Pantoja. Mas, entre os praças, alguns rostos familiares são como lufadas que congelam a felicidade com uma pontada de inquietação: descadeirada e grotesca em seu

uniforme, passa Leonor Curinchila e, empunhando o estandarte, com bracelete de cabo furriel, vem Chupito, e depois, fechando a última seção — a angústia brota como jorro de petróleo e banha o corpo e o espírito do tenente Pantoja, um soldado ainda impreciso: mas ele sabe —, voltaram o medo irrespirável, a tormentosa sensação de ridículo, a melancolia embriagadora — que sob as insígnias, o quepe, as calças de bolsos grandes e a apertada camisa de algodão está soluçando a tristíssima Pochita. A corneta desafina grosseiramente, a senhora Leonor lhe sussurra: “Seu arroz de pato já está pronto, Pantita.”

SVGPPFA

*Informe número dois*

ASSUNTO: Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins.

ASSUNTO ESPECÍFICO: Retificação de estimativas, primeiros recrutamentos e distintivos do SVGPPFA.

CARACTERÍSTICAS: Secreto.

DATA E LUGAR: Iquitos, 22 de agosto de 1956.

*O signatário, capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja, oficial responsável pelo SVGPPFA, respeitosamente se apresenta ante o general Felipe Collazos, chefe de Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército, saúda e diz:*

1. Que no informe número um, de 12 de agosto, no parágrafo relativo ao número de visitadoras requeridas pelo SVGPPFA para atender à demanda de 104.712 prestações mensais estimadas *grosso modo* pela primeira pesquisa de mercado (pede-se permissão do Comando para o emprego deste termo técnico), o signatário calculou que seria “*um corpo permanente de 2.115 visitadoras da melhor categoria*” (vinte prestações diárias), trabalhando *full time* e sem contratemplos. Que essa tabulação padece de um grave engano, pelo qual o signatário é o único responsável, devido a uma visão masculinizada do trabalho humano, que, imperdoavelmente, fez

esquecer certos condicionamentos privativos do sexo feminino, os mesmos que, neste caso, infligem a essa contabilidade uma nítida correção, infelizmente em sentido desfavorável ao SVGPFA. Pois que o signatário esqueceu de subtrair, no número de dias de trabalho das visitadoras, os cinco ou seis de sangue que as mulheres emanam mensalmente (dias de regra ou período) e nos quais, tanto por ser costume habitual entre os varões não ter relação carnal com a fêmea enquanto menstrua, como pelo fato de achar-se solidamente estabelecido nesta região da Pátria o mito, tabu ou aberração científica de que manter contatos íntimos com mulher que sangra provoca impotência, as visitadoras podem ser consideradas inabilitadas para conceder a prestação. O que, é claro, invalida a estimativa anterior. Que, levando em conta esse fator e considerando, de maneira ampla, uma média mensal de 22 dias úteis por visitadora (excluídos os cinco dias de menstruação e três domingos, pois não é desatinado supor que um domingo em cada mês coincida com o sangue cíclico), o SVGPFA exigiria um grupo de 2.271 visitadoras do melhor nível, atuando em tempo integral e sem percalços, ou seja, 156 a mais do que erroneamente havia calculado o informe anterior;

2. Que procedeu ao recrutamento dos seus primeiros colaboradores civis, nas pessoas, já mencionadas no informe número um, de Porfirio Wong, vulgo China, Leonor Curinchila, vulgo Chuchupe e Juan Rivera, vulgo Chupito. Que o primeiro dos citados receberá haveres básicos de 2.000 (dois mil) soles mensais e uma bonificação de 300 (trezentos) soles por missão no campo e cumprirá a função de recrutador, para a qual o habilitam suas muitas relações no ambiente das mulheres de vida dissipada, tanto de estabelecimentos como lavadeiras, e de chefe de comboio, encarregado da proteção e controle dos transportes de visitadoras aos centros usuários. Que a contratação de Leonor Curinchila e seu concubino (esta é a relação que a une com Chupito) foi mais fácil que o signatário imaginava quando propôs que eles colaborassem com o Serviço de Visitadoras nos momentos que seu negócio permitisse. Pois que, havendo-se criado uma cordial atmosfera de confidências na segunda visita do signatário à Casa Chuchupe,

Leonor Curinchila lhe revelou que estava a ponto de falir e que vinha considerando há algum tempo a ideia de passar adiante seu estabelecimento. Não por falta de clientela, pois os frequentadores do local aumentam diariamente, mas devido a obrigações onerosas de índole variada que o negócio precisa despender em favor das Forças Policiais e Auxiliares. Pois que, por exemplo, para a renovação anual do alvará de funcionamento junto ao Comando da Guarda Civil, Leonor Curinchila precisa desembolsar, além das taxas legais, gordas somas na qualidade de lembrancinhas para que os chefes da seção Lenocínios e Bares autorizem o procedimento. Além disso, os membros da Polícia de Investigações (PIP) da cidade, que são mais de trinta, e um bom número de oficiais da G.C. contraíram o hábito de requerer gratuitamente os serviços da Casa Chuchupe, tanto no que se refere a bebidas alcoólicas quanto em relação às prestações, sob ameaça de emitir um auto acusando o local de atentado ao pudor, que é motivo de fechamento imediato. Que, além dessa sangria econômica pertinaz, Leonor Curinchila teve que se resignar a um aumento em progressão geométrica do aluguel do imóvel (cujo proprietário é nada menos que o prefeito do município), sob pena de expulsão. E, finalmente, que Leonor Curinchila já estava cansada da intensa dedicação e do ritmo febril e desordenado que seu trabalho exige — noites sem dormir, atmosfera viciada, ameaças de briga, fraudes e chantagens, falta de férias e de descanso dominical, sem que esses sacrifícios redundassem em lucros apreciáveis. Por tudo isso aceitou de bom grado a oferta de colaborar com o Serviço de Visitadoras, tomando ela mesma a iniciativa de propor não um trabalho eventual, mas sim exclusivo e permanente, e demonstrando muito interesse e entusiasmo ao ser informada da natureza do SVGPFA. Que Leonor Curinchila, que já chegou a um acordo com Humberto Sipa, vulgo Moquitos, dono de uma casa noturna no distrito de Punchana, para transferir-lhe a Casa Chuchupe, trabalhará no Serviço de Visitadoras nas seguintes condições: 4.000 (quatro mil) soles mensais de salário, mais 300 (trezentos) soles de bonificação por trabalho no campo e direito a uma percentagem não maior que 3%, durante um ano apenas, sobre os haveres das visitadoras contratadas por seu intermédio. Suas funções serão as

de chefe de pessoal do SVGPFA, encarregando-se do recrutamento, fixação de horários, turnos e elenco dos comboios, controle de operações e vigilância geral do elemento feminino. Que Chupito perceberá um salário básico de 2.000 (dois mil) soles, mais 300 (trezentos) soles por missão no campo, e será o responsável pela manutenção do centro logístico (com dois assistentes: Sinforoso Caiguas e Palomino Rioalto) e chefe do comboio. Que esses três colaboradores se incorporaram ao SVGPFA na segunda-feira, dia 20 de agosto, às oito da manhã;

3. Que, desejoso de dar uma fisionomia própria e diferente ao SVGPFA e dotá-lo de sinais representativos que, sem denunciar suas atividades ao exterior, permitam pelo menos que seus servidores se reconheçam entre si, e que servirá para identificar seus membros, dependências, veículos e pertences, o signatário decidiu designar o verde e o vermelho como as cores emblemáticas do Serviço de Visitadoras, pelo seguinte simbolismo:

- a. verde pela exuberante e bela natureza da região amazônica onde o Serviço irá forjar o seu destino e
- b. vermelho pelo ardor viril dos nossos cabos e soldados que o Serviço ajudará a aplacar;

Que já deu instruções de que tanto o posto de comando como os equipamentos de transporte do Serviço de Visitadoras usem as cores emblemáticas e que mandou fazer, pela soma de 185 soles (recibo anexo), na funilaria O Paraíso da Lata, duas dúzias de pequenos distintivos vermelhos e verdes (sem nenhuma inscrição, é óbvio), suscetíveis de serem usados na lapela pelos homens e presas na blusa ou no vestido pelas visitadoras, insígnias que, sem quebrar as normas de discricção exigidas ao SVGPFA, farão as vezes de uniforme e credencial para os que têm e terão a honra de integrar este Serviço.

Deus o guarde.

Assinado:

capitão EP (Intendência) PANTALEÃO PANTOJA

cc. ao general Roger Scavino, comandante em chefe da Quinta Região (Amazônia).

Anexo: um recibo.



### III

Iquitos, 26 de agosto de 1956

Querida Chichi:

Desculpe por não escrever há tanto tempo, você já deve estar desistindo da sua irmãzinha que gosta tanto de você e dizendo zangada por que a boboca da Pocha não me conta como está indo por lá, como é a Amazônia. Desde que cheguei aqui penso muito em você e estou com muita saudade, mas na verdade, Chichita, não tive tempo de escrever e nem vontade (não fique zangada, está bem?), já vou contar por quê. Acontece que Iquitos não tratou muito bem a sua irmãzinha, Chichi. Não estou nada feliz com a mudança, as coisas aqui estão indo mal e bastante esquisitas. Não quero dizer que esta cidade seja mais feia que Chiclayo, não, pelo contrário. Apesar de pequena, é alegre e simpática, e o mais bonito de tudo, naturalmente, é a selva e o grande rio Amazonas, que a gente sempre ouviu dizer que é enorme como o mar, que não se vê a outra margem e mil coisas mais, mas que na realidade a gente não pode imaginar até que vê de perto: lindíssimo. Fizemos vários passeios de deslizador (como chamam aqui as lanchinhas), num domingo, até Tamshiyaco, um povoado rio acima, em outro até um lugarzinho de nome engraçado, San Juan de Munich, e noutro até Indiana, um povoado rio abaixo que foi quase todo feito por padres e freiras canadenses, incrível, não acha?, eles virem de tão longe civilizar os índios da selva neste calor e nesta solidão. Fomos com a minha sogra, mas nunca mais vamos levá-la de deslizador, porque nas três vezes ela passou a viagem todinha morrendo de medo, agarrada no Panta, choramingando que íamos virar, vocês se salvam nadando mas eu vou afundar e as piranhas me comem (quem dera que fosse verdade, Chichita, mas as pobres piranhinhas morreriam envenenadas). E depois, na volta, não parava de reclamar das picadas de insetos, porque, sabe, Chichita, as coisas mais terríveis daqui são os pernilongos e os *izangos* (pernilongos de terra, que se escondem na grama), que deixam a pele toda inflamada, você fica

botando repelente e se coçando o dia inteiro. Está vendo, minha filha, os problemas de ter pele fina e sangue azul, isso atrai os bichinhos para virem picar você (há-há).

O fato é que se a mudança para Iquitos não foi boa para mim, para a minha sogra foi terrível. Porque lá em Chiclayo ela vivia feliz, você sabe como é amigueira, fazia vida social com os velhotes da Vila Militar, jogava canastra toda tarde, chorava feito uma madalena com suas radionovelas e organizava seus chás, mas aqui, essas coisas de que ela tanto gosta, e nós até a provocávamos falando da sua "vida de cortiço" (ai, Chichi, quando me lembro de Chiclayo morro de tristeza), isso ela não vai ter aqui, e então acabou se consolando com a religião, ou melhor, com a feitiçaria, acredite se quiser. Porque, não caia para trás, esse foi o primeiro balde de água fria que recebi: não vamos morar na Vila Militar nem poder conviver com as famílias dos oficiais. Isso mesmo. E é terrível para dona Leonor, que tinha grandes ilusões de se tornar amiga inseparável da esposa do comandante da Quinta Região e bancar a importante como fazia lá em Chiclayo, porque era unha e carne com a mulher do coronel Montes, só faltava as duas velhas irem juntas para a cama (para conversar e fofocar embaixo dos lençóis, não seja maliciosa). Lembra daquela piada? Pepito diz para Carlitos, quer ver minha avó uivar que nem um lobo?, quero sim, vovozinha, a senhora não faz coisinhas com o vovô há muito tempo? Uuuuuuuui! O fato é que essas ordens nos derrubaram, Chichi, porque as únicas casinhas modernas e confortáveis de Iquitos são as da Vila Militar, da Vila Naval ou do Grupo Aeronáutico. As casas da cidade são velhíssimas, feiíssimas, desconfortabilíssimas. Alugamos uma na rua Sargento Lores, das que foram construídas no começo do século, no tempo da borracha, que são as mais pitorescas, com suas fachadas de azulejos de Portugal e suas varandas de madeira; é grande, e de uma janela pode-se ver o rio, mas, lógico, nem se compara com a casa mais pobre da Vila Militar. O que mais me irrita é que também não podemos ir à piscina da Vila, nem à da Marinha nem à dos aviadores, e em Iquitos só existe uma piscina, horrível, a Municipal, aonde vai toda criatura de Deus: estive lá uma vez e havia mais de mil pessoas, um nojo, um bocado de sujeitos esperando com cara de

tigres que as mulheres entrassem na água para, com o pretexto da aglomeração, você pode imaginar. Nunca mais, Chichi, prefiro o chuveiro. Fico furiosa só de pensar que neste momento a mulher de qualquer tenentinho pode estar na piscina da Vila Militar, pegando sol, ouvindo seu rádio e caindo n'água, e eu aqui grudada no ventilador para não me cozinhar: eu seria capaz de cortar fora aquele negócio do general Scavino (há-há). Porque, além do mais, nem sequer posso fazer as compras da casa no Bazar do Exército, onde tudo custa a metade, só nas lojas de rua como qualquer um. Nem isso podemos, temos que viver como se o Panta fosse civil. Ele recebe 2 mil soles a mais de salário, como bonificação, mas isso não compensa nada, Chichi, de modo que, de grana e de mesada a Pochita está desfalcada (saiu um versinho, ainda bem que não perdi o humor, não é mesmo?).

O caso é que o Panta passa o dia e a noite à paisana, com os uniformes mofando num baú, nunca vai poder usá-los, logo ele que gosta tanto. E temos que dizer para todo mundo que Panta é um comerciante que veio para Iquitos a negócios. O engraçado é que minha sogra e eu fazemos umas confusões danadas com os vizinhos, às vezes inventamos uma coisa, às vezes outra e, de repente, soltamos alguma lembrança militar de Chiclayo que deve deixar todos bastante intrigados, já devemos ter fama em todo o bairro de ser uma família esquisita e meio suspeita. Já imagino você aos pulos na cama perguntando por que essa bobona não me conta de uma vez o motivo de tanto mistério. Mas acontece, Chichi, que não posso contar nada, é segredo militar, e tão secreto que se soubessem que o Panta disse alguma coisa seria acusado de traição à pátria. Sabe, Chichita, ele recebeu uma missão importantíssima do Serviço de Inteligência, um trabalho muito perigoso, e por isso ninguém pode saber que é capitão. Ai, como sou boba, já contei o segredo, e agora me dá preguiça rasgar a carta e começar de novo. Chichita, jure que não vai dizer uma palavra a ninguém, senão eu mato você, e além do mais imagino que não vai querer ver seu cunhadinho na cadeia ou fuzilado por sua culpa, não é? Portanto, bico calado, e nada de ir correndo contar tudo às fofoqueiras das suas amigas Santana. Não é engraçado que o Panta tenha virado

agente secreto? A dona Leonor e eu morremos de curiosidade de saber o que é que ele espiona aqui em Iquitos, a gente vive lhe fazendo perguntas, tentando descobrir alguma pista, mas você o conhece, ele não solta uma sílaba nem que o matem. Mas, veremos, a sua irmãzinha também é teimosa feito uma mula, de maneira que vamos ver quem ganha. E vou logo avisando, quando eu descobrir no que o Panta está metido, não conto a você nem que faça xixi de curiosidade.

Agora, pode até ser muito emocionante que o Exército tenha dado a ele essa missão no Serviço de Inteligência, Chichita, e isso possivelmente vai ajudá-lo muito na carreira, mas eu mesma, sabe, não estou nada contente com essa história. Primeiro, porque quase não o vejo. Você sabe como o Panta é disciplinado e maníaco com o trabalho, leva tão a sério tudo o que mandam fazer que não dorme nem come nem vive até terminar, mas em Chiclayo pelo menos tinha plantões fixos e eu sabia seus horários de entrada e de saída. Mas aqui ele passa a vida fora de casa, nunca se sabe a que horas vai voltar e, acredite se quiser, nem em que estado. Eu não me acostumo a vê-lo à paisana, de blusão e calça jeans e o bonezinho que agora resolveu usar, parece que troquei de marido, e não é só nesse aspecto (ai, que vergonha, Chichi, isso é que eu não tenho mesmo coragem de contar). Se fosse só durante o dia, não há problema em trabalhar. Mas também sai de noite, às vezes até tardíssimo, e voltou para casa caindo de bêbado três vezes, tive que ajudá-lo a tirar a roupa e no dia seguinte a mãezinha ficou lhe botando lencinhos molhados e servindo mate. É, Chichi, estou imaginando a sua cara de assombro. Por incrível que pareça, Panta, o abstêmio que só tomava Pasteurina desde que teve hemorroidas, caindo de bêbado e com a fala arrevesada. Agora acho graça, porque lembro como era gozado vê-lo caindo de bruços em cima das coisas e gemendo, mas na hora tive tal ataque de fúria que me deu vontade de cortar dele também o negocinho que você sabe (nem pensar, eu mesma me ferraria, há-há). Ele jura e torna a jurar que precisa sair de noite por causa da sua missão, que tem que encontrar uns sujeitos que vivem nos bares, que fazem suas reuniões lá para despistar, e vai ver que é verdade (acontece assim

nos filmes de espionagem, não é mesmo?), mas, diga, você ficaria sossegada se o seu marido passasse a noite nos bares? Não, pois então, filhinha, só se fosse boba eu iria acreditar que nesses bares ele só se encontra com homens. Deve haver mulheres que chegam perto e puxam conversa e Deus sabe o que mais. Fiz uns escândalos terríveis e ele me prometeu que não sairia mais de noite a menos que seja uma questão de vida ou morte. Vasculhei com lente de aumento todos os seus bolsos e camisas e roupas de baixo, porque juro que se encontrar a menor prova de que andou com mulheres, coitado dele. Ainda bem que nisso a mãezinha dele me ajuda, está apavorada com as saídas noturnas e as bebedeiras do filhinho, que ela sempre considerou um santo de sacristia e agora vê que já não é bem assim (ai, Chichi, você vai cair para trás se eu contar).

E, além disso, por causa dessa bendita missão ele tem que conviver com um pessoal de deixar os cabelos em pé. Na outra tarde fui à matinê com uma vizinha com quem fiz amizade, Alicia, casada com um rapaz do Banco Amazônico, uma loretana bem simpática que nos ajudou muito na nossa instalação. Fomos ver um filme com Rock Hudson (ai, vou desmaiar) no cinema Excelsior, e depois estávamos dando uma voltinha para tomar ar fresco quando, ao passar por um bar chamado Camu Camu, vejo Panta, numa mesa de canto, com que casal! Uma coisa, Chichi, a mulher era uma perua tão cheia de maquiagem que não cabia um pingo mais nem nas orelhas, com umas peitolas e um bumbum que ultrapassava a cadeira, e o sujeitinho parecia um meio-homem, tão atarracado que seus pés não chegavam nem ao chão, e ainda por cima com um jeito incrível de Don Juan. E Panta entre os dois, conversando todo animado, como se fossem amigos da vida inteira. Eu disse, Alicia, olhe lá, é meu marido, e então ela me segurou pelo braço, muito nervosa, venha, Pocha, vamos embora, você não pode ir lá falar com ele. Afinal saímos dali. E quem você acha que eram aqueles dois? A perua é a mulher de pior fama de toda Iquitos, inimiga número um dos lares, conhecida aqui como Chuchupe, e tem uma casa de tolerância na estrada de Nanay. E o anão é seu amante, dá para se escangalhar de rir só de imaginá-la fazendo coisinhas com aquele fantoche, que depravada, e ele ainda pior. Você não acha? Depois eu

disse tudo a Panta para ver que cara ele fazia e, é óbvio, levou um susto tão grande que começou a gaguejar. Mas não teve coragem de negar, reconheceu que aquele duo era gente de vida duvidosa. Que precisava vê-los por causa do seu trabalho, e que eu nunca me aproximasse quando o visse com eles, nem a sua mãe. Eu respondi você sabe com quem anda, mas se alguma vez eu tomar conhecimento que foi à casa da perua em Nanay, seu casamento vai perigar, Panta. Pois é, minha filha, imagine a fama que vamos ter aqui se o Panta começa a aparecer na rua com esse pessoal. Outro dos seus conhecidos é um chinês, e eu que achava que todos os chineses eram boas-pintas, esse é um frankenstein. Alicia o acha bonitão, mas as loretanas têm um gosto arrevesado, irmã. Peguei os dois juntos no dia em que fui conhecer o Aquário Moronacocha, para ver os peixes ornamentais (lindos, você nem imagina, mas tive a infeliz ideia de tocar numa enguia e ela me soltou uma descarga elétrica com a cauda que quase me joga no chão), e dona Leonor também o viu numa cantina com o chinês, e Alicia os viu passeando pela Praça de Armas e por intermédio dela eu soube que o chinês tem fama de ser um grande safado. Que explora mulheres, que é interesseiro e vagabundo: veja só as amigas do seu cunhadinho. Reclamei com ele, e dona Leonor mais do que eu, porque ela fica mais doente que eu com as más influências do filhinho, principalmente agora que ela acha que o fim do mundo está chegando. Panta lhe prometeu que não vai andar mais nas ruas com a perua nem com o anão nem com o chinês, mas terá que continuar se encontrando com eles às escondidas, porque é parte do seu trabalho. Eu não sei onde ele vai parar com essa missão e nem com esse tipo de relações, Chichita, imagine como estou com os nervos à flor da pele, aflitíssima.

Mas na realidade não deveria estar, quero dizer no sentido de chifres e infidelidade, porque, quer saber de uma coisa, irmã?, você nem imagina como o Panta mudou em relação a esses assuntos, íntimos. Lembra como ele sempre foi comportadinho, desde que nos casamos você zombava e me dizia tenho certeza de que com o Pantita você jejua, não é mesmo, Pocha? Pois nunca mais vai zombar do seu cunhadinho nesse aspecto, sua desbocada, porque

desde que ele pôs os pés em Iquitos, virou uma fera. E uma coisa terrível, Chichi, às vezes fico assustada e me pergunto se não é alguma doença, porque antes, você sabe, ele queria fazer coisinhas uma vez a cada dez ou 15 dias (que vergonha falar disso, Chichi), e agora o bandido quer a cada dois, três dias e eu preciso frear um pouco o ímpeto dele, porque também não é bom, certo?, com este calor e esta umidade pegajosa. Além disso, acho que poderia lhe fazer mal, parece que afeta o cérebro, todo mundo não dizia que o marido da Pulpito Carrasco ficou lesado de tanto fazer coisinhas com ela? Panta diz que é culpa do clima, um general tinha avisado a ele em Lima que a selva faz os homens ficarem que nem fósforos acesos. Acho engraçado, sabe, ver seu cunhadinho tão fogoso, ele às vezes inventa de fazer coisinhas de dia, depois do almoço, usando o pretexto da sesta, mas é claro que eu não deixo, e às vezes acorda no meio da madrugada com essa loucura. Imagine que uma noite peguei o Panta marcando o tempo com um cronômetro enquanto nós fazíamos coisinhas, eu perguntei e ele ficou todo confuso. Depois me confessou que precisava saber quanto duravam as coisinhas entre um casal normal: estará ficando depravado? Quem acredita que ele precisa saber essas porcarias para o seu trabalho. Eu lhe disse, não estou reconhecendo você, Panta, sempre foi tão educadinho, tenho a impressão de estar corneando você com um outro Panta. Enfim, minha filha, chega de falar de safadezas porque você é uma virgenzinha, e juro que corto relações para sempre se você comentar isto com alguém, principalmente com as Santana, essas malucas.

Em parte, é claro que fico mais tranquila vendo o Panta insistir tanto com as coisinhas, isso quer dizer que gosta da mulher dele (ehem, ehem) e não precisa procurar aventuras na rua. Mas nem tanto, Chichi, porque aqui em Iquitos as mulheres são uma coisa muito, muito séria. Sabe qual é o grande pretexto que o seu cunhadinho inventou para fazer coisinhas quando lhe dá na telha? Pantita Júnior! Sim, Chichi, isso mesmo, finalmente se decidiu a ter um bebê. Ele tinha prometido para assim que conseguisse o terceiro galão, e está cumprindo, mas agora, com essa mudança de temperamento, já não sei se é para me agradar ou de puro sabido,

para ficar fazendo coisinhas de manhã e de tarde. É de morrer de rir, ele chega da rua feito um ratinho elétrico, dá voltas e mais voltas ao meu redor até ter coragem, esta noite podemos encomendar o cadetinho, Pocha?, há-há, não é lindo?, eu adoro, Chichi (e, olhe, nem sei como conto todas essas porcarias a você, que é solteira). Até agora necas, magrela, apesar de tanta encomenda, ontem mesmo me vieram as regras normalmente, que raiva, eu já estava dizendo este mês, sim. Você vem cuidar da sua irmãzinha quando eu ficar barriguda, Chichi? Ai, quem me dera que fosse amanhã, que já tivesse chegado o dia, que vontade de estar com você aqui perto para fofocar à vontade. Mas, sabe, é bom ir devagar com os loretanos, para arranjar um galã você tem que procurar como agulha num palheiro, já vou ficando de olho em algum que valha a pena para você não se entediar muito quando vier. (Viu como esta carta está ficando quilométrica? Você tem que me responder com um número igual de páginas, ok?) Será que não posso ter filhos, Chichi? Tenho tanto medo que todo dia peço a Deus qualquer castigo menos esse, eu morreria de tristeza se não tivesse pelo menos um garotinho e uma garotinha. O médico diz que sou perfeitamente normal, portanto espero ficar já no mês que vem. Sabia que cada vez que o homem faz coisinhas saem dele MILHÕES de espermatozoides e que só um entra no óvulo da mulher, e lá se forma o neném? Estive lendo um folheto que o doutor me deu, tudo muito bem-explicado, você fica até vesga com o milagre da vida. Se você quiser eu mando um, assim vai aprendendo para quando virar gente, casar, perder a virgindade e souber com quantos paus se faz uma canoa, magrela bandida. Espero não ficar muito feia, Chichi, algumas mulheres ficam horríveis com a gravidez, incham feito sapos, criam varizes, ai que nojo. Não vou mais atrair o seu cunhadinho, tão fogofo, e vai ver ele busca diversão na rua, nem sei o que eu seria capaz de fazer. Imagino que com o calor e a umidade a gravidez deve ser horrível, principalmente não morando na Vila Militar e sim aqui onde estamos, os sortudos. Pois esta é outra preocupação que me tira do sério: eu estou feliz de ter o bebê, mas, e se com o pretexto de que fiquei gorda o desgraçado do Panta se envolve com alguma loretana, sobretudo agora que deu para querer

fazer coisinhas até dormindo? Estou morrendo de fome, Chichi, faz horas que escrevo, dona Leonor já está servindo o almoço, você pode imaginar como a minha sogra está contente com a ideia do neto. Vou, almoço e depois continuo, portanto não se suicide porque ainda não estou me despedindo, tchauzinho irmã.

Já voltei, Chichi, levou horas, são quase seis da tarde, tive que fazer uma sesta porque comi feito uma jiboia. Imagine que a Alicia nos trouxe um presente, uma travessa de *tacacho*, um prato típico daqui, que simpático, não é mesmo?, ainda bem que tenho uma amiga em Iquitos. Eu tinha ouvido falar tanto do famoso *tacacho*, é banana verde amassada com carne de porco, que devia ser comido no Mercado de Belén, no Restaurante La Lámpara de Aladino Panduro, onde há um grande cozinheiro, de maneira que atazanei o Panta até que outro dia nos levou. Cedinho, porque o Mercado funciona desde o amanhecer e fecha logo. Belén é o que há de mais pitoresco aqui, você vai ver, um bairro inteiro de casinhas de madeira flutuando no rio, a gente vai em botes de um lado para outro, muito original, sabe, é chamada de a Veneza da Amazônia, embora haja uma pobreza espantosa. O Mercado é ótimo para ir conhecer ou para comprar frutas, peixes ou os colares e pulseiras feitos nas tribos, muito bonitos, mas não para comer, Chichi. Quase morremos quando entramos no tal Aladino Panduro, você não pode imaginar a sujeira e as nuvens de insetos. Os pratos que nos trouxeram pareciam pretos, e eram as moscas, você as enxotava e elas voltavam na mesma hora, entravam pelos olhos e pela boca. Conclusão, eu e dona Leonor nem provamos a comida, estávamos com náuseas, mas o bárbaro do Panta devorou os três pratos e também a carne-seca que o senhor Aladino insistiu que comesse com o *tacacho*. Conteí nossa decepção à Alicia e ela me disse um dia desses vou trazer um *tacacho* para você ver o que é bom, e esta manhã veio com uma travessa. Delicioso, irmã, parece com os *chifles* do norte, mas nem tanto, a banana aqui tem outro gosto. Só que cai pesado feito chumbo, tive que me deitar para fazer a digestão e a minha sogra está morrendo de dor de barriga, cheia de cólicas e gases, roxa de vergonha porque não consegue se controlar e solta os peidinhos na minha frente, quem sabe desta vez ela

explode e vai para o céu de uma vez. Não, como sou má, coitada da dona Leonor, no fundo ela é boa, só me chateia que ela trate o filhinho como se ainda fosse um bebê e um santinho, que velha lesada, não é?

Já contei que a coitada agora está com o passatempo da superstição? Minha casa parece um depósito de lixo. Imagine que, poucos dias depois de chegarmos aqui, houve um grande alvoroço em Iquitos com a vinda do Irmão Francisco, talvez você já tenha ouvido falar dele, eu não sabia nada antes de vir para cá. Na Amazônia é mais famoso do que Marlon Brando, fundou uma religião que se chama Irmandade da Arca, vai a pé para toda parte e aonde chega faz uma enorme cruz e inaugura arcas, que são suas igrejas. Tem muitos devotos, sobretudo no povo, e parece que os padres andam furiosos com a concorrência que ele faz, mas até agora não abriram o bico. Bem, minha sogra e eu fomos ouvi-lo em Moronacocha. Havia muitíssima gente, e o mais impressionante era que o homem falava crucificado, igualzinho a Cristo, sem tirar nem pôr. Anunciava o fim do mundo, pedia às pessoas que fizessem oferendas e sacrifícios para o Juízo Final. Não dava para entender muito bem, ele fala um espanhol complicado. Mas as pessoas o ouviam hipnotizadas, as mulheres choravam e se ajoelhavam. Eu mesma me contagiei com a emoção e até soltei umas lágrimas, mas a minha sogra, você nem imagina, caiu em prantos e não conseguíamos acalmá-la, foi flechada pelo feiticeiro, Chichi. Depois falava maravilhas do Irmão Francisco lá em casa, no dia seguinte voltou à arca de Moronacocha para conversar com os irmãos e agora a velha também se tornou irmã. Olhe por onde saiu o tiro: ela, que nunca tinha levado muito a sério a verdadeira religião, termina virando beata de uma heresia. Sabe, o quarto dela está cheio de cruzinhas de madeira, e se fosse só isso tudo bem, melhor que se distraia, mas o que é nojento é a mania dessa religião de crucificar animais, e disso eu não gosto nada, porque toda manhã encontro no quarto baratas, borboletas, aranhas espetadas em cruzinhas, e outro dia até um camundongo, que coisa asquerosa. Cada vez que pego uma dessas porcarias jogo direto no lixo, já tivemos umas boas brigas. É até engraçado, porque cada vez que cai um temporal, e

aqui é toda hora, a velha começa a tremer achando que é o fim do mundo, e todo dia pede a Panta que mande fazer uma cruz grande para a entrada da casa. Veja só quantas mudanças em tão pouco tempo.

O que estava mesmo contando, quando parei para almoçar? Ah sim, as loretanas. Ai, Chichi, tudo o que diziam era verdade e ainda tem muito mais, todo dia descubro uma novidade, fico boba, pergunto o que é isso. Iquitos deve ser a cidade mais depravada do Peru, pior até do que Lima. Talvez seja mesmo, e o clima tem muito a ver, quero dizer, para as mulheres ficarem tão terríveis, veja só como o Panta botou o pé na selva e se transformou logo num verdadeiro vulcão. O pior é que as bandidas são lindas, os homens de Iquitos (*charapas*) são feios e sem graça, e elas tão maravilhosas. Não estou exagerando, Chichita, acho que as mulheres mais bonitas do Peru (com exceção desta que vos fala e da sua irmã, é claro) são as de Iquitos. Todas, as que logo se vê que são decentes e as do povo, e possivelmente as melhores são as cafoninhas. Bem curvilíneas, minha filha, com um jeitinho de caminhar muito coquete e desavergonhado, mexendo a bunda com a maior desfaçatez e jogando para trás os ombros para que o busto fique levantadinho. Bem descaradas, usam umas calças que parecem luvas de tão apertadas, e você acha que se importam quando os homens dizem coisas? Que nada, dão até corda e olham nos olhos deles com um descaramento que dá vontade de puxar seus cabelos. Ah, tenho que contar uma coisa que ouvi ontem, quando entrei no Armazém Recorde (onde aplicam o sistema 3 x 4, você compra três artigos e o quarto leva de graça, incrível, não é?), uma conversa entre duas garotas bem novas. Uma dizia para a outra: "Você já beijou um militar?" "Não, por que pergunta?" "*Beijam gostoooooso.*" Eu morri de rir, ela falava com o sotaque loretano e em voz bem alta, sem se importar que todo mundo ouvisse. São assim, Chichi, umas descaradas como não há igual. E você acha que ficam só nos beijos? Que esperança, segundo Alicia essas diabinhas começam a fazer as travessuras maiores desde o colégio, aprendem a se cuidar e tudo, e quando se casam as espertinhas fazem um teatro enorme para seus maridos pensarem que estão intactas. Algumas vão até procurar as

*ayahuasqueras* (essas bruxas que preparam a *ayahuasca*, já ouviu, não é?, uma beberagem que faz sonhar umas coisas muito esquisitas) para que as deixem novinhas em folha. Imagine, imagine. Juro que cada vez que vou fazer compras ou ao cinema com a Alicia volto vermelha de vergonha pelas histórias que ela me conta. Cumprimenta uma amiga, eu pergunto quem é e me conta uma coisa terrível, nem queira saber, todas elas tiveram vários amantes, todas as casadas tiveram algum caso com um soldado, aviador ou marinheiro, mas principalmente com os do Exército, eles têm um prestígio enorme com as *charapas*, minha filha, ainda bem que não deixam o Panta usar uniforme. Essas doidas aproveitam o menor descuido do marido e pronto, chifres. É de dar medo, magrela. E você acha que fazem as coisas direito, na caminha e com lençóis? Alicia me disse, se você quiser damos uma voltinha em Moronacocha e você vai ver a quantidade de carros com casais fazendo coisinhas (mas de verdade, hein), um ao lado do outro como se fosse a coisa mais normal do mundo. Imagine que encontraram uma mulher fazendo coisinhas com um tenente da Guarda Civil na última fila do cinema Bolognesi. Dizem que o filme parou, acenderam a luz e lá estavam os dois. Coitados, imagine o susto que levaram vendo a luz se acender, principalmente ela? Estavam deitados, aproveitando que o cinema tem bancos em vez de cadeiras e que a última fila estava vazia. Um escândalo horrível, parece que a esposa do tenente quase mata a tal mulher, porque um locutor da Rádio Amazonas, que é terrível e fala todas as verdades, contou a história em detalhes, e acabaram tirando o tenente de Iquitos. Eu não queria acreditar numa aventura dessas, mas a Alicia me mostrou a moça na rua, uma morena muito feiosa, com carinha de não-mato-uma-mosca. Eu olhava para ela e dizia, Alicia você está mentindo, faziam *coisinhas coisinhas* no meio do filme, naquele desconforto e com o medo de serem vistos? Parece que sim, a garota estava sem calcinha e o tenente com o pinto para fora. Depois de Paris, Iquitos, a corrompida, magrela. Não pense que a Alicia é uma fofoqueira, eu puxo a língua dela, por curiosidade e também por prevenção, minha filha, aqui a gente tem que ficar se defendendo dessas loretanas com quatro olhos e oito mãos, você se

vira e elas somem com o seu marido. Alicia, apesar de *charapa*, é muito séria, mas às vezes usa aquelas calças que parecem luvas. Mas não fica provocando os homens, não olha para eles com a desfaçatez das suas conterrâneas.

Sobre como as loretanas são bandidas, que coisa, eu já ia me esquecendo de contar o mais engraçado e melhor (ou antes, o pior). Você não pode imaginar a decepção que tivemos quando ainda estávamos nos instalando nesta casinha. Já ouviu falar das famosas lavadeiras de Iquitos? Todo mundo me disse, mas onde você vivia, Pocha, de onde você veio, o mundo inteiro sabe o que as famosas lavadeiras de Iquitos são. Pois eu devo ser boba ou ingênua, irmã, mas nem em Chiclayo nem em Ica nem em Lima jamais ouvi falar das lavadeiras de Iquitos. Estávamos há poucos dias na casinha, e o nosso quarto fica no térreo, com uma janela para a rua. Ainda não tínhamos empregada — agora tenho uma meio avoadada, mas ótima pessoa — e, nas horas mais esquisitas, de repente batiam na janela e ouviam-se vozes de mulher: “Lavadeira! Têm roupa para lavar?” E eu nem sequer abria a janela, dizia não, muito obrigada. Nunca me ocorreu pensar, que estranho haver tantas lavadeiras pelas ruas em Iquitos e ao mesmo tempo uma dificuldade para conseguir empregada, porque pus um cartaz “Preciso de empregada” e só apareciam candidatas muito de quando em quando. Acontece que um dia, era bem cedo e ainda estávamos deitados, ouço a batida na janela, “Lavadeira! Têm roupa?”, e eu tinha juntado muita roupa suja, porque aqui, com este calor, é horrível, você transpira demais, tem-se que trocar duas e até três vezes por dia. Então pensei, ótimo, que lave a roupa desde que não cobre muito caro. Gritei, espere um momento, levantei de camisola e fui abrir a porta. Eu tinha que suspeitar que alguma coisa esquisita estava acontecendo, porque a menina tinha pinta de tudo menos de lavadeira, mas eu, como sempre, no mundo da lua. Cafoninha, mas até que apresentável, toda apertada para ressaltar as curvas, é claro, com as unhas pintadas e toda arrumadinha. Olhou para mim de cima a baixo, muito surpresa, e eu pensei, o que está havendo, por que está me olhando desse jeito. Disse, entre, ela se meteu na casa e antes que eu falasse alguma coisa viu a porta do quarto e Panta na

cama e, zás, foi direto e se plantou, sem mais nem menos, na frente do seu cunhado, numa posição que me deixou vesga, com as mãos nos quadris e as pernas abertas feito galo de briga que vai atacar. Panta se sentou na cama num pulo, com os olhos arregalados de surpresa pela aparição da mulher. E o que você acha que a dona fez antes que eu ou o Panta conseguíssemos dizer, espere lá fora, o que está fazendo aqui no quarto? Começou a falar da tarifa, vocês têm que me pagar o dobro, porque ela não costumava atender mulheres, apontando para mim, magrela, é de morrer, para esses prazeres tem que rebolar um bocado e não sei mais que vulgaridades e de repente entendi a confusão e minhas pernas começaram a tremer. Sim, Chichi, ela era uma pê, uma pê!, as lavadeiras de Iquitos são as pê de Iquitos e vão de casa em casa oferecendo seus serviços com a conversa da roupa. Agora me diga, Iquitos é ou não é a cidade mais imoral do mundo, irmã? Panta também percebeu e começou a gritar, fora daqui, sua vaca, o que pensa que está fazendo, você vai ser presa. A mulher levou o maior susto da vida, entendeu o engano e saiu voando, aos trambolhões. Imagine que decepção, magrela. Ela pensou que éramos uns depravados, que eu a mandara entrar para fazermos coisinhas nós três juntos. Quem sabe, Panta brincava depois, talvez valha a pena experimentar, eu não disse que ele mudou muito? Agora que já passou eu posso rir e fazer graça, mas na verdade foi uma situação horrível, fiquei o dia inteirinho morta de vergonha me lembrando da cena. Viu como é esta terra, irmã, uma cidade onde as mulheres que não são pê querem ser e se você se descuidar um segundo fica sem marido, olhe só a pocilga em que acabei caindo.

Estou com a mão dormente, Chichi, já escureceu, deve ser tardíssimo. Vou ter que mandar esta carta num baú para que caiba. Espero que você responda rapidinho, uma carta bem comprida como esta e com montes de fofocas. Você continua namorando o Roberto ou já trocou? Conte tudo, juro que daqui em diante vou escrever sempre.

Milhares de beijos, Chichi, da sua irmã saudosa que ama você,

POCHITA

### *Noite de 29 para 30 de agosto de 1956*

Imagens da humilhação, fotos instantâneas da ácida e inflamada história da comichão atormentadora: na estrita, faustuosa formação do Dia da Bandeira, em frente ao monumento a Francisco Bolognesi, o cadete de último ano da Escola Militar de Chorrillos, Pantaleão Pantoja, enquanto executa com galhardia o passo de ganso, é subitamente transportado em carne e espírito para o inferno, por meio da transformação da boca do seu ânus e do seu tubo retal em vespeiro: cem lancetas martirizam a chaga úmida e secreta enquanto ele, apertando os dentes até quase quebrá-los, marcha suando grossas gotas geladas sem perder o passo; na alegre, faiscante festa oferecida à turma Alfonso Ugarte pelo coronel Marcial Gumucio, diretor da Escola Militar de Chorrillos, o jovem alferes recém-formado Pantaleão Pantoja subitamente sente que as unhas dos seus pés congelam quando, mal-iniciados os compassos da valsa, flamejando nos seus braços a veterana esposa do coronel Gumucio, recém-aberto o baile da noite por ele e seu sólido par, uma incandescente comichão, um formigamento serpentina, uma tortura em forma de diminutas, simultâneas e afiadas coceiras alargam, incham e irritam a intimidade do reto e a abertura do ânus: com os olhos rasos d'água, sem aumentar nem diminuir a pressão na cintura e na mão gorducha da esposa do coronel Gumucio, o alferes de Intendência Pantoja, sem respirar, sem falar, continua dançando; na barraca de campanha do Estado-Maior do Regimento número 17 de Chiclayo, perto do estrondo dos obuses, o rataplã da metralha e os arrotos secos dos tiros das companhias de vanguarda que acabam de iniciar as manobras de fim de ano, o tenente Pantaleão Pantoja, que, em frente a um quadro-negro e um painel com mapas, explica à oficialidade, com uma voz firme e metálica, os estoques, sistemas de distribuição e previsões de arsenal e de alimentos, é, de repente, elevado invisivelmente do chão e da realidade mais imediata por uma corrente sobressaltada, ígnea, efervescente, emulsiva e crepitante, que arde, se inflama, cresce,

multiplica, suplicia, enlouquece o vestibulo anal e o corredor retal e se desdobra como uma aranha entre suas nádegas, mas ele, bruscamente lívido, subitamente encharcado de suor, o cu secretamente franzido com uma obstinação de planta, a voz ligeiramente embargada por um tremor, continua emitindo números, produzindo fórmulas, somando e subtraindo. “Você tem que se operar, Pantita”, sussurra maternalmente a senhora Leonor. “Opere-se, meu amor”, repete, baixinho, Pochita. “Deixe tirarem isso de uma vez, meu irmão”, ecoa o tenente Luis Rengifo Flores, “é mais fácil que operar uma fimose e em lugar menos perigoso para a virilidade.” O major Antipa Negrón, do Departamento de Saúde Militar, dá gargalhadas: “Vou decapitar essas três hemorroidas com um talho só, como se fossem cabeças de crianças feitas de manteiga, meu querido Pantaleão.”

Em torno da mesa de operações ocorre uma série de trocas, hibridizações e enxertos que o angustiam muito mais que a silenciosa azáfama dos médicos e enfermeiras com seus tênis brancos ou as enceguecedoras cascatas de luz que caem dos refletores do teto. “Não vai doel, senhol Pantoja”, anima o Tigre Collazos que, além da voz, também está com os olhos enviesados, as mãos vibráteis e o sorriso meloso do China Porfirio. “Mais rápido, mais fácil e com menos consequências que a extração de um molar, Pantita”, garante uma senhora Leonor cujos quadris, papada e peitos se robusteceram e transbordam até se confundir com os de Leonor Curinchila. Mas ali, também inclinadas sobre a mesa de operações, onde está instalado em posição ginecológica — entre as suas pernas abertas o doutor Antipa Negrón manipula bisturis, algodões, tesouras, recipientes —, há duas mulheres tão inseparáveis e antagônicas como certos duetos que agora giram na sua cabeça e o fazem voltar à infância, ao começo da adolescência (Laurel e Hardy, Mandrake e Lotario, Tarzã e Jane): uma montanha de gordura apertada numa mantilha espanhola e uma menina velha, de jeans, com uma franja e marcas de varíola na cara. Não saber o que fazem ali nem quem são elas — mas remotamente tem a sensação de tê-las visto alguma vez, de passagem, entre um monte de gente — provoca uma angústia sem limites em Pantaleão que, sem fazer

menção de impedir, cai no choro: ouve seus próprios soluços profundos e sonoros. “Não tenha medo, são as primeiras recrutas do Serviço de Visitadoras, não está reconhecendo Maminha e Sandra? Já as apresentei a você na outra noite, na Casa Chuchupe”, tranquiliza Juan Rivera, o popular Chupito, que diminuiu ainda mais de tamanho e é um macaquinho encarapitado nos ombros redondos, nus, fracos, da triste Pochita. Sente que poderia morrer de vergonha, de cólera, de frustração, de rancor. Tem vontade de gritar: “Como se atreve a revelar o segredo na frente de minha mãe, de Pocha? Anão, embrião, feto! Como se atreve a falar de visitadoras diante da minha esposa, da viúva do meu falecido pai?” Mas não abre a boca, só transpira e sofre. O doutor Negrón terminou sua tarefa e se levanta com umas peças sanguinolentas penduradas nas mãos que ele só entrevê por um segundo, pois consegue fechar os olhos a tempo. A cada instante está mais machucado, ofendido e assustado. O Tigre Collazos ri às gargalhadas: “Temos que encarar a realidade, o pão pão e o vinho vinho: os praças precisam transar, e você consegue com quem, senão o fuzilamos a canhoneiras de sêmen”, “Escolhemos o Posto de Horcones para a experiência-piloto do Serviço de Visitadoras, Pantoja”, anuncia com desenvoltura o general Victoria, e embora ele, apontando com os olhos, com as mãos para a senhora Leonor, para a frágil e esvaída Pochita, implore discricção, reserva, adiamento, esquecimento, o general Victoria insiste: “Já sabemos que, além de Sandra e Maminha, já contratou Íris e Lalita. Viva as quatro mosqueteiras!” Ele começou a chorar de novo, no vértice da impotência.

Mas agora, ao redor da sua cama de recém-operado, a senhora Leonor e Pochita o olham com carinho e ternura, sem a mais leve sombra de malícia, com uma manifesta, maravilhosa, balsâmica ignorância retratada nos olhos: não sabem de nada. Sente um regozijo irônico que sobe por seu corpo e caçoa dele mesmo: como poderiam saber do Serviço de Visitadoras se ainda não aconteceu, se ainda sou tenente e feliz, se nem sequer saímos de Chiclayo? Mas o doutor Negrón acaba de entrar acompanhado por uma enfermeira jovem e sorridente (ele a reconhece e se ruboriza: Alicia, a amiga de Pocha!) que vem embalando nos braços um irrigador, como um

recém-nascido. Pochita e a senhora Leonor saem do quarto fazendo da porta um gesto de adeus solidário, quase trágico. “Joelhos separados, boca beijando o colchão, bunda para cima”, ordena o doutor Antipa Negrón. E explica: “Já passaram 24 horas e chegou a hora de limpar o estômago. Estes dois litros de água salgada vão lhe fazer expulsar todos os pecados mortais e veniais da sua vida, tenente.” A introdução da cânula no reto, apesar de estar coberta de vaselina e da habilidade de prestidigitador do médico, arranca um grito da sua boca. Mas agora o líquido está entrando com uma tepidez que já não é dolorosa, que é até grata. Durante um minuto, as águas continuam entrando, borbulhantes, inchando seu ventre, enquanto o tenente Pantoja, de olhos fechados, pensa metodicamente: “O Serviço de Visitadoras? Não vai doer, não vai doer.” Dá outro gritinho: o doutor Negrón tirou a cânula e pôs um algodão entre suas pernas. A enfermeira sai levando o irrigador vazio. “Até agora não sentiu nenhuma dor pós-operatória, não é verdade?”, pergunta o médico. “Sim, major”, responde o tenente Pantoja, contorcendo-se com dificuldade, sentando-se, ficando em pé com uma das mãos apertando o algodão que as duas nádegas beliscam e avançando até a privada, rígido como um boneco Carnavalón, nu da cintura para baixo, o braço apoiado no doutor que olha para ele com benevolência e um pouco de piedade. Um leve ardor começou a se insinuar no reto, e o ventre elefantiásico sofre agora cólicas, rápidas câibras, e um repentino calafrio eletriza sua espinha dorsal. O médico o ajuda a sentar-se na privada, dá um tapinha no seu ombro e resume sua filosofia: “Console-se pensando que depois desta experiência *tudo o que acontecer na sua vida será melhor.*” Sai, fechando suavemente a porta do banheiro. O tenente Pantoja já está com uma toalha entre os dentes e a morde com todas as suas forças. Fechou os olhos, apertando as mãos contra os joelhos, e 2 milhões de poros se abriram como janelas ao longo de seu corpo para vomitar suor e fel. Repete, com todo o desespero de que é capaz: “Não vou cagar visitadoras, não vou cagar visitadoras.” Mas os dois litros de água começaram já a descer, a deslizar, a cair, a irromper, ardorosos e satânicos, perniciosos, homicidas, traidores, arrastando sólidos blocos de chamas, facas e punções que abrasam,

fincam, ardem, cegam. Deixou a toalha cair da boca para poder rugir como um leão, grunhir como um porco e rir como uma hiena ao mesmo tempo.



## IV

### *Resolução confidencial de destinação do BAP Pachitea*

O contra-almirante Pedro G. Carrillo, chefe da Força Fluvial do Amazonas,

#### CONSIDERANDO:

1. Que recebeu uma solicitação do capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja, chefe do Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins (SVGPFPA), recentemente criado pelo Exército com o objetivo de solucionar um disseminado problema biológico-psicológico dos cabos e soldados que servem em regiões remotas, para que a Força Fluvial do Amazonas lhe preste ajuda e facilidades na organização do sistema de transporte entre o posto de comando e centro logístico do Serviço de Visitadoras e seus centros usuários;

2. Que a mencionada solicitação tem o aval da Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército (general Felipe Collazos) e do Comando da Quinta Região (Amazônia) (general Roger Scavino);

3. Que a Direção de Administração do Estado-Maior da Armada deu parecer favorável à solicitação, apontando ao mesmo tempo a conveniência de que o SVGPFPA pudesse estender seus serviços às bases que a Armada possui nas comarcas afastadas da Amazônia e onde a marujada se vê acossada pelas mesmas necessidades e apetências dos cabos e soldados do Exército que motivaram a criação do Serviço de Visitadoras;

4. Que, consultado sobre o assunto, o capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja respondeu que o SVGPFPA não tinha objeções a essa sugestão, precisando para acatá-la que a Força Fluvial do Amazonas realizasse, nas bases da selva, um teste de sua autoria, destinado a detectar o número potencial de usuários do SVGPFPA na Armada Peruana (AP), o qual, efetuado pelos oficiais responsáveis com a devida prontidão e esmero, deu como resultado um *número*

*potencial de usuários de 327, uma média ambicionada por usuário de 10 prestações mensais e um tempo médio ambicionado de 35 minutos por prestação individual;*

RESOLVE:

1. Que se destine provisoriamente ao Serviço de Visitadoras, como meio de transporte pelos rios da bacia amazônica entre seu centro logístico e seus centros usuários, o ex-navio dispensário *Pachitea* com uma tripulação permanente de quatro homens, sob o comando do suboficial primeiro Carlos Rodríguez Saravia;

2. Que o BAP *Pachitea*, antes de deixar a Base de Santa Clotilde, onde está desde que foi retirado de serviço após meio século ininterrupto de navegação a serviço da Armada, história iniciada com uma destacada participação no conflito de 1910 contra a Colômbia, seja despojado de bandeiras, insígnias e demais distintivos que o identificam como navio da Armada Peruana, pintado da cor que o capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja designar, desde que não seja cinza-azul nem branco-nuvem, que são as cores dos navios AP, e que seu nome original *Pachitea* seja substituído na proa e na ponte de comando por *Eva*, nome que o Serviço de Visitadoras escolheu para ele;

3. Que, antes de assumir seu novo destino, o suboficial Carlos Rodríguez Saravia e a tripulação sob seu comando sejam devidamente alertados por seus superiores sobre a delicadeza da tarefa que vão cumprir, a necessidade de que, no desempenho da mesma, só se vistam à paisana, ocultem sua condição de membros da Armada, mantenham a máxima reserva sobre o que virem e ouvirem durante seus deslocamentos e, em geral, evitem qualquer confidência ou revelação sobre a natureza do Serviço para o qual foram destacados;

4. Que o combustível requerido pelo BAP ex-*Pachitea* em suas novas funções seja rateado proporcionalmente entre a Armada e o Exército, de acordo com a respectiva utilização do Serviço de Visitadoras, o que se pode determinar pelo número de prestações oferecidas no mês para cada instituição ou pelo número de

deslocamentos para guarnições militares ou bases fluviais do BAP realizados pelo SVGPFA;

5. Que por ser de caráter confidencial, esta disposição não seja lida na Ordem do Dia, nem exibida nas bases, mas sim comunicada exclusivamente aos oficiais que devem cumpri-la.

Assinado:

contra-almirante Pedro G. Carrillo,  
chefe da Força Fluvial do Amazonas

Base da Santa Clotilde, 16 de agosto de 1956

cc. ao Estado-Maior da Armada Peruana, à Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército e ao Comando da Quinta Região (Amazônia).

SVGPFPA

*Informe número três*

ASSUNTO GERAL: Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins (SVGPFPA).

ASSUNTO ESPECÍFICO: Propriedades da manteiga de boto, do *chuchuhuasi*, do *cocobolo*, da *clabohuasca*, da *huacapuruna*, do *ipururo* e do *viborachado*, sua incidência sobre o SVGPFPA, experiências realizadas na pessoa do signatário e sugestões que o mesmo faz.

CARACTERÍSTICAS: Secreto.

DATA E LUGAR: Iquitos, 8 de setembro de 1956.

O signatário, capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja, chefe do SVGPFPA, respeitosamente se apresenta diante do general Felipe Collazos, chefe de Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército, saúda e diz:

1. Que em toda a Amazônia existe a crença de que a variedade vermelha do boto (espécie de golfinho dos rios amazônicos) é um

animal de considerável potência sexual, o que o induz, com a ajuda do demônio ou de espíritos malignos, a raptar qualquer mulher disponível a fim de satisfazer seus instintos, adotando para isso uma forma humana tão varonil e elegante que nenhum ente feminino lhe resiste. Que, devido a essa crença, generalizou-se esta outra: que a manteiga de boto incrementa o ímpeto viril e torna o homem irresistível à fêmea, sendo por isso um produto de enorme demanda em lojas e mercados. Que o signatário decidiu fazer pessoalmente uma experiência, a fim de determinar de que forma essa crença folclórica, superstição ou fato científico podia incidir no problema que originou e cimentou a existência do Serviço de Visitadoras e, pondo mãos à obra, solicitou à senhora sua mãe e à sua senhora esposa, a pretexto de recomendação médica, que durante uma semana todas as comidas do lar fossem elaboradas somente com manteiga de boto, com os resultados que expõe a seguir:

2. Que, a partir do segundo dia, o signatário sofreu um brusco aumento do apetite sexual, acentuando-se a anomalia nos dias sucessivos a tal ponto que, nos dois últimos dias da semana, as bolinações e o ato viril foram as únicas reflexões que ocuparam sua mente, tanto de dia como de noite (sonhos, pesadelos), com grave prejuízo para sua capacidade de concentração, sistema nervoso em geral e eficiência no trabalho. Que, em consequência, viu-se no imperativo de solicitar à sua esposa e obter dela, durante a semana em questão, uma média de duas vezes diárias de relações íntimas, com a conseguinte contrariedade e surpresa da mesma, dado que o signatário costumava ter relações de intimidade matrimonial num ritmo de uma vez a cada dez dias antes de vir para Iquitos, e de uma a cada três dias depois de chegar, porque, devido indubitavelmente a fatores já identificados pelo Comando (calor, atmosfera úmida), o signatário registrou um aumento do impulso seminal no mesmo dia que pôs os pés no solo amazônico. Que, ao mesmo tempo, pôde verificar que a ação afrodisíaca da manteiga de boto só funciona com o homem, mas não pode descartar que sua cônjuge, afetada pelo estímulo em questão, ocultasse o fato com muito caráter pelo sentimento natural de pudor e correção de toda

dama que mereça este apelativo, como o signatário tem orgulho de dizer que é o caso da sua digna esposa;

3. Que, em seu afã de não poupar esforços para o melhor desempenho da missão que o Comando lhe encarregou, e pondo em risco até sua saúde física e a estabilidade familiar, o signatário decidiu também testar na própria pessoa algumas das receitas que a sabedoria e a luxúria populares loretananas propõem para recuperação ou reforço da virilidade, vulgarmente chamadas, com perdão pela expressão, levanta-defuntos ou, pior ainda, poções do pau-duro, e diz *algumas* porque nesta região da Pátria a preocupação por tudo o que se refere ao sexo é tão premente e múltipla que existem, literalmente, milhares de compostos desse tipo, o que torna impossível, até com a melhor das boas vontades, que um indivíduo isolado possa esgotar a lista ainda que estivesse disposto a imolar sua vida na experiência. Que o signatário tem o dever de reconhecer que se trata de sabedoria popular e não de superstição: certas cascas empregadas para preparar infusões que se bebem com álcool, como o *chuchuhuasi*, o *cocobolo*, a *clabohuasca* e a *huacapuruna*, produzem uma ardência viril instantânea e interminável que nada, salvo o próprio ato da hombridade, pode aplacar. Particularmente eficaz, pela velocidade quase aeronáutica com que age sobre o centro gerador, é a mistura de *ipururo* com aguardente que, logo depois de ingerida, causou no signatário uma comoção indisfarçável, com a vergonha que cabe imaginar, pois, desafortunadamente, a experiência não se desenrolava no próprio lar e sim na casa noturna Las Tinieblas, do balneário de Nanay. Que ainda pior e realmente satânica é a poção medicinal ou mágica chamada *viborachado*, aguardente na qual se macera uma víbora venenosa, de preferência uma jararaca, com efeitos mais devastadores que os anteriores porque, oferecida dessa vez casualmente ao autor deste informe numa outra casa noturna de Iquitos, o Clube La Selva, provocou-lhe um ardor e endurecimento de tal ferocidade e urgência que, com um pesar que ainda não diminuiu, teve que recorrer, no incômodo banheiro do mencionado local, ao vício solitário que acreditava já extinto desde os seus dias de infância, para recuperar a temperança e a paz;

4. Que, por todo o acima exposto, o signatário se permite recomendar ao Comando que se distribuam instruções a todas as Guarnições, Postos de Fronteira e Afins proibindo categoricamente o uso de manteiga de boto vermelho na preparação do rancho de cabos e soldados, assim como seu uso individual por parte da tropa, e que, da mesma forma, seja imediatamente proibido e castigado com punição o consumo, isolados ou compostos, em estado sólido ou líquido, do *chuchuhuasi*, do *cocobolo*, da *clabohuasca*, da *huacapuruna*, do *ipururo* e do *viborachado*, para que o Serviço de Visitadoras não se veja bombardeado por uma demanda ainda maior do que a já exagerada que tem;

5. Que solicita que se mantenha o mais estrito segredo em relação a este informe (e, se possível, que seja destruído uma vez lido), por conter confidências extremamente íntimas sobre a vida familiar do signatário, que este admitiu fazer pensando na complexa missão que o Exército lhe confiou, mas com inquietação e um natural temor à malícia e às brincadeiras que, se fossem divulgadas, elas certamente atrairiam por parte dos seus companheiros oficiais.

Deus o guarde.

Assinado:

capitão EP (Intendência) PANTALEÃO PANTOJA

cc. ao comandante em chefe da Quinta Região (Amazônia), general Roger Scavino.

ANOTAÇÃO:

*a. Transforme-se em disposição regulamentar a sugestão do capitão Pantoja e, portanto, comunique-se a todos os chefes de quartel, acampamentos e postos da Quinta Região (Amazônia) que, a partir de hoje, fica terminantemente proibido o uso nos ranchos dos ingredientes, poções e especiarias enumerados no informe precedente.*

*b. Conforme a solicitação do capitão Pantoja, destrua-se ao fogo este informe número três do SVGPFA por conter revelações indelicadas sobre a vida pessoal e familiar do mesmo.*

*general FELIPE COLLAZOS,  
Chefe de Administração, Intendência  
e Serviços Vários do Exército*

*Lima, 18 de setembro de 1956*

*Resolução secreta relativa ao FAP Hidro Catalina  
Nº 37 Requena*

O coronel FAP Andrés Sarmiento Segovia, comandante do Grupo Aéreo Nº 42 da Amazônia,

CONSIDERANDO:

1. Que o capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja, com autorização e apoio das instâncias superiores do Exército, solicitou ajuda do Grupo Aéreo Nº 42 para o transporte contínuo do pessoal do Serviço de Visitadoras, recentemente criado, do seu centro logístico às margens do rio Itaya até seus centros usuários, muitos dos quais se acham tão isolados, sobretudo em períodos de chuvas, que o único meio funcional de transporte é o aéreo, e destes pontos de volta para o centro logístico;

2. Que o Comando de Administração e Culto do Estado-Maior da Força Aérea Peruana decidiu acatar a solicitação por deferência ao Exército, registrando formalmente, porém, que tem reservas quanto à índole do Serviço de Visitadoras, pois lhe parece pouco compatível com as tarefas naturais e próprias das Forças Armadas e perigoso para o seu bom nome e prestígio, sendo esta uma simples conjectura e de modo algum uma tentativa de intromissão nas atividades da instituição irmã,

RESOLVE:

1. Que se entregue ao SVGPFA, na qualidade de empréstimo destinado a efetuar os serviços de transporte indicados, o FAP Hidro Catalina Nº 37 *Requena*, uma vez que a Seção Técnica e Mecânica do Grupo Aéreo Nº 42 da Amazônia o deixe em condições de voltar a voar;

2. Que, antes de decolar da Base Aérea da Moronacocha, o FAP Hidro Catalina Nº 37 seja devidamente camuflado, de tal maneira que não possa ser reconhecido em momento algum como pertencente à Força Aérea Peruana enquanto presta serviços ao SVGPFA, alterando para isto a cor da fuselagem e das asas (de azul para verde com debruns vermelhos) e o nome (de *Requena* para *Dalila*, segundo desejo do capitão Pantoja);

3. Que se destaque, para pilotar o FAP Hidro Catalina Nº 37, o suboficial do Grupo Aéreo Nº 42 que tiver o maior número de punições e advertências em sua folha de serviço durante o presente ano;

4. Que, tendo em vista o estado de deterioração técnica em que se encontra o FAP Hidro Catalina Nº 37, devido aos seus longos anos de serviço, ele passe por uma revisão semanal feita por um mecânico do Grupo Aéreo Nº 42 da Amazônia, que para tal fim se dirigirá, discretamente e à paisana, ao centro logístico do SVGPFA;

5. Pedir encarecidamente ao capitão Pantoja que o Serviço de Visitadoras tenha os maiores cuidados e considerações com o Hidro Catalina Nº 37, por tratar-se de uma verdadeira relíquia histórica da FAP, pois foi nessa nobre máquina que, no dia 3 de março de 1929, o tenente Luis Pedraza Romero uniu pela primeira vez em voo direto as cidades de Iquitos e Yurimaguas;

6. Que o combustível, assim como todas as despesas de manutenção e uso do FAP Hidro Catalina Nº 37, seja de incumbência exclusiva do próprio SVGPFA;

7. Que esta Resolução seja comunicada exclusivamente a quem afeta ou menciona, e, por ser altamente secreta, castigue-se com sessenta dias de prisão quem divulgar ou mencionar seu conteúdo fora das referidas exceções.

Assinado:

coronel FAP Andrés Sarmiento Segovia

Base Aérea de Moronacocha, 7 de agosto de 1956

cc. ao Comando de Administração e Culto do Estado-Maior da Força Aérea Peruana, à Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército e ao Comando da Quinta Região (Amazônia).

*Disposição interna do Serviço de Saúde do  
Acampamento Militar Vargas Guerra*

O comandante EP (Saúde) Roberto Quispe Salga, chefe do Serviço de Saúde do Acampamento Militar Vargas Guerra, tendo em vista as instruções confidenciais recebidas do Comando Geral da Quinta Região (Amazônia), adota as seguintes diretrizes:

1. O major EP (Saúde) Antipa Negrón Azpilcueta selecionará na equipe de enfermeiros e paramédicos da Seção Doenças Infectocontagiosas a pessoa que considerar mais capacitada científica e moralmente para cumprir as funções que as instruções do Comando da Quinta Região (Amazônia) tipificam para o futuro encarregado da área de saúde do Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins (SVGPFPA);

2. O major Negrón Azpilcueta ministrará um treinamento teórico-prático acelerado no curso da presente semana ao enfermeiro ou paramédico escolhido, como preparação para as tarefas que deverá desempenhar no SVGPFPA, que, no essencial, consistirão em detectar a existência de lêndeas, percevejos, piolhos, chatos e ácaros em geral, doenças venéreas e afecções vulvovaginais infectocontagiosas nas visitadoras integrantes dos comboios, imediatamente antes da partida destes para os centros usuários do SVGPFPA;

3. O major Negrón Azpilcueta fornecerá ao responsável pela saúde um estojo de primeiros socorros, além de sonda, espéculo e dedo de látex para exploração vaginal, dois aventais brancos, dois pares de luvas de borracha e um número adequado de cadernos,

nos quais, semanalmente, esse responsável deverá informar ao Serviço de Saúde do Acampamento Militar Vargas Guerra sobre o movimento quantitativo e qualitativo do Posto de Assistência de Saúde do SVGPFA;

4. Comunicar esta disposição apenas ao interessado e arquivá-la com a advertência "Secreta".

Assinado:

comandante EP (Saúde) ROBERTO QUISPE SALGA

Acampamento Militar Vargas Guerra,  
1º de setembro de 1956

cc. ao Comando Geral da Quinta Região (Amazônia) e ao capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja, chefe do Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins (SVGPFPA).

*Relatório do alferes Alberto Santana  
ao Comando Geral da Quinta Região (Amazônia)  
sobre a operação-piloto efetuada pelo SVGPFA  
no Posto de Horcones sob seu comando.*

De acordo com as instruções recebidas, o alferes Alberto Santana tem a honra de remeter ao Comando Geral da Quinta Região (Amazônia) o seguinte relato de fatos ocorridos no posto sob seu comando no rio Napo:

Assim que foi informado pelo Comando de que o Posto de Horcones havia sido escolhido como sede da missão inaugural do Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins, dispôs-se a proporcionar todas as facilidades para o sucesso da operação e perguntou por rádio ao capitão Pantaleão Pantoja que medidas prévias à experiência-piloto deveria tomar em Horcones. O capitão Pantoja lhe informou que nenhuma porque ele se deslocaria pessoalmente ao rio Napo para supervisionar os preparativos e o desenvolvimento da experiência.

Efetivamente, na segunda-feira, dia 12 de setembro, às 10h30 da manhã, aproximadamente, desceu ao rio Napo, em frente ao posto, um hidroavião de cor verde com o nome *Dalila* pintado em letras vermelhas na fuselagem, pilotado por um indivíduo que chamam de Louco, e, como passageiros, o capitão Pantoja, vestido à paisana, e uma senhora chamada Chuchupe, que foi preciso carregar no desembarque por estar desmaiada. A razão do seu desvanecimento foi o susto durante o voo rio Itaya-rio Napo, devido aos sacolejos que o vento provocava no avião e ao fato de que o piloto, segundo declaração da acima mencionada, com a intenção de aumentar seu pavor para divertir-se, tenha efetuado constantes, arriscadas e inúteis acrobacias, que seus nervos não puderam suportar. Uma vez que a mencionada senhora se recuperou, tentou, com abuso de palavras e gestos grosseiros, agredir o piloto pelas vias de fato, sendo preciso que o capitão Pantoja interviesse para pôr fim ao incidente.

Apaziguados os ânimos, após um rápido lanche, o capitão Pantoja e sua colaboradora se empenharam em deixar tudo pronto para a experiência, que iria se realizar no dia seguinte, terça-feira, 13 de setembro. Os preparativos foram de duas ordens: de participantes e topográficos. Quanto aos primeiros, o capitão Pantoja, ajudado pelo signatário, estabeleceu uma *lista de usuários*, perguntando para isso, um por um, aos 22 cabos e soldados do posto — os suboficiais foram excluídos — se desejavam beneficiar-se do Serviço de Visitadoras, explicando a índole do mesmo. A primeira reação da tropa foi de incredulidade e desconfiança, e todos responderam que se negavam a participar da experiência, acreditando que se tratava de um estratagema, como acontece quando se pedem: voluntários para ir a Iquitos! e os que dão um passo à frente são mandados a limpar as latrinas. Foi preciso que a mencionada Chuchupe se apresentasse e falasse com os homens em termos maliciosos para que as suspeitas e dúvidas se transformassem, primeiro em grande hilaridade, e depois em uma excitação de tal magnitude que foi preciso que os suboficiais e o signatário agissem com a máxima energia para acalmá-los. Dos 22 cabos e soldados, 21 se inscreveram como candidatos usuários, sendo a exceção o pracinha

Segundo Pachas, que declarou que se abstinha porque a operação se realizaria numa terça-feira 13 e que, sendo supersticioso, tinha certeza de que participar dela lhe daria azar. Por recomendação do enfermeiro de Horcones, foi eliminado também da lista de candidatos a usuários o cabo Urdino Chicote, por estar com uma erupção de sarna, suscetível de propagar-se, por intermédio da respectiva visitadora, ao resto da unidade. De maneira que ficou definitivamente estabelecida uma lista de vinte usuários que, consultados, concordaram que lhes fosse descontada em folha a tarifa fixada pelo SVGPFA como retribuição pelo serviço oferecido.

Quanto aos preparativos topográficos, consistiram fundamentalmente em preparar quatro espaços destinados às visitadoras do primeiro comboio do SVGPFA e se realizaram sob a direção exclusiva da assim chamada Chuchupe. Esta explicou que, como podia chover, esses lugares tinham que ser cobertos e, de preferência, afastados para evitar interferências auditivas ou emulações, o que, infelizmente, não pôde ser conseguido inteiramente. Passadas em revista as instalações cobertas do posto que, como bem sabe o Comando, são escassas, foram escolhidos o depósito de víveres, a sala de rádio e a enfermaria como as mais adequadas. Devido à sua extensão, o depósito de víveres pôde ser dividido em dois compartimentos, utilizando-se como barreira de separação as caixas de comestíveis. A mencionada Chuchupe solicitou depois que em cada local se instalasse uma cama com seu respectivo colchão de palha ou de espuma, ou, em seu lugar, uma rede, com um plástico impermeável destinado a evitar infiltrações e deterioração do material. Foram imediatamente transferidas para os pontos indicados quatro camas (escolhidas por sorteio) do alojamento da tropa, com seus colchões, mas como não foi possível conseguir os plásticos solicitados utilizaram-se as lonas empregadas para cobrir a maquinária e o armamento quando chove. Além disso, uma vez forrados os colchões com as lonas foram instalados mosquiteiros para que os insetos, tão abundantes nesta época, não dificultassem o ato da prestação. Tendo sido impossível dotar cada local do penico que a senhora Chuchupe solicitava, por não dispor o posto de nenhum desses artefatos, foram fornecidos quatro baldes

de forragem. Não houve dificuldade para instalar lavatórios com os respectivos recipientes de água em cada local, nem para prover cada um deles de uma cadeira, caixote ou banco onde colocar a roupa e dois rolos de papel higiênico, solicitando o signatário ao Comando que ordene à Intendência que reponha o mais cedo possível estes últimos elementos, pois são escassas as nossas reservas desse artigo, não havendo numa região tão isolada nada com que substituí-lo, como papel de jornal ou de embrulho, e existindo o antecedente de urticárias e graves irritações cutâneas na tropa pelo uso de folhas de árvores. Além do mais, a denominada Chuchupe afirmou que era indispensável pendurar cortinas que, sem deixar os locais na escuridão total, amortecessem a luz do sol e criassem uma certa penumbra que, pela sua experiência, é o ambiente mais adequado para a prestação. A impossibilidade de conseguir o tecido florido que a senhora Chuchupe sugeria não foi empecilho; o primeiro sargento Esteban Sandora improvisou engenhosamente uma série de cortinas com as mantas e capotes da tropa, que cumpriram bastante bem sua função, deixando os locais na meia-luz requerida. Além disso, para o caso de cair a noite antes que a operação terminasse, a senhora Chuchupe mandou cobrirem os candeeiros com panos de cor vermelha, porque, assegurou, o ambiente avermelhado é o mais conveniente para o ato. Finalmente, a referida senhora, insistindo que os locais deviam ter certo toque feminino, confeccionou ela mesma uns ramalhetes com flores, folhas e caules silvestres, que colheu ajudada por dois praças e colocou artisticamente nas cabeceiras das camas de cada local. Com isto os preparativos ficaram ultimados e só restava esperar a chegada do comboio.

No dia seguinte, terça-feira, 13 de setembro, às 14h15, atracou no cais do Posto de Horcones o primeiro comboio do SVGPFA. Assim que o navio-transporte se tornou visível — recém-pintado de verde e com o nome *Eva* inscrito com grossas letras vermelhas na proa —, a tropa fez um alto nas suas tarefas cotidianas, irrompeu em exclamações de entusiasmo e jogou os quepes para o ar em sinal de boas-vindas. Imediatamente, seguindo as instruções do capitão Pantoja, instalou-se um sistema de vigilância para impedir que

algun elemento civil se aproximasse do posto durante a experiência-piloto, perigo na realidade improvável levando-se em conta que o lugar habitado mais próximo de Horcones é uma tribo de índios quíchuas a dois dias de navegação água acima pelo Napo. Graças à decidida colaboração dos praças, o desembarque transcorreu em total normalidade. O navio-transporte *Eva* era comandado por Carlos Rodríguez Saravia (suboficial da Marinha camuflado de civil) e tinha uma dotação de quatro homens que, por ordem do capitão Pantoja, permaneceram a bordo durante toda a permanência de *Eva* em Horcones. Presidiavam o comboio dois colaboradores civis do capitão Pantoja: Porfirio Wong e um indivíduo apelidado de Chupito. Quanto às quatro visitadoras, cuja aparição na escadinha de desembarque foi saudada com salvas de palmas pela tropa, respondiam pelos seguintes apodos (as quatro se recusaram a informar seus sobrenomes): LALITA, ÍRIS, MAMINHA e SANDRA. Foram imediatamente concentradas pelos chamados Chupito e Chuchupe no depósito de víveres, para descansar e receber instruções, e o denominado Porfirio Wong ficou vigiando a porta. Levando-se em conta a ansiedade que a presença das visitadoras havia provocado nos homens do posto, foi muito oportuno mantê-las aquarteladas até a hora marcada para o começo da operação (às cinco da tarde), porém isso motivou um pequeno contratempo no seio do SVGPFA. Porque, após um tempo de recuperação das fadigas da viagem, as chamadas visitadoras pretenderam deixar o local, alegando que desejavam conhecer as imediações e passear pelo posto. Como não foram autorizadas por seus responsáveis, protestaram ruidosamente com gritos e grosserias e chegaram a tentar forçar a saída. Para mantê-las concentradas foi preciso que o próprio capitão Pantoja entrasse no depósito de víveres. Como curiosidade, diga-se que pouco depois da chegada do comboio o praça Segundo Pachas solicitou que fosse incluído entre os usuários, declarando que estava disposto a desafiar o azar, o que lhe foi negado por estar a lista definitivamente preenchida.

Às 16h55, o capitão Pantoja ordenou que as visitadoras ocupassem suas respectivas posições, que haviam sido sorteadas assim: depósito de víveres, LALITA e MAMINHA; sala de rádio, SANDRA;

enfermaria, ÍRIS. Como supervisores se situaram o próprio capitão Pantoja na porta do depósito de alimentos, o signatário em frente à sala de rádio e o suboficial Marcos Maravilha Ramos diante da enfermaria, cada qual com seu respectivo cronômetro. Às 17 horas em ponto, ou seja, assim que terminaram as tarefas e os serviços da tropa (com exceção da guarda), mandaram os vinte usuários formarem e pediram que indicassem a visitadora da sua preferência. Ocorreu então a primeira dificuldade séria, pois 18 dos vinte se pronunciaram resolutamente pela denominada Maminha e os dois restantes por Íris, com o qual as outras duas ficavam sem candidatos usuários. Consultado sobre a decisão a tomar, o capitão Pantoja sugeriu e o signatário executou a seguinte solução: os cinco homens de melhor comportamento no mês, segundo a folha de serviço, foram dirigidos para a solicitada MAMINHA e os cinco com maior número de punições e advertências para a chamada SANDRA, por ser a de físico mais prejudicado entre as quatro visitadoras (abundaQue solicitantes marcas de varíola). Os outros foram divididos em dois grupos e dirigidos, por sorteio, às posições respectivas de ÍRIS e LALITA. Uma vez formados os quatro grupos de cinco homens, explicou-se brevemente a eles que não poderiam ultrapassar o limite de vinte minutos de permanência no local, tempo máximo de uma prestação normal segundo o regulamento do SVGPFA, e ordenou-se aos que estivessem esperando que mantivessem o maior silêncio e compostura para não perturbar o companheiro em ação. A segunda dificuldade séria surgiu nesse momento, pois todos os homens pelejavam para encabeçar o respectivo grupo a fim de serem os primeiros a obter a prestação de cada visitadora, chegando a registrar-se empurrões e escaramuças verbais. Mais uma vez foi preciso impor a calma e apelar para o sistema do sorteio para determinar a posição nas filas, o que significou um atraso de uns 15 minutos.

Às 17h15 deu-se a ordem de começar. Convém adiantar que, em seu conjunto, a operação-piloto se realizou com todo o sucesso, mais ou menos dentro dos prazos previstos e com um mínimo de transtornos. Quanto ao tempo de permanência com a visitadora tolerado para cada usuário, que o capitão Pantoja temia que fosse

muito curto para uma satisfatória e completa prestação, mostrou-se até excessivo. Por exemplo, eis os tempos empregados pelos cinco usuários do grupo SANDRA que o signatário cronometrou: o primeiro, 8 minutos; o segundo, 12; o terceiro, 16; o quarto, 10, e o quinto, que obteve o recorde, 3 minutos. Tempos semelhantes registraram também os homens de outros grupos. De todo modo, o capitão Pantoja observou que essas marcas só eram válidas relativamente como sintoma geral, já que, pelo isolamento de Horcones, os usuários daqui tinham uma impaciência viril aquartelada por prazos tão longos (alguns, seis meses) e tendiam a ser anormalmente rápidos no ato da prestação. Levando-se em conta que entre uma prestação e outra havia um intervalo de alguns minutos, a fim de que os assim chamados Chupito e Chuchupe trocassem a água dos recipientes de cada local, pode-se concluir que a operação durou menos de duas horas desde o princípio até seu fim. Certos incidentes ocorreram durante a experiência-piloto, mas sem maior gravidade, sendo alguns até mesmo divertidos e úteis para relaxar um pouco a tensão nervosa dos homens que esperavam na fila. Por exemplo, devido a um descuido do radioperador do posto, que diariamente sintoniza a Rádio Amazonas de Iquitos para ouvir o programa *A voz do Sinchi*, que difundimos pelo alto-falante, ao marcarem os relógios 18 horas, a voz desse locutor irrompeu intempestivamente sobre Horcones, pois a emissora estava ajustada para se ligar automaticamente, o que provocou gargalhadas e amenidade entre os homens, sobretudo quando viram aparecer em roupas íntimas a visitadora SANDRA e o primeiro sargento Esteban Sandora, que, por estarem realizando a prestação na sala de rádio, ficaram extremamente sobressaltados com o barulho. Outro breve incidente se produziu quando, aproveitando-se do fato de MAMINHA e LALITA estarem atuando em compartimentos vizinhos no depósito de víveres, o soldado Amelio Sifuentes, da fila de usuários desta última, pretendeu maliciosamente se introduzir no espaço da denominada MAMINHA, aquela que, como o Comando já deve ter percebido, foi a que angariou mais simpatias entre os homens de Horcones. O capitão Pantoja surpreendeu a maliciosa tentativa do soldado Sifuentes e o repreendeu com severidade. No mesmo depósito de

viveres se registrou também outro incidente, que só foi descoberto pelo signatário quando o comboio do SVGPFA já havia partido. É que, durante o tempo dedicado às prestações, ou antes, enquanto as visitadoras estavam concentradas ali, alguém aproveitou a contingência para abrir uma lata de comestíveis e subtrair sete conservas de atum, quatro pacotes de bolachas de água e dois refrigerantes, sem que até o momento tenha sido possível identificar o ou os culpados. Em resumo, e com exceção desses incidentes de menor monta, às sete da noite a operação havia terminado com todo o sucesso e reinava no posto um ambiente de grande satisfação, paz e alegria entre cabos e soldados. O signatário ia se esquecendo de informar que vários usuários, ao terminarem a respectiva prestação, inquiriram se era possível voltar a entrar na fila (na mesma ou numa diferente) para obter uma segunda prestação, o que foi negado pelo capitão Pantoja. Este explicou que seria estudada a possibilidade de autorizar que a prestação se repetisse quando o SVGPFA tivesse alcançado seu máximo volume operacional.

Quando terminou a experiência-piloto, as quatro visitadoras e os colaboradores civis Chupito, Chuchupe e Porfirio Wong embarcaram no *Eva* para regressar ao centro logístico do rio Itaya, enquanto o capitão Pantoja partia no *Dalila*. Por mais que o piloto desse garantias à denominada Chuchupe de que iria dirigir devidamente o aparelho e os incidentes do dia anterior não se repetiriam, esta se negou a regressar de avião. Antes de deixar Horcones, em meio aos aplausos e gestos de reconhecimento de cabos e soldados, o capitão Pantoja agradeceu ao signatário pela ajuda prestada e por sua contribuição ao sucesso da operação-piloto do SVGPFA dizendo que esta experiência, muito proveitosa para ele, iria permitir-lhe aperfeiçoar e programar em detalhes o sistema de trabalho, controle e deslocamento do Serviço de Visitadoras.

Resta apenas submeter à consideração do Comando, junto com este relatório que pretende ser útil, a solicitação assinada pelos quatro suboficiais do Posto de Horcones de que, no futuro, se permita aos postos intermediários serem também usuários do SVGPFA, o que tem recomendação favorável do signatário, devido ao

bom efeito psicológico e físico que a experiência está demonstrando exercer em cabos e soldados.

Deus o guarde.

Assinado:

alferes ALBERTO SANTANA,  
chefe do Posto de Horcones, sobre o rio Napo

16 de setembro de 1956

ADMINISTRAÇÃO, INTENDÊNCIA  
E SERVIÇOS VÁRIOS DO EXÉRCITO

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE E FINANÇAS

*Resolução confidencial Nº 069*

Os oficiais chefes de Intendência ou suboficiais encarregados desta função nos quartéis, acampamentos e postos da Quinta Região Militar (Amazônia) ficam facultados a partir de hoje, 14 de setembro de 1956, a descontar em folha, das remunerações dos soldados e dos haveres dos cabos a remuneração correspondente às prestações oferecidas pelo Serviço de Visitadoras (SVGPFPA). Esses descontos devem se ater estritamente às seguintes disposições:

1. As tarifas por prestação, fixadas pelo SVGPFPA com a anuência do Comando, serão unicamente de dois tipos, em todos os casos e circunstâncias, ou seja:

*Soldados rasos*: vinte (20) soles por prestação.

*Cabos* (incluindo primeiros sargentos): trinta (30) soles por prestação.

2. O limite máximo de prestações mensais admitidas será de 8 (oito), não se fixando limite mínimo.

3. A quantia descontada será entregue pelo oficial de Intendência ou suboficial encarregado ao SVGPFA, organismo que remunerará as visitadoras mensalmente, de acordo com o número de prestações realizadas.

4. Para a verificação e o controle do sistema, será adotado o seguinte procedimento: o oficial de Intendência ou suboficial encarregado receberá com esta Resolução um número adequado de cupons de cartolina, de dois tipos, cada um deles numa das cores simbólicas do SVGPFA e sem qualquer indicação escrita: os vermelhos destinados aos soldados, e, em consequência, cada um valerá vinte (20) soles, e os verdes aos cabos, e, por conseguinte, cada um representará trinta (30) soles. No primeiro dia de cada mês será entregue a cada cabo e soldado da unidade o número de cupons equivalentes ao máximo de prestações a que têm direito, ou seja, oito (8). Cada vez que se beneficiar de uma prestação o usuário entregará um cupom à visitadora. No dia último do mês, o cabo ou soldado devolverá à Intendência os cupons não usados, fazendo-se então o correspondente desconto em função do número de cupons não devolvidos (nos casos de extravio ou perda do cupom, o prejuízo será para a visitadora e não para o SVGPFA).

5. Sendo imprescindível por razões de decoro e moral conservar o máximo de discrição sobre a natureza desta operação contábil, nos livros do quartel, acampamento ou posto os descontos por prestações do SVGPFA estarão camuflados em linguagem cifrada. Para tal fim, o oficial ou suboficial da Intendência poderá usar qualquer das seguintes fórmulas:

- a.* Desconto para gastos de vestuário
- b.* Desconto por deterioração da arma
- c.* Adiantamento por deslocamento familiar
- d.* Desconto por atividades esportivas
- e.* Desconto por sobrealimentação

Esta Resolução N<sup>o</sup> 069 não será exibida nas unidades nem incluída em comunicados ou na Ordem do Dia. O oficial ou suboficial

da Intendência informará verbalmente seu conteúdo aos soldados e cabos da sua unidade, instruindo-os ao mesmo tempo para que mantenham a maior reserva sobre o assunto, por ser suscetível de atrair sombras ou críticas malévolas à instituição.

Assinado:

coronel EZEQUIEL LÓPEZ LÓPEZ,  
chefe do Departamento de Contabilidade e Finanças  
Cumpra-se e distribua-se:

general FELIPE COLLAZOS

Lima, 14 de setembro de 1956

*Missiva do capitão (CCC) Avencio P. Rojas,  
capelão da Unidade de Cavalaria Nº 7 Alfonso Ugarte,  
de Contamana, à Chefia do Corpo de Capelães  
Militares (CCC) da Quinta Região (Amazônia).*

Contamana, 23 de novembro de 1956

Comandante (CCC)  
Godofredo Beltrán Calila  
Iquitos, Loreto

Meu comandante e caro amigo:

Cumpro o dever de lhe informar que, por duas vezes consecutivas no espaço do presente mês, minha unidade recebeu a visita de grupos de prostitutas, oriundas de Iquitos e aqui chegadas de barco, que foram alojadas no quartel e puderam exercer comércio carnal com a tropa à luz do dia e com a total anuência da oficialidade. Entendo que nas duas vezes a equipe de mulheres da vida era capitaneada por um indivíduo disforme e anão, conhecido, dizem, pelo apelido de Chupo ou Pupo nos meios prostibulares de Iquitos. Não posso fornecer maiores detalhes sobre tais fatos, dos quais só tomei conhecimento de ouvido, já que em ambas as ocasiões fui afastado anteriormente daqui pelo major Zegarra Ávalos. Na primeira vez, e sem considerar que ainda estou convalescendo da

hepatite que tantos estragos fez no meu organismo, como o senhor bem sabe, o major me mandou dar a extrema-unção a um fornecedor da unidade, um pescador supostamente moribundo, que reside a oito horas de marcha por uma trilha de lodaçais pestilentos, e que encontrei bêbado e com apenas uma ferida insignificante no braço causada pela mordida de um macaco *shimbillo*. Na segunda vez o major me mandou benzer uma tenda de campanha, refúgio de exploradores, a 14 horas água acima do Huallaga, missão completamente desatinada, como o senhor há de considerar, pois em toda a sua história o Exército jamais teve o costume de benzer instalações como essa, de existência tão precária. Ambas as ordens, evidentemente, eram pretextos para evitar que eu fosse testemunha da transformação da Unidade Nº 7 de Cavalaria em lugar de lenocínio, mas, posso afirmar, por mais doloroso que esse espetáculo fosse para mim, não me causaria as fadigas físicas e a frustração psicológica que esse par de expedições inúteis significou.

Mais uma vez me permito solicitar-lhe, meu querido e respeitado comandante, o obséquio de apoiar, com o peso da influência que seu alto prestígio merecidamente conquistou, meu pedido de transferência para uma unidade mais suportável e onde possa exercer com mais benefício espiritual minha missão de homem de Deus e pastor de almas. Repito, correndo o risco de cansá-lo, que não há força moral nem sistema nervoso que resista às infinitas zombarias e ao escárnio constante de que sou objeto aqui, tanto por parte dos oficiais como da tropa. Todos parecem estar convencidos de que o capelão é a diversão, o bobo da corte desta unidade, e não passa um dia sem que me façam vítima de alguma maldade, às vezes ímpia como encontrar um rato em vez de hóstias no cálice da eucaristia em plena celebração da missa, ou despertar a hilaridade geral porque sem que eu percebesse colaram um desenho obsceno nas minhas costas, ou me convidar para beber uma cerveja que depois acaba sendo urina, e outras coisas ainda mais humilhantes, ofensivas e até perigosas para a minha saúde. Minha suspeita de que o próprio major Zegarra Ávalos instiga e atija estas perfídias contra mim já passou a ser certeza.

Levo esses fatos ao seu conhecimento, solicitando que me faça o obséquio de esclarecer se devo enviar uma denúncia ao Comando Geral da Quinta Região sobre a vinda das rameiras, ou se conviria que o senhor mesmo se encarregasse do problema, ou se, em prol de interesses superiores, convém manter um piedoso silêncio sobre o assunto.

À espera do seu esclarecedor conselho e fazendo votos de que conserve sua boa saúde e melhor ânimo, as saudações muito afetuosas do seu subordinado e amigo,

capitão (CCC) AVENCIO P. ROJAS,  
capelão da Unidade de Cavalaria N<sup>o</sup> 7 Alfonso Ugarte,  
de Contamana. Quinta Região Militar (Amazônia)

*Missiva do comandante (CCC) Godofredo Beltrán Califa,  
chefe do Corpo de Capelães Militares da Quinta Região  
(Amazônia) ao capitão (CCC) Avencio P. Rojas,  
capelão da Unidade de Cavalaria N<sup>o</sup> 7  
Alfonso Ugarte, de Contamana.*

Iquitos, 2 de dezembro de 1956

Capitão (CCC)  
Avencio P. Rojas  
Contamana, Loreto

Capitão:

Mais uma vez devo lamentar que o senhor viva nas nuvens. As delegações femininas que visitaram a Unidade de Cavalaria N<sup>o</sup> 7 Alfonso Ugarte pertencem ao Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins (SVGPFPA), organismo criado e administrado pelo Exército e sobre o qual o senhor e todos os capelães sob meu comando foram informados por mim há vários meses por meio da Circular (CCC) N<sup>o</sup> 04606. A existência do SVGPFPA não alegra em absoluto o Corpo de Capelães Militares, e ainda menos a mim mesmo, mas não preciso lhe recordar que na nossa

instituição onde manda capitão não manda marinheiro e portanto só nos resta fechar os olhos e rogar que Deus ilumine os nossos superiores para que corrijam aquilo que, à luz da religião católica e da ética militar, só pode ser considerado um grave equívoco.

Quanto às queixas que ocupam o resto da sua carta, devo repreendê-lo severamente. O major Zegarra Ávalos é seu superior e corresponde a ele, e não ao senhor, determinar a utilidade ou inutilidade das missões que lhe confiam. Sua obrigação é cumpri-las com a maior celeridade e eficácia possíveis. Em relação às zombarias de que é objeto, e que, evidentemente, deploro, responsabilizo por elas tanto, e possivelmente mais, a sua falta de personalidade quanto os maus instintos dos outros. Será preciso recordar que compete ao senhor, mais que a qualquer outro, fazer-se tratar com a alta deferência que exige sua dupla condição de sacerdote e de soldado? Só uma vez na minha vida de capelão, há mais de 15 anos, alguém me faltou ao respeito, e posso garantir que o abusado ainda deve estar esfregando a cara. Usar batina não é usar saia, capitão Rojas, e no Exército não toleramos capelães com propensão feminil. Lamento que, por sua mal-entendida noção da mansidão evangélica, ou por simples pusilanimidade, o senhor contribua para sustentar a abjeta ideia de que nós religiosos não somos homens por inteiro e de pelo no peito, capazes de imitar Cristo, que investiu a chicotadas contra os mercadores que desonravam o Templo.

Mais dignidade e mais coragem, capitão Rojas!

Seu amigo,

comandante (CCC) GODOFREDO BELETRÁN CALILA,  
chefe do CCC da Quinta Região Militar



## V

— ACORDE, Panta — diz Pochita. — Pantita, já são seis horas.

— O cadetinho se mexeu? — esfrega os olhos Panta. — Deixa total na baliguinha.

— Não fale como idiota, o que deu em você para imitar chinês — faz um gesto de chateação Pochita. — Não, não se mexeu. Toque, está sentindo?

— Esses irmãos malucos são uma coisa séria — sacode *El Oriente* Bacacorzo. — Viu o que fizeram em Moronacocha? É para meter bala, cacete. Ainda bem que a polícia está fazendo uma batida em regra.

— Acolde, cadete Pantojita — encosta a orelha no umbigo de Pochita Panta. — Não ouviu a colneta? O que está espelando, acolde, acolde.

— Não gosto de ouvir você falando assim, não vê que estou nervosa com o menininho de Moronacocha? — renega Pochita. — Não me aperte a barriga tão forte, vai machucar o bebê.

— Mas, amor, estou brincando — estica os olhos com dois dedos Panta. — Peguei a maneira de falar de um dos meus ajudantes. Vai se zangar por essa bobagem? Vem, me dê um beijinho.

— Tenho medo de que o cadete tenha morrido — aperta a barriga Pochita. — Não se mexeu ontem à noite, não se mexe agora de manhã. Está acontecendo alguma coisa, Panta.

— Nunca vi uma gravidez tão normal, senhora Pantoja — tranquiliza o doutor Arizmendi. — Tudo está muito bem, não se preocupe. Só uma coisa, a senhora precisa cuidar dos nervos. E para isso, já sabe, não pensar nem falar na tragédia de Moronacocha.

— Bom, levante-se pala fazel os exelcícios, senhol Pantoja — pula da cama Panta. — Vamos, vamos.

— Odeio você, desapareça, por que nunca faz o que eu peço? — joga um travesseiro Pochita. — Não fale feito chinês, Panta.

— É que estou contente, *chola*, as coisas estão indo bem — abre e fecha os braços, se levanta e se agacha Panta. — Nunca pensei

que conseguiria cumprir a missão que o Exército me deu. E em seis meses progredi tanto que eu mesmo me espanto.

— No começo você não gostava de ser agente secreto, tinha pesadelos, chorava e gritava dormindo — provoca Pochita. — Mas agora estou vendo que adora o Serviço de Inteligência.

— Claro que estou a par desse horror — admite o capitão Pantoja. — Imagine que a minha pobre mãe chegou a ver o espetáculo, Bacacorso. Desmaiou de susto, é óbvio, e passou três dias numa clínica, em tratamento médico, com os nervos estraçalhados.

— Você não tinha que sair às seis e meia, filhinho? — mostra a cabeça a senhora Leonor. — Seu café está na mesa.

— Tomo um banho num instante, mãezinha — faz flexões, boxeia com a própria sombra, pula corda Panta. — Bom dia, senhora Leonor.

— O que há com seu marido que está desse jeito — se surpreende a senhora Leonor. — Você e eu com o coração na mão pelo que aconteceu na cidade, e ele mais alegre que um canário.

— O segredo é a Blasileila — murmura o China Porfirio. — Julio, Chuchupe. Ele a conheceu ontem à noite, no cabalé do Aladino Pandulo, e ficou vesgo. Não conseguia disfalçar, os olhos dele vilavam de tanta admilação. Desta vez ele caiu, Chuchupe.

— Ela continua tão bonita ou já piorou um pouco? — diz Chuchupe. — Não a vejo desde que foi para Manaus. Na época não se chamava Brasileira, só Olguinha.

— Bonita de cail pla tlás, e além dos olhos, dos peitinhos e das pelnas, que a vida toda folam de tilal o chapéu, agola está com uma bunda magnífica — assobia, apalpa o ar o China Porfirio. — Dá pla entendel pol que dois calas se matalam pol ela.

— Dois? — nega com a cabeça Chuchupe. — Só o gringuinho missionário, que eu saiba.

— E o estudante, meu bem? — enfia o dedo no nariz Chupito. — O filho do prefeito, o afogado de Moronacocha. Também se suicidou por causa dela.

— Não, esse foi acidente — puxa a mão do outro e lhe dá um lenço Chuchupe. — O moleque já estava conformado, vinha de novo à Casa Chuchupe e se distraía com as garotas muito bem.

— Mas na cama chamava todas de Olguinha — assoa o nariz e devolve o lenço Chupito. — Lembra como a gente se divertia espionando, meu bem? Ele se ajoelhava e beijava os pés das garotas imaginando que eram dela. E se matou por amor, tenho certeza.

— Eu sei por que você duvida, mulhel de gelo — bate no peito o China Porfirio. — Porque falta a você o que sobra a Chupón e a mim: colação.

— Coitada, estou com pena da senhora, dona Leonor — se estremece Pochita. — Se eu, que só sei do crime por ouvir e ler, ainda tenho pesadelos e acordo pensando que estão crucificando o cadetinho, a senhora deve estar meio transtornada, depois de ver a criança com seus próprios olhos. Ai, dona Leonor, falo disso e fico toda arrepiada, juro.

— Essa Olguinha é um caso sério, passou a vida fazendo estragos — filosofa Chuchupe. — E assim que volta de Manaus é surpreendida trabalhando em plena matinê do cinema Bolognesi com um tenente da Guarda Civil. As coisas que não deve ter feito no Brasil!

— Uma mulher de arrasar, como eu gosto — morde os lábios Chupito. — Bem servida de cima a baixo, um álamo de tão alta e parece que é até inteligente.

— Quer que eu afogue você no rio, seu feto de piolho? — e o empurra Chuchupe.

— Era brincadeira, para provocar você, meu bem — pula, lhe dá um beijo, solta uma gargalhada Chupito. — Para meu coraçãozinho só existe você. As outras, só vejo com os olhos da profissão.

— E o senhor Pantoja já a contratou? — pergunta Chuchupe. — Seria bom vê-lo cair afinal nas malhas de uma mulher: os apaixonados sempre ficam mais moles. Ele é severo demais, precisa mudar.

— Quel, mas o dinheilo não dá — boceja o China Porfirio. — Ah, que sono, a única coisa que não me aglada no Selviço são essas levantadas de madrugada. Chegam as galotas, Chupón.

— Eu podia ter percebido desde que saltei do táxi — batem os dentes da senhora Leonor. — Mas não percebi, Pochita, apesar de ter achado a Arca mais cheia que outras vezes e que todo mundo

estava, sei lá, meio histérico. Rezavam, choravam em altos brados, havia eletricidade no ar. E, ainda por cima, aqueles trovões e relâmpagos.

— Bom dia, visitadoras contentes e felizes — canta Chupito. — Vamos lá, formar fila para o exame médico. Por ordem de chegada e sem brigas. Como no quartel, como o Pan-Pan gosta.

— Que olhos de noite em clalo, Pichuza — belisca sua bochecha o China Porfirio. — Nota-se que o Selviço não está sendo suficiente.

— Se continuar trabalhando por conta própria não vai durar muito aqui — adverte Chuchupe. — Já ouviu o Pan-Pan dizer mil vezes.

— Há incompatibilidade entre visitadora e puta, com perdão da má palavra — sentencia o senhor Pantoja. — Vocês são funcionárias civis do Exército e não traficantes de sexo.

— Mas eu não fiz nada, Chuchupe — mostra as unhas para Porfirio, dá uma palmada no próprio traseiro, bate o pé Pichuza. — Estou com esta cara porque estou gripada e não dormi bem.

— Não fale mais disso, senhora Leonor — abraça a sogra Pochita. — O médico lhe recomendou que não pense nesse menino, e a mim também, lembre-se. Meu Deus, pobre criança. Tem certeza que já estava mortinha quando a viu? Ou ainda agonizava?

— Jurei que não ia mais fazer exame médico e não vou, Chupo — bota as mãos nas cadeiras Maminha. — Esse enfermeiro é um espertinho, em mim não encosta mais um dedo.

— Então encosto eu — grita Chupito. — Não leu esse cartaz? Leia, leia, que merda diz?

— “As ordens devem ser obedecidas sem questionamentos nem falatório” — lê Chuchupe.

— Não leu este outro? — grita o China Porfirio. — Já está há mais de um mês pendulado aí.

— “Só se discute uma ordem depois de cumpri-la” — lê Chuchupe.

— Não li porque não sei ler — ri Maminha. — E com muita honra.

— Maminha tem razão, Chuchupe — avança Peludita. — Aquele camarada é muito abusado, o exame médico é o truque que usa para se aproveitar. Com a conversa de procurar doenças, mete a mão até no cérebro da gente.

— Na última vez tive que lhe dar um sopapo — coça as costas Coca. — O sujeito me deu uma mordidinha aqui, bem onde sinto esses arrepios que você sabe.

— Em fila, em fila e sem reclamação porque o enfermeiro também tem um coraçãozinho — dá palmadas, sorri, pastoreia Chuchupe. — Não sejam ingratas, o que vocês querem mais, o Serviço já manda examinar vocês e as mantém sempre saudáveis.

— Façam fila e vamos entrando, chuchupitas! — ordena Chupito. — Pan-Pan quer que os comboios estejam prontos para partir assim que ele chegar.

— Sim, acho que já estava, não dizem que o pregaram quando o aguaceiro começou? — treme a voz da senhora Leonor. — Pelo menos, quando eu vi o menino não se movia nem chorava. E olhe que o vi de muito, de muito perto.

— Transmitiu meu pedido ao general Scavino? — mira em uma garça que está tomando sol no galho de uma árvore, atira e erra o capitão Pantoja. — Ele aceitou me receber?

— Esteja no Comando às dez da manhã — observa o animal se afastar frenético batendo asas sobre as árvores o tenente Bacacorzo. — Mas aceitou de má vontade, você sabe que o Serviço de Visitadoras nunca teve a aprovação dele.

— Sei muito bem, em sete meses só o vi uma vez — torna a levantar a espingarda, atira na carcaça vazia de uma tartaruga e a faz pular no chão o capitão Pantoja. — Você acha justo, Bacacorzo? Além de ter que enfrentar uma missão difícil, Scavino ainda implica comigo, acha que sou um personagem tenebroso. Como se eu tivesse inventado o Serviço.

— Não inventou, mas tem feito maravilhas com ele, capitão — tampa os ouvidos o tenente Bacacorzo. — O Serviço de Visitadoras já é uma realidade e nas guarnições não apenas é aprovado mas também aclamado. Deve se sentir satisfeito com sua obra.

— Ainda não, que esperança — joga fora os cartuchos vazios, limpa a testa, torna a carregar a espingarda e a entrega ao tenente o capitão Pantoja. — Você não está vendo? A situação é dramática. À custa de economias e de grandes esforços, chegamos a

quinhentas prestações semanais. Isso nos enlouquece, nos deixa sem ar. E sabe que demanda deveríamos cobrir? Dez mil, Bacacorzo!

— Dê tempo ao tempo — aponta rapidamente para um arbusto, dispara e mata uma pomba o tenente Bacacorzo. — Tenho certeza de que, com sua tenacidade e seu sistema de trabalho, vai conseguir chegar a essas dez mil fodas, meu capitão.

— Dez mil semanais? — franze a testa o general Scavino. — É um exagero delirante, Pantoja.

— Não, general — se colorem as bochechas do capitão Pantoja. — Uma estatística científica. Veja estes organogramas. É um cálculo cuidadoso e, mais que isso, conservador. Aqui, olhe: dez mil prestações semanais correspondem à “necessidade psicológico-biológica primária”. Se tentássemos cobrir a “plenitude viril” de cabos e soldados, o número seria de 53.200 prestações semanais.

— É verdade que o pobre anjinho ainda sangrava nas mãozinhas e nos pezinhos, dona Leonor? — balbucia, arregala os olhos e a boca Pochita. — Que todos os irmãos e irmãs se molhavam com o sangue que jorrava do corpinho?

— Vou ter uma síncope — ofega o padre Beltrán. — Quem botou na sua cabeça uma aberração dessa? Quem lhe disse que a “plenitude viril” só se atinge fornicando?

— Os mais destacados sexólogos, biólogos e psicólogos, padre — abaixa os olhos o capitão Pantoja.

— Já lhe disse para me chamar de comandante, porra! — ruga o padre Beltrán.

— Desculpe, comandante — bate os calcanhares, se atrapalha, abre uma maleta, tira papéis o capitão Pantoja. — Eu me permiti trazer estas informações. São passagens de obras de Freud, de Havelock Ellis, de Wilhelm Steckel, de *Seleções* e do doutor Alberto Seguí, nosso conterrâneo. Se preferir consultar os livros, estão na biblioteca do centro logístico.

— Porque, além de mulheres, ele também distribui pornografia nos quartéis — bate na mesa o padre Beltrán. — Sei muito bem, capitão Pantoja. Na guarnição de Borja, aquele seu ajudante anão distribuiu estas imundícies: *Duas noites de prazer* e *Vida, paixão e amores de Maria, a Tarântula*.

— Com a intenção de acelerar a ereção dos praças e ganhar tempo, comandante — explica o capitão Pantoja. — Agora fazemos isso regularmente. O problema é que não temos material suficiente. São edições baratas, que se deterioram ao primeiro manuseio.

— Estava de olhinhos fechados, a cabecinha caída sobre o coração, como um Cristo pequeno — junta as mãos a senhora Leonor. — De longe parecia um macaquinho, mas aquele corpo tão branco me chamou a atenção. Fui me aproximando, cheguei ao pé da cruz e então percebi. Ai, Pochita, mesmo quando estiver morrendo ainda vou ver o pobre anjinho.

— Quer dizer que não foi só uma vez, nem iniciativa desse anão satânico — arqueja, sua, se sufoca o padre Beltrán. — É o próprio Serviço de Visitadoras que dá esses folhetos aos soldados.

— Emprestamos, não há verba para dar — esclarece o capitão Pantoja. — Um comboio de três a quatro visitadoras tem que despachar, numa jornada, cinquenta, sessenta, oitenta clientes. Os livrinhos deram bom resultado e por isso os usamos. O soldado que vai lendo estes folhetos enquanto está na fila termina a prestação dois a três minutos antes que o que não leu. Está tudo explicado nos informes do Serviço, comandante.

— Vou ter que ouvir de tudo antes de morrer, meu Deus — passa a mão no cabide, pega o seu quepe, põe na cabeça e se perfila o padre Beltrán. — Nunca imaginei que o Exército da minha Pátria cairia em semelhante podridão. Esta reunião é muito lamentável para mim. Permita que eu me retire, general.

— Pode ir, comandante — bate uma continência o general Scavino. — Veja em que estado o maldito Serviço de Visitadoras deixa o Beltrán, Pantoja. E ele tem razão, é claro. Quero lhe pedir que no futuro nos poupe dos detalhes acidentados do seu trabalho.

— Sinto muito pelo que aconteceu com sua sogra, Pochita — destampa a panela, prova com a ponta da colher, sorri, apaga o fogo Alicia. — Deve ter sido terrível para ela ver aquilo. Continua sendo irmã? Não foi incomodada? Parece que a polícia está prendendo todo o pessoal da Arca, em busca dos culpados.

— Para que pediu esta reunião? Já sabe que não quero vê-lo aqui — consulta o relógio o general Scavino. — Quanto mais claro e mais

breve, melhor.

— Fomos totalmente ultrapassados — se angustia o capitão Pantoja. — Fazemos esforços sobre-humanos para ficar à altura das nossas responsabilidades. Mas é impossível. Pelo rádio, pelo telefone, por carta nos acoçam com solicitações que não estamos em condições de atender.

— Que merda é essa, em três semanas não veio um só comboio de visitadoras a Borja — se enfurece, sacode o fone, grita o coronel Peter Casahuanqui. — O senhor deixou meus homens melancólicos, capitão Pantoja, vou reclamar com o Comando.

— Pedi um comboio e me mandaram uma amostra — mordisca a unha do dedo mindinho, cospe, fica indignado o coronel Máximo Dávila. — A senhora acha que duas visitadoras podem atender a 130 soldados e 18 cabos?

— E o que você quer que eu faça se não há mais garotas disponíveis — gesticula, enche de saliva o aparelho de rádio Chuchupe. — Que eu bote putas como as galinhas botam ovos? Além do mais, nós mandamos só duas, mas uma delas era a Maminha, que vale por dez. E, por último, desde quando você me trata de senhora, Jacaré?

— Vou protestar junto ao Comando da Quinta Região por suas discriminações e preferências, ponto — dita o coronel Augusto Valdés. — A guarnição de rio Santiago recebe um comboio a cada semana e eu um a cada mês, ponto. Se pensa que os homens da artilharia são menos homens que os da infantaria, vírgula, estou disposto a lhe demonstrar o contrário, vírgula, capitão Pantoja.

— Não, minha sogra não foi incomodada, mas Panta teve que ir à delegacia para explicar que a senhora Leonor não tinha nada a ver com o crime — Pochita também prova a sopa e exclama está ótima, Alicia. — E um policial veio à nossa casa fazer perguntas sobre o que ela tinha visto. Que irmã que nada, ela não quer nem ouvir falar da Arca e se pudesse crucificaria o Irmão Francisco pelo mau pedaço que passou.

— Sei disso muito bem e fico triste — aceita o general Scavino. — Mas não me surpreende, quando a gente brinca com fogo acaba se queimando. O pessoal se viciou e, naturalmente, quer mais e mais.

O erro foi começar. Agora não se pode parar a avalanche, todo dia vão aumentar os pedidos.

— E todo dia vou poder atender menos, general — se aflige o capitão Pantoja. — Minhas colaboradoras estão exaustas e não posso exigir mais, corro o risco de perdê-las. É imprescindível que o Serviço cresça. Peço autorização para ampliar a unidade para 15 visitadoras.

— No que me diz respeito, negada — resmunga, fecha o rosto, esfrega a careca o general Scavino. — Infelizmente, a última palavra é dos estrategistas de Lima. Transmitirei seu pedido, mas com recomendação negativa. Dez meretrizes com salário do Exército são mais do que suficientes.

— Preparei estes informes, avaliações e organogramas sobre a ampliação — desdobra cartolinas, aponta, sublinha, se esforça o capitão Pantoja. — É um estudo muito cuidadoso, passei muitas noites em claro. Observe, general: com um aumento orçamentário de 22%, dinamizaríamos o volume operacional em 60%: de 500 a 800 prestações semanais.

— Concedido, Scavino — decide o Tigre Collazos. — O investimento vale a pena. É mais barato e mais efetivo que o brometo no rancho, que nunca deu resultado. Os informes falam por si só: desde que o SVGPFA entrou em operação diminuíram os incidentes nos povoados e a tropa está mais contente. Vamos deixar que ele recrute essas cinco visitadoras.

— Mas e a Aviação, Tigre? — se mexe na cadeira, se levanta, volta a sentar-se o general Scavino. — Não vê que toda a Força Aérea está contra? Eles nos deram a entender várias vezes que desaprovam o Serviço de Visitadoras. Também há oficiais do Exército e da Marinha que pensam assim: esse organismo não combina com as Forças Armadas.

— Minha pobre mãe se afeiçoou a esses doidos da Arca, senhor comissário — balança envergonhado a cabeça o capitão Pantoja. — Ia de vez em quando a Moronacocha para encontrá-los e levar umas roupinhas para as crianças. Uma coisa esquisita, sabe?, ela nunca foi muito chegada à religião. Mas essa experiência a curou, garanto.

— Dê logo o dinheiro a ele, carola, e não resmungue tanto — ri o Tigre Collazos. — Pantoja está trabalhando bem e nós temos que apoiá-lo. E diga a ele que escolha umas novas recrutas bem gostosas, não esqueça.

— A notícia me dá uma alegria imensa, Bacacorso — respira fundo o capitão Pantoja. — Esse reforço vai tirar o Serviço de um grande aperto, estávamos à beira do colapso por excesso de trabalho.

— Pois é, ele fez a sua vontade, pode contratar mais cinco — entrega um comunicado, faz Pantoja assinar um recibo o tenente Bacacorso. — Não importa que Scavino e Beltrán sejam contra se os chefões de Lima, como Collazos e Victoria, apoiam a ideia.

— Naturalmente que não incomodaremos a senhora sua mãe, não se preocupe, capitão — pega-o pelo braço, vai com ele até a porta, aperta sua mão, faz um gesto de adeus o delegado. — Confesso que vai ser difícil encontrar os crucificadores. Prendemos 150 irmãs e 76 irmãos e todos dizem a mesma coisa. Sabe quem crucificou o menino? Sim. Quem? Eu. Um por todos e todos por um, como em *Os três mosqueteiros*, aquele filme do Cantinflas, já viu?

— Além do mais, isso vai me permitir uma mudança qualitativa no Serviço — relê o comunicado, acaricia-o com a gema dos dedos, dilata o nariz o capitão Pantoja. — Até agora eu escolhia o pessoal por fatores funcionais, era apenas questão de rendimento. Agora, pela primeira vez vai entrar em jogo o fator estético-artístico.

— Carambolas — aplaude o tenente Bacacorso. — Quer dizer que encontrou uma Vênus de Milo aqui em Iquitos?

— Mas com os braços inteiros e uma carinha de ressuscitar cadáveres — tosse, pisca, coça a orelha o capitão Pantoja. — Desculpe, mas tenho que ir. Minha mulher está no ginecologista e quero saber o que ele disse. Só faltam dois meses para o cadetinho nascer.

— E se em vez de cadetinho nascer uma visitadorazinha, senhor Pantoja? — começa a rir, cala, se assusta Chuchupe. — Não se aborreça, não me olhe assim. Ah, não se pode nem fazer uma brincadeira, o senhor é sério demais para a sua idade.

— Não leu este lema, logo você que deve dar o exemplo aqui? — aponta para a parede o senhor Pantoja.

— “Nem brincadeiras nem piadas durante o Serviço”, meu bem — lê Chupito.

— Por que a unidade não está pronta para a inspeção? — olha à direita e à esquerda, estala a língua o senhor Pantoja. — Terminaram o exame médico? O que estão esperando para mandar formar e fazer a chamada?

— Formem fila, visitadoras! — faz um megafone com as mãos Chupito.

— Voando, meninas! — faz coro o China Porfirio.

— E agora digam seus nomes e números — bate o pé no chão entre as visitadoras Chupito. — Vamos, vamos, de uma vez.

— Um, Rita!

— Dois, Penélope!

— Três, Coca!

— Quatro, Pichuza!

— Cinco, Maminha!

— Seis, Lalita!

— Sete, Sandra!

— Oito, Maclovia!

— Nove, Íris!

— Dez, Peludita!

— Inteilinhas e completas, senhol Pantoja — se inclina numa reverência o China Porfirio.

— Perdeu a superstição, mas está virando beata, Panta — risca uma cruz no ar Pochita. — Sabe para onde eram as escapadas da sua mãe que nos deixavam tão intrigados? Para a igreja de Santo Agostinho.

— Relatório do serviço médico — ordena Pantaleão Pantoja.

— “Realizado o exame, todas as visitadoras se acham em condições de entrar em operação” — decifra Chupito. — “A chamada Coca apresenta alguns hematomas nas costas e nos braços que talvez prejudiquem seu rendimento no trabalho. Assinado: assistente sanitário do SVGPFA.”

— Mentira, esse desgraçado me odeia pelo sopapo que lhe dei, quer se vingar — abaixa o fecho, mostra o ombro, o braço, olha para a enfermaria com ódio Coca. — Só tenho uns arranhõezinhos que o meu gato me fez, senhor Pantoja.

— Bem, em todo caso é melhor assim, *chola* — se encolhe sob os lençóis Panta. — Se com a idade ela abraçou a religião, melhor que seja a verdadeira e não essas crendices bárbaras.

— Um gato que se chama Juanito Marcano e é igualzinho a Jorge Mistral — sussurra Maminha no ouvido de Rita.

— Bem que você gostaria de ficar com ele, nem que fosse para aparecer nas Festas Pátrias — ziguezagueia como uma serpente Coca. — Tetas de porca.

— Dez soles de multa para Coca e Maminha por falar na fila — não perde a calma, apanha um lápis, um caderno o senhor Pantoja. — Se acha que está em condições de participar do comboio, pode ir, Coca, já que o serviço sanitário autorizou, portanto não fique histérica. E agora, plano de trabalho do dia.

— Três comboios, dois de 48 horas e um que volta esta mesma noite — emerge de trás da formação Chuchupe. — Já sorteei com palitos, senhor Pantoja. Um comboio de três garotas para o acampamento de Porto América, no rio Morona.

— Quem comanda e quem integra — molha a ponta do lápis nos lábios e anota Pantaleão Pantoja.

— Quem comanda é este cristão aqui e vão comigo Coca, Pichuza e Sandra — comunica Chupito. — O Louco já está dando a mamadeira para *Dalila*, vamos poder partir em dez minutos.

— Diga ao Louco que se comporte bem e não faça as travessuras de sempre, senhor Pan-Pan — aponta para o hidroavião que balança no rio e para a figurinha que o cavalga Sandra. — Sabe, se eu morrer, quem sai perdendo é o senhor. Vou lhe deixar minhas filhinhas de herança. E tenho seis.

— Dez soles para Sandra, pelo mesmo motivo que as outras — ergue o indicador, escreve Pantaleão Pantoja. — Leve o seu comboio para o cais, Chupito. Boa viagem, e vamos trabalhar com vontade e convicção, meninas.

— Comboio para Porto América, já fomos — manda Chupito. — Peguem suas maletas. E, agora, para o *Dalila*, voando, chuchupitas.

— Os comboios dois e três saem no *Eva* dentro de uma hora — informa Chuchupe. — No dois, Bárbara, Peludita, Penélope e Lalita. Eu as levo para a Guarnição Bolognesi, no rio Mazán.

— E se depois de tanto susto, por causa do menino crucificado, o cadete nascer com defeito? — soluça Pochita. — Que tragédia horrível seria, Panta.

— E o telceilo vai comigo lio acima, até Campo Yavalí — corta o ar com a mão o China Porfirio. — A volta na quinta-feira ao meio-dia, senhol Pantoja.

— Bem, vão embarcando e comportem-se direitinho — se despede das visitadoras Pantaleão Pantoja. — China e Chuchupe, venham um instante ao meu escritório. Tenho que falar com vocês.

— Cinco garotas mais? Que boa notícia, senhor Pantoja — esfrega as mãos Chuchupe. — Assim que este comboio voltar, eu as consigo. Não vai haver dificuldade, chovem interessadas. Já disse, nós estamos ficando famosos.

— Muito errado, nós não devemos sair da clandestinidade — mostra o cartaz que diz “Em boca fechada não entram moscas” Pantaleão Pantoja. — Prefiro que traga umas dez candidatas, para eu escolher as cinco melhores. Quatro, na realidade, porque a outra, pensei...

— Em Olguinha a Blasileila! — esculpe seios, quadris, coxas o China Porfirio. — Uma ideia luminosa, senhol Pan-Pan. Esse monumento vai nos dar fama. Volto da viagem e na mesma hora vou falar com ela.

— Vá agorinha e traga-a logo aqui — se ruboriza, muda a voz Pantaleão Pantoja. — Antes que o Moquitos a chame para seus bordéis. Você ainda tem uma hora, China.

— Que apressadinho, senhor Pantoja — exala geleia, açúcar, merengue Chuchupe. — Até que gostaria de voltar a ver a cara da bela Olguinha.

— Acalme-se, meu amor, não pense mais nisso — se preocupa, corta um papelão, que rabisca e pendura Panta. — A partir de agora, é categoricamente proibido nesta casa falar do menino crucificado e

dos loucos da Arca. E, para que você também não se esqueça, mamãe, vou pendurar um cartaz.

— Prazer em vê-lo outra vez, senhor Pantoja — come tudo com os olhos, se curva, perfuma o ar, pia a Brasileira. — Então esta é a famosa Pantolândia. Nossa, eu tinha ouvido falar tanto daqui e não podia imaginar como seria.

— A famosa o quê? — avança a cabeça, puxa uma cadeira Pantaleão Pantoja. — Sente-se, por favor.

— Pantolândia, é como o pessoal chama isto aqui — abre os braços, mostra as axilas depiladas, ri a Brasileira. — E não só em Iquitos, em toda parte. Ouvi falar da Pantolândia em Manaus. Que nomezinho esquisito, será que vem de Disneylândia?

— Receio que venha de Panta — observa a mulher de alto a baixo, de lado a lado, sorri, fica sério, sorri de novo, transpira o senhor Pantoja. — Mas você não é Brasileira, é peruana, certo? Por sua maneira de falar, pelo menos.

— Eu nasci aqui, recebi este apelido porque morei em Manaus — se senta, sobe a saia, pega um estojo, passa pó no nariz, nas covinhas das bochechas a Brasileira. — Mas, como você vê, todos voltam para a terra onde nasceram, como diz a valsa.

— Melhor tirar esse cartaz daí, filhinho — tampa os olhos a senhora Leonor. — Ficar lendo “Proibido falar do mártir” o tempo todo faz com que Pochita e eu não falemos de outra coisa o dia inteirinho. Você tem cada ideia, Panta.

— E o que se diz da Pantolândia? — tamborila na escrivaninha, se balança na cadeira, não sabe o que fazer com as mãos Pantaleão Pantoja. — O que você ouviu por aí?

— Exageram muito, não se pode acreditar nas pessoas — cruza as pernas, os braços, faz denço, pisca, umedece os lábios enquanto fala a Brasileira. — Imagine que em Manaus diziam que era uma cidade de vários quarteirões e com sentinelas armados.

— Bem, não se decepcione, estamos só começando — sorri, se mostra amável, sociável, conversador Pantaleão Pantoja. — Mas é bom saber que, por enquanto, já temos um barco e um hidroavião. Só que não gosto nem um pouco dessa publicidade internacional.

— Diziam que aqui havia trabalho para todas em condições fabulosas — sobe e desce os ombros, brinca com os dedos, bate as pestanas, vibra o pescoço, ondeia os cabelos a Brasileira. — Por isso me entusiasmei e tomei o barco. Em Manaus ficaram oito amigas de uma ótima casa fazendo as malas para vir para a Pantolândia. Vão ter a mesma decepção que eu.

— Se não for incômodo, peço que chame este lugar de centro logístico e não de Pantolândia — se esforça para parecer sério, seguro e funcional o senhor Pantoja. — Porfirio lhe explicou para que chamei você aqui?

— Disse qualquer coisa — franze o nariz, as pestanas, desce as pálpebras, incendeia as pupilas a Brasileira. — É verdade que há possibilidade de trabalho para mim?

— Sim, vamos ampliar o Serviço — se orgulha, contempla um painel com gráficos Pantaleão Pantoja. — Começamos com quatro, depois aumentamos para seis, para oito, para dez, e agora vai haver 15 visitadoras. Quem sabe, algum dia seremos tudo o que se diz.

— Que bom, já pensava em voltar para Manaus porque aqui a situação parecia preta — morde os lábios, limpa a boca, examina as unhas, tira um cisco da saia a Brasileira. — Achei que não tinha causado boa impressão no dia em que nos conhecemos no Lâmpara de Aladino Panduro.

— Engano seu, tive uma boa, ótima impressão — arruma os lápis, os cadernos de anotações, abre e fecha as gavetas do escritório, tosse Pantaleão Pantoja. — Teria contratado você antes, mas o orçamento não permitia.

— E posso saber o salário e as obrigações, senhor Pantoja? — estica o pescoço, faz um buquê com as mãos, trina a Brasileira.

— Três comboios semanais, dois aéreos e um de barco — enumera Pantaleão Pantoja. — E no mínimo dez prestações por comboio.

— Comboios são as viagens aos quartéis? — se assombra, bate palmas, solta uma gargalhada, dá uma piscadela marota, faz escândalo a Brasileira. — E prestações devem ser, ai, que engraçado.

— Agora vou lhe dizer uma coisa, Alicia — beija o santinho do menino mártir a senhora Leonor. — Sim, fizeram uma

monstruosidade sem nome. Mas, no fundo, não era maldade e sim medo. Estavam apavorados com tanta chuva e acharam que com o sacrifício Deus adiaria o fim do mundo. Não queriam machucar o menino, pensavam que o mandariam direto para o céu. Não viu como em todas as arcas que a polícia descobre sempre há altares erguidos para ele?

— Quanto à porcentagem, é 50% do que é descontado dos cabos e soldados — escreve num papel, entrega a ela, explica Pantaleão Pantoja. — Os outros 50% são investidos em manutenção. E agora, mesmo sabendo que não é necessário, porque o que você vale, hmm, está à vista, tenho que cumprir a norma. Tire o vestido um segundo, por favor.

— Ai, que pena — faz cara de tristeza, se levanta, ensaia uns passos de modelo, faz uma careta a Brasileira. — Estou com a minha coisa, senhor Pantoja, veio justamente ontem. Não se importaria de entrar pela porta de serviço, desta vez? No Brasil eles adoram, até preferem.

— Só quero ver você, aprovar a contratação — fica rígido, empalidece, encrespa as sobrancelhas, articula Pantaleão Pantoja. — É o exame de ingresso que todas devem fazer. Você tem uma imaginação ardente.

— Ah, bom, eu já estava pensando onde seria a coisa, porque aqui não há nem sequer um tapete — dá uma batidinha com o pé no assoalho, sorri aliviada, tira a roupa, dobra o vestido, posa a Brasileira. — O que acha? Estou um pouco magrinha, mas numa semana recupero meu peso. Acha que vou fazer sucesso com os soldadinhos?

— Sem a menor dúvida — olha, assente, estremece, pigarreja Pantaleão Pantoja. — Mais que a Maminha, nossa estrela. Bem, aprovada, pode se vestir.

— E não é só isso, dona Leonor — examina a imagem, se benze Alicia. — Imagine que agora, além de santinhos e orações, também começaram a aparecer estátuas do garotinho mártir. E dizem que, em vez de diminuir, agora há mais irmãos da Arca que antes.

— O que estão fazendo aí? — pula do assento, vai aos solavancos até a escadinha, gesticula furioso Pantaleão Pantoja. — Com

autorização de quem? Não sabem que é terminantemente proibido subir ao posto de comando quando faço exames?

— É que um senhor que se chama Sinchi quer vê-lo, senhor Pantoja — gagueja boquiaberto Sinforoso Caiguas.

— Diz que é urgente e muito importante, senhor Panta — observa hipnotizado Palomino Rioalto.

— Fora daqui os dois — obstrui-lhes a visão com seu corpo, bate no corrimão, estica o braço Pantaleão Pantoja. — Esse sujeito que espere. Fora, proibido olhar para trás.

— Ora, não tem problema, eu não me importo, isto aqui não se gasta — vai pondo a anágua, a blusa, a saia a Brasileira. — Quer dizer então que o senhor se chama Panta? Agora entendo o porquê da Pantolândia. Ah, cada ideia que as pessoas têm.

— Meu primeiro nome é Pantaleão, como meu pai e meu avô, dois militares ilustres — se emociona, se aproxima da Brasileira, põe dois dedos nos botões da sua blusa o senhor Pantoja. — Venha, deixe eu ajudar.

— Não poderia me aumentar a porcentagem para 70%? — ronroneia, retrocede até se encostar nele, exala hálito em sua cara, procura com a mão e aperta a Brasileira. — A casa está fazendo uma boa aquisição, vou demonstrar isso quando a coisa acabar. Seja compreensivo, Panta, você não vai se arrepender.

— Solte, solte, não me segure aí — dá um pulinho, se inflama, se envergonha, se irrita Pantaleão Pantoja. — Quero lhe avisar duas coisas: primeiro, não pode me tratar de você, tem que me chamar de senhor, como todas as visitantes. E nunca mais tenha essas confianças comigo.

— Mas sua braguilha estava inchadinha, foi para lhe fazer um favor, não quis ofender — se compunge, lamenta, assusta a Brasileira. — Desculpe, senhor Pantoja, juro que nunca mais.

— Como exceção especialíssima vou lhe dar 60%, considerando que é uma contribuição de categoria para o Serviço — se arrepende, se acalma, acompanha a Brasileira até a escadinha Pantaleão Pantoja. — E, além disso, porque veio de tão longe. Mas não diga uma palavra a ninguém, você me criaria uma confusão terrível com suas colegas.

— Nem um pio, senhor Pantoja, vai ser um segredinho entre nós dois, muitíssimo obrigada — recupera o riso, as graças, os dengues, desce os degraus a Brasileira. — Agora vou embora, estou vendo que tem visita. Quando ninguém estiver ouvindo posso chamá-lo de senhor Pantita? É mais bonito que Pantaleão ou que Pantoja. Bem, adeusinho.

— Claro que acho horrível o que fizeram, Pochita — levanta o mata-moscas, espera uns segundos, bate e vê o cadáver cair no chão a senhora Leonor. — Mas se você os conhecesse como eu, veria que não são maus por natureza. Ignorantes sim, não perversos. Eu os visitei nas suas casas, falei com eles: sapateiros, carpinteiros, pedreiros. A maioria nem sequer sabe ler. Quando viram irmãos eles não se embebedam mais, nem enganam suas mulheres, nem comem carne nem arroz.

— É uma honra, muito prazer, aperte aqui — faz uma reverência japonesa, atravessa o posto de comando como um imperador, suga seu charuto e sopra a fumaça o Sinchi. — Às suas ordens, para o que precisar.

— Bom dia — fareja a atmosfera, fica desconcertado, tem um acesso de tosse Pantaleão Pantoja. — Sente-se. Em que posso ajudá-lo?

— Esse portento de mulher que encontrei na porta me deixou tonto — aponta para a escada, assobia, se entusiasma, fuma o Sinchi. — Caramba, tinham me falado que a Pantolândia era o paraíso das mulheres e vejo que é verdade. Que lindas flores crescem no seu jardim, senhor Pantoja.

— Tenho muito trabalho e não posso perder tempo, de maneira que vamos logo ao que interessa — resmunga, pega um caderno de anotações e tenta dissipar a nuvem que o envolve Pantaleão Pantoja. — Quanto a essa história de Pantolândia, é bom saber que não vejo a graça. Não tenho senso de humor.

— O nome não fui eu que inventei, e sim a fantasia popular — abre as braços e discursa como se estivesse ante uma multidão ruidosa o Sinchi —, a imaginação loretana, sempre tão acerada e rápida, tão engenhosa. Não leve a coisa a mal, senhor Pantoja, é preciso ser sensível às criações populares.

— A senhora está me assustando, dona Leonor — aperta a barriga Pochita. — Apesar de ter saído da Arca, no fundo continua sendo irmã, pelo carinho com que fala deles. Espero que não pense nunca em crucificar o cadetinho.

— O senhor não tem um programa na Rádio Amazonas? — tosse, se sufoca, enxuga os olhos lacrimejantes Pantaleão Pantoja. — Às seis da tarde?

— Eu mesmo, aqui está a famosíssima Voz do Sinchi em pessoa — emposta a voz, empunha um microfone invisível, declama o Sinchi. — Terror de autoridades corruptas, chicote de juízes venais, redemoinho da injustiça, voz que recolhe e prodigaliza pelas ondas as palpitações populares.

— Sim, já ouvi seu programa, bastante popular, não é? — fica em pé, vai em busca de ar puro, respira com força Pantaleão Pantoja. — Muito honrado com sua visita. Qual é o assunto?

— Sou um homem do meu tempo, sem preconceitos, progressista, então venho lhe dar uma mão — se levanta, persegue o outro, cobre-o de fumaça, oferece uns dedos flácidos o Sinchi. — Além disso, simpatizei com o senhor, Pantoja, e sei que podemos ser bons amigos. Eu acredito nas amizades à primeira vista, meu faro não falha. Quero servi-lo.

— Muito agradecido — se deixa sacudir, bater nos ombros, se resigna a voltar para a escrivaninha, a continuar tossindo Pantaleão Pantoja. — Mas, na verdade, não preciso dos seus serviços. Pelo menos por enquanto.

— Isto é o que o senhor acha, homem cândido e inocente — abrange todo o espaço com um gesto, se escandaliza um pouco a sério um pouco na brincadeira o Sinchi. — Neste enclave erótico o senhor vive longe do ruído mundano e, pelo visto, não tem notícia das coisas. Não sabe o que andam dizendo pelas ruas, os perigos que o cercam.

— Disponho de muito pouco tempo, meu senhor — olha a hora, se impacienta Pantaleão Pantoja. — Ou me esclarece de uma vez o que quer ou me faz o favor de ir embora.

— Se você não exigir que ela me peça desculpas, não ponho mais os pés nesta casa — chora, se tranca no seu quarto, não quer

comer, ameaça a senhora Leonor. — Crucificar meu futuro neto! Você acha que vou admitir uma malcriação dessa, por mais nervosa que ela esteja com a gravidez?

— Estou submetido a pressões irresistíveis — aperta o charuto no cinzeiro, esmaga-o, fica aflito o Sinchi. — Donas de casa, pais de família, colégios, instituições culturais, igrejas de toda cor e estilo, até feiticeiras e *ayahuasqueiros*. Sou humano, minha resistência tem um limite.

— Que absurdo é esse, do que está falando — sorri vendo desvanecer-se a última nuvenzinha de fumaça Pantaleão Pantoja. — Não estou entendendo uma palavra, seja mais explícito e vamos logo ao que interessa.

— A cidade quer que eu jogue a Pantolândia na ignomínia e leve o senhor à falência — sintetiza risonhamente o Sinchi. — Não sabia que Iquitos é uma cidade de coração corrompido mas de fachada puritana? O Serviço de Visitadoras é um escândalo que só um sujeito progressista e moderno como eu pode aceitar. O resto da cidade está espantado com esta história e, falando bem claro, quer que eu o destrua.

— Que me destrua? — fica muito sério Pantaleão Pantoja. — Eu! Que aniquile o Serviço de Visitadoras?

— Não existe nada sólido o bastante em toda a Amazônia que *A voz do Sinchi* não possa derrubar — dá um piparote no vazio, sopra, se estufa o Sinchi. — Modéstia à parte, se eu o puser na berlinda, o Serviço de Visitadoras não dura uma semana e o senhor vai ter que sair às carreiras de Iquitos. É a triste realidade, meu amigo.

— Ou seja, veio me ameaçar — se endireita Pantaleão Pantoja.

— Nada disso, muito pelo contrário — dá estocadas fantasmas, aperta o coração como um tenor, conta notas que não existem o Sinchi. — Até agora resisti às pressões por espírito combativo e por uma questão de princípios. Mas, daqui por diante, já que eu também tenho que viver e o ar não alimenta, vou precisar de uma compensação mínima. Não acha justo?

— Ou seja, veio me chantagear — se levanta, se deprime, derruba o cesto de papéis, corre para a escadinha Pantaleão Pantoja.

— Vim ajudá-lo, homem, pergunte e verá a força ciclônica do meu programa — mostra os músculos, se levanta, passeia, gesticula o Sinchi. — Derruba juízes, subprefeitos, casamentos, o que ele ataca se desintegra. Por uns miseráveis soles estou disposto a defender radiofonicamente o Serviço de Visitadoras e seu cérebro criador. A travar a grande batalha pelo senhor, senhor Pantoja.

— Então ela que me peça desculpas, essa velha bruxa que não entende as piadas — quebra xícaras, se joga de bruços na cama, arranha Panta, soluça Pochita. — Você e ela vão acabar me fazendo perder o bebê de tantos ataques de raiva. Acha que eu falei sério, seu idiota? Foi de mentira, de brincadeira.

— Sinforoso! Palomino! — bate palmas, grita Pantaleão Pantoja.  
— Enfermeiro!

— O que foi, não precisa ficar nervoso, acalme-se — fica imóvel, suaviza a voz, olha ao redor alarmado o Sinchi. — Não precisa me responder imediatamente. Faça as suas consultas, averigue quem sou eu e conversamos na próxima semana.

— Tirem este sem-vergonha daqui e joguem no rio — ordena aos homens que aparecem correndo ao pé da escada Pantaleão Pantoja.  
— E não voltem a permitir a entrada dele no centro logístico.

— Espere, não se suicide, não seja inconsciente, eu sou um super-homem em Iquitos — gesticula, empurra, se defende, escorrega, se afasta, desaparece, se molha todo o Sinchi. — Soltem-me, o que significa isto, olhe, o senhor vai se arrepender, senhor Pantoja, eu quero ajudá-lo. Sou seu amigoooo!

— É um grande sem-vergonha, sim, mas até as pedras ouvem o programa dele — espia uma revista largada numa mesa do Lucho's Bar o tenente Bacacorzo. — Espero que esse banho no rio Itaya não lhe cause problemas, capitão.

— Prefiro ter problemas do que aceitar uma chantagem suja — uma manchete perguntando "Sabe quem é e o que faz o Yacuruna?" intriga o capitão Pantoja. — Já informei ao Tigre Collazos e tenho certeza de que ele vai entender. Mas o que me preocupa é outra coisa, Bacacorzo.

— As dez mil prestações, capitão? — "Um príncipe ou demônio das águas que provoca redemoinhos ou saltos nos rios" pode-se a

ler entre os dedos do tenente Bacacorzo. — Subiram a 15 mil com o calorzinho do verão?

— O falatório — “Cavalga na garupa de jacarés ou no dorso das gigantescas jiboias do rio” diz a legenda de uma ilustração sobre a qual inclinou a cabeça o capitão Pantoja. — Não é verdade que se fala muito? Aqui, em Iquitos. Sobre o Serviço, sobre a minha pessoa.

— Esta noite sonhei outra vez a mesma coisa, Panta — toca na têmpera Pochita. — Que crucificavam nós dois, na mesma cruz, um de cada lado. E dona Leonor vinha e nos fincava uma lança, a mim na barriga e a você no pinto. Que sonho doido, não é, amor?

— O senhor é o homem mais famoso da cidade, naturalmente — “Calça os pés com cascos de tartarugas” diz uma frase interrompida pelo cotovelo do tenente Bacacorzo. — O mais odiado pelas mulheres, o mais invejado pelos homens. E Pantolândia, com a sua vênua, é o centro de todas as conversas. Mas, como o senhor não vê ninguém e só vive para o Serviço de Visitadoras, nem se importa.

— Não me importo por mim e sim pela família — “E à noite dorme protegido por cortinas feitas com asas de borboleta” consegue ler por fim o capitão Pantoja. — Minha esposa é muito sensível e no seu estado atual, se descobrir tudo isso, pode ficar muito impressionada. E a minha mãe, nem se fala.

— A propósito de falatórios — joga a revista no chão, se vira, recorda o tenente Bacacorzo. — Quero lhe contar uma história muito engraçada. Scavino recebeu uma comissão de moradores importantes de Nauta, encabeçados pelo prefeito. Trouxeram um abaixo-assinado, há-há.

— Consideramos um privilégio absurdo que o Serviço de Visitadoras seja exclusividade dos quartéis e das bases da Marinha — ajeita os óculos, olha para seus companheiros, adota uma postura solene e lê o prefeito Paiva Runhuí. — Exigimos que todos os cidadãos das abandonadas vilas amazônicas maiores de idade e com certificado militar em dia tenham direito a utilizar esse Serviço, e com as mesmas tarifas reduzidas que os soldados.

— Esse Serviço só existe nas suas mentes doentias, meus amigos — interrompe, sorri, olha para eles com benevolência, com afeto paternal o general Scavino. — Que ideia, pedir uma audiência para

semelhante disparate. Se a imprensa soubesse desse pedido, não duraria muito na prefeitura, senhor Paiva Runhuí.

— Estamos dando mau exemplo aos civis, levando tentações a povoados que viviam numa pureza bíblica — se transtorna o padre Beltrán. — Espero que quando lerem esse abaixo-assinado os estrategistas de Lima fiquem com a cara roxa de vergonha.

— Ouça só isto, Tigre — espreme o telefone, lê o abaixo-assinado com ira o general Scavino. — A notícia já começou a circular, veja só o que está pedindo esse pessoal de Nauta. Vem aí o escândalo que tanto lhe avisei.

— Que contas faz com os dedos — levanta o pedaço de frango e dá uma dentada o tenente Bacacorzo. — Como diz Scavino, vocês da Intendência acabam sempre na loucura matemática.

— Que sacanas, antes protestavam porque a tropa comia suas mulheres e agora porque precisam de mulheres para comer — brinca com um mata-borrão o Tigre Collazos. — Não há como ficarem satisfeitos, eles gostam é de reclamar. Bote essa gente na rua e não receba abaixo-assinados tão idiotas, Scavino.

— Horror dos horrores — pendura o guardanapo no peito, tempera a salada com azeite e vinagre, empunha o garfo e come o capitão Pantoja. — Se ampliassem o Serviço para os civis, levando-se em conta a população masculina da Amazônia, a demanda subiria de dez mil para um milhão de prestações mensais no mínimo.

— Seria preciso importar visitadoras do estrangeiro — liquida os últimos pedaços de carne, deixa o osso branquíssimo, toma um gole de cerveja, limpa a boca e as mãos e delira o tenente Bacacorzo. — A selva se transformaria num enorme bordel, e o senhor, no seu escritório do Itaya, marcaria o tempo desse dilúvio de trepadas com um milhão de cronômetros. Confesse que gostaria, capitão.

— Não imagina o que vi, Pochita — põe a cesta no armário, tira um pacote e oferece a Alicia. — Na padaria de Abdón Lacuna, que é irmão, começaram a fazer pães do mártir de Moronacocho. Chamam de pães-menino, e o pessoal compra aos montes. Trouxe um para você, tome.

— Pedi dez e você me traz vinte — observa da sacada as cabeças lisas, crespas, morenas, ruivas, castanhas Pantaleão Pantoja. —

Pensa que vou passar o dia examinando as candidatas, Chuchupe?

— A culpa não é minha — desce a escadinha segurando o corrimão Chuchupe. — Alguém disse que havia quatro vagas e começaram a aparecer mulheres como moscas, de todos os bairros. Até de San Juan de Munich e de Tamshiyaco vieram. Está pensando o quê, senhor Pantoja, todas as garotas de Iquitos querem trabalhar conosco.

— Na verdade eu não entendo — desce atrás dela olhando para as costas roliças, as nádegas gelatinosas, as panturrilhas bem torneadas Pantaleão Pantoja. — Aqui elas ganham pouco e têm trabalho demais. Qual é o doce que tanto as atrai? O bonitão do Porfirio?

— A segurança, senhor Pantoja — aponta com a cabeça para os vestidos multicoloridos, os grupos que zumbem como enxames Chuchupe. — Na rua não têm segurança alguma. Para as lavadeiras, depois de um dia bom vêm três ruins, elas nunca têm férias nem folga aos domingos.

— E o Moquitos é um explorador nos seus bordéis — faz as mulheres se calarem com um assobio e manda que se aproximem Chupito. — Ele as mata de fome, trata mal, e na primeira reclamação manda logo embora. Não sabe o que é consideração nem humanidade.

— Aqui é diferente — se adoça, apalpa os bolsos Chuchupe. — Sempre há clientes, as jornadas são de oito horas e o senhor mantém tudo tão organizado que elas adoram. Viu que até suportam as multas sem reclamação?

— Para dizer a verdade, no primeiro dia fiquei um pouco cismada — corta, passa manteiga, geleia, morde um pedaço e mastiga a senhora Leonor —, mas o que vou fazer, o pão-menino é o mais gostoso de Iquitos. Não acha, filhinho?

— Bem, vamos selecionar as quatro — decide Pantaleão Pantoja. — O que está esperando, mande logo formarem fila, China.

— Sepalem-se um pouco, moças, pla apalecel melhol — segura braços, pressiona costas, faz avançar, retroceder, virar-se, arruma, mede o China Porfirio. — As baixinhas na flente e as glandonas atlás.

— Aqui estão, senhor Pantoja — pula de um lado para outro, pede silêncio, dá exemplo de seriedade, alinha as mulheres Chupito. — Formadas e bonitinhas. Vamos ver, garotas, virem à direita. Assim, muito bem. Agora à esquerda, mostrem seus lindos perfis.

— Quel que subam uma pol uma ao seu esclitólio plo exame peladinhas, senhol? — se aproxima e sussurra no ouvido de Pantaleão Pantoja o China Porfirio.

— Impossível, levaria a manhã inteira — olha o relógio, reflete, se anima, dá um passo à frente e as encara Pantaleão Pantoja. — Vou fazer uma inspeção coletiva, para ganhar tempo. Ouçam bem, todas: se alguma de vocês tiver problema para se despir em público, saia da fila que depois a vejo. Nenhuma? Melhor assim.

— Todos os homens fora — abre o portão do cais, os enxota, dá empurrões, volta Chuchupe. — Rápido, seus frouxos, não ouviram? Sinforoso, Palomino, enfermeiro, China. Você também, Chupón. Feche essa porta, Pichuza.

— Tirem as saias, blusas e sutiãs, por favor — põe as mãos nas costas e caminha muito grave esquadrinhando, sopesando, comparando Pantaleão Pantoja. — Podem ficar de calcinha, as que estão usando. Agora, meia-volta no mesmo lugar. Isso mesmo. Bem, vamos ver. Uma ruiva, você. Uma morena, você. Uma oriental, você. Uma mulata, você. Pronto, preenchidas as vagas. As outras, deixem o endereço com Chuchupe, talvez haja uma nova oportunidade em breve. Muito obrigado e até a próxima.

— As selecionadas estejam aqui amanhã às nove em ponto para o exame médico — anota ruas e números, acompanha as mulheres até a saída, despede-se Chuchupe. — Bem cheirosinhas, garotas.

— Vamos, vamos, sirvam-se enquanto está bem quentinho, senão não fica gostoso — distribui os pratos de sopa fumegante a senhora Leonor. — É o famoso *timbucho* loretano, finalmente tive coragem de fazer. Como ficou, Pocha?

— Teve bom gosto para escolhê-las, senhor Pan-Pan — sorri com malícia, solta faíscas pelo olhar, canta a Brasileira. — De todas as cores e sabores. Tenho uma curiosidade: vendo tanta mulher pelada, não sente medo de um dia se acostumar e não sentir mais nada pelas mulheres? Dizem que acontece com alguns médicos.

— Está uma delícia, dona Leonor — prova a temperatura com a ponta da língua, toma uma colherada Pochita. — Bem parecido com aquilo que na costa chamamos de *chilcano*.

— Está me gozando, Brasileira? — franze as sobrancelhas Pantaleão Pantoja. — É bom saber que ser um homem sério não é ser um bobalhão, não se confunda.

— A diferença é que os peixes desta sopa são todos do Amazonas e não do oceano Pacífico — torna a encher os pratos a senhora Leonor. — Pirarucu, pacu e tambaqui. Ai, que gostoso.

— É o senhor quem está confundindo as coisas, não estou gozando ninguém, era só uma brincadeira — abaixa as pestanas, requebra o quadril, palpita os seios, modula a Brasileira. — Por que não me deixa ser sua amiga? Quando eu lhe digo alguma coisa o senhor fica logo arisco, Pan-Pan. Cuidado, que eu sou feito caranguejo, adoro ir contra a correnteza. Se continuar me desprezando, vou acabar apaixonada pelo senhor.

— Ufa, que calor — se abana com o guardanapo, controla o pulso Pochita. — Dê aqui o ventilador, Panta. Estou me sufocando.

— Este calor não é por causa do *timbuche*, mas do cadetinho — toca em sua barriga, acaricia seu rosto Panta. — Ele deve estar bocejando, espreguiçando. Quem sabe vai ser esta noite, *chola*. Boa data: 14 de março.

— Tomara que não seja antes de domingo — olha o calendário Pochita. — Depois que a Chichi chegar, quero que ela esteja aqui durante o parto.

— Pelos meus cálculos você ainda está no prazo — transpira, deixa a cara congestionada em frente às hélices sussurrantes a senhora Leonor. — Falta pelo menos uma semana.

— Claro que sim, mamãe, não viu o organograma no meu quarto? Vai ser entre hoje e domingo — chupa as espinhas do peixe, limpa o prato com um pedaço de pão, bebe água Panta. — Você obedeceu o doutor, caminhou um pouco hoje? Com a sua inseparável Alicia?

— Sim, fomos tomar um sorvete na La Favorita — suspira Pochita. — Olhe, venha cá, você sabe que história é essa de Pantolândia, amor?

— História de quê? — se imobilizam as mãos, os olhos, a cara de Pantita. — Como disse, amor?

— É alguma coisa bem suja, imagino — recebe o ar do ventilador suspirando Pochita. — Uns sujeitos fizeram umas gracinhas na La Favorita sobre as mulheres de, olhe só que engraçado, Pantolândia, como se viesse de Panta!

— Atchim, hmmm, pshhh — se engasga, espirra, lacrimeja, tosse Pantita.

— Tome um pouco de água — ampara a sua testa, lhe dá um lenço, levanta seus braços a senhora Leonor. — Isso acontece por comer tão rápido, eu sempre digo. Vamos ver, umas batidinhas nas costas, outro gole de aguinha.



## VI

### SVGPFPA

#### *Instruções para os centros usuários*

O Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins se permite enviar-lhe estas Instruções que, se forem estritamente aplicadas, permitirão à sua unidade aproveitar de maneira racional e frutífera os serviços do SVGPFPA e a este organismo cumprir sua missão com eficácia e rapidez:

1. Quando for avisado pelo SVGPFPA da chegada do comboio, o chefe da unidade providenciará os locais para as visitadoras atuarem, que deverão reunir as seguintes características: cobertos, não contíguos, com cortinas que impeçam olhares indiscretos e proporcionem uma luz fraca ou penumbra, e de lampiões ou lâmpadas dotados de cúpulas vermelhas ou cobertos com panos ou papéis dessa cor caso as prestações sejam noturnas. Cada local estará equipado com: catre, colchão de palha ou espuma, forrado de plástico ou lona impermeável e lençol; cadeira, banco ou prego para deixar as peças de roupa; bacia ou algum recipiente que cumpra suas funções, como balde ou lata grande; lavatório com seu respectivo depósito de água limpa; um sabonete; uma toalha; um rolo de papel higiênico; um irrigador com pera e cânula. Sugere-se acrescentar algum complemento estético feminino, como buquê de flores, gravura ou desenho artístico, para criar uma atmosfera atraente. É conveniente que a unidade tenha esses ambientes preparados antes da chegada das visitadoras, mas para a arrumação o oficial responsável poderá se assessorar com o chefe do comboio, que lhe dará toda a ajuda necessária.

2. O oficial responsável tomará as providências para que o comboio permaneça na unidade o tempo estritamente suficiente para o cumprimento das suas funções e não o estenda sem motivo. Desde a sua chegada até a partida os membros do comboio deverão manter-se dentro do terreno da unidade, não sendo permitido em

nenhum caso ter contato com a população civil das localidades vizinhas nem se relacionar com os cabos e soldados dentro da unidade fora do momento da prestação. Antes e depois da mesma, as visitadoras ficarão aquarteladas nos seus locais de trabalho e não poderão compartilhar os ranchos com a tropa, nem conversar com os soldados, nem visitar as instalações da base. Para que a presença do comboio não seja notada pela população civil das redondezas, é recomendável impedir a entrada na unidade de toda pessoa alheia à mesma durante a permanência das visitadoras. A unidade tem a obrigação de fornecer gratuitamente alojamento e três refeições (café da manhã, almoço e jantar) para todos os integrantes do comboio.

3. É recomendável não anunciar aos cabos e soldados a vinda do comboio até a chegada do mesmo, pois a experiência demonstrou que quando a notícia é comunicada com antecedência, a tropa se deixa levar por uma ansiedade e um nervosismo que dificultam notoriamente o cumprimento das suas obrigações. Assim que o comboio chegar, o chefe da unidade estabelecerá uma lista de usuários, exclusivamente entre cabos e soldados, estando autorizados para isso todos os que se postularem como candidatos. Conhecidas as candidaturas, deve-se eliminar da lista quem padecer de qualquer doença infectocontagiosa, muito especialmente do tipo venéreo (gonorreia, cancro), e os que tenham ácaros, percevejos, piolhos, chatos e demais variedades de anopluros. É recomendável submeter os candidatos a um exame médico.

4. Elaborada a lista de usuários, estes serão informados de quais visitadoras estão presentes e intimados a manifestar suas preferências. Como, a julgar pela experiência, a escolha espontânea nunca permite uma distribuição equitativa de usuários por visitadora, o chefe da unidade utilizará o método que considerar melhor (sorteio, méritos e deméritos segundo a folha de serviço) para dividir os usuários em grupos equivalentes por visitadora, levando em conta que cada uma destas tem o compromisso de fornecer um mínimo de dez prestações em cada unidade. Excepcionalmente, se o número de usuários superar esta cifra, o princípio de equidade e simetria

poderá ser transgredido atribuindo-se um maior número de usuários à visitadora mais solicitada ou menos fatigada do comboio.

5. Estabelecidos os grupos, será feito o sorteio da ordem de entrada de cada usuário nos aposentos e se instalarão controladores na porta dos mesmos. O tempo máximo por prestação é de vinte minutos. Excepcionalmente, nas unidades em que o número de usuários não chegar a cobrir o número mínimo de trabalho das visitadoras (dez prestações) pode-se estender o tempo a trinta minutos, mas em nenhum outro caso. Nas instruções prévias, deve-se advertir aos usuários que a prestação será do tipo considerado normal, não estando obrigada a visitadora a satisfazer qualquer demanda de caráter insólito ou aberrante, fantasias antinaturais, perversões ou caprichos fetichistas. Não se permitirá a nenhum usuário repetir a prestação nem com a mesma nem com outra visitadora.

6. A fim de distrair e preparar os usuários enquanto estiverem esperando sua vez de entrar, o chefe do comboio distribuirá entre eles material impresso adequado, de caráter fotográfico e literário, que deverá ser devolvido aos controladores no ato de ingressar no local onde está a visitadora e no mesmo estado em que o recebeu. A destruição ou deterioração de imagens e textos será sancionada com multas e privação de futuras prestações do SVGPFA.

7. O SVGPFA procurará fazer os comboios chegarem sempre aos centros usuários de modo que as prestações possam se efetuar nas horas mais convenientes (ao entardecer ou à noite), isto é, encerrados os turnos do serviço diurno, mas se isso não for possível, por razões de tempo ou de distância, o chefe da unidade permitirá que as prestações sejam feitas de dia e não deterá o comboio à espera da escuridão.

8. Uma vez terminadas as prestações, o chefe da unidade enviará ao SVGPFA um relatório estatístico, cuidadosamente verificado, com os seguintes dados: (a) número exato de usuários atendidos por cada visitadora; (b) nome e sobrenome de cada usuário com o número da folha de serviço e nota de débito para o correspondente desconto no soldo; (c) um breve relatório sobre o comportamento dos membros do comboio (chefe, visitadoras, pessoal de transporte)

durante sua estada na unidade e (d) crítica construtiva e sugestões para a melhora do SVGPFA.

Assinado:

capitão EP (Intendência) PANTALEÃO PANTOJA

V.B. general EP FELIPE COLLAZOS,

chefe de Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército

### *Informe estatístico*

Lagunas, 2 de setembro de 1957

O capitão EP Alberto J. Mendoza R. tem o agrado de enviar ao SVGPFA o seguinte informe sobre a passagem do comboio N<sup>o</sup> 16 pelo Acampamento Lagunas (rio Huallaga) sob seu comando:

O comboio N<sup>o</sup> 16 chegou ao Acampamento Lagunas no transporte fluvial *Eva*, procedente de Iquitos, na quinta-feira, dia 1<sup>o</sup> de setembro, às 15 horas, e partiu às 19 horas do mesmo dia em direção ao Acampamento Puerto Arturo (no mesmo rio Huallaga). Quem dirigia o comboio era a senhora Leonor Curinchila, Chuchupe, e o integravam as visitadoras Dulce María, Lunita, Pichuza, Bárbara, Penélope e Rita. Conforme as instruções, dividiram-se os 83 usuários em seis grupos (cinco de 14 homens e um de 13) que foram atendidos pelas mencionadas visitadoras dentro dos prazos regulamentares e de maneira inteiramente satisfatória. Considerando que a menos solicitada pela tropa foi a visitadora Dulce María, destinou-se a ela o grupo de 13 homens. Segue em anexo a lista dos 83 usuários com nome, sobrenome, número de folha de serviço e nota de débito para o desconto no soldo. O comportamento do comboio durante sua permanência em Lagunas foi correto. Só se registrou um incidente, na chegada do navio, quando o praça Reinaldino Chumbe Quisqui reconheceu uma irmã materna sua (denominada Lunita) entre as visitadoras, começou a insultá-la e partiu para um ataque corporal, felizmente de leves consequências, antes de ser contido pela guarda. O praça Chumbe Quisqui foi privado da prestação e mandado ao calabouço por seis dias em

regime rigoroso por seus maus bofes e péssimas atitudes, mas logo anistiado dessa segunda parte do castigo por instâncias da sua irmã materna Lunita e das outras visitadoras. O signatário desta se permite sugerir ao SVGPFA, organismo cujo trabalho é elogiado por todos os cabos e soldados, que estude a possibilidade de estender seus serviços aos suboficiais, que tantas vezes o solicitaram, e de criar uma brigada especial de visitadoras de alta categoria para oficiais solteiros ou com a família residindo longe da região onde servem.

S.e.o.

Assinado:

capitão EP ALBERTO J. MENDOZA R.

SVGPFPA

*Informe número quinze*

ASSUNTO GERAL: Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins.

ASSUNTO ESPECÍFICO: Comemoração e balanço do primeiro aniversário e Hino das Visitadoras.

CARACTERÍSTICAS: Secreto.

DATA E LUGAR: Iquitos, 16 de agosto de 1957.

O signatário, capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja, chefe do Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins, respeitosamente se apresenta ao general Felipe Collazos, chefe de Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército, saúda e diz:

1. Que devido à comemoração no dia 4 próximo do primeiro aniversário do SVGPFA, o signatário se permitiu oferecer ao pessoal masculino e feminino deste organismo um singelo almoço de camaradagem no posto do rio Itaya que, para não sobrecarregar o magro orçamento do Serviço, foi preparado por um grupo voluntário de visitadoras sob a direção da nossa chefe de pessoal, dona Leonor

Curinchila, vulgo Chuchupe. Que no transcurso do ágape não só se confraternizou sadiamente, com alegria e bom humor, enquanto se degustavam as excelências da cozinha amazônica — o menu constou da célebre sopa de amendoim da região, o *inchicapi*, *juane* de arroz com frango, sorvetes de *cubiu* e, como bebida, cerveja —, mas também, do mesmo modo, aproveitou-se a comemoração para fazer um alto no caminho, passar em revista o que foi conquistado pelo Serviço no seu primeiro ano de vida e intercambiar apreciações, sugestões e críticas construtivas, sempre com os olhos da mente postos no melhor cumprimento da tarefa que o Exército nos confiou.

2. Que, em suma, o balanço deste primeiro ano do SVGPFA — sintetizado pelo signatário aos seus colaboradores num breve discurso, durante a sobremesa do ágape — contabiliza um total de 62.160 prestações oferecidas pelo Serviço aos cabos e soldados das nossas unidades de fronteira e aos marinheiros das bases navais amazônicas, número que, embora muito inferior à demanda, constitui modestamente um sucesso para o Serviço: esse número prova que, em todos os momentos, o SVGPFA *empregou sua potência operativa ao máximo do seu rendimento* — ambição suprema de toda empresa produtora — como se depreende do fracionamento do total de 62.160 prestações nos seus diversos componentes. Que, de fato, nos dois primeiros meses, quando o SVGPFA contava com apenas quatro visitadoras, o volume de prestações chegou a 4.320, o que dá uma média de 540 prestações mensais por visitadora, ou seja, vinte diárias, marca que (o Comando deve recordar o informe número um enviado pelo signatário) caracteriza as visitadoras de máxima eficiência. Que, no quarto e quinto meses, quando a equipe de visitadoras era de seis membros, as prestações subiram para 6.480, o que dá, também, a média de uma vintena de prestações diárias por unidade de trabalho. Que os quinto, sexto e sétimo meses representam 13.560 prestações, ou seja, ainda uma média diária de vinte para cada uma das oito visitadoras que constituíam o pessoal do SVGPFA. Que no oitavo, nono e décimo meses, o ritmo não se alterou — máximo nível de eficácia —, pois as 16.200 prestações desse trimestre também representam médias de vinte para as dez visitadoras do

SVGPPFA, enquanto nestes dois últimos meses as 21.600 prestações realizadas indicam mais uma vez que as vinte visitadoras com que contamos na atualidade souberam manter essa alta média sem inflexão alguma. Que o signatário se permitiu concluir o breve discurso comemorativo parabenizando o pessoal do SVGPPFA por seu bom comportamento e regularidade no trabalho e exortando-o a redobrar os esforços para atingir metas mais altas de rendimento, no futuro, tanto quantitativa como qualitativamente.

3. Que as visitadoras, num gesto simpático, depois do brinde final ao SVGPPFA, cantaram para o signatário uma pequena obra musical composta secretamente por elas para a ocasião e propuseram que fosse adotada como hino deste Serviço. Que o signatário concordou com a referida solicitação, depois de ouvir o hino interpretado várias vezes e com verdadeiro entusiasmo por todas as visitadoras, medida que espera ver ratificada pelo Comando, levando em conta a conveniência de estimular as iniciativas que, como esta, demonstram interesse e carinho do pessoal pelo organismo de que fazem parte, fomentam o espírito fraternal indispensável para a realização das tarefas conjuntas e revelam moral alta, espírito jovem, e mesmo um tanto de engenho e malícia que, em pequenas doses, naturalmente, são sempre bem-vindos para acrescentar sal e pimenta à tarefa realizada.

4. Que esta é a letra da referida composição, que deve ser entoada com a música da universalmente conhecida *La Raspa*:

#### HINO DAS VISITADORAS

Servir, servir, servir  
O Exército da Nação  
Servir, servir, servir  
Com muita dedicação

Fazer felizes os soldadinhos  
— Vamos voando, chuchupitas! —

E os sargentos e os cabinhos  
É nossa honrosa obrigação

Servir, servir, servir  
O Exército da Nação  
Servir, servir, servir  
Com muita dedicação

Por isso vamos contentes e alegres  
Nos comboios do nosso Serviço  
— sem brigas, sem rebuliço —  
com China, Chuchupe ou Chupón

Servir, servir, servir  
O Exército da Nação  
Servir, servir, servir  
Com muita dedicação

No chão, na rede, no capim  
Do quartel ou acampamento  
Damos beijos, abraços e afins  
Quando o superior determina

Servir, servir, servir  
O Exército da Nação  
Servir, servir, servir  
Com muita dedicação

Cruzamos selvas, rios e vales  
Nem do jaguar, nem do puma nem da onça  
Temos o menor temor  
Porque nos sobra patriotismo  
Fazemos gostoso amor

Servir, servir, servir  
O Exército da Nação  
Servir, servir, servir  
Com muita dedicação

E agora, quietinhas, visitadoras  
Vamos partir e trabalhar  
Dalila está à nossa espera  
E Eva doidinha para zarpar

Adeus, adeus, adeus  
China, Chuchupe e Chupón  
Adeus, adeus, adeus  
Senhor Pantaleão

Deus o guarde.

Assinado:

capitão EP (Intendência) PANTALEÃO PANTOJA

cc. ao general Roger Scavino, comandante em chefe da Quinta Região (Amazônia).

ANOTAÇÃO:

*Comunique-se ao capitão Pantoja que a Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército ratifica apenas provisoriamente sua decisão de reconhecer o Hino das Visitadoras concebido pelo pessoal feminino do SVGPFA, pois preferiria que a referida letra fosse cantada com música de alguma canção do rico acervo folclórico pátrio, em vez de utilizar uma melodia forânea como é La Raspa, sugestão que deverá ser levada em conta no futuro.*

Assinado:

*general FELIPE COLLAZOS,  
chefe de Administração, Intendência  
e Serviços Vários do Exército*

*Mensagem radiofônica em código do alferes EP Alberto*

*Santana, chefe do Posto de Horcones (no rio Napo),  
captada no Acampamento Militar Vargas Guerra de Iquitos  
e transmitida ao destinatário  
(cc. ao Comando da Quinta Região, Amazônia).*

Peço comunicar ao capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja, chefe do Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins, a seguinte mensagem:

1. Em meu nome e no dos suboficiais, cabos e soldados do Posto de Horcones, envio-lhe nossas mais sinceras felicitações pelo nascimento da sua filhinha Gladys e os nossos votos de felicidade e muitos sucessos na vida da jovem herdeira, sendo o atraso desta congratulação ocasionado por só ontem termos sabido do venturoso sucesso, com a chegada do comboio SVGPFA nº 11 a Horcones.

2. Outrossim, em meu nome e no de todos os soldados sob o meu comando, transmito-lhe a nossa mais fraternal solidariedade e nossa repulsa e firme condenação das pérfidas insinuações e venenosas alusões que o programa *A voz do Sinchi*, da Rádio Amazonas, vem fazendo há algum tempo contra o Serviço de Visitadoras, programa este que, como prova da nossa indignação, não será mais ouvido no Posto de Horcones, transmitindo-se agora pelo alto-falante à tropa *Música e cantos de ontem*, da Rádio Nacional.

Muito agradecido,

alferes EP ALBERTO SANTANA,  
chefe do Posto de Horcones (no rio Napo)

*Ofício do chefe da Guarnição de Borja, coronel  
EP Peter Casahuanqui, ao Serviço de  
Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins.*

Borja, 1º de outubro de 1957

O coronel EP Peter Casahuanqui, chefe da Guarnição de Borja, lamenta ter que comunicar ao SVGPFA que, durante a permanência

nesta unidade do comboio N<sup>o</sup> 25, presidido pelo indivíduo apelidado Chupito e integrado pelas visitadoras Coca, Peludita, Flor e Maclovia, permanência que precisou se prolongar por oito dias devido à inclemência do tempo que impediu o hidroavião *Dalila* de decolar nas águas do Marañón, registraram-se alguns incidentes que pormenoriza a seguir:

1. A fim de impedir que as visitadoras, ao terminarem as prestações (efetuadas com normalidade no dia da chegada do comboio), tivessem contatos extrarregulamentares com a tropa, foram todas elas aquarteladas na sala de suboficiais devidamente preparada para isso. Graças a uma oportuna denúncia, esta chefia tomou conhecimento de que o piloto do *Dalila*, vulgo Louco, preparava um negócio ilícito, já que ofereceu aos suboficiais de Borja prestações das mencionadas visitadoras em troca de dinheiro. Surpreendidos durante a noite em plena operação, três suboficiais da unidade receberam punições rigorosas, o elemento cognominado Louco foi trancafiado no calabouço até a partida do comboio e as visitadoras, advertidas.

2. No terceiro dia de permanência do comboio na Guarnição de Borja, apesar da severa vigilância montada em torno do local onde estava concentrado, registrou-se a fuga conjunta da visitadora Maclovia e do chefe da guarda encarregada da proteção do comboio, primeiro-sargento Teófilo Gualino. Imediatamente, tomaram-se as disposições necessárias para a perseguição e captura dos fugitivos que, como se veio a descobrir, tinham se apoderado delituosamente de um deslizador da guarnição. Após dois dias de intensas buscas, os fugitivos foram encontrados na localidade de Santa María de Nieva, onde receberam proteção e amparo num refúgio clandestino dos irmãos da Arca, depois de atravessar milagrosamente, levando-se em conta o tempo reinante e a fúria do rio (por intervenção divina do menino mártir de Moronacocha, segundo a crença ingênua do casal), os saltos do Marañón. O refúgio dos fanáticos da Arca foi denunciado à Guarda Civil, que decidiu fazer uma batida, infelizmente sem sucesso, pois os irmãos e irmãs conseguiram se embrenhar no mato. Os desertores de Borja, em contrapartida,

foram detidos, pretendendo a princípio resistir, mas a equipe de captura, sob o comando do alferes Camilo Bohórquez Rojas, dominou-os facilmente. Descobriu-se então, por documentos confiscados aos fugitivos, que naquela mesma manhã tinham contraído matrimônio, ante o tenente-governador de Santa María de Nieva, no civil, e o capelão da missão, no religioso. O primeiro-sargento Teófilo Gualino foi despojado de todas as suas graduações, rebaixado à condição de soldado raso, punido com 120 dias de calabouço a pão e água, e sua censurável ação foi registrada na folha de serviço com a qualificação "indisciplina gravíssima". Quanto à visitadora Maclovia, está sendo devolvida ao centro logístico para que o SVGPFA lhe imponha a sanção que considere justa.

Deus o guarde.

Assinado:

coronel EP PETER CASAHUANQUI,  
chefe da Guarnição de Borja (no rio Marañón)

Iquitos, 12 de outubro de 1957

Amigo Pantoja:

A paciência, como tudo o que é humano, tem seu limite. Não quero insinuar que o senhor abusa da minha, mas qualquer observador imparcial diria que a pisoteia, pois caso contrário como qualificar o silêncio pétreo que mereceram todas as mensagens verbais e amistosas que lhe mandei nas últimas semanas por intermédio de seus empregados Chupito, Chuchupe e China Porfirio? A coisa é tristemente simples, o senhor tem que entender e aprender a distinguir de uma vez quem é seu amigo e quem não é, senão, desculpe-me a franqueza, senhor Pantoja, seu florescente negócio irá a pique. A cidade inteira exige que eu o ataque e a tudo aquilo que as pessoas decentes de Iquitos consideram um escândalo sem precedentes nem atenuantes. O senhor sabe que sou homem do meu tempo, disposto a ver, a fazer e a conhecer de tudo antes de morrer e capaz, em nome do progresso, de aceitar que uma indústria como a sua floresça nesta formosa terra loretana onde vi a

luz. Mas mesmo eu, com minha mente aberta, não posso deixar de entender aqueles que se assustam, fazem o sinal da cruz e gritam aos céus. No princípio eram só quatro, amigo Pantoja, e agora, vinte, trinta, cinquenta?, e o senhor leva e traz as pecadoras pelos ares e pelos rios da Amazônia. Pois saiba que o povo chegou à conclusão de que o seu negócio deve acabar. As famílias não dormem em paz sabendo que a pouca distância de suas casas, ao alcance da vista de suas filhas menores, há esse abscesso de desenfreamento e vício, e o senhor certamente já notou que a grande diversão de todas as crianças de Iquitos é ir ao Itaya observar o navio e o hidroavião partindo e voltando com seu colorido carregamento. Ontem mesmo me dizia isso, com lágrimas nos olhos, o diretor do Colégio Santo Agostinho, um velhinho tão santo como sábio, o padre José María.

Aceite a realidade: a vida e a morte do seu negócio milionário estão nas minhas mãos. Até agora resisti às pressões e me limitei a aplacar um pouco, de vez em quando, a cólera da cidadania, fazendo advertências discretas, mas se o senhor continuar na sua incompreensão e teimosia, e se antes do fim do mês não estiver em meu poder o que me é devido, nada haverá para a sua empresa, nem para o cérebro e gerente desta, além de guerra mortífera, sem piedade nem compaixão, e ambos sofrerão as fatais consequências.

Sobre estas e muitas outras coisas eu gostaria de conversar amigavelmente com o senhor, amigo Pantoja. Mas temo seu gênio, suas intemperanças, esses maus modos que tem, e, além disso, com um sorriso nos lábios permita-me dizer-lhe que dois mergulhos forçados nas sujas águas do Itaya são o máximo que este seu criado pode levar na brincadeira e perdoar: ao terceiro responderia como homem, apesar de não gostar de violência.

Ontem o vi, senhor Pantoja, de tardinha, passeando pela avenida González Vigil, ali perto do Asilo de Anciãos. Ia me aproximar para cumprimentá-lo mas o senhor me pareceu tão bem-acompanhado e vivendo um momento tão terno que não o fiz, pois sei ser discreto e compreensivo. Fiquei muito contente ao reconhecer a linda damisela que o senhor levava pela cintura e que lhe dava aquelas mordidinhas tão carinhosas na orelha. Então não é a sua gentil esposa, disse

para os meus botões, e sim aquela joia de mulher importada de Manaus por este empreendedor industrial, aquela de passado tão glorioso. O senhor tem um gosto refinado, senhor Pantoja, e saiba que todos os homens da cidade o invejamos, porque a Brasileira é a coisa mais tentadora e apetecida que já pôs os pés em Iquitos, feliz do senhor e também dos soldadinhos. Estavam indo ver o pôr do sol no lindo lago de Morona, jurar amor eterno no barranco onde o menino mártir foi crucificado, como está na moda entre os apaixonados desta terra?

Um cordial aperto de mãos de quem já sabe,  
XXX

SVGPPFA

*Informe número dezoito*

ASSUNTO GERAL: Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins.

ASSUNTO ESPECÍFICO: Incidentes ocorridos ao comboio nº 25, em Borja, entre os dias 22 e 30 de setembro de 1957.

CARACTERÍSTICAS: Secreto.

DATA E LUGAR: Iquitos, 6 de outubro de 1957.

O signatário, capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja, chefe do Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins, respeitosamente se apresenta diante do general Felipe Collazos, chefe de Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército, saúda e diz:

1. Que, em relação aos graves acontecimentos ocorridos na Guarnição de Borja, relatados no ofício do coronel EP Peter Casahuanqui que segue em anexo, o SVGPPFA efetuou uma minuciosa investigação que permitiu estabelecer os seguintes fatos:

a. Durante os oito dias em que o comboio nº 25 permaneceu em Borja (22 a 30 de setembro), o tempo em toda essa região não deixou absolutamente nada a desejar, resplandecendo o sol, sem chover uma única vez e com as águas do rio Marañón muito

tranquilas, segundo os informes meteorológicos da Força Aérea Peruana e da Armada Peruana em anexo.

b. As declarações de todos os membros do comboio nº 25 coincidem em afirmar de maneira categórica que sua permanência em Borja deveu-se ao fato de que a hélice do *Dalila* foi maliciosamente desmontada por mãos desconhecidas, a fim de impedir a partida do avião e reter o comboio em Borja, pois no oitavo dia a hélice reapareceu montada no aparelho da mesma maneira misteriosa.

c. Igualmente, todos os membros do comboio nº 25 coincidem em afirmar que, durante os oito dias de permanência forçada em Borja, as visitadoras Coca, Peludita, Flor e Maclovia (esta última só enquanto permaneceu na guarnição, naturalmente) foram induzidas a conceder prestações diárias e repetidas a todos os oficiais e suboficiais da unidade, contrariando o regulamento do SVGPFA, que exclui dos seus benefícios os postos superiores e intermediários, e sem que as referidas prestações fossem retribuídas monetariamente.

d. O piloto do *Dalila* afirma que o motivo da sua reclusão no calabouço de Borja foi, exclusivamente, por tentar impedir que as visitadoras fornecessem as prestações antirregulamentares e *ad honorem* que lhes eram exigidas, que chegaram, segundo cálculos aproximados das mesmas, à elevada cifra de 247.

e. O signatário quer deixar claro que não informa os resultados desta investigação com o intuito de contradizer o testemunho do coronel EP Peter Casahuanqui, destacado chefe do Exército a quem estima e respeita, mas sim como simples colaboração que só visa a ampliar o informe do referido chefe e a ajudar que resplandeça toda a verdade.

2. Por outro lado, tem a honra de informar que a investigação realizada pelo SVGPFA sobre a fuga e o posterior casamento da visitadora Maclovia com o ex-primeiro sargento Teófilo Gualino coincide matematicamente com a versão contida no ofício do coronel EP Peter Casahuanqui, alegando apenas a mulher que o ex-sargento Gualino e ela se apoderaram de um barco da guarnição na qualidade de empréstimo, por ser o rio o único meio de sair de Borja, e que

sua firme intenção era devolvê-lo na primeira oportunidade. A visitadora Maclovia foi expulsa do SVGPFA, sem indenizações e sem carta de recomendação devido ao seu comportamento irresponsável.

3. O signatário se permite observar ao Comando que a origem desses incidentes, assim como da maioria dos incidentes que se registraram apesar dos esforços do SVGPFA e dos oficiais responsáveis pelos centros usuários, é a dramática falta de efetivos deste Serviço. A equipe de vinte (20) visitadoras (19 na atualidade, pois a referida Maclovia ainda não foi substituída), não obstante a dedicação e a boa vontade de todos os colaboradores do SVGPFA, é totalmente insuficiente para atender à absorvente demanda dos centros usuários, aos quais não podemos atender como seria de nosso agrado, e sim, com perdão pela expressão ambígua, a contagotas, e esse racionamento provoca ansiedade, sentimentos de frustração e, às vezes, atos precipitados e lamentáveis. Mais uma vez, o signatário se permite exortar os superiores a darem um passo vigoroso e audaz, consentindo que o SVGPFA aumente sua equipe operacional de vinte (20) para trinta (30) visitadoras, o que significará um importante progresso em prol da ainda remota cobertura do que foi chamado pela ciência de "plenitude viril" dos nossos soldados da Amazônia.

Deus o guarde.

Assinado:

capitão EP (Intendência) PANTALEÃO PANTOJA

Anexos: ofício do coronel EP Peter Casahuanqui, chefe da Guarnição de Borja (no rio Marañón) e dois (2) informes meteorológicos da FAP e da AP.

ANOTAÇÃO:

*Transmita-se o relatório acima do capitão Pantoja ao general Roger Scavino, comandante em chefe da Quinta Região, com as seguintes instruções:*

1. *Efetuar uma investigação imediata e detalhada sobre os fatos ocorridos na Guarnição de Borja entre os dias 22 e 30 de setembro*

*com o comboio nº 25 do SVGPFA e punir severamente os responsáveis, e*

*2. Atender à solicitação do capitão Pantoja e fornecer ao SVGPFA os recursos necessários para aumentar sua equipe operacional de vinte para trinta visitadoras.*

Assinado:

*general FELIPE COLLAZOS,  
chefe de Administração, Intendência  
e Serviços Vários do Exército*

*Lima, 10 de outubro de 1957*

*Ofício confidencial do contra-almirante AP Pedra G.  
Carrillo, chefe da Força Fluvial do Amazonas, ao general EP Roger  
Scavino, comandante em chefe da Quinta Região (Amazônia).*

Base de Santa Clotilde, 2 de outubro de 1957

Prezado senhor:

Tenho a honra de informar-lhe que me chegaram, das diferentes bases que a Armada tem espalhadas pela Amazônia, manifestações de surpresa e descontentamento, tanto dos marujos quanto da oficialidade, em relação ao Hino do Serviço de Visitadoras. Os homens que vestem o imaculado uniforme da Armada lamentam que o autor da letra do referido hino não tenha considerado necessário mencionar uma só vez a Armada Peruana e seus marujos, como se esta instituição também não fosse patrocinadora do referido Serviço, para o qual, será preciso recordar?, contribuimos com um barco-transporte e sua respectiva tripulação, além de uma porcentagem equitativa das despesas de manutenção, tendo pago até agora com impecável pontualidade os honorários que nos foram fixados pelas prestações requeridas.

Convencido de que tal omissão é atribuível exclusivamente a um descuido e ao acaso, e que nela não houve ânimo algum de ofender a Armada nem de fomentar na marujada um sentimento de

preterição em relação aos seus colegas do Exército, envio-lhe este ofício, juntamente com minhas saudações e o pedido de remediar, se estiver ao seu alcance, a falha que lhe comunico, pois, embora pequena e banal, ela poderia desencadear suscetibilidades e ressentimentos que não devem perturbar jamais a relação entre instituições irmãs.

Deus o guarde.

Assinado:

Contra-Almirante AP PEDRO G. CARRILLO,

chefe da Força Fluvial do Amazonas

ANOTAÇÃO:

*Informe-se o conteúdo do ofício acima ao capitão Pantoja, repreendendo-o pela indesculpável falta de tato que o SVGPFA demonstrou no caso em questão e ordenando que dê as devidas e rápidas satisfações ao contra-almirante Pedro G. Carrillo e aos companheiros da Armada Nacional.*

*Assinado:*

*general Roger Scavino,  
comandante em chefe da Quinta Região (Amazônia)*

*Iquitos, 4 de outubro de 1957*

Requena, vintidois de Outubro de mil957

Valenti Sinshi:

Capricha no teu programa assoite da injustiça na Rádio Amasona que todo mundo aqui ouve e te aplaude, porque os marujos da Base de Santa Isabelita trasen aqui suas putas de iquitos, num bruta barco de nome *Eva* e tomam seus banhos de água limpinha lá entreles, e não permitem que ninguém encoste nelas e as papam sosinhos sem que, a juventudi progressista de Requena possa fazê nada. É justo isso, Valenti Sinshi? Já fumos uma comissão de homes deste povoado, na frente o próprio prefeito Teófilo Morey, protestar

com o chefe da Base da Santa Isabelita, mas aquela covarde negô tudo disendo como possu permitir que os jovens de Requena vão pra cama com Visitadoras se as Visitadoras não existem, hainda por cima jurando pelo menino-mártir aquele erege. Como se nós fôssemos cegos e surdos, Sinshi, olha que sacanagem. Por que os marujos sim e nós não? Por acaso não temos piroca? Bota a boca no mundo no teu programa, Valenti Sinshi, faz eles tremerem e depois joga no shão.

Seus ovintes

ARTIDORO SOMA  
NEPOMUCENO QUILCA  
CAIFÁS SANSHO

Com esta carta te mandamos de presente um papagainho que é um Biko de Ouro feito você, Sinshi.

SVGPFA

*Informe número vinte e seis*

ASSUNTO GERAL: Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins.

ASSUNTO ESPECÍFICO: Explicação de intenções e alteração da letra do Hino das Visitadoras.

CARACTERÍSTICAS: Secreto.

DATA E LUGAR: Iquitos, 16 de outubro de 1957.

O signatário, capitão EP (Intendência) Pantaleão Pantoja, chefe do Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins, respeitosamente se apresenta ante o contra-almirante AP Pedro G. Carrillo, chefe da Força Fluvial do Amazonas, saúda e diz:

1. Que deplora profundamente o imperdoável descuido pelo qual a letra do Hino das Visitadoras não faz menção explícita à gloriosa Armada Nacional e à briosa marujada que a integra. Que não como justificação mas como simples subsídio informativo quer lhe informar que esse hino não foi encomendado pela chefia do SVGPFA, é uma criação espontânea do pessoal e foi adotado de maneira não premeditada e um tanto irrefletida, sem submetê-lo a uma avaliação

crítica prévia de forma e conteúdo. Que em todos os momentos, senão na letra, no espírito do referido hino, assim como na mente e no coração daqueles que trabalham no SVGPFA, sempre estão presentes as bases da Armada e seus marinheiros, aos quais todos neste Serviço professamos grande carinho e o mais alto respeito;

2. Que se decidiu corrigir as deficiências do hino, enriquecendo-o com as seguintes modificações:

*a.* O coro ou estribilho, que se canta cinco vezes intercalado nas estrofes, será cantado três vezes (a primeira, a terceira e a quinta) na sua versão original, ou seja:

Servir, servir, servir  
O Exército da Nação  
Servir, servir, servir  
Com muita dedicação

Na segunda e na quarta vez, o coro ou estribilho será cantado com seu segundo verso modificado desta maneira:

Servir, servir, servir  
*A Armada da Nação*  
Servir, servir, servir  
Com muita dedicação

*b.* A primeira estrofe do hino foi definitivamente modificada, excluindo o terceiro verso que dizia “E aos sargentos e aos cabinhos” e substituindo-o da seguinte maneira:

Fazer felizes os soldadinhos  
— Vamops voando,  
chuchupitas!—  
*E os valentes marinheirinhos*  
É nossa honrosa obrigação

Deus o guarde.

Assinado:

capitão EP (Intendência) PANTALEÃO PANTOJA

cc. ao general Felipe Collazos, chefe de Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército e ao general Roger Scavino, comandante em chefe da Quinta Região (Amazônia).

### *Informe estatístico*

O coronel EP Máximo Dávila tem a honra de enviar ao SVGPFA o seguinte relatório sintético sobre a visita que seu comboio nº 32 efetuou à Guarnição de Barranca (no rio Marañón):

*Data da visita do comboio nº 32:* 3 de novembro de 1957.

*Meio de transporte e pessoal:* navio *Eva*. Chefe do comboio: China Porfirio. Visitadoras: Coca, Maminha, Lalita, Sandra, Íris, Juana, Loreta, Brasileira, Roberta e Eduviges.

*Permanência na guarnição:* seis (6) horas, das 14 às 20h.

*Número de usuários e desenvolvimento das prestações:* Cento e noventa e dois (192) usuários, divididos e servidos do seguinte modo: um grupo de dez (10) homens, destinado à visitadora Brasileira (apesar de ser a mais ambicionada pelos homens do regimento, foi acatada a disposição do SVGPFA de atribuir a essa visitadora o número regulamentar mínimo de usuários); um grupo de vinte e dois (22) homens, destinado à visitadora Maminha (por ser a segunda em popularidade no regimento) e oito grupos de vinte (20) homens cada um, destinados às visitadoras restantes. Essa distribuição foi feita depois de solucionado o imprevisto a que se refere mais adiante. Como era preciso que o *Eva* zarpasse antes do anoitecer, devido às corredeiras noturnas que se formam nesta época em frente a Barranca, o tempo máximo de permanência do

usuário na locação foi reduzido de vinte para 15 minutos, de modo que toda a operação terminasse antes do pôr do sol, o que felizmente se conseguiu.

*Apreciação:* As prestações foram plenamente satisfatórias para os usuários, lamentando alguns, apenas, o corte de tempo motivado pela razão já exposta, sendo a conduta do comboio nº 32 totalmente correta, como tem sido até agora a de todos os comboios do SVGPFA que tivemos o prazer de receber na Guarnição de Barranca.

*Imprevistos:* O Serviço Médico desta unidade descobriu, viajando no comboio nº 32, enganosamente vestido de mulher, um clandestino que, entregue à Delegacia e interrogado, confessou ser o indivíduo Adrián Antúnez, vulgo Milcaras, que, como revelou, é o protetor ou cafetão da visitadora denominada Maminha. O clandestino confessou que fora introduzido no navio *Eva* pela sua protegida e com ameaças obteve o consentimento do chefe do comboio e o silêncio das outras visitadoras para levar a cabo sua estrambótica tentativa. Com o engodo das roupas de mulher, mentiu-se à tripulação que se tratava de uma visitadora nova chamada Adriana, descobrindo-se o engano quando, ao chegar em Barranca, a suposta Adriana inventou uma doença com seu primeiro cliente, o praça Rogello Simonsa, para não oferecer a prestação pelo lugar devido, propondo em compensação realizá-la de maneira sodomita ou contranatura. O praça Simonsa, começando a suspeitar, denunciou o ocorrido e a falsa Adriana foi examinada à força pelo enfermeiro de plantão, tornando-se evidente o seu verdadeiro sexo. O clandestino primeiro afirmou que havia maquinado essa pantomima para controlar de perto os ganhos da visitadora Maminha (dos quais retira 75%), pois suspeitava que ela fazia contas maliciosas para diminuir sua participação. Mas logo depois, ante a incredulidade dos interrogadores, confessou que, sendo invertido passivo há muitos anos, sua verdadeira intenção era praticar seu vício com a tropa, para demonstrar a si mesmo que podia suplantar com vantagens uma mulher na função de visitadora. Tudo isso foi confirmado por sua própria companheira Maminha. Não sendo da competência desta unidade tomar uma decisão sobre o assunto, o

indivíduo Adrián Antúnez, vulgo Milcaras, é devolvido ao centro logístico algemado e escoltado no navio *Eva*, para que a chefia do SVGPFA adote as medidas pertinentes.

*Sugestão:* Que se estude a possibilidade de enviar com mais frequência os comboios do SVGPFA aos centros usuários, pelo bom efeito que as prestações têm sobre a tropa.

Assinado:

coronel EP MÁXIMO DÁVILA,  
chefe da Guarnição de Barranco  
(no rio Marañón)

Em anexo: lista de usuários com nome, sobrenome, número da folha de serviço e ficha de desconto, e o clandestino Adrián Antúnez, vulgo Milcaras.

Iquitos, 1º de novembro de 1957

Respeitável senhora Pantoja:

Muitas vezes cheguei em frente à sua porta para bater, mas toda vez voltei arrependida para a casa da minha prima Rosita, chorando, porque teu marido sempre nos ameaçou dizendo vocês vão para o inferno antes de se aproximar do meu lar. Mas estou desesperada e vivendo já no inferno, minha senhora, tenha compaixão de mim, hoje que é o dia dos nossos queridos finados. Aqui vou rezar na igreja de Punchana por todos os teus mortos, senhora Pantoja, seja boa, eu sei que é, vi como tua filha é linda, com aquela carinha tão santa como a do menino-mártir de Moronacocha. Quero lhe contar que quando tua filhinha nasceu todas nós ficamos muito alegres lá em Pantolândia, fizemos uma festa para o teu marido e o embebedamos para ficar ainda mais feliz com o neném, deve ser feito um anjinho de alma branca vindo do céu, dizíamos entre nós. Deve ser assim, eu sei, é o coração que me dita isso. A senhora me conhece, uma vez me viu, faz um ano ou mais, aquela lavadeira que mandou entrar na sua casa por engano, pensando que era para

lavar a roupa. Sou eu, senhora Pantoja. Ajude-me, seja boa com a pobre Maclovia, estou morrendo de fome e o coitado do Teófilo, lá em Borja, está no calabouço, a pão e água como conta numa carta que um amigo me trouxe, coitadinho, o pecado dele é me amar, faça alguma coisa por mim, vou te agradecer até a minha morte. Porque, como quer que eu viva, minha senhora, se teu marido me expulsou da Pantolândia? Dizendo que eu tinha me comportado mal lá em Borja, que tinha inventado coisas para convencer o Teófilo a fugir comigo. Não fui eu, foi ele, inventou de fugirmos para Nieva, falou que perdoava que eu fosse puta, que quando me viu chegar em Borja o coração dele disse logo: "Apareceu a mulher que você procurou a vida inteira."

Tenho um teto graças ao bom coração da minha prima Rosita, mas ela também é pobre e não pode me sustentar, dona senhorita, é ela que está te escrevendo esta carta porque eu não sei. Tenha piedade, que Deus te premiará no céu e também a tua filhinha, eu a vi na rua dando seus passinhos e pensei, parece um menino-deus, que olhinhos. Tenho que voltar para a Pantolândia, fale com o teu marido, diga que me perdoe e me contrate de novo. Por acaso não trabalhei sempre bem? Que problema causei ao senhor Pantoja desde que estou com ele? Nenhum, só este, unzinho só no ano todo, será que é tanto assim? Não tenho direito de amar um homem? E ele, não fica babando quando a Brasileira faz seus dengues? Tome cuidado, minha senhora, essa mulher é má, morou em Manaus e as putas de lá são bandidas, na certa ela deve dar alguma poção ao seu marido para enfeitiçá-lo e controlá-lo. Além disso, dois homens já se mataram por ela, um gringo santo, dizem, e o outro um estudante. Por acaso ela já não domina o senhor Pan-Pan e tira dele o que quer? Cuide-se, essa mulher é capaz de roubar o teu marido e fazê-la sofrer, minha senhora. Vou rezar para que não aconteça.

Fale com ele, peça, senhora Pantoja. O meu Teófilo ainda vai ficar preso muitos meses e quero visitá-lo porque sinto saudades dele, de noite choro adormecida, pensando nele. É o meu marido perante Deus, senhora, um padre velhinho nos casou lá em Nieva. E na Arca de lá crucificamos uma galinha como sinal de amor e de fidelidade.

Ele não era irmão mas eu sim, logo que o Irmão Francisco, Deus o abençoe, chegou a Iquitos, fui ouvi-lo e me converti. Depois converti o Teófilo, que virou irmão quando viu como os irmãos nos ajudaram lá em Nieva. Coitados, por nos dar de comer e emprestar uma rede, tiveram que ir para o mato, deixaram suas casas e seus bichos e todas as coisinhas que tinham. É justo perseguir assim essa gente boa que acredita em Deus e faz o bem?

Como vou visitar o Teófilo se não tenho dinheiro para o navio? E onde vou trabalhar, o Moquitos é muito rancoroso, não quer me receber porque eu o larguei para entrar na Pantolândia. Como lavadeira de novo eu não quero, o cansaço é de matar e a polícia fica em cima, tirando tudo o que a gente ganha. Não tenho para onde ir, minha senhora. Beije o teu marido e se arrume bem, como as mulheres sabem, assim vai fazer ele me perdoar e eu irei de joelhos beijar teus pés. Penso no meu Teófilo lá em Borja e sinto vontade de me matar, enterrar uma espinha de *chambira* no coração, como fazem os chunchos nas tribos, e se acabou o sofrimento, mas minha prima Rosita não deixa e, além disso, sei que nem Deus nosso senhor nem o Irmão Francisco, seu capataz aqui na Terra, me perdoariam, eles amam todas as criaturas, até uma puta. Tenha piedade de mim e que me contrate de novo, nunca mais darei o menor aborrecimento, juro pela sua filhinha, vou rezar por ela até ficar rouca, senhora Pantoja. Meu nome é Maclovia, ele já sabe.

Eu te agradeço muito, então, senhora, que Deus te pague, beijo seus pés e também da sua filhinha, com toda a minha devoção,

MACLOVIA

*Solicitação de baixa do Exército do comandante  
(CCC) Godofredo Beltrán Calila, chefe do Corpo  
de Capelães Castrenses da Quinta Região (Amazônia).*

Iquitos, 4 de dezembro de 1957

Brigadeiro Roger Scavino

Comandante em chefe da Quinta Região (Amazônia)  
Em mãos

Meu general:

Cumpro o penoso dever de solicitar por seu intermédio minha baixa imediata do Exército peruano, em cujas filas tenho a honra de servir há 18 anos, isto é, desde o ano em que me ordenei sacerdote, e no qual cheguei, quero pensar que por meus próprios méritos, ao posto de comandante. Da mesma maneira, cumpro o tristíssimo imperativo moral de devolver ao Exército, por intermédio do meu superior imediato, as três condecorações e as quatro menções honrosas com as quais, ao longo dos meus anos de serviço no sacrificado e preterido Corpo de Capelães Castrenses (CCC), as Forças Armadas quiseram estimular meus esforços e provocar minha gratidão.

Sinto a obrigação de deixar claramente registrado que a razão do meu afastamento dessa instituição e dessas medalhas e diplomas é a funesta existência, como organismo semiclandestino do nosso Exército, do chamado Serviço de Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins, nome eufemístico que abarca, na realidade, um ativo e crescente tráfico de rameiras entre Iquitos e os acampamentos militares e bases navais da Amazônia. Nem como sacerdote nem como soldado posso admitir que o Exército de Bolognesi e de Alfonso Ugarte, que constelou a história do Peru com ações nobres e heróis insignes, caia no vergonhoso extremo de abrigar em seu seio, subvencionando com o próprio orçamento e auxiliando com sua logística e seu corpo de intendentes, o amor mercenário. Só quero recordar o contrastante paradoxo que há no fato de eu não ter conseguido, em 18 anos de insistentes pedidos e solicitações, que o Exército criasse uma seção móvel de sacerdotes para levar periodicamente aos soldados das guarnições afastadas onde não há capelão, que são a maioria, os sacramentos da confissão e da comunhão, enquanto o mencionado Serviço de Visitadoras dispõe na atualidade, apenas um ano e meio depois de criado, de um hidroavião, um barco, uma caminhonete e um moderníssimo equipamento de comunicações para espalhar por toda

a extensão da nossa selva o pecado, a lascívia e, sem dúvida, a sífilis.

Quero observar, por fim, que esse singular Serviço surge e se desenvolve justamente quando, na Amazônia, a fé católica, religião oficial do Peru e das suas Forças Armadas, é ameaçada por uma peste supersticiosa que, sob o nome de Irmandade da Arca, assola aldeias e povoados, dia a dia ganha adeptos entre as pessoas ignorantes e ingênuas, e cujo grotesco culto ao menino bestialmente sacrificado em Moronacocha se estende em toda parte, incluindo, como se verificou, os quartéis da selva. Não é preciso recordar-lhe, general, que há apenas dois meses, no Posto de São Bartolomeu, rio Ucayali, um grupo de recrutas fanáticos, secretamente organizados numa arca, tentou crucificar vivo um índio piro para interromper um temporal, o que teve que ser impedido a tiros pelos oficiais da unidade. E é justamente neste momento, quando o Corpo de Capelães Castrenses luta com denodo contra esse flagelo blasfematório e homicida no seio dos regimentos amazônicos, que o Comando acha oportuno autorizar e promover o funcionamento de um Serviço que embota o moral e relaxa os costumes da tropa. Que o nosso Exército fomente a prostituição e assuma ele mesmo a degradante função da gerência é um sintoma de degradação grave demais para se ficar indiferente. Se a dissolução ética se apoderar da coluna vertebral do nosso país, que são as Forças Armadas, em qualquer momento a gangrena pode se estender a todo o sacrossanto organismo da Pátria. Este modesto sacerdote-soldado não quer ser cúmplice por comissão nem por omissão de tão terrível processo.

Com os cumprimentos militares do

comandante (CCC) GODOFREDO BELTRÁN CALILA,  
chefe do Corpo de Capelães Militares  
da Quinta Região (Amazônia)

ANOTAÇÃO:

*Remeta-se a presente solicitação ao Ministério de Guerra e ao Estado-Maior do Exército, com recomendação de que:*

1. *Seja aceito o pedido de baixa do comandante (CCC) Beltrán Calila, por ser decisão de caráter irrevogável;*
  2. *Seja o mesmo admoestado brandamente pelos termos um pouco destemperados em que fundou sua solicitação, e*
  3. *Sejam agradecidos os serviços prestados.*
- Assinado:*

*general Roger Scavino,  
comandante em chefe da Quinta Região (Amazônia)*



## VII

*O programa A voz do Sinchi de 9 de fevereiro de 1958  
pela Rádio Amazonas*

E às 18 horas em ponto no relógio Movado que ornamenta a parede dos nossos estúdios, a Rádio Amazonas tem o prazer de apresentar aos seus queridos ouvintes o programa mais ouvido da sua sintonia:

*Compassos da valsa La contamanina; sobe o volume,  
desce, e ficam como fundo musical.*

A VOZ DO SINCHI!

*Compassos da valsa La contamanina; sobe o volume,  
desce, e ficam como fundo musical.*

Meia hora de comentários, críticas, acontecimentos, informações, sempre a serviço da verdade e da justiça. A voz que reúne e propaga pelas ondas as palpitações populares da Amazônia peruana. Um programa vivo e simplesmente humano, escrito e apresentado pelo conhecido jornalista Germán Láudano Rosales, o Sinchi.

*Compassos da valsa La contamanina; sobem,  
descem e se interrompem totalmente.*

Boa tarde, queridos e distintos radiouvintes. Aqui estou mais uma vez nas ondas da Rádio Amazonas, a principal emissora do oriente peruano, para levar ao homem da urbe cosmopolita e à mulher da longínqua tribo que dá seus primeiros passos pelas rotas da civilização, ao próspero comerciante e ao humilde agricultor do solitário baixio, ou seja, a todos os que lutam e trabalham pelo progresso da nossa indomável Amazônia, trinta minutos de amizade, diversão, revelações confidenciais e elevados debates, reportagens

que causam sensação e notícias que fazem história, transmitindo de Iquitos, farol da peruanidade engastado no imenso verdor da nossa selva. Mas antes de continuar, queridos ouvintes, alguns conselhos comerciais:

*Anúncios gravados em disco e fita: sessenta segundos.*

E, para começar, como todos os dias, nossa seção: UM POUCO DE CULTURA. Nunca nos cansaremos de repetir, amáveis radiouvintes: é preciso elevar o nosso nível intelectual e espiritual, aprofundar os nossos conhecimentos, principalmente os que se referem ao meio que nos rodeia, ao nosso pago, à cidade que nos abriga. Conheçamos seus segredos, as tradições e as lendas que engalanam suas ruas, as vidas e façanhas daqueles que lhes deram seu nome, a história das casas que habitamos, muitas das quais foram berços de grandes próceres ou cenário de episódios imarcescíveis que são o orgulho da nossa região. Conheçamos tudo isto porque assim, adentrando-nos um pouco na vida do nosso povo e da nossa cidade, amaremos ainda mais a nossa pátria e os nossos compatriotas. Hoje vamos contar a história de uma das mais famosas mansões de Iquitos. Estou me referindo, como já devem ter adivinhado, à conhecidíssima Casa de Ferro, como é chamada popularmente, que se ergue, tão original, tão diferente e elegante, na nossa Praça de Armas, e onde funciona atualmente o senhorial e distinto Clube Social Iquitos. O Sinchi pergunta: quantos loretanos sabem quem construiu essa Casa de Ferro que tanto surpreende e encanta os forasteiros que pisam no ubérrimo solo de Iquitos? Quantos sabiam que essa formosa casa de metal foi desenhada por um dos mais prestigiados arquitetos e construtores da Europa e do mundo? Quem sabia, antes desta tarde, que essa casa saiu do cérebro criativo do genial francês que, no começo de século, construiu na cidade-luz, Paris, a torre de fama universal que tem o seu nome? A Torre Eiffel! Sim, queridos radiouvintes, é isso mesmo: a Casa de Ferro da Praça de Armas é obra do audaz e renomadíssimo inventor francês Eiffel, isto é, um monumento histórico de primeira magnitude no nosso país ou em qualquer lugar do mundo. Isto significa que o famoso

Eiffel esteve alguma vez na t pida Iquitos? Não, nunca esteve aqui. Como se explica, então, que essa magna obra de sua autoria brilhe na nossa querida cidade? Isto é o que o Sinchi vai revelar esta tarde na se o UM POUCO DE CULTURA do seu programa...

### *Breves arpejos.*

Corriam os anos da bonança da borracha e os grandes pioneiros loretanos, que sulcavam de Norte a Sul e de Leste a Oeste a espessura amazônica em busca da cobiçada seringa, competiam esportivamente, em benefício da nossa cidade, para ver quem construía sua casa com os materiais mais artísticos e caros da época. E assim vieram à luz essas residências de mármore, com paralelepípedos e fachadas de azulejos, com suas sacadas trabalhadas que embelezam as ruas de Iquitos e nos trazem   memória os anos dourados da Amazônia, demonstrando que o poeta da Mãe Pátria tinha razão quando disse "todo tempo passado foi melhor". Pois bem, um desses pioneiros, desses senhores da borracha e da aventura, foi o milionário e grande loreitano Anselmo del  guila, que, como muitos de seus pares, costumava fazer viagens à Europa para satisfazer seu espírito inquieto e sua sede de cultura. E eis o nosso *charapa*, o senhor Anselmo del  guila, num duro inverno europeu — como devia tremer o loreitano, não é mesmo? —, chegando a uma cidade alemã e se hospedando num hotelzinho que despertou intensamente sua aten o e o encantou por seu grande conforto, pelo atrevimento das suas linhas e sua beleza tão original, já que era integralmente construído em ferro. O que fez então o *charapinha* Del  guila? Sem pensar duas vezes, e com o ardor pela terra natal que caracteriza as pessoas desta na o, ele disse: esta grande obra arquet nica deveria estar na minha cidade, Iquitos a merece e precisa dela para sua elegância e excelência. E, sem muita conversa, o pródigo loreitano comprou o hotelzinho alemão construído pelo grande Eiffel, pagando o que lhe pediram sem regatear um centavo. Mandou desmontarem o prédio em partes, que embarcou num navio e trouxe para Iquitos com todas as suas porcas e parafusos. A primeira casa pré-fabricada da

história, meus queridos ouvintes. Aqui, foi montada de novo com todo o cuidado, sob a amorosa direção do próprio Del Águila. E agora sabem o motivo da presença em Iquitos dessa curiosa e inigualável obra artística.

Como último detalhe devo acrescentar que, no seu gesto simpático e no seu nobre intuito de enriquecer o acervo urbanístico da sua terra, *don* Anselmo del Águila cometeu também uma temeridade, não percebendo que o material da casa que comprou era muito adequado para o frio polar da culta Europa, mas o caso de Iquitos era bem diferente, aqui uma mansão de metal, com as temperaturas que conhecemos, podia constituir um sério problema. Foi o que aconteceu, fatalmente. A casa mais cara de Iquitos se revelou inabitável porque o sol a transformava numa caldeira e não se podia tocar nas suas paredes sem aparecerem bolhas nas mãos das pessoas. Del Águila não teve outro remédio senão vender a casa para um amigo, o seringalista Ambrosio Morais, que se considerava capaz de resistir à atmosfera infernal da Casa de Ferro, mas também não conseguiu. E assim ficou mudando de proprietário ano após ano, até que foi encontrada a solução ideal: transformá-la no Clube Social Iquitos, instituição que fica deserta durante o dia, quando a Casa de Ferro solta chamas, e se realça com a presença das nossas senhoritas mais cativantes e nossos cavalheiros mais distintos à tarde e à noite, horários em que o frescor a torna acolhedora e amena. Mas o Sinchi pensa que, levando-se em conta seu ilustre progenitor, a Casa de Ferro deveria ser expropriada pela prefeitura e transformada num museu ou coisa assim, dedicado aos anos áureos de Iquitos, o período do apogeu da borracha, quando nosso valorizado ouro negro transformou Loreto na capital econômica do país. E com isto, amáveis ouvintes, encerramos a nossa primeira seção: UM POUCO DE CULTURA!

*Breves arpejos. Anúncios em disco e fita:  
sessenta segundos. Breves arpejos.*

E agora o nosso COMENTÁRIO DO DIA. Antes de mais nada, queridos radiouvintes, como o assunto que vou abordar esta noite (a

contragosto e só porque assim exige o meu dever de jornalista íntegro, de loreetano, de católico e de pai de família) é extremamente grave e pode ofender seus ouvidos, peço-lhes que afastem dos receptores suas filhas e filhos menores pois, com a franqueza que me caracteriza e que tornou *A voz do Sinchi* uma cidadela da verdade defendida por todos os punhos amazônicos, serei obrigado a referir-me a fatos chocantes e chamar as coisas pelo nome, como sempre soube fazer. E o farei com a energia e a serenidade de quem sabe que fala com o apoio do seu povo e como porta-voz do silencioso porém reto pensamento da maioria.

### *Breves arpejos.*

Em diversas oportunidades, e com delicadeza, para não ofender ninguém, porque não é este o nosso desejo, aludimos no programa a um fato que é motivo de escândalo e de indignação para todas as pessoas decentes e corretas, que vivem e pensam moralmente e que são maioria nesta cidade. E não quisemos atacar direta e frontalmente esse fato vergonhoso porque pensávamos ingenuamente — reconhecemos isto com fidalguia — que o responsável pelo escárnio poderia pensar melhor, compreender de uma vez por todas a magnitude do dano moral e material que estava infligindo a Iquitos com seu afã de lucro imoderado, seu espírito mercantil que não respeita barreiras nem se detém em considerações para atingir seus fins, que são enriquecer, encher as burras, mesmo que seja com as armas proibidas da concupiscência e da corrupção, próprias e alheias. Há algum tempo, sofrendo a incompreensão dos humildes, expondo a nossa própria integridade física, fizemos uma campanha civilizatória por estas mesmas ondas no sentido de acabar com o costume, em Loreto, de chicotear as crianças depois do Sábado de Aleluia para purificá-las. E creio que contribuímos em parte, com nosso grãozinho de areia, para que esse mau costume que tantas lágrimas provocava em nossos filhos, e incapacitou psicologicamente alguns deles, fosse erradicado da Amazônia. Em outras oportunidades enfrentamos a sarna supersticiosa que, sob o disfarce de Irmandade da Arca, infecta a

Amazônia e salpica a nossa selva de inocentes animaizinhos crucificados por culpa da estultícia e da ignorância de um setor do nosso povo, de que se aproveitam falsos messias e pseudo-jesus-cristos para encher os bolsos e satisfazer seus doentios instintos de popularidade, de domesticação e manipulação de multidões e de sadismo anticristão. E o fizemos sem nos amedrontar com a ameaça de sermos nós mesmos crucificados na Praça de Armas de Iquitos, como profetizam as covardes cartas anônimas que recebemos diariamente cheias de erros de ortografia dos valentes que jogam a pedra e escondem a mão e têm coragem de insultar mas não mostram a cara. Anteontem mesmo encontramos na porta de nosso domicílio, quando nos dispúnhamos a deixar o lar para ganhar decentemente o pão com o suor da nossa testa, um gatinho crucificado, como bárbara e sangrenta advertência. Mas estão muito enganados esses Herodes do nosso tempo se pensam que podem tapar a boca do Sinchi com a ameaça da intimidação. Continuaremos combatendo por estas ondas o fanatismo demente e os crimes religiosos dessa seita e fazendo votos para que as autoridades capturem o chamado Irmão Francisco, esse anticristo da Amazônia, que esperamos ver em breve apodrecendo no calabouço como autor intelectual, consciente e contumaz do infanticídio de Moronacocha, das várias tentativas frustradas de assassinato na cruz que se registraram, nos últimos meses, em diversas vilas da selva fanatizadas pela Arca e da abominável crucificação do ancião Arévalo Benzas, semana passada, no povoado missionário de Santa María de Nieva por obra dos criminosos irmãos.

### *Breves arpejos.*

Hoje, com a mesma firmeza e à custa dos riscos que houver que correr, o Sinchi pergunta: até quando vamos continuar tolerando na nossa querida cidade, distintos radiouvintes, o espetáculo vergonhoso que é a existência do mal denominado Serviço de Visitadoras, mais popularmente conhecido pelo apelido de Pantolândia em risível homenagem ao seu criador? O Sinchi pergunta: até quando, pais e mães de família da civilizada Loreto,

vamos continuar tendo angústias para impedir que os nossos filhos se precipitem, inocentes, inexperientes, ignorantes do perigo, para contemplar, como se fosse uma quermesse ou um circo, o tráfico de cortesãs, de mulherzinhas desavergonhadas, de PROSTITUTAS, para não usar eufemismos, que impudicamente entram e saem desse antro erigido nas portas da nossa cidade por esse indivíduo sem lei e sem princípios que atende pelo nome e pelo sobrenome de Pantaleão Pantoja? O Sinchi pergunta: que poderosos e obscuros interesses amparam esse elemento para que, durante dois longos anos, pudesse dirigir com total impunidade um negócio tão ilícito como próspero, tão denigrável como milionário, nas barbas de todos os cidadãos de bem? Não nos atemorizamos com as ameaças, ninguém pode nos subornar, nada impedirá nossa cruzada pelo progresso, a moralidade, a cultura e o patriotismo peruanista da Amazônia. Chegou a hora de enfrentar o monstro e, como fez o apóstolo com o dragão, cortar-lhe a cabeça com um único talho. Não queremos semelhante furúnculo em Iquitos, estamos envergonhados e vivemos numa aflição constante, em estado de pesadelo pela existência desse complexo industrial de meretrizes presidido, como um moderno sultão babilônico, pelo tristemente célebre senhor Pantoja, que não vacila, no seu afã de riqueza e exploração, em ofender e atacar o que há de mais santo, a família, a religião e os quartéis dos defensores da nossa integridade territorial e da soberania da pátria.

*Breves arpejos. Anúncios comerciais em disco e fita:  
trinta segundos. Breves arpejos.*

A história não é de ontem nem de anteontem, já dura nada menos que um ano e meio, 18 meses, durante os quais assistimos, incrédulos e estupefatos, à sensual Pantolândia crescer e multiplicar-se. Não falamos por falar, investigamos, pesquisamos, verificamos incansavelmente, e agora o Sinchi está em condições de revelar, em primeira mão, exclusivo para vocês, queridos radiouvintes, a impressionante verdade. Uma verdade que faz as paredes tremerem e provoca síncope. O Sinchi pergunta: quantas mulheres — se é

que se pode dar esse digno nome a quem mercadeja indignamente com o próprio corpo — vocês imaginam que trabalham atualmente no gigantesco harém do senhor Pantaleão Pantoja? Quarenta, exatinho. Nem mais, nem menos: temos até os seus nomes. Quarenta meretrizes constituem a população feminina daquele lupanar motorizado que, pondo as técnicas da era eletrônica a serviço dos prazeres inconfessáveis, mobiliza pela Amazônia sua mercadoria humana em barcos e hidroaviões.

Nenhuma indústria desta progressista cidade, que sempre se distinguiu pelo denodo dos seus homens de empresa, conta com os meios técnicos da Pantolândia. E, se duvidam, eis provas evidentes, os dados irrefutáveis: é verdade ou não que o mal denominado Serviço de Visitadoras dispõe de uma linha telefônica própria, uma caminhonete *pickup* marca Dodge placa número Loreto 78-256, um aparelho de rádio transmissor-receptor com antena própria que faria empalidecer de inveja qualquer emissora de rádio de Iquitos, um hidroavião Catalina N<sup>o</sup> 37, que tem o nome, naturalmente, de uma cortesã bíblica, *Dalila*, um navio de duzentas toneladas chamado cinicamente *Eva* e as mais exigentes e cobiçáveis comodidades na sua sede à margem do rio Itaya como, por exemplo, ar-condicionado, que pouquíssimos escritórios honestos têm em Iquitos? Quem é esse afortunado senhor Pantoja, esse Farouk nativo, que em apenas um ano e meio conseguiu construir tão formidável império? Não é segredo para ninguém que os longos tentáculos dessa poderosa organização, cujo centro de operações é a Pantolândia, projetam-se em todas as direções da nossa Amazônia, levando seu rebanho prostibulário: PARA ONDE, estimados radiouvintes? PARA ONDE, respeitáveis ouvintes? PARA OS QUARTÉIS DA PÁTRIA. Sim, senhoras e senhores, este é o fartíssimo negócio do faraônico senhor Pantoja: transformar as guarnições e acampamentos da selva, as bases e os postos fronteiriços em pequenas sodomas e gomorras graças aos seus prostíbulos aéreos e fluviais. É isto mesmo que estão ouvindo, é exatamente como estou lhes dizendo. Não há uma sílaba de exagero nas minhas palavras, e se estiver falseando a verdade, que o senhor

Pantoja venha aqui me desmentir. Eu, democraticamente, cedo a ele todo o tempo que for preciso, no meu programa de amanhã, de depois de amanhã ou de quando ele quiser, para que contradiga o Sinchi se o Sinchi estiver mentindo. Mas não virá, claro que não virá, porque ele sabe melhor do que ninguém que estou dizendo a verdade, e nada mais que a verdade nua e crua.

Mas vocês ainda não ouviram tudo, meus estimados radiouvintes. Há mais coisas, e ainda mais graves, se isto for possível. Esse indivíduo sem freios e sem escrúpulos, o Imperador do Vício, não contente com levar o comércio sexual aos quartéis da pátria, aos templos da peruanidade, em que tipo de equipamento ele transporta suas cortesãs? Que tipo de hidroavião é esse aparelho mal denominado *Dalila*, pintado de verde e vermelho, que tantas vezes vimos, com o coração cheio de ódio, sulcar o céu diáfano de Iquitos? Eu desafio o senhor Pantoja a vir aqui e declarar diante deste microfone que o hidroavião *Dalila* não é o mesmo hidro Catalina N° 37 em que, no dia 3 de março de 1929, data gloriosa para a Força Aérea Peruana, o tenente Luis Pedraza Romero, de tão grata lembrança na nossa cidade, voou pela primeira vez sem escalas entre Iquitos e Yurimaguas, enchendo de felicidade e de entusiasmo progressista todos os loretanos pela proeza realizada. Sim, senhoras e senhores, a verdade é amarga mas pior é a mentira. O senhor Pantoja pisoteia e denigre perversamente um monumento histórico pátrio, sagrado para todos os peruanos, utilizando-o como meio de locomoção para suas equipes ambulantes de vagabundas. O Sinchi pergunta: estarão informadas desse sacrilégio nacional as autoridades militares da Amazônia e do país? Conhecem esse peruanicídio os respeitadas chefes da Força Aérea Peruana e, principalmente, os altos-comandos do Grupo Aéreo N° 42 (Amazônia), encarregados de ser zelosos guardiões da aeronave em que o tenente Pedraza cumpriu sua memorável façanha? Nós nos recusamos a admitir. Conhecemos os nossos chefes do Exército e da Aeronáutica, sabemos que são dignos, que realizam tarefas abnegadas. Acreditamos e queremos acreditar que o senhor Pantoja ludibriou sua vigilante atenção, usando alguma manobra grosseira

para perpetuar um horror semelhante, qual seja transformar, por artes de magia meretrícia, um monumento histórico numa casa de tolerância ambulante. Porque se não for assim e, em vez de terem sido enganadas e surpreendidas pelo Grande Cafetão da Amazônia, houver entre essas autoridades e ele algum tipo de conluio, então, queridos radiouvintes, seria para cair no choro, seria, amáveis ouvintes, para nunca mais acreditar em ninguém e nunca mais respeitar coisa nenhuma. Mas não deve nem pode ser assim. E esse foco de abjeção moral precisa fechar suas portas e o Califa da Pantolândia deve ser expulso de Iquitos e da Amazônia com toda sua caravana de odaliscas em leilão, porque aqui, os loretanos, que somos gente saudável e simples, trabalhadora e correta, não precisamos deles nem os queremos.

*Breves arpejos. Anúncios comerciais gravados em disco e fita: sessenta segundos. Breves arpejos.*

E agora, estimados radiouvintes, passemos à nossa seção: O SINCHI NA RUA: ENTREVISTAS E REPORTAGENS! Não iremos nos afastar do assunto, que o Czar da Pantolândia não durma sobre seus louros prostibulares. Vocês conhecem o Sinchi, respeitáveis ouvintes, e sabem que quando empreende uma campanha a favor da justiça, da verdade, da cultura ou da moral de Iquitos não retrocede em seu denodo até chegar à meta, que é contribuir, colocando ao menos um graveto na fogueira, para o progresso da Amazônia. Pois bem, esta noite, e como complemento gráfico e direto, como testemunho vivo, dramático e ternamente humano do mal que denunciemos no nosso COMENTÁRIO DO DIA, o Sinchi vai lhes oferecer duas gravações exclusivas, obtidas à custa de esforços e riscos, que denunciam por si sós a tenebrosa Pantolândia e o caráter do personagem que a criou e amealha sua fortuna graças a ela, e que, levado por suas ânsias de dinheiro, não hesita em sacrificar o que há de mais sagrado para um homem, ou seja, seu sobrenome, sua família, sua digna esposa e sua pequena filhinha. São dois testemunhos terríveis em sua verdade nua e estridente, que o Sinchi oferece aos seus ouvidos, queridos radiouvintes, com o intuito de que conheçam, em

todos seus íntimos mecanismos maquiavélicos, o tráfico cotidiano de amores carnis na imoral Pantolândia.

*Breves arpejos.*

Aqui, à nossa frente, sentada, com uma expressão inibida por sua falta de familiaridade com o microfone, temos uma mulher ainda jovem e bem-apeçoada. Seu nome é MACLOVIA. Seu sobrenome não tem importância e, além do mais, ela prefere que não se divulgue, pois, muito humanamente, deseja que seus familiares não a identifiquem e sofram ao conhecer sua verdadeira vida, que é, aliás, tem sido, foi até agora, A PROSTITUIÇÃO. Que ninguém jogue a primeira pedra, que ninguém arranque os cabelos. Nossos ouvintes sabem muito bem que qualquer mulher, por mais baixo que tenha caído, sempre pode se redimir, se receber as facilidades e a ajuda moral para isso, se tiver o apoio de mãos amigas. O primeiro passo para retomar a vida decente é querer. Maclovia, como verificarão dentro de breves instantes, quer. Ela foi “lavadeira”, lavadeira entre aspas, é lógico; exerceu, certamente por fome, por necessidade, por fatalidade da vida, esse trágico ofício: ir se oferecendo a quem pagasse melhor pelas ruas de Iquitos. Mas depois, e é a parte que nos interessa, trabalhou na depravada Pantolândia. Ela poderá nos revelar, por isso, o que se esconde sob esse nome circense. As desgraças da vida empurraram Maclovia em direção a esse antro, para que um senhor xis a explorasse e tivesse grandes lucros com sua dignidade de mulher. Mas é preferível que ela mesma nos diga tudo isso, com sua simplicidade de mulher humilde, que não teve oportunidade de estudar e se cultivar, mas adquiriu uma imensa experiência pelos maus-tratos da vida. Aproxime-se um pouquinho, Maclovia, e diga aqui tudo isso. Sem medo e sem vergonha, a verdade não ofende nem mata. O microfone é seu, Maclovia.

*Breves arpejos.*

— Obrigada, Sinchi. Olhe, a história do meu sobrenome não é tanto pela minha família, porque na verdade, além da minha prima

Rosita, não tenho parentes, pelo menos próximos. Minha mãe morreu antes de eu começar a trabalhar naquilo que você falou, meu pai se afogou numa viagem ao Madre de Dios e meu único irmão se escondeu na selva há cinco anos para não fazer o serviço militar e ainda estou esperando ele voltar. É mais porque, não sei como dizer, Sinchi, este nome Maclovia só uso no trabalho, porque também não é o meu nome, e o meu nome de verdade é para todo o resto, por exemplo minhas amizades. Você me trouxe aqui para falar só daquilo, não é? É como se eu fosse duas mulheres, cada uma fazendo uma coisa e cada uma com um nome diferente. Já me acostumei. Eu sei que não estou explicando bem. O quê, como? Ah, sim, estou saindo do assunto. Bem, agora vou falar daquilo, Sinchi.

Foi mesmo, antes de entrar na Pantolândia trabalhei de lavadeira, como você disse, e depois na casa de Moquitos. Muita gente pensa que as lavadeiras ganham horrores e levam uma vida ótima. Uma mentira deste tamanho, Sinchi. É um trabalho duro, pesadíssimo, caminhar o dia todo, os pés da gente ficam inchados e muitas vezes à toa, para voltar irritada para casa sem ter conseguido um cliente. E ainda por cima apanha do cafetão só porque não trouxe nem cigarros. Você vai perguntar, para que um cafetão, então? Porque se não tiver, ninguém a respeita, você é assaltada, roubada, fica desamparada e, além do mais, Sinchi, quem gosta de viver sozinha, sem homem? Sim, saí do assunto outra vez, já, já falo daquilo. Era só para explicar por que, quando correu a notícia, de repente, de que na Pantolândia faziam contratos com salários fixos, folga aos domingos e até viagens, bem, foi uma loucura entre as lavadeiras. Era como ganhar na loteria, Sinchi, entende? Um trabalho seguro, sem ter que procurar clientes porque isso era o que não faltava, e ainda por cima tratadas com toda a consideração. Parecia um sonho, sabe. Foi uma correria para o rio Itaya. Todas voaram para lá, mas só havia contratos para poucas e nós éramos um bando de cadelas, ai, desculpe. E além do mais, com a Chuchupe sendo a chfona de lá, não havia como a gente entrar. O senhor Pantoja seguia todos os seus conselhos e ela sempre preferia as mulheres que tinham trabalhado na sua casa de Nanay. Por exemplo, as que vinham da concorrência, dos bordéis do Moquitos, ela suportava mas fazia um

monte de objeções e pedia umas comissões monstruosas. Com as lavadeiras era pior ainda, ela desmoralizava a gente dizendo, o senhor Pantoja não gosta das que vieram da rua, feito as cadelinhas, só gosta das que trabalharam em endereço conhecido. Isto queria dizer na Casa Chuchupe, naturalmente. Desgraçada, ela ficou barrando a minha entrada pelo menos durante quatro meses. Chegava a notícia, vagas no Itaya, eu ia voando e sempre batia de cara nessa montanha, a Chuchupe. Por isso fui para a casa do Moquitos, não o velho bordel, mas o que ele comprou da Chuchupe, em Nanay. Mas só estava lá fazia uns dois meses quando abriram vagas outra vez na Pantolândia, eu corri e o senhor Pan-Pan ficou me olhando no exame e disse você tem presença, menina, entre nessa fila. E me escolheu pelo meu bom corpo. Foi assim que entrei na Pantolândia, Sinchi. Lembro direitinho da primeira vez que fui ao Itaya, já contratada, para o exame médico. Estava feliz como no dia da minha primeira comunhão, juro. O senhor Pantoja fez um discurso para mim e as quatro meninas que entraram comigo. Deixou a gente com lágrimas nos olhos, sabe, dizendo agora vocês já têm outra categoria, são visitadoras e não vagabundas, cumprem uma missão, servem a pátria, colaboram com as Forças Armadas e não sei que coisas mais. Fala bonito que nem você, Sinchi, que uma vez, não esqueço, fez a Sandra, a Peludita e eu chorarmos. Estávamos navegando no *Eva* pelo rio Marañón e você começou a falar no rádio sobre os órfãosinhos do Lar de Menores e os nossos olhos ficaram marejados.

— Obrigado, Maclovia, pela parte que nos toca. É emocionante saber que chegamos a todos os ambientes e que *A voz do Sinchi* é capaz de fazer vibrar as fibras íntimas dos seres mais endurecidos pelas circunstâncias da vida. Isso que você disse é uma grande recompensa e para nós vale mais que todas as ingratidões. Bem, Maclovia, foi assim que caiu nas malhas do Cafetão da Pantolândia. O que houve então?

— Eu, feliz da vida, Sinchi, imagine só. Passava o dia inteiro viajando, conhecendo os quartéis, as bases, os acampamentos de toda a selva, eu que nunca tinha entrado num avião. Na primeira vez que me meteram no *Dalila* me deu um pavor, coceira na barriga,

calafrios e enjoo. Mas depois era o contrário, eu adorava, pediam, voluntárias para o comboio aéreo! e era sempre eu!, eu, senhor Pantoja, eu, eu! Agora vou lhe dizer uma coisa, Sinchi, voltando ao caso de antes. Os seus programas são tão bonitos, você sempre faz umas campanhas magníficas como a dos órfãosinhos, que ninguém pode entender por que ataca os irmãos da Arca, por que os calunia e xinga o tempo todo. Que injustiça, Sinchi, nós só queremos que reine o bem e que Deus fique contente. O quê? Está bem, já falo daquilo, você me perdoe mas tinha que dizer isso em nome da opinião pública. Íamos, então, aos quartéis e os milicos nos recebiam como rainhas. Por eles a gente ficava lá a vida toda, tornando o serviço mais suportável. Eles organizavam passeios para nós, emprestavam barcos para a gente sair pelo rio, convidavam para comer *anticuchos*. Uma consideração que poucas vezes se vê neste ofício, Sinchi. E além do mais, a tranquilidade de saber que o trabalho é legal, de não viver assustada com medo da polícia, de que os tiras apareçam e levem num minuto o que você ganhou num mês. Que segurança, trabalhar com os milicos, sentir-se protegida pelo Exército, não é mesmo? Quem ia se meter com a gente? Até os cafetões andavam mansinhos, pensavam duas vezes antes de levantar a mão, com medo de que a gente fosse reclamar com os soldados e eles acabassem na cadeia. Quantas éramos? Na minha época, vinte. Mas agora há quarenta, felizes delas porque estão no paraíso. Até os oficiais faziam de tudo para nos receber bem, Sinchi, está pensando o quê. Sim, era uma felicidade, ai, Senhor, me dá uma tristeza quando penso que saí da Pantolândia por pura burrice.

Na verdade foi culpa minha, o senhor Pantoja me expulsou porque numa viagem a Borja eu fugi e me casei com um sargento. Foi há poucos meses, para mim séculos. Será que é pecado se casar? Uma das piores coisas de ser visitadora é que eles não aceitam as casadas, o senhor Pantoja diz que há incompatibilidade. Acho isso um grande abuso. Agora, na verdade fui casar em má hora, Sinchi, porque o Teófilo era meio biruta. Bem, é melhor não falar mal dele porque está preso, e ainda vai ficar muitos anos. Dizem até que podem fuzilar todos, ele e os outros irmãos. Você acha que vão fazer isso? Olhe que só vi o meu pobre marido umas

quatro ou cinco vezes, seria engraçado se não fosse uma grande tragédia. Quando penso que fui eu quem o tornou irmão. Ele nunca tinha prestado atenção na Arca, nem no Irmão Francisco, nem na salvação pelas cruzes, até que me conheceu. Eu falei com ele sobre a Arca, expliquei que era coisa de gente boa, pelo bem do próximo, e não as maldades que os tolos dizem, essas que você repete, Sinchi. Mas o que acabou de convencer o Teófilo foi conhecer os irmãos de Santa María de Nieva, que nos ajudaram tanto quando fugimos. Eles nos deram de comer, emprestaram dinheiro, abriram seu coração e suas casas, Sinchi. E, depois, quando o Teófilo estava preso no quartel, iam vê-lo, levavam comida para ele todos os dias. Ali foram lhe ensinando as verdades. Mas eu nunca podia sonhar que a religião ia tomar conta dele daquele jeito. Imagine que quando saiu do calabouço, eu, que movendo céus e terras para conseguir a passagem fui me juntar com ele em Borja, encontrei outro homem. Ele me recebeu dizendo não posso tocar em você nunca mais, vou ser apóstolo. Que se eu quisesse podíamos morar juntos, mas só como irmão e irmã, os apóstolos têm que ser puros. Mas que isso seria um sofrimento para os dois e era melhor que cada um seguisse seu caminho, já que eram tão diferentes, ele tinha escolhido a santidade. Resultado, já viu, Sinchi, fiquei sem Pantolândia e sem marido. E assim que voltei a Iquitos soube que tinham crucificado don Arévalo Benzas lá em Santa María de Nieva, e que o Teófilo dirigiu tudo. Ai, Sinchi, como aquilo me abalou. Eu conheci o velhinho, era o chefe da arca do povoado, foi quem mais nos ajudou e nos deu tantos conselhos. Não acredito nessa história dos jornais, a mesma que você também repete, de que Teófilo o crucificou para ser o chefe da arca de Santa María de Nieva. Meu marido virou santo, Sinchi, queria chegar a apóstolo. Tem que ser verdade o que os irmãos confessaram, com certeza o velho, sentindo que ia morrer, chamou os irmãos e pediu para ser crucificado e acabar como Cristo, e que, para fazer a sua vontade, eles obedeceram. Pobre Teófilo, espero que não seja fuzilado, eu me sentiria responsável, viu como fui eu que o meteu nisso, Sinchi? Quem ia imaginar que ele ia acabar assim, com a religião tão dentro do sangue. Sim, já vou falar daquilo.

Enfim, como estava contando, o senhor Pantoja nunca perdoou minha fuga com o pobre Teófilo, não me deixou voltar para a Pantolândia, por mais que eu lhe pedisse, e imagino que agora, depois do que contei aqui, acabou-se para sempre. Mas a gente tem que viver, não é, Sinchi? Porque outra das proibições do senhor Pan-Pan é falar sobre a Pantolândia. Com ninguém, nem com a família nem com os amigos, e se nos perguntarem, negar que existe. Não é outro absurdo? Como se em Iquitos até as pedras não soubessem o que é a Pantolândia e quem são as visitadoras. Mas, o que você quer, Sinchi, cada qual com suas manias, e o senhor Pantoja tem manias até demais. Não, não é verdade o que você disse um dia, que ele dirige a Pantolândia com salmoura e chicote, feito um negreiro. Temos que ser justos. Ele mantém tudo muito organizadinho, outra mania dele é a ordem. Todas nós dizíamos isto aqui não parece um bordel e sim um quartel. Manda a gente formar, faz chamada, temos que ficar quietas e mudas quando ele fala. Só faltava tocar corneta e nos mandarem desfilar, uma graça. Mas essas manias eram até engraçadas e nós as suportávamos porque no resto ele era justo e boa gente. Só quando se enrabichou, se apaixonou pela Brasileira, começaram as injustiças para favorecê-la, por exemplo mandava reservar para ela o único camarote individual do *Eva* nas viagens. Ela o domina, pode acreditar. Venha cá, você vai passar no rádio isto também? É melhor apagar, eu não quero encrencas com a Brasileira, ela é meio feiticeira e vai ver me bota mau-olhado. Aliás, já tem um par de cadáveres nas costas, lembre-se. Apague o que falei dela e do senhor Pantoja, afinal todo cristão tem o direito de se enrabichar, de se apaixonar por quem bem entender, tanto como cada cristã, não acha? Imagino que o senhor Pantoja teria perdoado minha fuga com o Teófilo se eu não tivesse escrito aquela carta à sua esposa, que nem fui eu que escreveu, ditei para a minha prima Rosita, a professora. Essa foi minha grande mancada, e por isso me dei mal, Sinchi, eu mesma me enfiei o punhal. O que quer, estava desesperada, morrendo de fome, teria feito qualquer coisa para o senhor Pan-Pan me contratar de novo. E também queria ajudar o Teófilo, que estava passando fome num calabouço em Borja. É verdade que a Rosita me avisou: "Você vai

fazer uma loucura, prima.” Enfim, não me parecia. Pensei que poderia tocar nas fibras do coração da sua esposa, que ela teria compaixão, falaria com o marido e o senhor Pantoja me receberia de novo. Foi a única vez que o vi tão furioso, parecia que ia me matar. Eu, boba, pensando que a esposa tinha intercedido, que ele já estaria mais afável, fui procurá-lo na Pantolândia, certa de que ia me dizer está perdoada, uma multa, vá para o exame médico e para dentro de novo. Só faltou puxar o revólver, Sinchi. Até palavras me disse, ele que não costuma usar palavras de baixo calão. Estava com os olhos vermelhos, perdia a voz, soltava espuma pela boca. Que eu tinha destruído seu casamento, que tinha dado uma punhalada no coração da sua esposa, que sua mãe tinha desmaiado. Precisei sair correndo da Pantolândia porque achei que ia me bater. Também, coitada, não é, Sinchi? Sua esposa não sabia nada de nada, descobriu a história toda do senhor Pan-Pan pela minha carta. Que mancada, mas eu não sou adivinha, como podia pensar que ela era tão ingênua que não sabia como seu marido levava o feijão para casa. Como tem gente inocente neste mundo, não é? Parece que a mulher o largou e foi com a filhinha para Lima. Olhe que baita encrenca se armou por minha culpa. E cá estou, então, trabalhando outra vez como lavadeira. O Moquitos não quis me receber, porque saí de lá para trabalhar na Pantolândia. Ele criou essa lei, para não ficar sem mulheres nas suas casas: quem vai trabalhar para o senhor Pan-Pan não volta nunca mais aos bordéis de Moquitos. De modo que aqui estou, novamente como no princípio, caminhando para cima e para baixo, sem poder sequer pagar um cafetão. Tudo estaria muito bem se ainda não tivesse ficado com varizes, olhe só os meus pés, já viu coisa mais inchada, Sinchi? E apesar do calor tenho que andar com meias grossas para disfarçar as veias saltadas, senão jamais conseguiria um cliente. Enfim, não sei mais o que contar, Sinchi, já acabou a história.

— Bem, muito bem, Maclovia, realmente, agradecemos sua franqueza e sua espontaneidade, em nome dos ouvintes de *A voz do Sinchi*, da Rádio Amazonas, que, temos absoluta certeza, compreendem o seu drama e têm piedade da sua sorte. Ficamos muito reconhecidos por seu corajoso testemunho denunciando as

escabrosas atividades do Barba Azul do rio Itaya, embora não concordemos que todas as suas calamidades sejam decorrência da sua saída da Pantolândia. Pensamos que o obscuro senhor Pantoja lhe fez um grande favor ao despedi-la, naturalmente que sem se propor a isso, dando a você uma oportunidade de se regenerar e voltar à vida honesta e normal, o que esperamos deseje e consiga logo. Uma ótima tarde, Maclovia.

*Breves arpejos. Anúncios comerciais gravados em disco e fita: trinta segundos. Breves arpejos.*

As últimas palavras dessa infeliz mulher cujo testemunho acabamos de levar aos vossos ouvidos, queridos radiouvintes — me refiro à ex-visitadora Maclovia — puseram dramaticamente o dedo na ferida de uma história trágica e dolorosa que retrata, melhor que uma fotografia ou um filme em technicolor, a idiosincrasia do personagem que inclui em seu prontuário a triste façanha de ter criado em Iquitos a mais insuspeita e multitudinária casa de perdição do país, talvez da América do Sul. Porque, de fato, é verdade e dou fé que o senhor Pantaleão Pantoja tem uma família, ou melhor, tinha, e que levava uma vida dupla, mergulhado por um lado no pântano infecto do negócio do sexo e, por outro lado, aparentando uma vida doméstica digna e respeitável, protegido pela ignorância em que mantinha seus seres queridos, a esposa e a filhinha pequena, a respeito de suas verdadeiras e proveitosas atividades. Mas um dia se fez a luz da verdade no infausto lar e a ignorância da sua esposa se transformou em espanto, vergonha e, com justíssima razão, ira. Dignamente, com toda a nobreza de mãe ofendida, de esposa enganada no mais sagrado da sua honra, essa honesta dama tomou a determinação de abandonar o lar maculado pelo escândalo. No aeroporto Tenente Bergerí, de Iquitos, para dar testemunho da sua dor e para acompanhá-la até a escada da moderna aeronave Faucett que iria levá-la pelos ares da nossa querida cidade, ESTAVA O SINCHI!:

*Breves arpejos, som de motor de avião que aumenta,  
diminui e fica como fundo sonoro.*

— Boa tarde, excelentíssima senhora. É a senhora Pantoja, certo? Muito prazer em conhecê-la.

— Sim, sou eu. Quem é o senhor? O que é isso que tem na mão? Gladyzinha, minha filha, cale a boca, está me dando nos nervos. Alicia, dê a chupeta para ver se esta criança fica quieta.

— Sou o Sinchi, da Rádio Amazonas, às suas ordens, respeitável senhora. Permite que eu roube alguns segundos do seu precioso tempo para uma entrevista de quatro palavras?

— Uma entrevista? Eu? Mas a troco de quê?

— Do seu marido, senhora. Do celeberrimo e muito conhecido Pantaleão Pantoja.

— Vá fazer a entrevista com ele mesmo, senhor, eu não quero saber nada dessa pessoinha nem da sua celebridade, que me faz rir, nem desta cidade nojenta que espero nunca mais voltar a ver nem pintada. Licencinha, por favor. Saia daí, senhor, não vê que pode pisar na menininha.

— Eu compreendo a sua dor, minha senhora, e os nossos ouvintes também compreendem, e saiba que conta com toda a nossa simpatia. Nós sabemos que só o sofrimento pode levar a senhora a se referir desta maneira ofensiva à Pérola do Amazonas, que não lhe fez nada. Na verdade, é o seu marido quem está fazendo muito mal a esta terra.

— Desculpe, Alicita, sei que você é loretana, mas sofri tanto nesta cidade que a odeio com toda a minha alma e não volto nunca mais, você vai ter que ir me visitar em Chiclayo. Olhe, outra vez fiquei com os olhos rasos de lágrimas na frente de todo mundo, Alicia, ai, que vergonha.

— Não chore, Pochita linda, não chore, tenha firmeza. E eu, que idiota, nem trouxe um lenço. Vamos, me passe a Gladyzinha, eu a seguro.

— Permita-me oferecer o meu lenço, distinta senhora. Pegue, por favor, eu lhe peço. Não se envergonhe de chorar, o pranto é para uma dama como o sereno para as flores, senhora Pantoja.

— Mas o que o senhor ainda quer por aqui, olhe só, Alicia, que sujeito mais insistente. Já disse que não vou dar nenhuma entrevista sobre o meu marido. Que aliás não vai ser por muito tempo, porque juro, Alicia, assim que chegar a Lima vou procurar um advogado e pedir o divórcio. Quero ver se não me dão a guarda da Gladyzinha, com as nojeiras que esse desgraçado está fazendo aqui.

— Exatamente, é sobre isso mesmo que ousávamos esperar uma declaração sua, mesmo que seja muito breve, senhora Pantoja. Porque a senhora não ignora, pelo visto, o insólito negócio em que...

— Vá embora, vá embora de uma vez se não quer que eu chame a polícia. O senhor já encheu minha paciência, estou avisando, não tenho ânimo agora para aguentar malcriações.

— É melhor não provocar, Pochita, se ele atacar você no programa, o que vão dizer por aí, mais falatório. Por favor, meu senhor, compreenda, ela está mortificada, está indo embora de Iquitos, não tem ânimo para falar da sua via-crúcis pelo rádio. O senhor tem que entender.

— Naturalmente que entendemos, estimada senhorita. Cientes de que a senhora Pantoja decidiu partir devido às atividades pouco recomendáveis a que se dedica o senhor Pantoja nesta cidade, e que mereceram a mais enérgica reprovação da população, nós...

— Ai que vergonha, Alicia, se todo mundo está inteirado, se todos sabiam menos eu, que bobona, que idiota, odeio esse bandido, como pôde me fazer isso. Nunca mais vou falar com ele, juro, não vou deixar que veja a Gladyzinha, para que não a corrompa.

— Calma, Pocha. Olhe, já estão chamando, seu avião está saindo. Que pena que você vai embora, Pochita. Mas tem razão, minha filha, aquele homem se comportou tão mal que não merece viver com você. Gladyzinha, meu amor, um beijinho na sua tia Alicia, beijinho, beijinho.

— Escrevo assim que chegar, Alicia. Obrigada por tudo, não sei o que faria sem você, você foi o ombro amigo para as minhas lágrimas nestas semanas horríveis. Já sabe, não diga nada a Panta nem à senhora Leonor nas próximas duas ou três horas, assim não podem chamar pelo rádio e fazer o avião voltar. Tchau, Alicia, tchauzinho.

— Ótima viagem, senhora Pantoja. Parta com os melhores votos dos nossos ouvintes e com a nossa compreensão generosa por seu drama, que é também, de certo modo, de todos nós e da nossa querida cidade.

*Breves arpejos. Anúncios comerciais em disco e fita:  
trinta segundos. Breves arpejos.*

E, tendo em vista que o relógio Movado dos nossos estúdios marca exatamente 18h30 da tarde, vamos encerrar o nosso programa com este impressionante documento radiofônico que deixa bem claro como, na sua negra odisseia, o senhor da Pantolândia não hesitou em causar dor e aflição à sua própria família, como vem fazendo com esta terra cujo único delito foi recebê-lo e lhe oferecer sua hospitalidade. Muito boa tarde, queridos ouvintes. Acabamos de apresentar:

*Compassos da valsa La contamanina;  
sobem, descem e ficam como fundo sonoro.*

A VOZ DO SINCHI!

*Compassos da valsa La contamanina; sobem,  
descem e ficam como fundo sonoro.*

Meia hora de comentários, críticas, acontecimentos, informações, sempre a serviço da verdade e da justiça. A voz que recolhe e propaga pelas ondas as palpitações de toda a Amazônia. Um programa vivo e simplesmente humano, escrito e apresentado pelo conhecido jornalista Germán Láudano Rosales, O SINCHI, diariamente, de segunda a sábado, entre seis e seis e trinta da tarde, Rádio Amazonas, a principal emissora do oriente peruano.

*Compassos da valsa La contamanina; sobem,  
descem e se interrompem totalmente.*

### *Noite de 13 a 14 de fevereiro de 1958*

Soa o gongo, o eco fica vibrando no ar e Pantaleão Pantoja pensa: "Foi embora, abandonou você, levou a sua filha." Está no posto de comando, com as mãos apoiadas no parapeito, rígido e sombrio. Tenta esquecer Pochita e Gladys, faz um esforço para não chorar. Agora, além do mais, está dominado pelo terror. O gongo soou de novo e ele pensa: "Outra vez, outra vez, o maldito desfile dos duplos outra vez." Transpira, treme, seu coração sente saudade dos verões em que podia correr e esconder a cara nas saias da senhora Leonor. Pensa: "Ela abandonou você, não vai ver sua filha crescer, jamais voltarão." Mas, *fazendo das tripas coração*, controla-se e se concentra no espetáculo.

À primeira vista, não há motivos para se alarmar. O pátio do centro logístico se ampliou o suficiente para fazer as vezes de um coliseu ou um estádio, mas, tirando suas proporções ampliadas, é idêntico a si mesmo: lá estão os altos tabiques cheios de cartazes com lemas, provérbios e instruções, as vigas pintadas nas cores simbólicas vermelho e verde, as redes, os escaninhos das visitadoras, o biombo branco da Assistência Sanitária e os dois portões de madeira com a tranca abaixada. Não se vê ninguém. Mas essa paisagem familiar e desabitada não tranquiliza Pantaleão Pantoja. Seu receio cresce e um zumbido tenaz perturba seus ouvidos. Está tenso, assustado, esperando e repetindo: "Pobre Pochita, pobre Gladyzinha, pobre Pantita." Elástico e demorado, o som do gongo o faz pular na cadeira: vai começar. Apela para toda a sua vontade, para seu senso do ridículo, pede secretamente ajuda a Santa Rosa de Lima e ao menino-mártir de Moronacochoa para não se levantar, descer a escadinha aos pulos e sair *correndo feito alma penada* do centro logístico.

Acaba de se abrir (suavemente) o portão do cais e Pantaleão Pantoja divisa silhuetas imprecisas, em posição de sentido, aguardando a ordem de entrar no centro logístico. "Os duplos, os duplos", pensa, *de cabelo em pé*, sentindo que seu corpo começa a

gelar de alto a baixo: os pés, os tornozelos, os joelhos. Mas o desfile já se iniciou e nada justifica seu pânico. São apenas cinco soldados que, em fila indiana, vão avançando do portão rumo ao posto de comando, cada um puxando uma corrente em cujo extremo trota, pula, se agita, o quê? Presa de uma ansiedade que deixa suas mãos úmidas e seus dentes chacoalhando, Pantaleão Pantoja avança a cabeça, aguça o olhar, esquadrinha com avidez: são cachorrinhos. Um suspiro de alívio incha e desincha seu peito: *estava com o coração na boca*. Não há nada a temer, sua apreensão era estúpida, não são os duplos, são diversos expoentes do *melhor amigo do homem*. Os soldados se aproximaram mas ainda estão longe do posto de comando. Agora Pantaleão Pantoja os distingue melhor: entre um soldado e outro há vários metros de distância e os cinco bichinhos estão primorosamente dispostos, como se fosse um concurso. Nota-se que foram lavados, tosados, escovados, penteados, perfumados. Todos têm no pescoço, além da coleira, fitas rubro-verdes com meigas rosetas e lacinhos. Os soldados marcham muito sérios, olhando para a frente, sem se adiantar nem se atrasar, cada um a pouca distância do animal a seu cargo. Os cachorrinhos se deixam levar docilmente. São de cores, formas e tamanhos diferentes: bassê, dinamarquês, pastor, chihuahua, policial. Pantaleão Pantoja pensa: “Perdi minha esposa e minha filha mas, pelo menos, o que vai acontecer aqui não será tão atroz como foi outras vezes.” Vê os soldados se aproximarem e se sente sujo, malvado, ferido, e tem a sensação de que uma erupção de sarna está se propagando ao longo e ao largo do seu corpo.

Quando o gongo volta a soar — a vibração desta vez é amarga e quase retilínea — Pantaleão Pantoja sofre um sobressalto e se remexe intranquilo na cadeira. Pensa: *Cria corvos e eles arrancarão seus olhos*. Faz um esforço e observa: seus olhos saltam das órbitas, seu coração bate tão forte que poderia estourar como um saco de plástico. Encostado no parapeito, seus dedos doem de tanto pressionar a madeira. Os soldados já estão bem perto e poderia reconhecer suas feições se os observasse. Mas só tem olhos para aquilo que tropeça, rola e cambaleia na ponta das correntes: onde estavam os cães há agora umas formas grandes, vivas e horríveis,

uns seres que o repelem e o fascinam. Gostaria de examiná-los um por um, detalhadamente, gravar suas abruptas imagens antes que desapareçam, mas não pode individualizá-los: seu olhar pula de um para outro ou os abarca todos de uma vez. São enormes, entre humanos e simiescos, com rabos que chicoteiam o ar, muitos olhos, mamas que beijam o chão, chifres cinzentos, escamas palpitantes, pezinhos encurvados que chiam como broca na laje, trombas peludas, babas e línguas aureoladas de moscas. Têm lábios leporinos, crostas sanguinolentas, narizes com fiapos de ranho pendurados e pés encouraçados de calos, encrespados de panarícios e joanetes, e pelames farpados onde piolhos gigantes se balançam e pulam feito macaquinhos no bosque. Pantaleão Pantoja decide *botar sebo nas canelas* e fugir. O terror lhe arranca os dentes, que pulam em seus joelhos como grãos de milho: amarraram suas mãos e seus pés no parapeito e não vai poder se mexer até que *eles* passem em frente ao posto de comando. Está implorando que alguém atire logo, *faça em pedaços sua cabeça* e acabe com este suplício de uma vez.

Mas voltou a soar o gongo — o eco interminável vibra em cada um dos seus nervos — e agora o primeiro soldado está passando em câmera lenta diante do posto de comando. Amarrado, febril, amordaçado, Pantaleão Pantoja vê: não é um cachorro nem um monstro. A figura acorrentada que sorri para ele com malícia é a senhora Leonor, em cujos traços se enxertaram, sem substituí-los, os de Leonor Curinchila, e a cujo magro esqueleto se acrescentaram — “mais uma vez”, pensa, engolindo fel, Pantaleão Pantoja — os peitos, as nádegas, as gorduras e o andar protuberante de Chuchupe. “Não importa que a Pocha foi embora, filhinho, eu continuo cuidando de você”, diz a senhora Leonor. Faz uma reverência e se afasta. Ele não tem tempo de pensar pois já está aí o segundo soldado: o rosto é do Sinchi, e também a corpulência, a desenvoltura animal e o microfone que tem na mão. Mas a farda e as estrelas de general são do Tigre Collazos, assim como a maneira de estufar o peito, de coçar o bigode, o aprumo franco do sorriso e o transparente dom de comando. Para um instante, o tempo necessário para levar o microfone à boca e rugir: “Ânimo, capitão Pantoja: Pochita vai ser a estrela do Serviço de Visitadoras de

Chiclayo. Quanto à Gladyzinha, nós a nomearemos mascote dos nossos comboios.” O soldado dá um puxão na corrente e o Sinchi Collazos se afasta pulando num pé só. Agora está à sua frente, calvo, diminuto no seu uniforme verde, mostrando-lhe a espada desembainhada que rutila menos que seus olhos sarcásticos, o general Chupito Scavino. Late: “Viúvo, cornudo, tarado! Pantaleão, babaca, veado!” Afasta-se em passos ligeiros, balançando garbosamente a cabeça na sua coleira. Mas está já aí, repreensivo e severo na sua batina escura, benzendo-o friamente, um comandante Beltrán de olhos puxados e voz adocicada: “Em nome do mátil de Molonacocha eu o condeno a fical sem mulhel e sem filhinha pla simple, senhol Pantaleão.” Tropeçando na bainha da batina e se sacudindo de tanto rir o padre Porfirio se afasta atrás dos outros. E aí está aquela que encerra o desfile. Pantaleão Pantoja luta, morde, tenta soltar as mãos para pedir perdão, tirar a mordaga para suplicar, mas seus esforços são em vão, e a figura com graciosa silhueta, negra cabeleira, cútis leonina e lábios de carmim está ali embaixo, aureolada por uma interminável tristeza. Pensa: “Odeio você, Brasileira.” A figurinha sorri aflita e sua voz se enche de melancolia: “Você não reconhece mais a sua Pochita, Panta?” Dá meia-volta e se afasta, arrastada pelo soldado, que puxa a corrente com força. Ele se sente bêbado de solidão, furor e espanto enquanto o gongo martela estrepitosamente nos seus ouvidos.



## VIII

— ACORDE, filhinho, são seis horas — bate na porta, entra no quarto, beija Panta na testa a senhora Leonor. — Ah, já levantou.

— Estou de banho tomado e barba feita há uma hora, mamãe — boceja, faz um gesto de aborrecimento, abotoa a camisa, se inclina Panta. — Dormi muito mal, os malditos pesadelos de novo. Preparou tudo?

— Pus roupa para três dias — confirma, sai, volta arrastando uma mala, mostra os objetos arrumados a senhora Leonor. — Será suficiente?

— E até demais, não vou demorar mais que dois dias — põe um boné, se olha no espelho Panta. — Vou ao Huallaga, ver o Mendoza, um velho colega. Cursamos juntos a Escola de Chorrillos. Não o vejo há séculos.

— Bem, até agora eu não quis dar importância à coisa, porque parecia que não tinha — lê telegramas, consulta oficiais, estuda expedientes, participa de reuniões, fala pelo rádio o general Scavino. — A Guarda Civil nos pede ajuda há meses, não dão conta de tanto fanático. Sim, é claro, da Arca. Recebeu os informes? A coisa está ficando feia. Duas novas tentativas de crucificação esta semana. Em Puerto América e em Dos de Mayo. Não, Tigre, não os pegaram.

— Mas tome o leite, Pantita — enche a xícara, bota açúcar, corre para a cozinha, traz pão a senhora Leonor. — E as torradinhas que fiz para você? Vou passar manteiga e um pouquinho de geleia. Coma um pouquinho, meu filho, estou pedindo.

— Um pouco de café e mais nada — permanece em pé, bebe um gole, olha o relógio, fica impaciente Panta. — Não estou com fome, mamãe.

— Você vai ficar doente — sorri aflita, volta à carga com doçura, segura o braço dele, obriga-o a se sentar a senhora Leonor. — Você não come nada, está que é só pele e osso. Me deixa com os nervos à flor da pele, Panta. Não come, não dorme, trabalha o dia inteirinho. Assim não pode ser, vai afetar o seu pulmão.

— Fique quieta, mamãe, não seja boba — se resigna, bebe a xícara num gole, balança a cabeça, come uma torrada, limpa a boca Panta. — Depois dos trinta, o segredo da saúde é jejuar. Estou muito bem, não se preocupe. Deixo aqui um pouco de dinheiro, se precisar.

— Você já está outra vez assobiando *La Raspa* — tapa os ouvidos a senhora Leonor. — Não sabe como cheguei a odiar essa bendita musiquinha. Pocha também ficava louca. Não pode assobiar outra coisa?

— Estava assobiando? Nem percebi — enrubesce, tosse, vai para o seu quarto, olha uma foto com tristeza, levanta a mala, volta à sala de jantar Panta. — Falando na Pocha, se chegar carta dela...

— Não me agrada meter o Exército nessa confusão — reflete, preocupa-se, vacila, tenta caçar uma mosca, fracassa o Tigre Collazos. — Combater feiticeiros e fanáticos é trabalho de padres ou, em todo caso, de policiais. Não de soldados. Ficou tão grave a coisa?

— Eu guardo com o maior cuidado até a sua volta, claro que sei, não me faça recomendações bobas — se zanga, se ajoelha, lustra seus sapatos, escova a calça, a camisa, toca no seu rosto a senhora Leonor. — Venha, quero lhe dar a bênção. Vá com Deus, filhinho, e procure, faça o possível...

— Já sei, já sei, não vou olhar para elas, nem dirigir a palavra — fecha os olhos, aperta os punhos, torce o rosto Panta. — Vou dar as ordens por escrito e de costas. Você também, não me faça recomendações bobas, mamãe.

— O que fiz para Deus me mandar este castigo — soluça, levanta as mãos para o teto, se exaspera, esperneia a senhora Leonor. — Meu filho vivendo entre perdidas as 24 horas do dia, e por ordem do Exército. Somos a fofoca de toda Iquitos, na rua me apontam com o dedo.

— Calma, mãezinha, não chore, por favor, não tenho tempo agora — passa o braço pelos seus ombros, acaricia, beija sua bochecha Panta. — Desculpe se eu falei alto demais. Ando um pouco nervoso, não ligue.

— Se o seu pai e seu avô estivessem vivos, morreriam do horror — limpa os olhos com a bainha da saia, mostra um retrato amarelado a senhora Leonor. — Devem pular nos seus túmulos

quando veem o que mandaram você fazer. No tempo deles os oficiais não se rebaixavam a essas coisas.

— Faz oito meses que você repete quatro vezes por dia a mesma coisa — grita, se arrepende, baixa a voz, sorri sem vontade, explica Panta. — Sou militar, tenho que cumprir ordens e, enquanto não me derem outro, minha obrigação é fazer bem este trabalho. Já falei que se você preferir posso mandá-la para Lima, mãezinha.

— Bastante surpreendente, sim, general — remexe numa bolsa, tira um punhado de cartões e fotos, faz um pacote, lacra, ordena despachem isto para Lima o coronel Peter Casahuanqui. — Na última revista nas roupas descobrimos que metade dos soldados tinha orações do Irmão Francisco ou santinhos do menino-mártir. Estou mandando umas amostras.

— Não sou como certas pessoas que abandonam o lar na primeira dificuldade, não me confunda — se endireita, balança o indicador, adota uma postura beligerante a senhora Leonor. — Não sou dessas que somem da noite para o dia sem dizer nem adeus, dessas que roubam a filha do seu pai.

— Não comece agora a falar de Pocha — avança pelo corredor, tropeça num vaso de plantas, pragueja, esfrega o tornozelo Panta. — Virou outro dos seus temas preferidos, mamãe.

— Se ela não tivesse roubado a Gladyzinha você não estaria assim — abre a porta da rua a senhora Leonor. — Por acaso não vejo como você se consome de tristeza por causa da pequena, Panta? Vá, vá embora de uma vez.

— Não aguento mais, rápido, rápido — sobe a escadinha do *Eva*, desce ao camarote, se deita no beliche, sussurra Pantita. — Aqui, onde eu gosto, sim? No pescoço, na orelhinha. Não quero só beliscões, também as mordidinhas, devagarzinho. Vamos, vamos.

— Eu gostaria, Pantita — suspira, observa-o sem interesse, aponta para o cais, puxa a cortina da escotilha a Brasileira. — Mas espere pelo menos que o *Eva* parta. O suboficial Rodríguez e os marinheiros estão entrando e saindo a toda hora. Não é por mim, é por você, garotão.

— Não espero nem um minuto — arranca a camisa, abaixa as calças, tira os sapatos e as meias, perde o fôlego Pantaleão Pantoja.

— Feche o camarote, vamos. Belisquinhos, mordidinhas.

— Ah, Jesus, você não se cansa, Pantita — passa a tranca, se despe, sobe no beliche, balança o corpo a Brasileira. — Você me dá mais trabalho que um regimento. Que decepção me deu. A primeira vez que vi você pensei que nunca tinha enganado a sua mulher.

— E era verdade, mas agora feche a boca — ofega, se inclina, sobe, desce, entra, sai, volta, se sufoca Pantita. — Já falei que me distrai, caramba. Na orelhinha, na orelhinha.

— Você sabe que pode ficar tuberculoso de tanto trepar? — ri, se mexe, se entedia, olha as unhas, se levanta, se agacha, se apressa a Brasileira. — Para dizer a verdade, ultimamente está mais magro que um bagre. Mas nem assim, fica cada vez mais durinho. Sim, já sei, fecho o bico, está bem, na orelhinha.

— Pfuuu, enfim, pfuuu, que gostoso — explode, empalidece, respira, goza Pantita. — Meu coração vai sair pela boca, estou com vertigens.

— Tem toda a razão do mundo, Tigre, eu também não gosto de envolver a tropa em operações policiais — toma aviões, sobe rios em lanchas, inspeciona aldeias e acampamentos, exige detalhes, envia mensagens o general Scavino. — Por isso aguentei até agora. Mas o que aconteceu em Dos de Mayo é muito preocupante. Leu o informe do coronel Dávila?

— Quantas vezes por semana, Pantita? — se levanta, enche recipientes, se lava e se enxágua, se veste a Brasileira. — Mais do que uma visitadora, na certa. E quando há exame de candidatas, nem se fala. Com esse costume que você pegou na, como se chama?, revista profissional? Que sacana você é.

— Isso não é diversão, é trabalho — se espreguiça, senta no beliche, toma coragem, arrasta os pés para o banheiro, urina Panta. — Não ria, é verdade. Além disso, a culpa é sua, foi você que me deu a ideia quando fiz seu exame de ingresso. Antes não tinha pensado nisso. Acha que é brincadeira?

— Na certa depende da pessoa — joga o lençol no chão, examina o colchão, que esfrega com uma esponja e sacode a Brasileira. — Com muitas o pinto nem deve levantar.

— Claro que não, essas eu elimino de cara — se ensaboa, se enxuga com papel higiênico, puxa a descarga Pantaleão Pantoja. — É a maneira mais justa de selecionar as melhores. O pinto não se engana.

— Já estamos saindo, o *Eva* começou a balançar — abre a escotilha, puxa o colchão para que o sol bata na parte molhada a Brasileira. — Venha cá, deixe eu abrir a janela, estamos sufocados, quando vai comprar um ventilador. E agora não me venha com arrependimento, Pantita.

— Crucificaram a anciã Ignacia Curdimbre Peláez na pracinha de Dos de Mayo à meia-noite, na presença dos 214 habitantes da localidade — dita, revisa, assina e despacha seu informe o coronel Máximo Dávila. — Dois guardas civis que tentaram dissuadir os irmãos levaram uma surra terrível. Segundo as testemunhas, a agonia da velhinha durou até o amanhecer. O pior foi o que veio depois, general. Aquela gente lambuzava as caras e os corpos com o sangue da cruz e até o bebia. Agora começaram a adorar a vítima. Já circulam santinhos de Santa Ignacia.

— É que eu não era assim — se senta no beliche, põe as mãos na cabeça, recorda, se lamenta Pantaleão Pantoja. — Eu não era assim, maldita seja a minha sorte, eu não era assim.

— Nunca tinha corneado a sua fiel esposa e só trepava de 15 em 15 dias — sacode, lava, espreme, estende o lençol a Brasileira. — Eu sei essa história de cor, Panta. Você chegou aqui e ficou todo assanhado. Mas foi demais, garotão, passou para o outro extremo.

— No princípio, eu botava a culpa no clima — veste a cueca, a camiseta, as meias, se calça Pantaleão Pantoja. — Pensava que o calor e a umidade inflamavam o macho. Mas descobri uma coisa muito esquisita. O que acontece com o meu pinto é culpa deste trabalho.

— Quer dizer, por estar tão pertinho da tentação — toca nos quadris, olha os próprios peitos, se envaidece a Brasileira. — Foi por mim que aprendeu a fazer piu-piu? Que elogio, Panta.

— Você não consegue entender, nem eu entendo — se olha no espelho, alisa as sobrancelhas, se penteia Panta. — É uma coisa muito misteriosa, uma coisa que nunca aconteceu com ninguém. Um

senso de obrigação doentio, igualzinho a uma doença. Porque não é moral, é biológico, corporal.

— Pois é o que digo, Tigre, os fanáticos são um caso sério — sobe no jipe, atravessa lodaçais, encabeça enterros, consola vítimas, instrui oficiais, fala ao telefone o general Scavino. — Não é coisa de grupinhos. São milhares. Na outra noite passei pela cruz do menino-mártir, em Moronacocha, e fiquei espantado. Havia um bocado de gente. Até soldados fardados.

— Você quer dizer que sente vontade o dia inteiro por causa do senso de obrigação? — fica petrificada e boquiaberta, solta uma gargalhada a Brasileira. — Olhe, Panta, conheci muitos homens, tenho mais experiência que você nessas coisas. Mas garanto que nenhum cara no mundo fica de pinto duro por pura obrigação.

— Não sou como todo mundo, este é o meu azar, comigo tudo acontece diferente dos outros — larga o pente, se abstrai, pensa em voz alta Pantaleão Pantoja. — Na mocidade eu tinha menos interesse por comida que agora. Mas quando fui para a minha primeira missão, os ranchos de um regimento, um apetite feroz nasceu em mim. Passava o dia todo comendo, lendo receitas, aprendi a cozinhar. Trocaram o meu trabalho, e pssst, adeus à comida, comecei a me interessar por alfaiataria, roupa, moda, o chefe de quartel pensava que eu fosse veado. Era porque tinham me encarregado do vestuário da guarnição, agora é que percebo.

— Espero que nunca mandem você dirigir um manicômio, Panta, a primeira coisa que você faria seria enlouquecer — aponta para a escotilha a Brasileira. — Olhe só essas bandidas, nos espiando.

— Fora daí, Sandra, Viruca! — corre para a porta, puxa o fecho, ruge, gesticula Pantaleão Pantoja. — Cinquenta soles para cada uma, Chupito!

— E para que servem os padres, para que pagamos capelães? — anda aos trancos pelo seu escritório, examina balanços, soma, subtrai, se indigna o Tigre Collazos. — Para coçarem a barriga? Como é possível que as guarnições da Amazônia estejam cheias de irmãos, Scavino?

— Não mostre tanto o corpo, Pantita — segura seus ombros, puxa-o para dentro do camarote, fecha a porta a Brasileira. —

Esqueceu que está meio pelado?

— Esquecer de você? — abre passagem entre marinheiros e soldados, sobe a bordo com um pulo, abre os braços o capitão Alberto Mendoza. — Como pode pensar uma coisa dessas, meu irmão. Venha cá, deixe eu lhe dar um abraço. Depois de tantos anos, Panta.

— Que prazer, Alberto — dá uma palmada no seu ombro, desembarca, aperta mãos de oficiais, responde à saudação dos suboficiais e soldados o capitão Pantoja. — Você está igualzinho, os anos parece que não passam.

— Vamos tomar alguma coisa no cassino dos oficiais — pega seu braço, leva-o através do acampamento, empurra uma porta com tela metálica, escolhe uma mesa embaixo do ventilador o capitão Mendoza. — Não se preocupe com a sacanagem. Tudo está preparado e as coisas aqui sempre funcionam como um relógio. Alferes, tome conta de tudo e nos avise quando a festa acabar. Assim, enquanto os soldados se descarregam nós tomamos uma cervejinha. Que bom ver você de novo, Panta.

— Escute, Alberto, agora eu me lembro — observa pela janela as visitantes entrando nas tendas de campanha, as filas de soldados, os controladores tomando posição o capitão Pantoja. — Não sei se você sabe que aquela visitante, a tal que chamam de, ehem...

— Brasileira, já sei, para ela só os dez do regulamento, acha que eu não leio suas instruções? — lhe dá um soco de mentira, pede, abre garrafas, enche os copos, brinda o capitão Mendoza. — Cerveja para você também? Duas, bem geladas. Mas é um absurdo, Panta. Se você gosta dessa fêmea e não quer que encostem nela, por que não a libera totalmente do Serviço. Para que é o chefe, então?

— Isso não — tosse, cora, gagueja, bebe o capitão Pantoja. — Não quero faltar ao meu dever. Além disso, garanto que essa visitante e eu, na realidade...

— Todos os oficiais sabem e acham perfeito que você tenha uma garota — chupa a espuma do bigode, acende um cigarro, bebe, pede mais cerveja o capitão Mendoza. — Mas ninguém entende esse seu sistema. É compreensível que não ache graça nenhuma vendo a

tropa comer a sua fêmea. Para que então esse formalismo ridículo? Dez fudas é a mesma coisa que cem, meu irmão.

— Dez é o que o regulamento obriga — vê os primeiros soldados saírem das tendas, entrarem os segundos, os terceiros, engole saliva o capitão Pantoja. — Como vou violar o regulamento? Fui eu mesmo que o fiz.

— Seu instinto é mais forte, cérebro eletrônico — joga a cabeça para trás, abaixa os olhos, sorri nostálgico o capitão Mendoza. — Ainda me lembro, em Chorrillos, o único cadete que engraxava os sapatos para depois enlameá-los nas manobras era você.

— A verdade é que, desde que o padre Beltrán pediu baixa, o Corpo de Capelães Castrenses deixa muito a desejar — recebe queixas, atende recomendações, ouve missas, entrega troféus, monta cavalos, joga bocha o general Scavino. — Mas, afinal, Tigre, isso é um fenômeno geral na Amazônia, os quartéis não podiam se livrar do contágio. De qualquer maneira, não se preocupe. Estamos tratando do assunto com mão firme. Cada santinho do menino-mártir ou da Santa Ignacia, trinta dias de prisão; uma foto do Irmão Francisco, 45.

— Vim a Lagunas por causa do incidente da semana passada, Alberto — vê saírem os quartos, entrarem os quintos, os sextos o capitão Pantoja. — Li o seu informe, é claro. Mas achei grave o bastante para vir verificar no terreno o que aconteceu.

— Não valia a pena tanto trabalho — afrouxa o cinto, pede um sanduíche de queijo, come, bebe o capitão Mendoza. — O caso é muito simples. Nestes povoadinhos, toda vez que chega um comboio de visitadoras é uma loucura. A simples ideia faz todos os galinhos de briga da vizinhança ficarem de esporão duro. E, às vezes, cometem disparates.

— Invadir um acampamento militar é muita loucura — vê Chupito juntando as gravuras e as revistas dos soldados o capitão Pantoja. — Não havia guarda, por acaso?

— Reforçada, como agora, porque sempre que o comboio chega é a mesma coisa — leva-o para fora, mostra as cancelas, os sentinelas com baionetas, os grupos de civis o capitão Mendoza. — Venha, quero que veja. Entende? Todos os sacanas do lugar aglomerados

em torno do acampamento. Olhe lá, está vendo? Em cima das árvores, gozando pelos olhos. O que quer, meu irmão, o tesão é humano. Aconteceu até com você, que parecia a exceção.

— Esses malucos da Arca não tiveram nada a ver com isso? — vê saírem os sétimos, entrarem os oitavos, os nonos, os décimos, afinal murmura o capitão Pantoja. — Não me repita o informe, Alberto, conte o que realmente aconteceu.

— Oito sujeitos de Lagunas entraram no acampamento e tentaram raptar umas visitadoras — metralha o aparelho de rádio o general Scavino. — Não, não estou falando dos irmãos e sim do Serviço de Visitadoras, a outra calamidade da selva. Vê onde estamos chegando, Tigre?

— Não vai acontecer de novo, meu irmão — paga a conta, põe o quepe, os óculos escuros, deixa Panta sair primeiro o capitão Mendoza. — Agora, na véspera da chegada do comboio, duplico a guarda e ponho sentinelas em todo o perímetro. A companhia entra em alerta de combate para que os soldados trepem em paz, puta, que engraçado.

— Acalme-se e abaixe a voz — compara informes, ordena pesquisas, relê cartas o Tigre Collazos. — Não fique histérico, Scavino. Sei de tudo, recebi o relatório de Mendoza. A tropa resgatou as visitadoras e se acabou. Bem, não é para suicidar-se. Um incidente como qualquer outro. Os irmãos fazem coisas piores, não é?

— É que não foi a primeira vez que aconteceu, Alberto — vê a Brasileira sair de uma tenda, depois a vê cruzar o descampado entre assobios e a vê subir a bordo do *Eva* o capitão Pantoja. — Há interferências constantes da população civil. Em todos os povoados começa uma efervescência do cacete quando os comboios aparecem.

— Houve uma briga feroz entre soldados e civis por causa dessas duas mulheres — recebe ligações, vai à cadeia, interroga presos, perde as noites, toma calmantes, escreve, telefona o general Scavino. — Ouviu bem? Entre sol-da-dos-e-ci-vis. Os raptos conseguiram tirá-las do acampamento e a refrega foi em pleno povoado. Há quatro homens feridos. Em qualquer momento pode

acontecer alguma coisa muito séria, Tigre, por causa desse maldito Serviço.

— Não é para menos, meu irmão — aponta para os curiosos, para as visitadoras que saem das tendas e retornam ao cais protegidas por guardas o capitão Mendoza. — Para esses selvagens que não conhecem sequer Iquitos, essas mulheres parecem anjos caídos do céu. Os soldados também têm culpa. Vão e contam coisas no povoado, atizam os outros. Nós proibimos que falassem disso, mas eles não entendem.

— Desagradável que isto aconteça agora, quando está quase pronto meu projeto para ampliar o Serviço e lhe dar mais categoria — mete as mãos nos bolsos, caminha cabisbaixo chutando pedrinhas o capitão Pantoja. — Uma coisa bastante ambiciosa, que me custou muitos dias de reflexão e de contas. E o meu plano, quem sabe, solucionaria o problema dos civis assanhados, meu irmão.

— Mas triplicaria o outro, Pantoja, o dos padres e das beatas de Iquitos que ficam esquentando a cabeça do Scavino — chama o ordenança, manda-o comprar cigarros, dá uma gorjeta, pede fogo o Tigre Collazos. — Não, é demais. Cinquenta visitadoras são suficientes. Não podemos recrutar mais, pelo menos por enquanto.

— Com uma equipe operacional de cem visitadoras e três barcos navegando de maneira permanente nos rios amazônicos — contempla os preparativos para a partida do *Eva* o capitão Pantoja —, ninguém poderia prever a chegada dos comboios aos centros usuários.

— Ele está ficando louco — acende um isqueiro e o aproxima do rosto do Tigre Collazos o general Victoria. — O Exército teria que deixar de comprar armas para contratar mais rameiras. Não há orçamento que resista às fantasias desse olho-grande.

— Estude o plano que lhe mandei, general — escreve à máquina com dois dedos, faz cálculos, desenha quadros sinópticos, passa noites sem dormir, apaga, acrescenta, insiste o capitão Pantoja. — Criaríamos um sistema de rotação extraordinária irregular. A chegada do comboio seria sempre imprevista, nunca haveria oportunidade para incidentes. Só os chefes de unidade saberiam as datas de chegada.

— E pensar que deu tanto trabalho fazê-lo aceitar a missão de criar o Serviço de Visitadoras — procura no escritório um cinzeiro e o deixa perto do Tigre Collazos o coronel López López. — Agora ele está no seu elemento. Circula entre as putas como peixe dentro d'água.

— Só que a única forma de controlar eficazmente esse sistema seria pelo ar — codifica memorandos, enche garrafas térmicas de café, multiplica, divide, coça a cabeça, despacha anexos o capitão Pantoja. — Seria preciso outro avião. E, pelo menos, mais um oficial da Intendência. Bastaria um subtenente, general.

— Ele está com um parafuso solto, não há dúvida — lê *El Oriente*, ouve *A voz do Sinchi*, recebe cartas anônimas, chega ao cinema tarde e sai antes que o filme termine o general Scavino. — Se desta vez você fizer o que ele pede e aprovar esse projeto, fique sabendo que eu peço a minha baixa, como o Beltrán. Os fanáticos da Arca junto com essas visitadoras de Pantoja vão acabar comigo. Sobrevivo à base de valeriana, Tigre.

— Lamento trazer uma notícia desagradável, general — parte em expedição, invade um povoado deserto, xinga, ajuda a despregar, ordena regresso em passo acelerado, rapazes o coronel Augusto Valdés. — Esta noite, no casario de Frailecillos, a duas horas de barco da minha guarnição, crucificaram o suboficial Avelino Miranda. Ele estava de licença, à paisana, e é possível que desconhecassem sua condição de soldado. Não, ainda não morreu mas os médicos dizem que é questão de horas. Todo o casario, trinta ou quarenta pessoas. Eles se embrenharam no mato, sim.

— Acalme-se, Scavino, a coisa não pode ser bem assim — escuta e faz brincadeiras sobre as visitadoras no Cassino Militar, tranquiliza sua mãe sobre os crucificados na selva o general Victoria. — É verdade que esses provincianos andam mesmo tão alvoroçados com as meninas de Pantoja?

— Alvoroçados, general? — toma o próprio pulso, examina a língua, desenha cruces no mata-borrão o general Scavino. — Esta manhã o bispo apareceu por aqui, com seu estado-maior de padres e freiras.

— Tenho o desprazer de lhe comunicar que se o assim chamado Serviço de Visitadoras não desaparecer, vou excomungar todos os que trabalham nele ou o utilizam — entra no gabinete, faz uma vênua, não sorri, não se senta, limpa seu anel e o oferece para o beijo o bispo. — Já ultrapassaram os limites mínimos de decência e decoro, general Scavino. A própria mãe do capitão Pantoja veio me procurar, chorando sua tragédia.

— Concordo inteiramente com essa opinião e Sua Eminência sabe disso — se levanta, faz uma genuflexão, beija o anel, fala com suavidade, oferece refrigerantes, despede-se dos visitantes na porta da rua o general Scavino. — Se dependesse de mim, esse serviço não teria nascido. Peço-lhes um pouco de paciência. Quanto a Pantoja, não o mencione na minha frente, monsenhor. Que tragédia, que nada. O filhinho dessa senhora que foi chorar nos seus ombros tem grande parte de culpa pelo que está acontecendo. Se pelo menos tivesse organizado a coisa de maneira medíocre, defeituosa. Mas esse idiota transformou o Serviço de Visitadoras no organismo mais eficiente das Forças Armadas.

— Nem se discute, Panta — sobe a bordo, examina a ponte de comando, observa a bússola, manipula o leme o capitão Mendoza. — Você é mesmo o Einstein da trepada.

— Sim, naturalmente, mandei vários grupos de captura atrás dos fanáticos — vai à enfermaria, anima a vítima, finca bandeirinhas num mapa, dita instruções, deseja boa sorte aos oficiais que partem o coronel Augusto Valdés. — Com ordem para me trazer o casario inteiro para dar explicações. Não foi necessário, general. Meus homens estão indignados, o suboficial Avelino Miranda sempre foi muito querido pela tropa.

— Mais cedo ou mais tarde o Tigre vai acabar aceitando o meu plano — mostra os compartimentos do *Eva* ao capitão Mendoza, a adega, as máquinas, cospe e pisa o capitão Pantoja. — O crescimento do Serviço é inevitável. Com três barquinhos, dois aviões, uma equipe operacional de cem visitadoras e dois oficiais adjuntos, eu faço maravilhas, Alberto.

— Em Chorrillos nós pensávamos que a sua vocação não era ser militar, e sim um computador — desce a rampa de desembarque,

volta ao acampamento segurando o braço de Panta, pergunta já preparou o informe estatístico, alferes? o capitão Mendoza. — Agora vejo que estávamos errados. Seu sonho é ser o Grande Alcoviteiro do Peru.

— Você está enganado, desde que nasci só quis ser soldado, mas soldado administrador, que é tão importante como artilheiro ou infante. Tenho o Exército aqui — examina o escritório rústico, o lampião de querosene, os mosquiteiros, o capim que cresce nas frestas do soalho, toca no peito o capitão Pantoja. — Você ri, igual ao Bacacorso. Garanto que algum dia vão ter uma surpresa. Funcionaremos em todo o território nacional, com uma frota de navios, ônibus e centenas de visitadoras.

— Mandei à frente dos grupos de captura os oficiais mais enérgicos — acompanha e orienta pelo rádio o deslocamento dos expedicionários, muda as bandeirinhas de posição no mapa, fala com os médicos o coronel Augusto Valdés. — Os soldados estão com tanta raiva que precisam ser contidos, para não lincharem os fanáticos pelo caminho. Quanto ao suboficial Miranda, parece que vai se salvar, general. Mas ficará maneta e coxo.

— Vai ser preciso criar uma especialidade nova no Exército — recebe o informe estatístico, relê, corrige, abotoa a braguilha o capitão Mendoza. — Artilharia, Infantaria, Cavalaria, Engenharia, Intendência e Trepadas Militares? Ou Bordéis Castrenses?

— Teria que ser um nome mais discreto — ri, divisa através da tela metálica o corneteiro chamando para o rancho e os soldados que entram num galpão de madeira o capitão Pantoja. — Mas por que não, algum dia, quem sabe?

— Veja, a coisa já terminou e lá estão as suas meninas cantando *La Raspa* — aponta para o *Eva*, a sirene que toca, as visitadoras acotoveladas na coberta, o suboficial Rodríguez que subiu na ponte de comando o capitão Mendoza. — Cada vez que escuto seu hino me escangalho de rir, meu irmão. Você vai voltar para Iquitos agora mesmo?

— Agora mesmo — abraça Mendoza, sobe no *Eva* em dois pulos, fecha o camarote, mergulha no beliche o capitão Pantoja. — Na

orelhinha, no pescoço, nos meus mamilos. Arranhões, belisquinhos, mordidinhas.

— Ai, Panta, como você é chato — renega, bate o pé, puxa a cortina, sussurra olhando para o teto, joga sua roupa no chão com fúria a Brasileira. — Não vê que estou cansada, que acabei de trabalhar? E depois já sei o que vem, a grande cena de ciúmes.

— Psiu, feche esse biquinho, já sabe o quê, mais para cima — se encolhe, se estica, se balança, se embala, se desmaia, se desmancha Panta. — Aí, direitinho, ai que gostosura.

— Mas eu preciso dizer uma coisa, Panta — sobe no beliche, se acocora, se deita, se prende, se desprende a Brasileira. — Estou cansada de tanto perder dinheiro com sua mania de só me deixar dar dez.

— Pfuu — se acalma, transpira, ingere ar em golfadas Pantita. — Você não pode ficar calada nem neste momento?

— É que estou perdendo dinheiro por sua culpa e também preciso cuidar dos meus interesses — se afasta, se lava, se veste, abre a escotilha, passa a cabeça para fora e respira a Brasileira. — Essas coisas de que você tanto gosta acabam com o passar dos anos. E depois? Hoje todas deram vinte, o dobro que eu.

— Caramba, como se o seu Serviço já não significasse despesa suficiente para a Intendência — recebe o telegrama, lê, sacode a mão o coronel López López. — Sabe o que Pantoja quer agora, general? Que se estude a possibilidade de dar um adicional por risco de vida às visitadoras quando viajam nos comboios. Estão com medo dos fanáticos.

— Mas você recebe o dobro da porcentagem delas e isso compensa a diferença, eu já provei, fiz as contas para você — sobe à coberta, vê Viruca e Sandra passando creme no rosto, Chupito dormindo numa cadeira de balanço Pantaleão Pantoja. — Como fiquei cansado, que taquicardia. Perdeu o organograma que eu fiz? Esqueceu que, além de tudo, todo mês lhe dou 15% do meu soldo para reforçar seus ingressos?

— Já sei, Panta — apoia os braços na proa, olha as árvores da margem, as águas barrentas, a esteira de espuma, as nuvens rosadas a Brasileira. — Mas o seu soldo é uma bela porcaria. Não

fique zangado, é a pura verdade. E, por outro lado, com essa sua mania, todas elas me odeiam. Não tenho nenhuma amiga entre as garotas. Até a Chuchupe me chama de privilegiada assim que você vira as costas.

— Pois você é, e isso é a grande vergonha da minha vida — anda pela coberta, pergunta vamos chegar cedo a Iquitos?, ouve o suboficial Rodríguez dizer é claro o senhor Pantoja. — Não reclame tanto, não é justo. Eu é que deveria me lamentar. Por sua culpa quebrei um princípio que respeitava desde que me entendo por gente.

— Vê? Já começou — sorri para a Peludita que ouve rádio embaixo do toldo da popa, para um marinheiro que enrola uns cabos a Brasileira. — Por que você não é mais sincero e, em vez de falar de princípios, reconhece logo que está com ciúmes dos dez soldadinhos de Lagunas?

— Pensava que diminuía? Nada disso, Tigre, aumentam como fogo no mato — se veste à paisana, perambula no meio do povo, cheira a cebola e a incenso, vê o brilho dos candeeiros, sente a pestilência das oferendas o general Scavino. — Você não sabe o que foi o aniversário do menino-mártir. Uma procissão como nunca se viu em Iquitos. Todas as margens de Moronacocha cobertas por uma multidão compacta. E a mesma coisa na lagoa. Não cabia uma lancha, um bote.

— Eu nunca tinha faltado ao meu dever, maldito seja — cumprimenta Maminha e Rita que estão jogando baralho a pleno sol, se encosta num salva-vidas, vê o pôr do sol no horizonte Pantaleão Pantoja. — Sempre fui um sujeito correto, um sujeito justo. Antes de você aparecer nem mesmo este clima de zangões me faria romper o meu sistema.

— Se você disser que quer me agredir por causa dos dez soldadinhos, eu aguento — olha para o seu relógio, faz uma careta, diz parou de novo, dá corda a Brasileira. — Mas se continuar falando do seu sistema, mando você à merda e desço para descansar no camarote.

— Este trabalho e você foram a minha ruína — se transfigura, não responde ao cumprimento do marinheiro que conversa com Pichuza,

esquadrinha o rio, o céu que escurece Pantaleão Pantoja. — Se não fosse por vocês, eu não teria perdido a minha esposa, a minha filhinha.

— Como você é chato, Panta — pega o capitão pelo braço, leva-o para o camarote, traz uns sanduíches, uma Coca-Cola, descasca uma laranja para ele, joga as cascas no rio, acende a luz a Brasileira. — Chegou a hora de chorar as mágoas por sua esposa e sua filhinha? Toda vez que você fica comigo começam os arrependimentos, ninguém aguenta. Não banque o bobinho, garotão.

— Sinto falta delas, a maior saudade — come, bebe, veste o pijama, se deita, treme a voz Panta. — A casa está tão vazia sem a Pocha nem a Gladyzinha. Não me acostumo.

— Venha aqui, garotão, venha, não seja choramingão — fica de anágua, se deita ao lado de Panta, apaga a luz, abre os braços a Brasileira. — Você só está é com ciúmes dos soldadinhos. Venha, fique aqui, deixe eu coçar sua cabecinha.

— Corria até o boato de que o Irmão Francisco ia aparecer em pessoa — observa os apóstolos de branco, os fiéis ajoelhados com os braços esticados, os inválidos, os cegos, os leprosos, os anões, os moribundos que rodeiam a cruz o general Scavino. — Melhor não ter aparecido. Ele nos deixaria num aperto. Seria impossível prendê-lo diante de 20 mil pessoas dispostas a morrer por ele. Onde diabos andará? Não, não há rastros desse louco.

— O balco é um bercinho, eu sou a Pochita, você é a Gladyzinha — cantarola, se balança, olha a lua que entra pela escotilha e banha de prata a ponta do beliche a Brasileira. — Que galotinha mais bonita. Eu coço a cabechinha, dou beijinhos. Qué mamá na tetinha?

— Agora está na cabeça, aí mesmo, epa, voou — empurra a porta do Museu e Aquário Amazônico e cede a passagem ao capitão Pantoja o tenente Bacacorzo. — Chegou a picar? Acho que era uma vespa.

— Mais embaixinho, mais devagalzinho — muda de ânimo, se aninha, se amorna, se adoça, se agasalha Pantita. — Nas costinhas, no pescoquinho, na olelhinha. De novo na pontinha, senholita.

— Ah, matei — dá uma pancada na piscina do peixe-boi ou manati o tenente Bacacorzo. — Vespa não, uma mosca parda. São perigosas, o pessoal diz que transmitem a lepra.

— Devo ter sangue ácido porque os insetos nunca me picam — passa ao lado do boto louco, do boto cinza, do boto cor-de-rosa, para diante da formiga tanajura, lê “é noturna, muito nociva, numa noite pode arrasar uma chácara, andam às centenas de milhares, quando adultas criam asas e ficam barrigudas” o capitão Pantoja. — Em compensação, a minha pobre mãe, é terrível, sai à rua e a devoram.

— Sabe que aqui se come essas formigas torradas, com sal e banana? — passa o dedo pela crista de um iguana dissecado, pelas plumas multicoloridas de um tucano o tenente Bacacorzo. — O senhor precisa se cuidar, está muito magro. Deve ter perdido pelo menos uns 10 quilos nos últimos meses. O que há, capitão? Trabalho, preocupações?

— Um pouco das duas coisas — se inclina e procura em vão os oito olhos da grande, saltitante e venenosa viúva-negra o capitão Pantoja. — Todo mundo me diz isso, deve ser mesmo verdade. Vou fazer uma superalimentação para recuperar os quilinhos perdidos.

— Sinto muito, Tigre, mas tive que dar ordem à tropa para ajudar a Guarda Civil na captura dos fanáticos — recebe petições, queixas, denúncias, investiga, vacila, consulta, toma uma decisão, informa o general Scavino. — Quatro crucificados em seis meses é muito, esses malucos estão transformando a Amazônia numa terra bárbara, chegou o momento de usar a mão de ferro.

— O senhor não está tirando vantagem da sua solteirice — empunha a lente de aumento e amplia a vespa *huayranga*, a vespa-da-campanha e a vespa *shiro-shiro* o tenente Bacacorzo. — Em vez de ficar feliz e contente com a liberdade reconquistada, anda mais triste que um morcego.

— É que a solteirice não me serve para grande coisa — avança até o setor de felinos e roça com o corpo na onça-preta, no ocelote ou príncipe da selva, no gato montês, no puma e na onça-pintada o capitão Pantoja. — Sei que a maior parte dos homens, depois de um tempo, se cansa da monotonia familiar e dá qualquer coisa para se

livrar das mulheres. Isso não tinha acontecido comigo. Na verdade, fiquei triste quando a Pocha foi embora. Ainda mais levando a minha filhinha.

— Nem precisa dizer que ficou triste, dá para ver pela sua cara — “os camaleões pequenos vivem nas árvores, os grandes na água” ouve o tenente Bacacorzo. — Enfim, são coisas da vida, capitão. Teve notícias da sua esposa?

— Sim, ela me escreve todas as semanas. Está vivendo com a irmã Chichi, lá em Chiclayo — conta as cobras, a *yacumama* ou mãe-d’água, a jiboia-negra, a mantona grande, a *sachamama* ou mãe-da-selva o capitão Pantoja. — Não estou ressentido com a Pocha, eu a entendo perfeitamente. Minha missão era muito difícil para ela. Nenhuma mulher decente teria aguentado. De que está rindo? Não é brincadeira, Bacacorzo.

— Desculpe, mas é que não deixa de ser engraçado — acende um cigarro, sopra a fumaça entre as grades da jaula do *paucar*, lê “imita o canto das demais aves e ri e chora como as crianças” o tenente Bacacorzo. — O senhor sempre tão rigoroso, tão exigente em questões morais. E com a fama mais negra que se possa imaginar. Aqui em Iquitos todos pensam que é um terrível malfeitor.

— Como não tinha razão para ir embora, dona Leonor, não seja cega — entrega o novelo de lã à senhora Leonor, faz um novelo, começa a tricotar Alicia. — As mães trancam suas filhas à chave, fazem sinal da cruz e viram as costas quando veem o seu Pantita passar. Entenda isso de uma vez e, antes, tenha compaixão da Pocha.

— Pensa que não sei? — se entretém dando de comer aos peixes ornamentais, vendo o *neon tetra* furta-cor fosforescer o capitão Pantoja. — O Exército me fez um belo favor me confiando este trabalho.

— Ninguém imaginaria que lamenta, vendo o senhor trabalhar no Serviço de Visitadoras com tanto ímpeto — observa o transparente *blue tetra*, o escamoso limpa-vidros e a carnívora piranha o tenente Bacacorzo. — Sim, já sei, o seu senso de dever.

— As duas primeiras patrulhas regressaram, general — recebe os expedicionários na porta do quartel, felicita-os, convida para tomar

uma cerveja, silencia os prisioneiros que gritam, manda prendê-los na Delegacia o coronel Peter Casahuanqui. — Trouxeram meia dúzia de fanáticos, um deles com febre terçã. Estavam na crucificação da velhinha, em Dos de Mayo. Guardo aqui, entrego todos à polícia ou os despacho para Iquitos?

— Escute, você ainda não me disse para que me chamou a este museu, Bacacorso — mede com a vista o pirarucu, o maior peixe de água doce que se conhece no mundo o capitão Pantoja.

— Para lhe dar uma má notícia entre ofídios e aracnídeos — dá uma olhada indiferente na enguia, na raia, nas *charapas* ou tartarugas-de-água o tenente Bacacorso. — Scavino quer vê-lo, diz que é urgente. Espera o senhor no Comando às dez. Tenha cuidado, ele está soltando faíscas.

— Só os impotentes, os eunucos e os assexuados podem pretender que — sobe e desce entre arpejos, declama, se encabrita *A voz do Sinchi* — os denodados defensores da pátria, que se sacrificam servindo lá nas intrincadas fronteiras, vivam em viúva castidade.

— Ele sempre está soltando faíscas, pelo menos comigo — vai para o cais, olha o rio cintilando sob o sol homicida, as lanchas e balsas que chegam ao porto de Belén o capitão Pantoja. — Sabe o motivo dessa raiva de agora?

— É o maldito programa do Sinchi de ontem — não responde à continência, não o convida para sentar, põe uma fita e liga o gravador o general Scavino. — O safado não fez outra coisa senão falar de você, dedicou os trinta minutos do programa a você. Acha pouco, Pantoja?

— Devem os nossos valentes soldados recorrer ao debilitante onanismo? — hesita, dança com os compassos da valsa *La contamanina*, espera uma resposta, interroga de novo *A voz do Sinchi*. — Voltar à autogratificação infantil?

— *A voz do Sinchi*? — ouve o gravador ranger, gaguejar, enguiçar, vê o general Scavino sacudi-lo, bater, experimentar todos os botões o capitão Pantoja. — Tem certeza, general? Ele me atacou de novo?

— Defendeu, defendeu você de novo — descobre que a tomada tinha caído, murmura que idiota, se agacha, liga de novo o aparelho

o general Scavino. — E isso é mil vezes pior do que se atacasse. Não percebe? Assim ele ridiculariza e enlameia o Exército ao mesmo tempo.

— Sim, cumpro as instruções ao pé da letra, general — debate com o alferes chefe da Intendência, examina o armazém de víveres, planeja menus com o sargento cozinheiro o coronel Máximo Dávila. — Só que surgiu um grave problema de abastecimento. São cinquenta os fanáticos presos e para alimentá-los tenho que racionar a comida da tropa. Não sei o que fazer, general.

— Eu o proibi categoricamente de mencionar o meu nome — vê acender-se uma luzinha amarela, girarem as sirenes, ouve ruídos metálicos, ecos, se enfurece o capitão Pantoja. — Não posso entender isso, posso lhe garantir que...

— Cale-se e escute — ordena, cruza os braços, as pernas, olha com ódio o gravador o general Scavino. — É de dar náuseas.

— O governo central deveria condecorar com a Ordem do Sol o senhor Pantaleão Pantoja — estala, rutila entre Lux o sabonete que perfuma, Coca-Cola a pausa que refresca e sorrisos Kolynos, dramatiza e exige *A voz do Sinchi*. — Pelo louvável trabalho que realiza em busca da satisfação das necessidades íntimas dos sentinelas do Peru.

— Minha esposa ouviu e as minhas filhas tiveram que lhe dar saís — desliga o gravador, percorre o aposento com as mãos nas costas o general Scavino. — Ele está fazendo toda Iquitos rir de nós com suas arengas. Não lhe mandei tomar medidas para que *A voz do Sinchi* não mencionasse mais o Serviço de Visitadoras?

— A única maneira de tapar a boca desse sujeito é lhe dando um tiro ou algum dinheiro — ouve o rádio, vê as visitadoras preparando as malas para embarcar, Chuchupe subindo no *Dalila* Pantaleão Pantoja. — Liquidá-lo causaria muita encrenca, o único remédio é molhar a mão dele com um bom dinheiro. Vá chamá-lo, Chupito. Que se apresente aqui o mais rápido possível.

— Quer dizer que destina parte do orçamento do Serviço de Visitadoras a subornar jornalistas? — examina-o dos pés à cabeça, alarga as aletas do nariz, franze a testa, mostra os incisivos o general Scavino. — Muito interessante, capitão.

— Já tenho aqui, em salmoura, os que crucificaram o suboficial Miranda — divide as patrulhas, duplica as horas de plantão, suprime folgas e licenças, extenua, encoleriza seus homens o coronel Augusto Valdés. — Ele já identificou a maioria, sim. Só que de tanto mobilizar meus homens atrás dos irmãos da Arca, deixei a fronteira desguarnecida. Sei que não há perigo, mas se algum inimigo quisesse chegaria até Iquitos passeando, general.

— Do orçamento não, isso é sagrado — divisa um ratinho atravessando velozmente o peitoril da janela a poucos centímetros da cabeça do general Scavino o capitão Pantoja. — O senhor tem cópia da contabilidade e pode verificar. De meu próprio soldo. Tive que sacrificar 5% mensais dos meus haveres para calar esse chantagista. Não entendo por que fez isso.

— Por escrúpulos profissionais, por indignação moral, por solidariedade humana, amigo Pantoja — entra no centro logístico batendo a porta, sobe a escadinha do posto de comando como um vendaval, tenta abraçar o senhor Pantoja, tira o casaco, se senta diante da escrivaninha, ri, troveja, arenga o Sinchi. — Porque não posso suportar que haja gente aqui, nesta cidade onde minha santa mãe me pôs no mundo, que menospreze o seu trabalho e todo dia fale cobras e lagartos do senhor.

— Nosso compromisso era muito claro e o senhor o violou — joga uma régua num painel, está com os lábios cheios de saliva e os olhos incendiados, range os dentes Pantaleão Pantoja. — Para que merda os 500 soles mensais? Para que se esqueça que eu existo, que o Serviço de Visitadoras existe.

— É que eu também sou humano, senhor Pantoja, e sei assumir as minhas responsabilidades — assente, acalma, gesticula, ouve roncar a hélice, vê o *Dalila* correr pelo rio levantando duas paredes de água, vê o aparelho subir, perder-se no céu o Sinchi. — Tenho sentimentos, impulsos, emoções. Por onde passo, ouço barbaridades contra o senhor e me enfureço. Não posso permitir que caluniem alguém tão cavalheiro. Principalmente sendo amigos.

— Vou lhe fazer uma advertência muito séria, seu grandíssimo sacana — segura o outro pela camisa, sacode-o de trás para a frente, da frente para trás e o vê ficar assustado, vermelho, tremer,

então o solta Pantaleão Pantoja. — Já sabe o que aconteceu da outra vez que atacou o Serviço. Tive que controlar as visitadoras, elas queriam arrancar os seus olhos e crucificar o senhor na Praça de Armas.

— Sei perfeitamente, amigo Pantoja — ajeita a camisa, tenta sorrir, recupera o aprumo, aperta o colarinho o Sinchi. — Pensa que não sei que colaram a minha foto na porta da Pantolândia e cuspiam nela na entrada e na saída?

— Na verdade, é um problemão, Tigre — imagina motins, cargas de infantaria, mortos e feridos, manchetes sangrentas, demissões, julgamentos, sentenças e lágrimas o general Scavino. — Em três semanas, botamos a mão em quase quinhentos fanáticos que estavam escondidos na selva. Mas agora não sei o que fazer com eles. Mandá-los para Iquitos seria um escândalo, haveria manifestações, milhares de irmãos continuam soltos. O que opina o Estado-Maior?

— Mas agora elas estão felizes com os galanteios que lhes faço no meu programa, senhor Pantoja — veste o paletó, vai até a varanda, dá adeus ao China Porfirio, volta para a escrivaninha, toca no ombro do senhor Pantoja, cruza os dedos e jura o Sinchi. — Quando me veem na rua, elas me jogam beijinhos. Vamos, amigo Pan-Pan, não seja tão trágico, eu só queria ajudá-lo. Mas, se preferir, *A voz do Sinchi* nunca mais o menciona.

— Pois na primeira vez que mencionar meu nome, ou falar do Serviço, eu solto as cinquenta visitadoras em cima do senhor, e é bom saber que todas elas têm unhas compridas — abre uma gaveta da escrivaninha, tira um revólver, carrega e descarrega, gira o tambor, aponta para o quadro-negro, para o telefone, para as vigas Pantaleão Pantoja. — E se elas não acabarem com o senhor, eu termino o serviço, com um tiro na cabeça. Entendido?

— Perfeitamente, amigo Pantoja, não se fala mais no assunto — multiplica as vênias, os sorrisos, as adeuses, desce a escadinha de costas, sai correndo, desaparece no caminho de Iquitos o Sinchi. — Claríssimo como o sol. Quem é o senhor Pan-Pan? Não conheço, não existe, nunca se ouviu falar dele. E o Serviço de Visitadoras? O que é

isso, como se come isso. Assim mesmo? Vê, a gente se entende. Os 500 paus deste mês, como sempre, com o Chupito?

— Não, não, isso é que não — segreda com Alicia, corre até os agostinianos, ouve confidências do diretor, volta sufocada para casa, recebe Panta protestando a senhora Leonor. — Você apareceu com uma dessas bandidas na igreja! E na de Santo Agostinho, ainda por cima! O padre José María me contou.

— Primeiro escute e tente entender, mamãe — joga o boné no armário, vai à cozinha, bebe um suco de mamão com gelo, limpa a boca Panta. — Nunca faço isso, jamais apareço na cidade com nenhuma delas. Foi uma situação muito especial.

— O padre José María viu vocês dois entrarem, de braços dados, com a maior desfaçatez — enche a banheira de água fria, desembulha um sabonete, põe toalhas limpas a senhora Leonor. — Às 11 da manhã, bem quando todas as senhoras de Iquitos vão à missa.

— Porque a essa hora são os batizados, a culpa não é minha, deixe explicar — tira o blusão, a calça, a camiseta, a cueca, põe um roupão, chinelos, entra no banheiro, se despe, se submerge na banheira, entrecerra os olhos e murmura como está fresca Pantita. — A Maminha é uma das minhas colaboradoras mais antigas e eficientes, eu tinha a obrigação de fazer isso.

— Não podemos fabricar mártires, já são suficientes os que eles mesmos criam — folheia pastas de recortes de jornais marcados com lápis vermelho, faz conciliábulos com oficiais do Serviço de Inteligência, da Polícia de Investigações, propõe um plano ao Estado-Maior e o executa o Tigre Collazos. — Fique com esse pessoal aí nos quartéis durante algumas semanas, a pão e água. Depois você dá um susto neles e os larga, Scavino. Menos uns dez ou 12 cabeças, mande esses para nós em Lima.

— A Maminha — revolteia pelo quarto, pela salinha, aparece no banheiro, vê Panta mexendo os pés e salpicando o chão a senhora Leonor. — Olhe só com quem você trabalha, com quem convive. A Maminha, a Maminha! Como é possível que você se apresente na igreja com uma vagabunda, ainda por cima com esse nome. Já não

sei a que santo apelar, até ao menino-mártir fui pedir de joelhos que tire você desse antro.

— Ela me pediu que fosse padrinho do seu filhinho e eu não podia recusar, mamãe — ensaboa a cabeça, a cara, o corpo, se enxágua no chuveiro, se enrola em toalhas, sai da banheira, se enxuga, põe desodorante, se penteia Pantita. — A Maminha e Milcaras tiveram o gesto simpático de pôr o meu nome no menino. Ele se chama Pantaleão e eu mesmo mandei batizar.

— Que honra para a família — vai à cozinha, traz uma vassoura e panos, enxuga o banheiro, entra no quarto, dá a Panta uma camisa, uma calça recém-passada a senhora Leonor. — Já que tem que fazer esse trabalho tão horroroso, pelo menos cumpra o que me prometeu. Não ande com elas, não deixe que o povo o veja.

— Já sei, mãezinha, não seja insistente, upa, até o teto, upa — se veste, joga a roupa suja num cesto, sorri, se aproxima da senhora Leonor, a abraça e levanta Pantita. — Ah, já ia esquecendo de mostrar. Olhe, chegou carta de Pocha. Mandou fotos da Gladyzinha.

— Deixe eu ver, passe os meus óculos — ajeita a saia, a blusa, tira o envelope da sua mão, se aproxima da luz da janela a senhora Leonor. — Ai, que coisa mais linda, minha netinha linda, como engordou. Quando vai me conceder o que eu peço, Santo Cristo de Bagazán? Passo as tardes na igreja, rezando, faço novenas para que nos tire daqui, e nada.

— Aqui em Iquitos você virou beata, mamãe, em Chiclayo nem sequer ia à missa, só jogava canastra — se senta na cadeira de balanço de palha trançada, folheia um jornal, resolve umas palavras cruzadas, ri Panta. — Acho que suas rezas não funcionam porque você mistura a Igreja com a superstição: o menino-mártir, o Santo Cristo de Bagazán, o Senhor dos Milagres, a Santa Ignacia.

— Não esqueça que precisamos desviar pessoal e dinheiro para a perseguição e a repressão aos loucos da Arca — toma aviões, jipes e lanchas, percorre a Amazônia, volta para Lima, faz os oficiais da contabilidade e de finanças trabalharem horas extras, redige um relatório, se apresenta no gabinete do Tigre Collazos o coronel López López. — Isto significa pesados gastos para o Exército. E o Serviço

de Visitadoras é uma hemorragia, está sempre dando prejuízo. Além de outros probleminhas.

— Aqui está a carta de Pocha, são só quatro linhas, eu leio para você — ouve música, dá um passeio com a senhora Leonor pela Praça de Armas, trabalha no quarto até meia-noite, dorme seis horas, levanta-se com as primeiras luzes Panta. — Elas foram para Pimentel, com Chichi, passar o verão na praia. Não fala nada de voltar, mamãe.

— Nada feito, então? — enfia o quepe, deixa o general Victoria e o coronel López López saírem na frente, se senta na parte dianteira do carro, ordena ao motorista vamos para Rosita Ríos, voando o Tigre Collazos. — Sim, claro, é uma das soluções possíveis, a solução que o Scavino escolheria na hora. Mas não é um pouco precipitado? Não vejo a razão nem a urgência de declarar o Serviço de Visitadoras um fracasso. Afinal de contas, os incidentes que provocou são insignificantes.

— Não estou preocupado com as coisas negativas do Serviço de Visitadoras e sim as positivas, Tigre — escolhe uma mesa ao ar livre, se senta na cabeceira, afrouxa a gravata, estuda o menu muito atento o general Victoria. — O problema são os seus fantásticos êxitos. Para mim, a questão é que pusemos em funcionamento, sem querer nem saber, um mecanismo infernal. López acaba de percorrer todas as guarnições da selva e seu relatório é inquietante.

— Tive a imperiosa necessidade de recrutar dez visitadoras com toda urgência — telegrafa o capitão Pantoja. — Não para ampliar o Serviço, mas para manter o ritmo de trabalho atingido até o presente.

— A verdade é que as visitadoras de Pantoja se transformaram na preocupação central de todas as guarnições, acampamentos e postos da fronteira — pede *anticuchos* e pamonha para começar e de segundo prato um escabeche de pato com muito pimentão o coronel López López. — Não estou exagerando nem um pouco, general. Quase não consegui falar de outra coisa com oficiais, suboficiais e soldados, acredite. Até os crimes da Arca passam para segundo plano quando se trata das visitadoras.

— O motivo é o grande número de patrulhas e grupos de perseguição e captura dos assassinos religiosos — põe em código o capitão Pantoja. — Como o Comando sabe, esses grupos estão embrenhados na selva, desenvolvendo uma ação cívico-policial de primeira ordem.

— Nesta maleta estão as provas, Tigre — se decide pelo *cebiche* de corvina e rins à moda da terra com arroz branco o general Victoria. — Adivinhe o que são estes papéis. Informes sobre o estado das defesas aero-terrestre-fluviais nas fronteiras equatoriana, colombiana, brasileira e boliviana? Frio. Sugestões e planos para melhorar o nosso próprio dispositivo de vigilância e ataque na Amazônia? Frio. Estudos sobre comunicações, logística, etnografia? Frio, frio.

— O Serviço de Visitadoras julgou ser obrigação sua fazer os comboios de visitadoras chegarem até esses comandos, onde quer que se encontrem — fala pelo rádio o capitão Pantoja. — E conseguimos, graças ao esforço entusiástico de todo o pessoal, sem exceção.

— Só pedidos em relação ao SVGPFA, general — de sobremesa *alfajores* de mel e amendoim, e para beber cerveja Pilsen bem geladinha conclui o coronel López López. — Todos os suboficiais da Amazônia assinaram manifestos solicitando que lhes seja permitido utilizar o Serviço de Visitadoras. Aqui estão, em ordem: 172 ofícios.

— Para isso criei brigadas volantes de duas ou três visitadoras, e essa fragmentação do pessoal não me permitirá continuar garantindo a cobertura regular dos centros usuários — fala ao telefone o capitão Pantoja. — Espero não ter me excedido nas minhas atribuições, general.

— E a pesquisa de López López com a oficialidade é ainda mais incrível — empurra a comida com uma fatia de pão, acompanha cada bocado com golinhos de cerveja, enxuga a testa com o guardanapo o general Victoria. — De capitão para baixo, 95% dos oficiais também reivindicam visitadoras. E de capitão para cima, 55%. O que me diz disso, Tigre?

— De acordo com as cifras que o coronel López me informou sobre sua pesquisa extraoficial, vou precisar modificar totalmente o

plano minimalista de ampliação do SVGPFA, general — se sobressalta, rabisca cadernetas, toma anfetaminas para amanhecer no posto de comando, despacha volumosos envelopes registrados o capitão Pantoja. — Por favor considere sem efeito e não recebido o projeto que lhe mandei. Estou trabalhando dia e noite num novo organograma. Espero enviá-lo muito em breve.

— Porque, além do mais, lamento dizer que Pantoja, embora esteja louco, tem toda a razão do mundo, Tigre — ataca os rins com ímpeto, brinca dizendo os franceses é que têm razão, se você encontrar o ritmo adequado pode ingerir qualquer quantidade de pratos, 18, vinte o general Victoria. — A argumentação dele é irrefutável.

— Tendo em vista a duplicação potencial do número de usuários, se os suboficiais e comandos intermediários forem admitidos — conversa com Chuchupe, Chupito e China Porfirio, passa em revista as candidatas, se despede de lavadeiras, conversa com cafetões, suborna informantes o capitão Pantoja —, devo informar que o plano minimalista de prestações regulares, a um ritmo sempre abaixo do mínimo vital sexual, exigiria quatro barcos da tonelagem do *Eva*, três aviões tipo *Dalila* e uma equipe operacional de 272 visitadoras.

— Se concedemos esse Serviço aos cabos e soldados, por que não aos suboficiais? — separa as cebolas, os ossos, liquida o escabeche de pato em algumas garfadas, sorri, vê uma mulher passar, pisca um olho e exclama que escultura o coronel López López. — E se estes podem, por que não os oficiais? É a proposta de todos. E, na verdade, não tem réplica.

— Naturalmente, se considerarmos a ampliação para a oficialidade, minhas estimativas registrariam novas variantes, general — visita feiticeiros, toma *ayahuasca*, tem alucinações em que exércitos de mulheres desfilam pelo Campo de Marte cantando *La Raspa*, vomita, trabalha, exulta o capitão Pantoja. — Estou fazendo um estudo das possibilidades, por via das dúvidas. Teria que criar uma seção especial, um grupo de visitadoras exclusivas, naturalmente.

— É claro — recusa a sobremesa, pede café, pega um vidrinho de sacarina, joga dois comprimidos, toma a xícara num gole só, acende um cigarro o general Victoria. — E se considerarmos a existência desse Serviço indispensável para a saúde biológica e psicológica da tropa, vai ser preciso aumentar o número de prestações a cada mês. Porque, você sabe muito bem, Tigre, a função faz o órgão. Neste caso, a demanda sempre irá adiante da oferta.

— Exatamente, general — pede a conta, tenta puxar a carteira, ouve nem pensar, hoje vocês são convidados do Tigre o coronel López López. — Querendo tampar um buraco, abrimos uma buraqueira e por aí vai desaguar todo o orçamento da Intendência.

— E toda a energia dos nossos soldados — viaja em missão especial a Lima, visita políticos, pede audiências, aconselha, intriga, articula, volta para Iquitos o general Scavino.

— Essa fome de visitadoras que foi despertada na selva nem Cristo consegue parar, Tigre — abre a porta do carro, entra primeiro, diz que pena não poder fazer uma sestazinha depois deste almoço, ordena de volta ao Ministério o general Victoria. — Ou, para estar na moda, nem o menino-mártir. Aliás, sabem que a devoção já chegou a Lima? Ontem descobri que a minha nora tem um altazinho com imagens do menino-mártir.

— Poderíamos começar com uma equipe selecionada de dez visitadoras para oficiais, general — fala sozinho pela rua, adormece na sua escrivaninha, fantasia, apavora a senhora Leonor com sua magreza o capitão Pantoja. — Recrutadas em Lima, naturalmente, para garantir uma alta categoria. Gosta das siglas SPO do SVGPFA? Seção para Oficiais do Serviço de Visitadoras. Vou enviar um projeto detalhado.

— Caramba, acho que eles têm razão — entra no seu gabinete, reflete, abre a correspondência, morde uma unha o Tigre Collazos. — Essa bobagem está ficando tenebrosa.



## IX

*Número especial do jornal El Oriente  
(Iquitos, 5 de janeiro de 1959), dedicado  
aos graves acontecimentos de Nauta.*

*Reportagem especial de toda a redação de El Oriente, mobilizada sob a orientação intelectual de seu diretor, Joaquín Andoa, para levar aos leitores do departamento de Loreto a versão mais ágil, pormenorizada e fiel do trágico caso da formosa Brasileira, desde o assalto de Nauta até o enterro em Iquitos, com os acontecimentos que eletrizaram a atenção da população.*

### PRANTO E SURPRESAS DESPEDIRAM RESTOS DA BELA ASSASSINADA

Ontem de manhã, às 11 horas aproximadamente, os restos mortais da falecida Olga Arellano Rosaura, conhecida no baixo mundo pelo apelido de Brasileira devido aos seus anos de residência na cidade de Manaus (ver biografia na pág. 2, cols. 4 e 5), foram enterrados no histórico cemitério geral desta cidade em meio a cenas de pesar e aflição de colegas de trabalho e amizades que comoveram o numeroso público presente. Pouco antes uma escolta de Infantaria do Acampamento Militar Vargas Guerra prestou honras militares à finada, num gesto insólito que não deixou de provocar considerável surpresa, até entre as pessoas mais penalizadas pela forma trágica como perdeu a vida essa jovem e desencaminhada beleza loreтана, que o *capitão (sic)* Pantaleão Pantoja chamou, em sua oração fúnebre, “desventurada mártir do cumprimento do dever e vítima da sociedade e da vileza do homem” (leia o discurso completo na pág. 3, col. 1).

Cientes de que o enterro da desafortunada jovem ocorreria na manhã de ontem, desde muito cedo se congregaram nas imediações do cemitério (rua Alfonso Ugarte com Ramón Castilla) muitos curiosos que logo bloquearam a entrada principal e o contorno do

monumento aos Caídos pela Pátria. Às dez e meia, aproximadamente, os presentes puderam observar a chegada de um caminhão do Acampamento Militar Vargas Guerra, do qual desceu uma escolta de 12 soldados, com capacete, corream e fuzil, sob o comando do tenente de Infantaria Luis Bacacorzo, que postou seus homens em ambos os lados da entrada do cemitério. Essa operação despertou a curiosidade das pessoas presentes, que não conseguiam adivinhar o motivo do comparecimento de uma escolta do Exército nessa hora, lugar e circunstância. O enigma seria esclarecido momentos depois. Já que a aglomeração de curiosos e público em geral obstruía completamente o acesso ao cemitério, o tenente Bacacorzo ordenou que os soldados liberassem a porta, o que estes fizeram de imediato sem contemplações.

Às 10h45 da manhã, o conhecido veículo de luxo da principal funerária de Iquitos, a Modus Vivendi, fez sua entrada, totalmente coberto de oferendas florais, pela rua Alfonso Ugarte, seguido de grande número de táxis e automóveis particulares. O cortejo fúnebre, que avançava muito lentamente, partira minutos antes do estabelecimento às margens do rio Itaya chamado Serviço de Visitadoras, mais conhecido pelo singelo apelido de Pantolândia, onde foi velada durante toda a noite anterior a malfadada Olga Arellano Rosaura. Um impressionante silêncio se espalhou imediatamente pelo bairro e a multidão reunida abriu passagem para o cortejo por própria iniciativa, a fim de que pudesse chegar à entrada do campo-santo. Grande número de pessoas — uma centena, a juízo dos observadores — acompanhava a desafortunada Olga em sua viagem à última morada, muitas delas de roupa escura e demonstrando, sobretudo suas colegas de trabalho, as visitadoras e lavadeiras de Iquitos, grande consternação na face. Registrou-se a presença, entre os componentes do cortejo fúnebre, da totalidade das mulheres que trabalham na mal-afamada instituição do rio Itaya, sendo elas, compreensivelmente, as que denotavam mais dor, vertendo lágrimas vivas sob os véus e mantilhas negras. Deu uma nota de emoção e dramatismo ao momento a presença entre as visitadoras, na primeira fila, das seis mulheres que viveram com a falecida Brasileira os graves acontecimentos de Nauta em que aquela

perdeu a vida, e mesmo a própria Luisa Cánepa, vulgo Maminha, que, como sabem os nossos leitores, recebeu feridas e contusões bastante sérias causadas pelos assaltantes durante o infausto acontecimento (leia na pág. 4 uma recapitulação detalhada da emboscada de Nauta e seu sangrento final). Mas a maior surpresa dos cidadãos ali reunidos foi ver descer do carro funerário, com uniforme de capitão do Exército e óculos escuros, o executivo-chefe do chamado Serviço de Visitadoras, o muito conhecido e pouco apreciado senhor Pantaleão Pantoja, cuja condição de oficial do Exército era desconhecida por todos, pelo menos que este jornal soubesse até agora. O que, naturalmente, originou comentários diversos entre o público.

Ao ser retirado do veículo, viu-se que o caixão tinha forma de cruz, como é costume com os defuntos que em vida pertenceram à Irmandade da Arca, o que deve ter parecido assombroso para muitos, por existir a suspeita de que a morte da Brasileira se deveu a confrades dessa seita religiosa, conjetura que, por outro lado, foi energicamente desmentida pelo profeta máximo da Arca (ver a *Epístola aos bons sobre os maus*, do Irmão Francisco, que publicamos na pág. 3, cols. 3 e 4). O caixão foi retirado do carro fúnebre e levado ao campo-santo nos ombros do próprio capitão Pantoja e de seus colaboradores do malquisto Serviço de Visitadoras, rigorosamente vestidos de luto, a saber: Porfirio Wong, conhecido como China no bairro de Belén, o suboficial primeiro AP Carlos Rodríguez Saravia (que comandava o barco *Eva* quando se deu o ataque de Nauta), o suboficial FAP Alonso Pantinaya, vulgo Louco, famoso ás de acrobacia aérea aposentado, os recrutas Sinforoso Caignas e Palomino Rioalto e o enfermeiro Virgilio Pacaya. Seguravam as fitas do caixão, que tinha uma elegante e solitária orquídea sobre a tampa, a célebre Leonor Curinchila, vulgo Chuchupe, e várias pupilas desse centro de má vida do rio Itaya, a saber, Sandra, Viruca, Pichuza, Peludita e outras, além do popular Juan Rivera, vulgo Chupito, que tinha curativos e marcas das numerosas feridas que recebeu ao pretender impedir, com típica galhardia loretana, a agressão de Nauta. Também seguravam fitas do ataúde duas senhoras de certa idade e de origem humilde,

notoriamente condoídas, que se negaram a declinar seus nomes e a mencionar sua relação com a falecida, e que alguns rumores indicavam como familiares de Olga Arellano Rosaura que preferiam ocultar sua identidade devido às atividades pouco recomendáveis a que se dedicou em vida a jovem crucificada. Quando o cortejo se alinhou na forma descrita, após um sinal do capitão Pantoja o tenente Luis Bacacorzo, com voz marcial, deu aos soldados da sua escolta a ordem de *Apresentar! Armas!*, a que eles obedeceram imediatamente com garbo e elegância. Assim, nos ombros de seus colegas e amigos e entre uma fila dupla de fuzis que lhe prestavam homenagem, entrou no cemitério geral de Iquitos a infeliz Brasileira que perdeu a vida a pouca distância de onde nasce nosso rio-mar. O caixão foi levado para o pequeno pódio, vizinho ao monumento aos Mortos pela Pátria, onde uma placa recebe o visitante com esta apóstrofe sombria: "ENTRA, REZA, OLHA COM CARINHO ESTA MANSÃO; PODE SER QUE SEJA TUA ÚLTIMA MORADA." Ali, demonstrando inexplicáveis mau humor e irritação, que não deixaram de ser reprovados pelo público, encontrava-se o ex-capelão do Exército e atual pároco encarregado do cemitério de Iquitos, padre Godofredo Beltrán Calila. O religioso oficiou, com exagerada rapidez, os responsos fúnebres, não pronunciou sermão algum, como se esperava dele, e se retirou sem esperar o final da cerimônia. Terminado o ato religioso, o capitão Pantaleão Pantoja, postando-se diante do caixão da malfadada Olga Arellano Rosaura, pronunciou a peroração reproduzida em outro lugar deste jornal (ver pág. 3, col. 1), que levou o funeral ao seu clímax de sensibilidade e patetismo, ao ver-se interrompido o capitão Pantoja, em vários momentos da sua fala, por seus próprios soluços, sendo estes repetidos, como tristes ecos, por um coro de soluços dos seus já mencionados colaboradores e de muitas raparigas presentes.

Logo depois, o ataúde foi posto outra vez nos ombros dos mesmos que o haviam introduzido no cemitério, enquanto outras pessoas, em sua maioria visitadoras e lavadeiras, iam se revezando com as fitas. O cortejo percorreu assim o cemitério até a extremidade sul, onde, no pavilhão de São Tomás, quadra 17, nicho superior, irão descansar os restos da finada. A colocação do ataúde e

a instalação da lápide (em que se lê simplesmente, em letras douradas: *Olga Arellano Rosaura, conhecida como Brasileira (1936-1959): seus desconsolados colegas*) deram motivo a novas efusões de sentimento e dor por sua cruenta partida, havendo muitas mulheres prorrompido em inconsolável pranto. Após um padre-nosso e uma ave-maria que foram entoados, por sugestão de Leonor Curinchila, vulgo Chuchupe, pela saúde eterna da falecida loretana, o cortejo se dissolveu. Os participantes começavam a se dispersar para suas respectivas casas quando irrompeu uma súbita chuva, como se de repente o céu tivesse desejado se associar ao luto. Era meio-dia.

ELEGIA FÚNEBRE DO CAPITÃO  
PANTALEÃO PANTOJA NO ENTERRO  
DA BELA OLGA ARELLANO,  
A VISITADORA CRUCIFICADA EM NAUTA

*Reproduzimos a seguir, por considerá-lo de interesse para nossos leitores e por sua transparente sinceridade e assombrosas revelações, o discurso fúnebre pronunciado no enterro da vítima Olga Arellano Rosaura, vulgo Brasileira, pelo seu amigo e chefe, o tão célebre senhor Pantaleão Pantoja, que desde ontem, para surpresa geral, soube-se ser capitão da Intendência do Exército peruano.*

Pranteada Olga Arellano Rosaura, recordada e muito querida Brasileira, como a chamávamos carinhosamente todos os que a conhecíamos ou convivíamos com ela no trabalho diário:

Vestimos a nossa gloriosa farda de oficial do Exército do Peru para acompanhá-la neste que será seu último domicílio terrestre, porque era a nossa obrigação proclamar, ante os olhos do mundo, de cabeça erguida e com pleno senso da nossa responsabilidade, que você caiu como um valoroso soldado a serviço da sua Pátria, o nosso amado Peru. Viemos aqui para mostrar sem vergonha e com orgulho que éramos seus amigos e superiores, que tínhamos muita honra em

compartilhar com você a tarefa que o destino nos entregou, qual seja a de servir, de maneira nada fácil e eivada de dificuldades e sacrifícios (como você, respeitada amiga, experimentou em carne própria), os nossos compatriotas e o nosso país. Você é uma desventurada mártir do cumprimento do dever, uma vítima da sociedade e da vileza de certos homens. Os covardes que se postaram, incitados pelo demônio do álcool, os baixos instintos da lascívia ou o fanatismo mais satânico, na quebrada do Cacique Cocama, arredores de Nauta, para abordar como piratas, mediante o engano rasteiro e a vil mentira, o nosso transporte fluvial *Eva* e a seguir aplacar com bestial brutalidade seus inclementes desejos, não sabiam que essa sua beleza, que tanto os incitava criminosamente, fora consagrada por você, com generosa exclusividade, aos denodados soldados do Peru.

Pranteada Olga Arellano Rosaura, sempre recordada Brasileira: Esses soldados, *seus* soldados, não a esquecem. Agora mesmo, nos rincões mais indômitos da nossa Amazônia, nas quebradas onde é monarca e impera o anófele malárico, nas clareiras mais afastadas da selva, onde o Exército peruano se fez presente para manifestar e defender a nossa soberania, e onde você não vacilava em chegar, sem se importar com os insetos, as doenças, o desconforto, levando a dádiva da sua beleza e da sua alegria franca e contagiosa aos sentinelas do Peru, há homens que se lembram de você com lágrimas nos olhos e o peito repleto de cólera contra os seus sádicos assassinos. Eles nunca esquecerão a sua simpatia, sua graciosa malícia e esse modo tão seu de compartilhar com eles as servidões da vida militar que, graças a você, sempre se tornavam, para os nossos cabos e soldados, mais gratas e suportáveis.

Pranteada Olga Arellano Rosaura, sempre recordada Brasileira, como a chamavam, por ter vivido no país irmão aonde suas jovens inquietações a levaram, embora — é preciso dizer — não houvesse em você uma única gota de sangue nem um fio de cabelo que não fossem peruanos:

Você deve saber que, junto com os melancólicos soldados dispersos ao longo da Amazônia, também é pranteada e evocada por suas companheiras e companheiros de trabalho no Serviço de

Visitadoras para Guarnições, Postos de Fronteira e Afins, em cujo centro logístico do rio Itaya você foi sempre uma luxuosa flor que o enriquecia e perfumava, e também por nós, que sempre a admiramos, respeitamos e amamos por seu senso de dever, seu infatigável bom humor, seu grande espírito de camaradagem e colaboração, e tantas outras virtudes que a adornavam. Em nome de todos, contendo o pranto, quero lhe dizer que o seu sacrifício não será em vão: seu sangue ainda jovem, selvagemmente derramado, será o vínculo sagrado que nos unirá a partir de agora com mais força e exemplo que há de nos unir e estimular dia a dia a cumprir o nosso dever com a perfeição e o desinteresse com que você fazia. E, finalmente, em meu próprio nome, quero lhe manifestar a mais profunda gratidão, com o coração partido, por tantas provas de afeto e compreensão, por tantas lições íntimas que nunca esquecerei.

Pranteada Olga Arellano Rosaura, sempre recordada Brasileira:

DESCANSE EM PAZ!

### *Crônica do ataque de Nauta*

#### O CRIME DA QUEBRADA DO CACIQUE COCAMA, MINUTO A MINUTO: SEU CORTEJO DE SANGUE, PAIXÃO, SADISMO NECROFÍLICO E INSTINTOS DESCONTROLADOS

*N. da R.: El Oriente quer manifestar publicamente seu mais efusivo agradecimento ao coronel da Guarda Civil Juan Amézaga Riofrío, chefe da Quinta Região de Polícia, e ao Inspetor-chefe de Loreto da Polícia de Investigações do Peru (PIP), Federico Chumpitaz Fernández, responsáveis pela investigação dos trágicos acontecimentos de Nauta, por nos terem fornecido com a maior amabilidade, sacrificando muitos minutos do seu precioso tempo, toda a informação disponível até o momento sobre as referidas ocorrências. Queremos destacar a atitude de cooperação com a imprensa livre e democrática desses ilustres chefes da Polícia, os quais outras*

*autoridades locais deveriam tomar como exemplo.*

### A conspiração de Requena

À medida que avança a investigação sobre os acontecimentos de Nauta, descobrem-se detalhes que retificam as primeiras versões divulgadas pela imprensa escrita e falada sobre os fatos ocorridos. Assim, a cada instante se enfraquece a tese segundo a qual o ataque de Nauta e a morte e crucificação de Olga Arellano Rosaura, vulgo Brasileira, foram um rito de “sacrifício e purificação pelo sangue” ordenado pela Irmandade da Arca, seita da qual os sete indivíduos teriam sido meros instrumentos. Deste modo, a fogosa campanha do nosso colega Germán Láudano Rosales no seu programa *A voz do Sinchi*, defendendo a Irmandade da Arca e recusando como falsa a confissão dos delinquentes de que teriam obedecido a ordens do Irmão Francisco, está ganhando contornos de verdade. A conjectura do Sinchi de que a mencionada confissão é um estratagema dos presos para atenuar sua culpa parece estar baseada em fatos. Do mesmo modo, os primeiros interrogatórios a que os implicados foram submetidos em Iquitos — chegaram ontem a esta cidade, por via fluvial, procedentes de Nauta, onde estavam detidos desde o dia 2 de janeiro — também permitiram às autoridades da Guarda Civil e da PIP descartar a outra hipótese que circulava, segundo a qual o ataque de Nauta foi resultado de uma inspiração do momento, filho dos maus conselhos do álcool, e estabelecer, sem sombra de dúvida, que foi planejado com muita antecedência nos seus mais ínfimos e macabros detalhes.

Tudo começou, ao que parece, uns 15 dias antes da data fatídica, numa reunião social — e não religiosa, como foi dito — realizada num clima de grande inocência por um grupo de amigos do pujante povoado de Requena. A festa teria ocorrido no dia 14 de dezembro passado, na casa do ex-prefeito do lugar, Teófilo Morey, com o objetivo de comemorar o quinquagésimo quarto aniversário deste. No transcurso do ágape, a que compareceram todos os acusados (isto é: Artidoro Soma, 23 anos; Nepomuceno Quilca, 31 anos;

Caifás Sancho, 28 anos; Fabio Tapayuri, 27 anos; Fabriciano Pizango, 32 anos, e Renán Márquez Curichimba, 22 anos), foram consumidos muitos copos de bebida alcoólica, tendo chegado todos os mencionados ao estado de embriaguez. Foi durante a mencionada festa que o próprio ex-prefeito Teófilo Morey, indivíduo muito conhecido em Requena por seus instintos sensuais, sua predileção pela boa mesa e pela boa bebida, além de coisas parecidas, soltou — segundo declaração de alguns de seus coacusados — a ideia de emboscar um comboio de visitadoras que estivesse viajando rumo a algum acampamento militar, para desfrutar à força dos encantos das perdidas. (Como os nossos leitores devem lembrar, primeiro os atacantes afirmaram que a ideia surgiu durante uma missa noturna na arca de Requena, quando foram sorteados sete irmãos para executar a missão decidida por todos os presentes na cerimônia, mais de uma centena, pelo que disseram.) A ideia foi recebida com gestos de aprovação e entusiasmo pelos outros acusados. Todos reconheceram que as visitadoras eram assunto frequente nas suas vidas e reuniões, tendo enviado vários protestos por escrito ao Alto-Comando do Exército pedindo que as referidas mulheres da vida fossem autorizadas a atender a clientela civil nos povoados amazônicos que percorriam, e tendo inclusive se dirigido uma vez, numa comissão composta de outros jovens de Requena, ao chefe da Base Naval de Santa Isabel, próxima a esse povoado, para deixar registrado seu protesto contra o monopólio, a seu ver abusivo, das Forças Armadas sobre essas expedições de prostitutas. Com tais antecedentes, é compreensível que a sugestão do ex-prefeito Morey, oferecendo a eles a oportunidade de extravasar seus anseios contidos, fosse recebida com júbilo e verdadeiro frenesi pelos presos. Ainda não se pôde determinar se os sete conjurados eram seguidores do Irmão Francisco e frequentavam os ritos clandestinos da arca de Requena, como disseram, ou se isto é totalmente falso, como afirmaram vários apóstolos da seita, em comunicados enviados dos seus esconderijos à imprensa, e foi referendado pelo próprio Irmão Francisco (leia na pág. 3, cols. 3 e 4). Nessa mesma festa, dizem, os sete amigos traçaram os primeiros planos e decidiram perpetrar seu tortuoso desígnio longe de Requena, para

não comprometer o bom nome do povoado e para despistar as autoridades se houvesse investigação. Também combinaram que iriam averiguar de maneira discreta as datas de chegada dos próximos comboios de visitadoras a Nauta ou Bagazán, cujos arredores já consideraram, desde então, o lugar mais propício para o golpe. O próprio ex-prefeito Morey se ofereceu para obter as informações pertinentes, graças à estreita ligação que, devido a seu cargo edilício, mantinha com os oficiais da Base de Santa Isabel.

E, sem mais delongas, botando mãos à obra, os acusados foram aperfeiçoando seu plano nas duas ou três reuniões posteriores. Teófilo Morey conseguiu efetivamente descobrir, usando subterfúgios com o primeiro tenente da Armada Germán Urioste, que um comboio fluvial de seis visitadoras, procedente de Iquitos, percorreria nos primeiros dias de janeiro os postos de Nauta, Bagazán e Requena, com a chegada ao primeiro dos pontos mencionados prevista para o dia 2 por volta de meio-dia. Reunidos novamente na casa do ex-prefeito, os sete elementos ultimaram seu projeto criminoso, decidindo emboscar o comboio nos arredores de Nauta, para fazer as vítimas e a Polícia pensarem que os autores do latrocínio sexual eram moradores daquela histórica localidade. Aparentemente, nessa ocasião teriam concebido a ideia de deixar nas imediações do lugar da emboscada, como pista falsa, uma cruz com um animal pregado, para parecer que a operação fora obra dos irmãos da arca de Nauta. Para tal fim, os homens se equiparam com os correspondentes pregos e martelos, sem suspeitar — é o que afirmam — que o acaso iria favorecer terrivelmente seus planos, oferecendo-lhes não um animal para crucificar mas o corpo de uma jovem e bela prostituta. Os sete indivíduos decidiram se dividir em dois grupos, cada um dando uma explicação diferente aos seus familiares e conhecidos para se ausentar de Requena. Um dos grupos, integrado por Teófilo Morey, Artidoro Soma, Nepomuceno Quilca e Renán Márquez Curichimba, partiu no dia 29 de dezembro, num barco com motor de popa, propriedade do primeiro dos citados, fazendo todos pensarem que se dirigiam para o lago de Carahuite, onde pretendiam passar as festas de fim de ano dedicados ao saudável esporte da pesca do sável e do tambaqui. O outro grupo —

Caifás Sancho, Fabio Tapayuri e Fabriciano Pizango — só saiu do povoado no dia 1º de janeiro ao amanhecer, num deslizador pertencente a este último, afirmando aos conhecidos que iam caçar para o lado de Bagazán, onde recentemente fora visto, rondando por perto do povoado, um bando de jaguares.

Tal como tinham programado, os dois grupos se dirigiram rio abaixo, em direção a Nauta, passando diante desse povoado sem parar, como tinham feito antes em frente a Bagazán, pois seu objetivo era alcançar, sem ser vistos, um ponto situado uns 3 quilômetros água abaixo do nascimento do Amazonas, nosso grande rio-mar, isto é, a quebrada do Cacique Cocama, assim denominada devido à lenda de que, nesse lugar, nos dias de muita chuva, se vê flutuando perto da margem o fantasma do célebre cacique cocama don Manuel Pacaya que, a 30 de abril de 1840, fundou pioneiramente, na confluência dos rios Marañón e Ucayali, o progressista povoado de Nauta. Os sete acusados escolheram esse lugar, apesar do temor que a mencionada superstição inspirava em alguns deles, porque a abundante vegetação que cobre parte do leito era muito conveniente para o seu propósito de passarem despercebidos. Os dois grupos se encontraram na quebrada do Cacique Cocama ao entardecer do dia 1º de janeiro, acampando num baixio por ali e se divertindo nessa noite com uma festa improvisada. Pois, muito astutos, eles viajaram equipados não só de revólveres, carabinas, pregos e cobertores, mas também de garrafas de licor de anis e cerveja, o que lhes permitiu se embriagarem enquanto se extasiavam, sem dúvida muito excitados e falastrões, pensando no novo dia em que veriam se transformar em realidade suas doentias maquinações e anseios.

### Pirataria na quebrada do Cacique Cocama

Desde bem cedo, os sete elementos ficaram vigiando, de cima das árvores, as águas do Amazonas. Para isso se haviam munido de uns binóculos, que passavam de mão em mão, a fim de ter uma visão mais nítida do rio. Transcorreu assim boa parte do dia, pois só às

quatro da tarde Fabio Tapayuri divisou ao longe as cores verde-rubras do barco *Eva* que subia as águas ocreas do rio-mar com sua cobiçada carga. Imediatamente, os indivíduos puseram em execução seus planos ardilosos. Enquanto quatro deles — Teófilo Morey, Fabio Tapayuri, Fabriciano Pizango e Renán Márquez Curichimba — ocultavam o barco com motor de popa na vegetação da margem e ali permaneciam escondidos, Artidoro Soma, Nepomuceno Quilca e Caifás Sancho subiam no deslizador e avançavam até o meio da correnteza para interpretar seu ardiloso teatro. Aproximaram-se do *Eva* a baixa velocidade, enquanto Soma e Quilca começavam a balançar os braços e a dar fortes gritos pedindo socorro para Caifás Sancho, dizendo que este precisava urgentemente de socorro médico porque fora picado de cobra. O suboficial primeiro Carlos Rodríguez Saravia, ao ouvir o clamor dos indivíduos, ordenou que parassem a máquina e fez subirem o doente a bordo do *Eva* (pois dispõe de um estojo de primeiros socorros) com o louvável propósito de prestar ajuda ao velhaco Caifás Sancho.

Assim que os três indivíduos conseguiram subir a bordo graças ao referido embuste, tiraram as máscaras pacíficas, puxaram os revólveres que estavam escondidos e forçaram o suboficial Rodríguez Saravia e seus quatro homens a prestar-lhes obediência no que eles ordenassem. Enquanto Artidoro Soma obrigava o grupo de seis visitantes (Luisa Cánepa, Maminha; Juana Barbichi Lu, Sandra; Eduviges Lauri, Eduviges; Ernesta Sipote, Loreta; María Carrasco Lunchu, Flor, e a infausta Olga Arellano Rosaura, Brasileira) e Juan Rivero, Chupito, que comandava o grupo, a permanecerem trancados num camarote, Nepomuceno Quilca e Caifás Sancho, com insultos soezes e ameaças de morte, exigiam que a tripulação do *Eva* ligasse novamente o motor e dirigisse o navio para a Quebrada, onde o resto do bando se encontrava à espera. Foi nessas circunstâncias, enquanto se executava a manobra prescrita pelos assaltantes, que o sagaz timoneiro Isidoro Ahuanari Leiva conseguiu, mediante uma engenhosa mentira (uma necessidade natural do organismo), deixar a coberta por um momento, entrar na sala de rádio e transmitir um desesperado SOS à Base de Nauta que, embora não entendesse totalmente a mensagem, decidiu enviar

imediatamente um deslizador rio abaixo, com um prático e dois soldados, para ver o que estava acontecendo com o *Eva*. O barco, enquanto isso, afinal se imobilizou na quebrada do Cacique Cocama, lugar estrategicamente escolhido porque, graças à frondosa vegetação, ali ficava meio escondido e não era fácil que pudesse ser reconhecido do meio da correnteza pelas lanchas e barcaças de pescadores que percorrem o nosso rio-mar.

### O ataque covarde: violações e feridos

Com matemática precisão se cumpriam, uma após a outra, as etapas do maquiavélico plano dos delinquentes. Uma vez na quebrada do Cacique Cocama, os quatro homens que haviam ficado em terra se precipitaram a bordo e, junto com seus três companheiros de delito, amarraram e amordaçaram com a maior rudeza o suboficial Rodríguez Saravia e os quatro tripulantes, e em seguida, na base de empurrões e maus-tratos, trancaram-nos no porão da nave, dizendo aos quatro ventos que estavam ali por ordem da Arca para castigar as atividades pecaminosas do Serviço de Visitadoras. Imediatamente, os sete piratas — que, segundo o depoimento das vítimas, denotavam alto estado etílico e trêmulo nervosismo — se dirigiram para o camarote onde haviam trancado as visitadoras para satisfazer seus desmedidos desejos. Nesse instante se produziu o primeiro derramamento de sangue. Com efeito, ao descobrir as intenções criminosas dos indivíduos, as aventureiras lhes opuseram feroz resistência, seguindo o exemplo do bravo Juan Rivera, Chupito, que, sem arredar o pé nem pensar na sua baixa estatura e debilidade física, arremeteu contra os piratas com cabeçadas e pontapés, repreendendo-os pela sua má ação, mas, infelizmente, seu gesto quixotesco não durou muito, já que aqueles rapidamente o deixaram desacordado, atacando-o com as coronhas dos revólveres e chutando-o no chão até arrebentar sua cara. Sorte parecida teve a visitadora Luisa Cánepa, vulgo Maminha, que também demonstrou muita energia, enfrentando os sequestradores como um verdadeiro homem, arranhando-os e mordendo-os até que

estes a espancaram com tanta ferocidade que ela perdeu os sentidos. Uma vez dominada a resistência das perdidas, os piratas as obrigaram, empunhando revólver e carabina, a satisfazer seus viciados desejos, para o qual cada assaltante escolheu uma vítima, tendo-se registrado uma ameaça de pancadaria entre eles, pois aspiravam todos à posse da desafortunada Olga Arellano Rosaura, que, finalmente, foi cedida a Teófilo Morey em consideração à sua idade maior.

### Tiroteio e resgate: morre a bela visitadora

Enquanto os sete indivíduos realizavam, em meio à violência, sua grande orgia, o deslizador enviado pela Base de Nauta tinha percorrido um bom trecho do rio sem encontrar vestígios do *Eva* e já se preparava para regressar quando milagrosamente os escarlates do crepúsculo deixaram perceber, ao longe, brilhando entre as árvores da quebrada do Cacique Cocama, as cores verde-rubras do *Eva*. O deslizador se dirigiu imediatamente ao seu encontro, sendo recebido, para a estupefação do grupo, com uma chuva de balas, uma das quais feriu na coxa esquerda e parte inferior do glúteo o soldado raso Felicio Tanchiva. Assim que se recuperaram do susto, os soldados repeliram o fogo, iniciando-se então um tiroteio que se prolongou pelo espaço de alguns minutos e no curso do qual caiu mortalmente ferida — por balas dos soldados, conforme determinou a autópsia — Olga Arellano Rosaura, vulgo Brasileira. Vendo que se achavam em inferioridade de condições, os soldados decidiram voltar a Nauta em busca de reforços. Ao observar que a patrulha se afastava, os delinquentes, tomados de pânico pela morte ocorrida, demonstraram um grande desconcerto. O primeiro a reagir foi, ao que parece, Teófilo Morey, que exortou seus asseclas a manterem a calma, dizendo que, enquanto a patrulha chegava a Nauta, eles tinham tempo não só de fugir mas também, até mesmo, de completar o seu plano. Foi então que alguém — não se pôde determinar quem: o próprio Morey, segundo alguns, Fabián Tapayuri segundo outros — sugeriu que crucificassem a Brasileira em vez de

um animal. Os delinquentes puseram em prática seu sangrento propósito, jogando o cadáver de Olga Arellano na margem do rio e decidindo, para ganhar tempo, não fabricar uma cruz mas utilizar uma árvore qualquer. Estavam entregues à sua macabra ocupação quando quatro embarcações com soldados tornaram-se visíveis no horizonte. Os delinquentes iniciaram imediatamente a fuga, embrenhando-se no mato. Só dois deles — Nepomuceno Quilca e Renán Márquez Curichimba — puderam ser capturados nesse momento. Ao subir no *Eva*, os soldados encontraram um espetáculo de arrepiar: mulheres aterrorizadas e seminuas que corriam em estado de histeria, algumas com marcas de sevícias no rosto e no corpo (Maminha) e, um pouco mais à frente, a poucos passos da margem, o belo corpo de Olga Arellano Rosaura pregado no tronco de uma paineira. As balas alcançaram a desventurada logo no começo do tiroteio, atingindo órgãos cruciais, como coração e cérebro, o que terminou instantaneamente os seus dias. A infeliz foi retirada da cruz, coberta com mantas e levada para o barco, em meio ao horror e ao pranto frenético das outras vítimas.

Assim que foram soltos, o suboficial primeiro Rodríguez Saravia e a tripulação alertaram, por rádio, Nauta, Requena e Iquitos sobre os fatos, mobilizando-se de imediato todos os postos, bases navais e guarnições da região numa imensa caçada aos cinco fugitivos. Foram todos capturados em 24 horas. Três deles — Teófilo Morey, Artidoro Soma e Fabio Tapayuri — se entregaram ao anoitecer, nos arredores de Nauta, onde pretendiam se introduzir sub-repticiamente depois de ter percorrido, destroçando suas roupas e ensanguentando o corpo, muitos quilômetros de capinzais. Os outros dois — Caifás Sancho e Fabriciano Pizango — foram capturados nas primeiras horas da manhã, quando subiam o Ucayall num deslizador roubado no porto de Nauta. Um deles, Caifás Sancho, estava ferido com certa gravidade, tendo uma bala lhe arrancado parte da boca.

As vítimas da agressão foram transferidas para Nauta, onde Luisa Cánepa e Chupito receberam os cuidados necessários, demonstrando ambos muita energia e ânimo na sua aflitiva situação. Ali mesmo foram tomados os primeiros depoimentos das vítimas sobre a terrível experiência que acabavam de viver. O cadáver da

infeliz Olga Arellano Rosaura só pôde vir para Iquitos no dia 4, devido aos procedimentos judiciais, e foi transportado pelo ar, no hidroavião *Dalila*, tendo-se deslocado até Nauta, para acompanhar os restos e realizar as primeiras investigações, aquele que então ainda era chamado apenas de *senhor* Pantaleão Pantoja. O resto das visitadoras voltou a Iquitos por via fluvial, no barco *Eva*, que não sofreu avarias de importância durante o ataque, enquanto os sete detidos permaneciam mais dois dias em Nauta, submetidos a exaustivos interrogatórios por parte das autoridades. Ontem, com forte escolta, chegaram a Iquitos num hidroavião da FAP e atualmente se encontram nas celas da prisão central da rua Sargento Lores, onde, sem dúvida, permanecerão bastante tempo, devido ao seu comportamento canalha.

#### FOI INQUIETA E ESCANDALOSA A VIDA DA VISITADORA FALECIDA

Nasceu no dia 17 de abril de 1936, no então longínquo casario de Nanay (ainda não existia a estrada que une o balneário a Iquitos), sendo filha de dona Hermenegilda Arellano Rosaura e de pai desconhecido. Foi batizada no dia 8 de maio do mesmo ano na igreja de Punchana, recebendo o nome de Olga e os dois sobrenomes da mãe. Esta exercia, segundo contam pessoas do bairro que se lembram dela, diversos ofícios em Nanay, como empregada da Base Naval de Punchana e de bares e restaurantes do lugar, trabalhos de onde era sempre despedida por sua inclinação à bebida, tanta que, pelo que dizem, era comum ver-se o espetáculo da cambaleante figura da Copinho Hermes, como a apelidavam, percorrendo o bairro em meio às risadas do povo, seguida por sua filha caçula Olguita. Para um pouco de sorte desta, quando a menina tinha uns 8 ou 9 anos Copinho Hermes desapareceu de Nanay abandonando a desamparada menina, que foi caridosamente abrigada pelos Adventistas do Sétimo Dia no seu pequeno orfanato na esquina das ruas Samanez Ocampo e Napo, onde atualmente só

resta a igreja. Nessa instituição, a pobre criança que até então se criara como um animalzinho vadio, na sujeira e na ignorância, recebeu as primeiras lições, aprendeu a ler, escrever e fazer contas, e levou uma vida modesta mas sadia e decorosa, regida pelos severos preceitos morais dessa igreja. (“Esses preceitos não devem ser tão sólidos como se diz, a julgar pela folha de serviço da damisela”, comentou com um dos nossos repórteres, com sua característica severidade, um religioso católico outrora vinculado ao Exército, célebre pelas constantes ironias em seus sermões contra as numerosas igrejas protestantes estabelecidas em Iquitos, e que nos pediu que não revelássemos seu nome.)

### *O drama de um jovem missionário*

“Lembro muito bem dela” — declarou, por sua vez, o pastor adventista, reverendo Abraham MacPherson, que dirigia o orfanato nos anos em que a jovem Olga Arellano Rosaura permaneceu lá. — “Era uma moreninha alegre, de inteligência rápida e espírito vivaz, que aceitava com docilidade as prédicas dos seus orientadores e professores, e de quem esperávamos muitas coisas boas. O que a estragou foi, sem dúvida, a grande beleza física que a natureza lhe proporcionou desde a adolescência. Mas, enfim, agora vamos orar por ela e inspirar-nos no seu caso para emendar as nossas próprias vidas, em vez de recordar coisas tristes e amargas que não servem para ninguém e não levam a nada.” O reverendo Abraham MacPherson alude, veladamente, a um fato que na época deu muito o que falar em Iquitos: a sensacional fuga do orfanato dos Adventistas do Sétimo Dia da bela adolescente que era então Olguita Arellano Rosaura, com um dos seus orientadores, o jovem pastor adventista Richard Jay Pierce Jr., recém-chegado a Iquitos naqueles dias da sua distante terra natal, os Estados Unidos, para dar aqui seus primeiros passos missionários. O episódio terminou tragicamente, como recordarão muitos leitores de *El Oriente*, pois foi a este jornal, já então o mais prestigioso de Iquitos, que o atormentado missionário dirigiu sua carta de desculpas à opinião pública loretana, antes de dar cabo dos seus dias, desesperado de remorso por ter sucumbido à beleza adolescente de Olguita,

enforcando-se numa palmeira, nos arredores da vila de San Juan (*El Oriente* publicou a carta na íntegra, com seu texto meio inglês meio espanhol, no dia 20 de setembro de 1949).

### *O tobogã da vida destemperada*

Depois dessa precoce e infeliz aventura sentimental, Olga Arellano Rosaura começou a cair no precipício dos maus costumes e da vida destemperada, ajudada, inquestionavelmente, por seus encantos físicos e sua grande simpatia. De modo que, desde essa época, era comum distinguir sua bela silhueta nas casas noturnas de Iquitos, como a Mao Mao, a La Selva e o antigo antro O Vergel Florido, que as autoridades tiveram que fechar no dia em que descobriram que o citado bar, fazendo jus a seu nome, era uma casa de encontros onde perdiam a virtude, das quatro às sete da tarde, alunas dos colégios secundários de Iquitos. Seu proprietário, o quase mitológico Humberto Sipa, vulgo Moquitos, que passou alguns meses na cadeia, empreendeu depois uma bem-sucedida carreira nesse campo de negócios, como todos sabem. Seria longo, naturalmente, traçar o percurso sentimental da encantadora Olguita Arellano Rosaura, a quem nesses anos a maledicência e os falatórios atribuíam incontáveis protetores e amigos ricos, muitos deles casados, com os quais a moça não hesitava em aparecer em público. Um desses boatos improvados garante que Olguita foi expulsa de Iquitos, discretamente, no final de 1952, pelo então prefeito do departamento don Miguel Torre Salamino, devido aos apaixonados amores que mantinha com a travessa Olguita um filho do prefeito, o estudante de engenharia Miguelito Torres Saavedra, cuja morte, nas espessas águas da lagoa de Quistococha, muitas mentes - qualificaram como suicídio, pelas repetidas demonstrações de desolação que o jovem dava desde a partida da sua amada, embora a família desmentisse energicamente esse rumor. Em todo caso, a inquieta Olguita se foi para a cidade brasileira de Manaus, onde só se sabe que, nos anos que ela permaneceu lá, em vez de corrigir seu comportamento, piorou, dedicando-se à má vida em plena luz do dia, pois começou a exercer abertamente, em lugares visíveis —

lupanares e casas de tolerância —, o milenar ofício da prostituição.

### *Volta à Pátria*

Adestrada nessas indecentes atividades e mais bela do que nunca, Olga Arellano Rosaura, que a criatividade loretana apelidou imediatamente de Brasileira, voltou, há pouco mais de dois anos, à sua Iquitos natal, entrando quase imediatamente, por intermédio de um conhecido recrutador de mulheres desse lugar, o China Porfirio do bairro de Belén, para o Serviço de Visitadoras, instituição que transporta mulheres da vida, como se fossem cabeças de gado ou artigos de primeira necessidade, às guarnições da fronteira. Mas, pouco antes, a incorrigível Olguita provocou outro ruidoso escândalo, ao ser surpreendida na última fila do cinema Bolognesi, durante a sessão noturna, intercambiando bolinações e atos indecorosos com um tenente da Guarda Civil, que acabou sendo transferido de Loreto por causa do fato. Houve até — como recordarão os nossos leitores — uma tentativa de agressão por parte da esposa do oficial, que avançou contra a Brasileira, numa quinta-feira de parada, trocando as duas pancadas e insultos no gramado da nossa Praça de Armas.

Olga Arellano Rosaura em pouco tempo se transformaria, graças aos seus atrativos físicos, na visitadora estrela do mal-afamado posto do rio Itaya e na *amiga dileta* do administrador-gerente do estabelecimento, que até ontem, ingenuamente, considerávamos um civil comum, don Pantaleão Pantoja, e que se revelou, para perplexidade e confusão de muitos, nada menos que *capitão* do nosso Exército. Não é segredo para ninguém, nesta cidade, a estreita e íntima relação que existiu entre a formosa falecida e o senhor (perdão), o capitão *da ativa* Pantoja, casal que não era raro se ver passeando todo meloso na Praça 28 de Julho ou se abraçando com furor, ao entardecer, no cais Tarapacá. Involuntária semeadora de tragédias, dizem que Olguita Arellano Rosaura, a sedutora Brasileira, foi a causa da partida de Iquitos da desprezada esposa do capitão Pantoja, num penoso drama familiar revelado por um colega nosso, conhecido comentarista radiofônico desta cidade.

### *Fim trágico*

E assim chegamos ao desenlace dessa vida que, ainda em plena juventude, encontrou, ao entardecer do segundo dia de 1959, na quebrada do Cacique Cocama, nos arredores de Nauta, um final prematuro e terrível, causado pelas balas traiçoeiras que, talvez enfeitiçadas como tantos homens por sua beleza, preferiram a Brasileira em sua mortífera trajetória, e pelos pregos de uns degenerados ou fanáticos. As numerosas pessoas que compareceram ao mal-afamado posto do rio Itaya, onde a funerária Modus Vivendi instalou uma capela ardente de primeira classe, para presenciar o velório de Olga Arellano Rosaura, ao se aproximarem do ataúde admiravam intacta, através do vidro transparente, resplandecendo sob os círios fúnebres, a formosura moreninha da BRASILEIRA!

### *Primeira mão exclusiva de El Oriente*

#### EPÍSTOLA AOS BONS SOBRE OS MAUS DO IRMÃO FRANCISCO

*Publicamos a seguir, em exclusiva primeira mão, um texto que chegou à nossa redação ontem à noite, escrito de próprio punho pelo celeberrimo Irmão Francisco, profeta e chefe máximo da Irmandade da Arca, procurado pela polícia de quatro países como cérebro pensante por trás das crucificações que, de um tempo para cá, vêm ensanguentando a nossa querida Amazônia. El Oriente pode garantir a autenticidade deste sensacional documento.*

Em nome do Pai, do Espírito Santo e do FILHO QUE MORREU NA CRUZ, dirijo-me à opinião pública de todo o Peru e do mundo para, com a permissão e a inspiração das vozes do céu que espera os BONS, desmentir e negar como malévolas, caluniosas e carentes de toda verdade as acusações dos MAUS que pretendem vincular as IRMÃS e IRMÃOS DA ARCA com a violação, morte e posterior CRUCIFICAÇÃO da senhorita Olga Arellano Rosaura, tristemente

ocorridas na quebrada do Cacique Cocama nas vizinhanças de Nauta. Do meu afastado refúgio onde suporto a CRUZ que o Senhor quis me destinar, em sua generosa e infinita sabedoria, mantendo-me longe das mãos ímpias que não podem nem jamais poderão me apanhar nem me afastar do povo crente, santo, BOM, das irmãs e dos irmãos, unidos em cópula divina no amor a Deus e no ódio ao MAU, levanto minha mão e, movendo-a energicamente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, digo, acompanhando o gesto com o grito, NÃO! Não é verdade que as irmãs e irmãos da Arca, cujo objetivo é fazer o BEM e preparar-se para subir ao céu quando o Pai, o Espírito Santo e o FILHO QUE MORREU NA CRUZ decidirem que este mundo cheio de MALDADE e de impiedade deve acabar pelo fogo e pela água como é anunciado no livro BOM da Bíblia, o que será muito em breve porque assim me disseram as vozes que escuto e que não vêm deste mundo, tenham qualquer coisa a ver com o crime que os MAUS cometeram e que querem atribuir a nós para desviar suas culpas e tornar mais grossos e pontudos os nossos PREGOS e mais áspera a MADEIRA das nossas CRUZES. Nenhum dos acusados pela morte da senhorita Arellano jamais pertenceu à nossa IRMANDADE de gente BOA, e nem mesmo compareceu, nenhum deles, na qualidade de simples espectador ou curioso, às reuniões celebradas pelas ARCAS da região onde moravam, ou seja, as de Nauta, Bagazán e Requena, como me confirmaram os BONS apóstolos dessas Arcas. Nunca se viu nenhum desses acusados presente em corpo nas reuniões celebradas para louvar o Pai, o Espírito Santo e o FILHO QUE MORREU NA CRUZ e pedir perdão por seus pecados para estar com a alma lavada quando chegar o MOMENTO FINAL. As irmãs, os irmãos não matam, não violam, não assaltam, não roubam e só odeiam a violência do MAL, como o céu lhes ensinou através da minha boca. Ninguém poderá nos acusar de um único ato contrário ao BEM e não é verdade que preguemos o crime como nos acusam aqueles que nos perseguem e nos obrigam a esconder-nos e a viver como feras predadoras na profundidade das selvas. Mas nós os perdoamos porque eles são simples escravos obedientes nas mãos do céu, que os usa como CRUZES que trarão para nós a imortalidade da glória eterna. E a

pobre Olga Arellano, embora ainda não tivesse escutado a palavra, desde já a incorporamos às nossas orações e a partir de agora a recordaremos junto com os nossos mártires e santos que nos veem, nos ouvem, nos falam, nos protegem e desfrutam merecidamente, lá em cima, da paz celestial junto ao Pai, ao Espírito Santo e ao FILHO QUE MORREU NA CRUZ.

IRMÃO FRANCISCO

*Nota da Redação.* De fato, durante o enterro se viram circular no cemitério geral de Iquitos santinhos com a imagem de Olga Arellano Rosaura, semelhantes aos que existem com as figuras de outros crucificados da Arca, como o célebre menino-mártir de Moronacocha e a Santa Ignacia.

#### ARBITRARIEDADE CONTRA JORNALISTA LORETANO (Editorial de *El Oriente*, 6 de janeiro de 1959)

A publicação em primeira mão exclusiva, na nossa edição de ontem, da *Epístola aos bons sobre os maus*, enviada à nossa redação do seu esconderijo secreto em algum lugar da selva pelo Irmão Francisco, o líder e guia espiritual supremo dos “cruzes”, ou irmãos da Arca, foi a causa de uma inqualificável arbitrariedade contra o nosso diretor, o conhecido jornalista de prestígio internacional Joaquín Andoa, por parte das autoridades policiais do departamento de Loreto, ampliando assim a extensa lista de vítimas da liberdade de imprensa. Com efeito, nosso diretor foi convocado na manhã de ontem pelo coronel da Guarda Civil Juan Amézaga Riofrío, chefe da Quinta Região da Polícia (Loreto), e pelo inspetor-chefe em Loreto da Polícia de Investigações do Peru (PIP), Federico Chumpitaz Fernández. As referidas autoridades exigiram que ele revelasse a maneira pela qual o jornal *El Oriente* obteve a missiva do Irmão Francisco, indivíduo perseguido pela justiça como eminência parda

dos vários casos de crucificação ocorridos na Amazônia. Quando o nosso diretor respondeu, respeitosa mas firmemente, que as fontes de informação de um jornalista constituem segredo profissional e por este motivo são tão sagradas e invioláveis como as revelações recebidas em confissão pelo sacerdote, os dois chefes policiais desataram em improperios de uma vulgaridade sem precedentes contra o senhor Joaquín Andoa, ameaçando-o, inclusive, de castigos corporais (“Vamos lhe dar uma surra”, foram suas palavras textuais) se não respondesse às suas perguntas. Como o nosso diretor se negou dignamente a trair a ética profissional, foi trancafiado numa cela da delegacia de polícia pelo espaço de oito horas, isto é, até as sete da noite, quando foi libertado, por intervenção do próprio prefeito do departamento. A redação inteira de *El Oriente*, unida como um único homem na defesa da liberdade de imprensa, do segredo profissional e da ética informativa, protesta contra esse abuso cometido contra um destacado intelectual e jornalista loretano e informa que enviou telegramas denunciando o fato à Federação Nacional de Jornalistas do Peru e à Associação Nacional de Jornalistas do Peru, nossos mais altos órgãos corporativos no país.

### ASSASSINOS DA QUEBRADA CACIQUE COCAMA NÃO IRÃO A TRIBUNAL MILITAR

Iquitos, 6 de janeiro — Uma fonte bem-informada e muito próxima do Comando Geral da Quinta Região Militar (Amazônia) desmentiu esta manhã os insistentes boatos que circulavam em Iquitos no sentido de que os sete agressores de Nauta seriam entregues à justiça militar e julgados com um procedimento sumário. Segundo essa fonte, as Forças Armadas não reivindicaram em momento algum que lhes fosse confiada a tarefa de processar e punir os delinquentes, de maneira que estes permanecerão submetidos ao foro regular da justiça civil.

Ao que parece, a origem do desmentido boato foi uma solicitação encaminhada às instâncias superiores do Exército pelo capitão de

Intendência Pantaleão Pantoja — cujas funções são sobejamente conhecidas nesta cidade — para que o foro jurídico militar exigisse a instrução processual e a punição dos responsáveis pelo ataque de Nauta, com o argumento de que o barco *Eva* e seus tripulantes pertenciam à Marinha Nacional e o comboio de prostitutas fazia parte de um organismo militarizado, no caso o desprestigiado Serviço de Visitadoras que aquele oficial dirige. As Forças Armadas teriam desconsiderado a solicitação do capitão Pantoja por ser “disparatada” — foi o qualificativo empregado por nosso informante —, indicando que o transporte *Eva* e seus tripulantes, quando vítimas do assalto, não efetuavam qualquer atividade militar, tinham apenas tarefas estritamente civis, e que o chamado Serviço de Visitadoras não é e nem poderia ser, em nenhum caso, uma instituição militarizada, mas sim uma empresa comercial civil que teve eventuais, e meramente toleradas, nunca auspiciadas nem oficializadas, relações com o Exército. A esse respeito, acrescentou a mesma fonte, está sendo realizada atualmente, com a necessária discricção, uma investigação sobre o referido Serviço de Visitadoras ordenada pelo próprio Estado-Maior do Exército, a fim de revelar sua origem, composição, funções e benefícios, determinar sua legalidade e, se for o caso, as responsabilidades e sanções pertinentes.



## X

— Ah, já se levantou, filhinho — passa a noite sobressaltada, no seu sonho uma barata é comida por um camundongo que é comido por um gato que é comido por um lagarto que é comido por um jaguar que é crucificado e cujos despojos são devorados por baratas, se levanta ao amanhecer, anda pela sala escura retorcendo as mãos, quando ouve seis badaladas bate no quarto de Panta a senhora Leonor. — Como, você vestiu a farda outra vez?

— Toda IQUITOS me viu fardado, mamãe — nota que a jaqueta está desbotada e a calça fica grande, se olha em diferentes posições no espelho e se enche de melancolia Pantita. — Não tem sentido continuar com esta mentira de senhor Pantoja.

— Isto é o Exército que devia decidir, não você — erra as chaves da cozinha, derrama o leite, lembra que esqueceu o pão, não pode impedir que a bandeja trema em suas mãos a senhora Leonor. — Vamos, pelo menos tome um pouco de café. Não saia com o estômago vazio, não seja teimoso.

— Está bem, mas só meia xícara — vai muito calmo para a sala de jantar, deixa o quepe e as luvas na mesa, se senta, bebe aos golinhos Panta. — Venha, me dê um beijo. Não faça essa cara, mãezinha, assim você me contagia com a sua aflição.

— Tive pesadelos terríveis a noite inteira — desaba no sofá, põe a mão na boca, está com a voz rouca e angustiada a senhora Leonor. — E agora o que vai acontecer com você, Panta? O que vai ser de nós?

— Não vai acontecer nada — tira uns soles da carteira, põe na bata da senhora Leonor, abre uma persiana, vê gente indo para o trabalho, o mendigo cego da esquina já instalado com seu pratinho e sua flauta Panta. — E, além do mais, se acontecer não me importo.

— Ouviram o rádio? — pula de assombro no banco do táxi, ouve o motorista exclamar e repete não é possível, que desgraça, paga, desce, entra na Pantolândia batendo a porta atrás de si, uiva Íris. —

Pegaram o Irmão Francisco! Estava escondido no rio Napo, perto de Mazán. Que tristeza, o que vão fazer com ele?

— Não me arrependo do que fiz — vê sair da sua casa o fabricante de lápides e o marido de Alicia, vê passar carros, meninos com uniformes e livros, uma velhinha oferecendo bilhetes de loteria, se sente esquisito, abotoa a jaqueta Panta. — Agi de acordo com a minha consciência e isso também é dever de um soldado. Estou disposto a enfrentar o que der e vier. Tenha confiança em mim, mamãe.

— Sempre tive, filhinho — diz enquanto o escova, limpa, arruma, abre os braços, beija e aperta o filho, olha os bigodões do velho retrato a senhora Leonor. — Uma fé cega em você. Mas, com esta história, não sei mais o que pensar. Você ficou doido, Panta? Vestir a farda para fazer um discurso no enterro de uma p.! Seu pai, seu avô teriam feito uma coisa dessas?

— Mamãe, por favor, não insista — vê a vendedora de loterias e o cego se cumprimentarem, vê um homem que caminha lendo um jornal, um cão que urina caudalosamente, dá meia-volta e caminha em direção à porta Panta. — Acho que já lhe disse que é terminantemente proibido tocar outra vez nesse assunto.

— Está bem, fico calada, quieta, eu sim sei obedecer aos superiores — dá a bênção, se despede na calçada, volta para o quarto, se joga na cama soluçando a senhora Leonor. — Deus queira que você não se arrependa, Panta. Rezo para não acontecer nada, mas a barbaridade que você fez vai nos trazer desgraças, tenho certeza.

— Bem, em certo sentido sim, pelo menos a mim — sorri ligeiramente, passa entre os parentes aglomerados na porta da cadeia esperando a hora da visita, afasta um menino que vende tartarugas e macaquinhos o tenente Bacacorzo. — Perdi a promoção que teria este ano, quanto a isto não há dúvida. Mas, enfim, a coisa está feita e não se pode dar marcha a ré.

— Eu ordenei que você levasse a escolta, eu ordenei que prestasse honras militares àquela pobre mulher — se inclina para amarrar um sapato, lê na porta do Banco Amazônico o lema “O dinheiro da selva para a selva” o capitão Pantoja. — Toda a

responsabilidade é minha, e só minha. É o que lembro nesta carta ao general Collazos e é o que vou dizer pessoalmente a Scavino. Você não tem culpa nenhuma, Bacacorzo: os regulamentos são muito claros.

— Foi encontrado dormindo — se senta na rede de Sinforoso Caiguas, fala no centro de um círculo de visitadoras Penélope. — Ele tinha feito um barraquinho com galhos e folhas, passava o dia todo rezando, não comia nada do que os apóstolos levavam. Só raízes, ervinhas. É um santo, é um santo.

— Na verdade eu não devia ter dado ouvidos ao senhor — mete as mãos nos bolsos, entra na Sorveteria El Paraíso, pede um cafezinho com leite, ouve o capitão Pantoja perguntar não é esse o tal professor, o feiticeiro?, responde é esse mesmo o tenente Bacacorzo. — Cá entre nós, o que o senhor me pediu era um absurdo total. Qualquer pessoa com dois dedos de juízo iria contar a Scavino o que o senhor pretendia fazer, para barrar o seu caminho. Talvez agora estivesse me agradecendo, capitão.

— É tarde para lamentar — ouve o professor aconselhar a uma senhora, se quiser que seu recém-nascido não demore a falar amasse uns grãos de milho na boquinha o capitão Pantoja. — Se pensava isso, por que merda não contou, Bacacorzo? Assim me livraria do remorso que vou sentir se você não receber esse novo galão por minha culpa.

— Porque só tenho um dedo de juízo — bate na testa, bebe seu café com leite, paga, ouve o professor recomendar à cliente, e se o seu filhinho for picado por cobra cure com mamadeiras de fel de paca, sai à rua o tenente Bacacorzo. — Minha mulher sempre me diz isso. Falando sério, vi o senhor tão abalado com a morte dessa visitadora que fiquei de coração mole.

— O diretor de *El Oriente* se esfalfa dizendo que não delatou o Irmão, chora e jura que não contou nada à polícia — chega por último à Pantolândia, anuncia trouxe notícias, se senta na rede, se engasga Coca. — É terrível, já queimaram o carro dele e quase queimam o jornal. Se não sair de Iquitos, os irmãos vão matá-lo. Vocês acham que o senhor Andoa conhecia o esconderijo do Irmão Francisco?

— E depois, essa ideia de prestar homenagem a uma puta, exatamente por ser doída, era tão fascinante — dá uma gargalhada, caminha entre os vendedores ambulantes e as lojas lotadas da alameda Lima, repara que o Bazar Moderno pendurou um novo cartaz: “Artigos famosos por sua durabilidade e aspecto inesquecível” o tenente Bacacorzo. — Não sei o que houve comigo, talvez seu delírio tenha me contagiado.

— Não houve delírio, foi uma decisão tomada com calma e raciocínio — chuta uma latinha, atravessa o asfalto, se desvia de uma caminhonete, pisa na sombra dos jambeiros da Praça de Armas o capitão Pantoja. — Mas isso é outra história. Prometo fazer o impossível para evitar que você seja prejudicado, Bacacorzo.

— Uma boa história para contar aos netos, mas eles não vão acreditar — sorri, se encosta na Coluna dos Heróis, nota que os nomes estão apagados ou manchados pela caca dos pássaros o tenente Bacacorzo. — Se bem que, pode ser, os jornais servem para isso. Sabe que não me acostumo a ver o senhor de farda? Parece outra pessoa.

— Comigo acontece a mesma coisa, eu me sinto estranho. Três anos é muito tempo — contorna o Banco de Crédito, cospe em frente à Casa de Ferro, vislumbra o proprietário do Hotel Imperial perseguindo uma moça o capitão Pantoja. — Já estive com Scavino?

— Não, ainda não estive com ele — olha para as janelas de azulejos reluzentes do Comando, chega ao cais Tarapacá, para ao ver um grupo de estrangeiros com câmeras fotográficas saindo do Hotel de Turistas o tenente Bacacorzo. — Mandou me dizer que a missão especial havia terminado, ou seja, meu trabalho com o senhor. Vou me apresentar segunda-feira no gabinete dele.

— Você tem quatro dias para tomar forças e se preparar para a tempestade — pisa numa casca de banana, observa as paredes rachadas do antigo Colégio Santo Agostinho e o mato que o devora, espalha uma família de formigas arrastando uma folhinha o capitão Pantoja. — De modo que este é o nosso último encontro oficial.

— Vou contar uma fofoca que vai fazer o senhor rir — acende um cigarro ao lado do monumento do Rotary Clube, descobre na esplanada do cais umas colegiais jogando vôlei o tenente Bacacorzo.

— Sabe o boato que correu durante um bom tempo entre o pessoal que nos via sempre a sós e em lugares afastados? Que éramos veados, imagine. Caramba, nem assim o senhor ri.

— Está preso em Mazán e cercaram a vila de soldados — fica com a orelha grudada no rádio, repete a gritos o que ouve, corre até o cais, aponta para o rio Pichuza. — Todo mundo vai a Mazán salvar o Irmão Francisco. Estão vendo? Quantas lanchas, embarcações, balsas. Olhem, olhem.

— Nestes anos de conversas meio secretas, acabei apreciando muito a sua companhia, Bacacorzo — põe a mão no ombro do outro, vê as colegiais pulando, batendo na bola, correndo, sente cócegas na orelha, se coça o capitão Pantoja. — Foi o único amigo que tive aqui até agora, por causa dessa minha situação tão estranha. Queria que soubesse disso. E, também, que fico muito grato a você.

— O senhor também, achei simpático desde o primeiro dia — consulta o relógio, para um táxi, abre a porta, entra, se afasta o tenente Bacacorzo. — E tenho a impressão de que sou o único que o conhece de verdade. Boa sorte no Comando, não vai ser fácil o que o espera. Aperte aqui, capitão.

— Pode entrar, eu estava à sua espera — se levanta, vai ao seu encontro, não lhe dá a mão, olha para ele sem ódio, sem rancor, começa uma caminhada nervosa ao seu redor o general Scavino. — E com a impaciência que deve imaginar. Vejamos, pode ir vomitando as justificativas para a sua façanha. Vamos, comece de uma vez.

— Bom dia, general — bate os calcanhares, faz continência, pensa não parece furioso, que estranho o capitão Pantoja. — Peço-lhe que entregue esta carta ao Comando, depois de lê-la. Nela assumo sozinho a responsabilidade pelo que ocorreu no cemitério. Ou seja, o tenente Bacacorzo não teve a menor...

— Alto, não fale desse sujeito que me embrulha o estômago — fica imóvel por um segundo, levanta a mão, recomeça o passeio circular, exaspera ligeiramente a voz o general Scavino. — O senhor está proibido de mencionar esse nome na minha presença. Eu pensava que era um oficial da minha confiança. Ele deveria vigiar, refrear o senhor, e acabou virando amigo seu. Mas juro que vai se arrepender de ter levado aquela escolta ao enterro da puta.

— Não fez mais do que obedecer às minhas ordens — continua em posição de sentido, fala com suavidade, pronuncia devagar todas as letras o capitão Pantoja. — Está tudo explicado em detalhes nesta carta, general. Eu obriguei o tenente Bacacorzo a levar a escolta ao cemitério.

— Não fique defendendo ninguém, o senhor é quem precisa que o defendam — volta a se sentar, examina o outro com olhos lentos e triunfais, mexe nuns jornais o general Scavino. — Imagino que já viu os resultados da sua gracinha. Deve ter lido estes recortes, é claro. Mas ainda não viu os de Lima, os editoriais de *La Prensa*, de *El Comercio*. Todos falando cobras e lagartos do Serviço de Visitadoras.

— Se não me mandarem reforços, podem acontecer coisas muito graves, coronel — põe sentinelas, manda calar as baionetas, avisa aos forasteiros um passo mais e atiro, manipula o aparelho de rádio portátil, se assusta o tenente Santana. — Deixe-me transferir o biruta para Iquitos. A cada momento desembarca mais e mais gente, e aqui em Mazán estamos sem cobertura, o senhor sabe. A qualquer momento vão tentar tomar de assalto a cabana onde está trancado.

— Não pense que quero fugir da responsabilidade pelos meus atos, general — fica em posição de descanso, sente que suas mãos transpiram, não olha para os olhos e sim para a careca com pintas pardas do general Scavino, murmura o capitão Pantoja. — Mas permita-me recordar ao senhor que rádios e jornais já tinham falado do Serviço de Visitadoras antes do episódio de Nauta. Não cometi nenhuma indiscrição. Minha ida ao cemitério não delatou o Serviço. Sua existência era *vox populi*.

— De modo que aparecer vestido de oficial do Exército num cortejo de meretrizes e cafetões é um incidente sem importância — se mostra teatral, compreensivo, benevolente, até risonho o general Scavino. — De modo que prestar honras militares a uma vagabunda, como se fosse...

— Um soldado morto em ação — levanta a voz, faz um gesto, dá um passo à frente o capitão Pantoja. — Sinto muito, mas este é, sem tirar nem pôr, o caso da visitadora Olga Arellano Rosaura.

— Como se atreve a gritar comigo! — ruge, fica vermelho, vibra na cadeira, desarruma a mesa, se acalma logo em seguida o general

Scavino. — Abaixе essa voz se não quiser ser preso por falta de respeito. Com quem pensa que está falando, cacete?

— Peço que me perdoe — recua, se enquadra, bate os calcanhares, abaixa os olhos, sussurra o capitão Pantoja. — Sinto muito, general.

— O Comando queria deixá-lo aí até receber ordens de Lima, mas se em Mazán a coisa está tão feia, então é melhor levá-lo para Iquitos — consulta com seus assistentes, estuda o mapa, assina um vale para combustível aéreo o coronel Máximo Dávila. — Está bem, Santana, vou mandar um hidroavião para tirar o profeta daí. Mantenha a cabeça fria e evite derramamento de sangue.

— De maneira que acredita realmente nas idiotices do seu discurso — recupera a compostura, o sorriso, a superioridade, separa as sílabas o general Scavino. — Não, agora o estou conhecendo melhor. O senhor é um grande cínico, Pantoja. Por acaso não sei que aquela rameira era sua amante? Montou aquele espetáculo num momento de desespero, de sentimentalismo, porque estava enrabichado com ela. E agora, sem mais nem menos, vem falar de soldados mortos em ação.

— Juro que meus sentimentos pessoais por aquela visitadora não influíram em absoluto nesse episódio — enrubesce, sente brasas nas bochechas, gagueja, crava as unhas na palma das mãos o capitão Pantoja. — Se, em vez dela, a vítima fosse outra, eu teria agido da mesma maneira. Era a minha obrigação.

— Sua obrigação? — berra com alegria, se levanta, caminha, para diante da janela, vê que chove muito, que a neblina esconde o rio o general Scavino. — Cobrir o Exército de ridículo? Fazer um papel de fantoche? Revelar que um oficial está atuando como alcoviteiro por atacado? Era essa a sua obrigação, Pantoja? Que inimigo lhe paga? Porque isso é pura sabotagem, pura quinta-coluna.

— Estão vendo? Não disse?, os irmãos o salvaram — bate palmas, espeta uma rãzinha numa cruz de papelão, se ajoelha, ri Lalita. — Acabei de ouvir, o Sinchi contou pelo rádio. Iam metê-lo num avião para levá-lo a Lima, mas os irmãos pularam em cima dos soldados, resgataram o preso e fugiram para a selva. Ah, que felicidade! Viva o Irmão Francisco!

— Há menos de dois meses o Exército prestou honras militares ao médico Pedro Andrade, que morreu ao cair de um cavalo, general — recorda, vê os vidros da janela crivados de gotinhas, ouve um trovão roncar o capitão Pantoja. — O senhor mesmo leu um magnífico elogio fúnebre no cemitério.

— Quer insinuar que as putas do Serviço de Visitadoras estão na mesma condição que os médicos incorporados ao Exército? — ouve baterem na porta, diz entre, pega um impresso que um ordenança lhe entrega, grita não me interrompam o general Scavino. — Pantoja, Pantoja, volte à terra.

— As visitadoras prestam um serviço às Forças Armadas não menos importante que o dos médicos, dos advogados ou sacerdotes incorporados — vê um raio serpentear entre nuvens de chumbo, espera e ouve o estrondo do céu o capitão Pantoja. — Sinto muito, general, mas de fato é isso mesmo e posso demonstrar.

— Ainda bem que o padre Beltrán não ouviu isso — desaba num sofá, folheia o impresso, joga-o no cesto de papéis, olha para o capitão Pantoja entre consternado e temeroso o general Scavino. — Ele ficaria arrepiado com o que acaba de dizer.

— Todos os nossos cabos e soldados rendem mais, são mais eficientes e disciplinados e suportam melhor a vida na selva desde que o Serviço de Visitadoras existe, general — pensa na segunda-feira Gladyzinha vai fazer dois anos, se emociona, sente tristeza, sussurra o capitão Pantoja. — Todos os estudos e pesquisas de opinião que fizemos provam isso. E as mulheres que desempenham essa tarefa com verdadeira abnegação nunca são reconhecidas pelo que fazem.

— Então acredita mesmo nessas sinistras mentiras — fica subitamente nervoso, caminha de uma parede à outra, fala sozinho fazendo caretas o general Scavino. — Acredita mesmo que o Exército deve ser grato às putas por se dignarem a trepar com os soldados.

— Acredito com a maior firmeza, general — vê as trombas-d'água varrendo a rua deserta, lavando os telhados, as janelas e os muros, vê que até as árvores mais robustas vibram como papéis o capitão Pantoja. — Eu trabalho com elas, sou testemunha do que fazem.

Acompanho passo a passo sua labuta difícil, esforçada, mal retribuída e, como se viu, cheia de perigos. Depois do que houve em Nauta, o Exército tinha o dever de prestar uma pequena homenagem a elas. Era preciso levantar seu moral de algum modo.

— Não posso nem me irritar, de tão assombrado que estou — toca nas orelhas, na testa, na careca, balança a cabeça, encolhe os ombros, faz cara de vítima o general Scavino. — Minha cólera não é suficiente. Tenho a sensação de que estou sonhando, Pantoja. O senhor me faz sentir que tudo é irreal, um pesadelo, que virei idiota, que não entendo nada do que está acontecendo.

— Houve tiros, mortos? — se apavora, junta as mãos, reza, reúne as visitadoras, pede que a consolem Maminha. — Santa Ignacia, faz com que não tenha acontecido nada com o Milcaras. Sim, ele está lá, foi para Mazán como todo mundo, ver o Irmão Francisco. Ele não é irmão, foi só de curiosidade.

— Imaginei que essa iniciativa não teria o aval do Comando e por isso agi sem consultar a via hierárquica — vê a chuva parar, o céu ficar limpo, as árvores muito verdes, a rua cheia de gente o capitão Pantoja. — Sei que mereço uma punição, é claro. Mas não fiz aquilo pensando em mim, mas sim no Exército. Principalmente, no futuro do Serviço. O que aconteceu podia provocar uma debandada de visitadoras. Era preciso dar ânimo a elas, injetar-lhes um pouco de energia.

— O futuro do Serviço — soletra, se aproxima muito, observa o outro com comiseração e alegria, fala quase beijando seu rosto o general Scavino. — De maneira que o senhor acredita que o Serviço de Visitadoras ainda tem futuro. Não existe mais, Pantoja, o maldito morreu. *Kaputt, finish.*

— O Serviço de Visitadoras? — leva uma chicotada de frio, vê o chão tremendo, o arco-íris que acabou de surgir, sente vontade de sentar-se, de fechar os olhos o capitão Pantoja. — Já morreu?

— Não seja ingênuo, homem — sorri, procura o seu olhar, fala com prazer o general Scavino. — Pensava que ia sobreviver a semelhante escândalo? No mesmo dia dos acontecimentos de Nauta, a Marinha nos retirou seu barco, a FAP seu avião e Collazos e Victoria entenderam que era preciso acabar com esse absurdo.

— Mandei atirarem mas não me obedeceram, coronel — dispara duas vezes para o ar, xinga os soldados, vê os últimos irmãos desaparecerem, chama o radioperador o tenente Santana. — Eram muitos fanáticos, principalmente fanáticas. Talvez seja até preferível, teria havido um massacre. Não podem estar longe. Assim que chegarem os reforços, saio atrás deles e os pego de novo, vai ver.

— Essa medida deve ser retificada o quanto antes — balbucia sem convicção, sente um enjoo, se apoia na escrivaniinha, vê as pessoas tirando a água das suas casas com baldes o capitão Pantoja. — O Serviço de Visitadoras está em pleno auge, o trabalho de três anos começa a dar frutos, vamos estendê-lo aos suboficiais e oficiais.

— Morto e enterrado para sempre, graças a Deus — se levanta o general Scavino.

— Apresentarei estudos detalhados, estatísticas — continua balbuciando o capitão Pantoja.

— Foi o lado bom do assassinato da puta e do escândalo do cemitério — contempla a cidade iluminada pelo sol mas ainda gotejante o general Scavino. — O maldito Serviço de Visitadoras quase me liquidou. Mas agora acabou, posso voltar a caminhar tranquilo pelas ruas de Iquitos.

— Organogramas, pesquisas — não emite sons, não move os lábios, percebe que as coisas estão embaçadas o capitão Pantoja. — Não pode ser uma decisão irrevogável, ainda há tempo de retificá-la.

— Mobilize toda a Amazônia se for necessário, mas capture o messias em 24 horas — é repreendido pelo ministro, repreende o chefe da Quinta Região o Tigre Collazos. — Quer que caçoem de você em Lima? Que tipo de oficiais vocês têm aí que meia dúzia de feiticeiras arrebatam um prisioneiro das suas mãos?

— E recomendo que o senhor peça a sua baixa — vê aparecerem os primeiros barcos a motor no rio, subir a fumaça das cabanas de Padre Isla o general Scavino. — É um conselho de amigo. Sua carreira está acabada, profissionalmente o senhor se suicidou com a brincadeira do cemitério. Se ficar no Exército, com essa nódoa na folha de serviço vai apodrecer como capitão. Ei, o que foi? Está chorando? Mais hombridade, Pantoja.

— Sinto muito, general — assoa o nariz, soluça outra vez, esfrega os olhos o capitão Pantoja. — A tensão excessiva destes últimos dias. Não consegui me controlar, peço que me desculpe esta fraqueza.

— Hoje mesmo deve fechar o posto de Itaya e entregar as chaves na Intendência antes de meio-dia — faz um gesto de a conversa acabou, vê Pantoja assumir posição de sentido o general Scavino. — Parta para Lima no avião Faucett de amanhã. Collazos e Victoria o esperam no Ministério às seis da tarde, para que o senhor conte a eles sua proeza. E, se não perdeu a razão, siga o meu conselho. Peça sua baixa e procure algum trabalho na vida civil.

— Isso nunca, general, jamais abandonarei o Exército por minha própria vontade — ainda não recupera a voz, ainda não levanta a vista, ainda continua pálido e envergonhado o capitão Pantoja. — Já lhe disse uma vez que o Exército é o que mais me importa na vida.

— Como quiser, então — condescende a dar-lhe velozmente a mão, abre a porta, observa como ele se afasta o general Scavino. — Antes de sair, limpe outra vez o nariz e enxugue os olhos. Merda, ninguém vai acreditar que vi um capitão do Exército chorar porque fecharam uma casa de putas. Pode se retirar, Pantoja.

— Com sua licença, capitão — sobe correndo ao posto de comando brandindo um martelo, uma chave de fenda, se enquadra, está com o macacão sujo de terra Sinforoso Caiguas. — Tiro também o mapa grande, o das flechinhas?

— Também, mas não destrua esse — abre a escrivaninha, tira um maço de papéis, folheia, rasga, joga no chão, arruma o capitão Pantoja. — Vamos devolvê-lo ao serviço de Cartografia. Já terminou com esses quadros e organogramas, Palomino?

— Ai, meu Deus, ajoelhem-se, chorem, façam o sinal da cruz — balança os cabelos, forma uma cruz com os braços Sandra. — Morreu, ou foi morto, não se sabe. Verdade, verdade. Dizem que o Irmão Francisco foi crucificado perto de Indiana. Aiiiiii!

— Sim, capitão, já tirei da parede — desce de um banquinho, pega uma gaveta cheia, vai até o caminhão estacionado na porta, deposita sua carga, volta em passos rápidos, bate o pé no chão

Palomino Rioalto. — Ainda falta este mundo de fichas, cadernetas, pastas. O que fazemos com isso?

— Rasgue também — apaga a luz, desliga o aparelho radiotransmissor, guarda em seu estojo, que entrega ao China Porfirio o capitão Pantoja. — Ou melhor, levem esse monte de lixo para uma clareira e façam uma boa fogueira. Mas rápido, vamos, rápido, rápido. O que há, Chuchupe? Outra vez com beicinhos?

— Não, senhor Pantoja, já lhe prometi que não — está com um lenço florido na cabeça e um avental branco, faz pequenos pacotes, dobra lençóis, empilha travesseiros num baú Chuchupe. — Mas não sabe como é difícil me conter.

— Nuns segundinhos tantas horas de trabalho viram cinzas, senhor Pantoja — emerge de um caos de biombos, caixas e malas, aponta para as chamas, para a fumaça da clareira Chupito. — Quando penso nas noites que passou fazendo esses organogramas, esses fichários.

— Eu também sinto uma tristeza que nem imagina, senhor Pantoja — põe uma cadeira, um amarrado de redes e um rolo de cartazes nas costas o China Porfirio. — Estava apegado a isto aqui como se fosse a minha casa, eu julo.

— Não há de ser nada — apaga o lampião, empacota uns livros, desarma uma prateleira, carrega um quadro-negro Pantaleão Pantoja. — A vida é assim. Depressa, ajudem-me a tirar tudo isto, jogar fora o que não presta. Tenho que entregar o depósito à Intendência antes de meio-dia. Vamos, carreguem a escrivaninha.

— Não, não foram os soldados, foram os próprios irmãos — chora, abraça Íris, pega a mão de Pichuza, olha para Sandra Peludinha —, aqueles que foram salvá-lo. Ele pediu, ordenou: não deixem me prenderem de novo, crucifiquem-me, crucifiquem-me.

— Vou dizel uma coisa, senhor Pantoja — se agacha, conta um, dois, folça! e levanta o China Porfirio. — Quelo que saiba como vivi feliz aqui. Nunca aguentei nenhum chefe nem sequel um mês. E há quanto tempo estou com o senhor? Três anos. E se fosse por mim, a vida toda.

— Obrigado, China, eu sei — pega um balde, cobre com pinceladas de cal os lemas, palavras de ordem e conselhos da

parede Pantaleão Pantoja. — Atenção, cuidadinho com a escada. Assim, acertem o passo. Eu também estava acostumado com isto, com vocês todos.

— Garanto que por muito tempo não volto a pôr os pés aqui, senhor Pantoja, ficaria com lágrimas nos meus olhos — guarda no baú irrigadores, bacias, toalhas, roupões, sapatos, calcinhas Chuchupe. — Que idiotas, parece mentira que decidam fechar isto aqui logo no melhor momento. Com os belos planos que tínhamos.

— Seja o que Deus quiser, Chuchupe, o que se vai fazer — solta persianas, enrola esteiras, conta as caixas e volumes no caminhão, espanta os curiosos que cercam a entrada do centro logístico. — Vamos ver, Chupito, você tem força para carregar este arquivo?

— A culpa foi do Teófilo Moley e seus cupinchas, se não fosse por eles nos deixavam em paz — tenta fechar o baú, não consegue, senta Chupito em cima, passa o fecho o China Porfirio. — Malditos, eles nos afundalam, não é, senhol Pantoja?

— Em parte, sim — passa uma corda em volta do baú, dá e aperta nós Pantaleão Pantoja. — Porém mais cedo ou mais tarde isto ia acabar. Tínhamos inimigos muito poderosos dentro do próprio Exército. Estou vendo que lhe tiraram as ataduras, Chupito, já mexe o braço como se não tivesse nada.

— Vaso ruim não quebra — vê as veias salientes na testa do China Porfirio, o suor de Pantaleão Pantoja Chupito. — Quem vai entender uma coisa dessas? Inimigos por quê? Éramos a felicidade de tanta gente, os soldadinhos ficavam tão contentes vendo o nosso comboio. Eu me sentia um rei mago quando chegava aos quartéis.

— Ele mesmo escolheu a árvore — junta as mãos, fecha os olhos, bebe a infusão, bate no peito Rita —, ele disse esta, cortem esta e façam a cruz deste tamanho. Ele mesmo escolheu o lugar, um lugar bonito, perto do rio. Disse então, levantem aqui, tem que ser aqui, o céu está ordenando.

— Os invejosos que sempre aparecem — traz e distribui Coca-Colas, vê Sinforoso e Palomino alimentando a fogueira com mais papéis Chuchupe. — Não suportavam que isto aqui funcionasse bem, senhor Pantoja, os progressos que fazíamos graças às suas invenções.

— O senhol é um gênio pala estas coisas — bebe do gargalo da garrafa, arrotta, cospe o China Porfirio. — Todas as galotas dizem: acima do senhol Pantoja, só o Ilhão Flancisco.

— E estes escaninhos, Sinforoso? — tira o macacão e o joga nas chamas, limpa com querosene a tinta das mãos e dos braços Pantaleão Pantoja. — E o biombo da enfermaria, Palomino? Rápido, metam tudo isso no caminhão. Vamos, rapazes, rápido.

— Por que não aceita a nossa proposta, senhor Pantoja? — guarda rolos de papel higiênico, vidros de álcool e mercuriocromo, ataduras e algodão Chupito. — Largue o Exército, que paga tão mal os seus esforços, e fique conosco.

— Esses bancos também, China — verifica que não ficou nada na enfermaria, arranca a cruz vermelha da caixa de primeiros socorros Pantaleão Pantoja. — Não, Chupito, já disse que não. Só deixarei o Exército quando o Exército me deixar ou eu morrer. O quadrinho também, por favor.

— Vamos ficar ricos, senhor Pantoja, não desperdice a grande oportunidade — arrasta vassouras, espanadores, pregadores de roupa, baldes Chuchupe. — Fique. Será nosso chefe e não vai ter mais chefes. Nós obedeceremos em tudo, o senhor fixará as comissões, os salários, o que quiser.

— E então, vamos levantar este cavalete nós dois, agora, China! — bufa, vê que os curiosos voltaram, encolhe os ombros Pantaleão Pantoja. — Eu já expliquei, Chuchupe, organizei tudo isto por ordens superiores, como negócio não me interessa. Além disso, preciso ter chefes. Sem eles, eu não saberia o que fazer, meu mundo desabaria.

— E consolava os que choravam com sua voz de santo, não chorem, irmãos, não chorem, irmãos — enxuga as lágrimas, não vê Maminha abraçada com Mónica e Penélope, beija o chão Milcaras. — Eu vi tudo, estava lá, bebi uma gota do seu sangue e sumiu meu cansaço de caminhar horas e horas pelo mato. Nunca mais terei homem nem mulher. Ai, sinto que me chama outra vez, que me elevo, que sou oferenda.

— Não dê as costas pala a foltuna, senhol — vê os curiosos se aproximarem, pega um pau, ouve Pantaleão Pantoja dizer deixe-os, já não há nada o que esconder o China Porfirio. — Levando

visitadolas pala soldados e civis, podemos ganhal um monte de dinheilo.

— Vamos comprar barcos, lanchas e, assim que pudermos, um aviãozinho, senhor Pantoja — apita como uma sirene, ronca como uma hélice, assobia *La Raspa*, marcha e bate continência Chupito. — Não precisa ter capital. Chuchupe e as garotas investem suas economias e isso é mais que o suficiente para começar.

— Se for preciso nos endividamos, pegamos dinheiro emprestado no banco — tira o avental, o lenço da cabeça, está com o cabelo todo brotado de bobes Chuchupe. — Todas as garotas concordaram. Não lhe pediremos para prestar contas, o senhor vai poder fazer e desfazer. Fique e ajude a gente, não seja mau.

— Com nosso capitalzinho e a sua cabeça, constluímos um impélio, senhol Pantoja — enxágua as mãos, a cara e os pés no rio o China Porfirio. — Vamos, decida-se.

— Está decidido e é não — examina as paredes nuas, o espaço vazio, larga os últimos objetos inúteis ao lado da porta Pantaleão Pantoja. — Vamos, não façam essas caras. Se estão tão entusiasmados, montem vocês o negócio e tomara que dê certo, é o que desejo sinceramente. Eu volto para o meu trabalho de sempre.

— Tenho muita fé e acredito que tudo vai sair bem, senhor Pantoja — tira uma medalhinha do peito e a beija Chuchupe. — Fiz uma promessa ao menino-mártir para que nos ajude. Mas, claro, nunca vai ser como se o senhor ainda fosse o chefe.

— E dizem que não deu nem um grito, não soltou uma lágrima, não sentia dor nem nada — leva à Arca seu filho recém-nascido, pede ao apóstolo que o batize, vê o menino lamber as gotinhas de sangue que o padrinho derrama Íris. — Dizia aos que o crucificavam mais forte, irmãos, sem medo, irmãos, estão me fazendo um bem, irmãos.

— Temos que tocar esse projeto, meu bem — joga uma pedra no zinco do teto e vê um pássaro bater as asas e se afastar Chupito. — O que nos resta, senão? Abrir outro bordel em Nanay? Não sobreviveríamos, não se pode mais fazer concorrência a Moquitos, ele está com muita vantagem.

— Outra casa em Nanay, tudo de novo? — bate na madeira, faz um gesto de negação, se benze Chuchupe. — De novo enfiada num buraco, de novo aquele negócio chato e miserável? De novo se matar de tanto trabalhar para os cafetões sugarem todo o nosso sangue? Nem morta, Chupón.

— Aqui nos acostumamos a trabalhar em alto nível, feito gente moderna — abraça o ar, o céu, a cidade, a selva Chupito. — À luz do dia, com a cabeça erguida. Para mim, o melhor disto aqui é que eu sempre me sentia fazendo uma boa ação, como dar esmola, consolar um sujeito que sofreu uma desgraça ou tratar de um doente.

— Só pedia, rápido, preguem, preguem, antes que os soldados apareçam, quero estar lá em cima quando eles chegarem — arranja um cliente na Praça 28 de Julho, atende-o no Hotel Requena, cobra 200 soles, se despede dele Penélope. — E dizia às irmãs que choravam rolando no chão, fiquem contentes, é o contrário, lá em cima vou continuar ao lado de vocês, irmãzinhas.

— As garotas sempre dizem isso, senhor Pantoja — abre a porta do caminhão, sobe e se senta Chuchupe. — Faz a gente se sentir útil, orgulhosa do ofício.

— Deixou-as moltinhas quando disse que ia embola — põe a camisa, se instala ao volante, esquento o motor o China Porfirio. — Tomala que no novo negócio possamos injetar nelas esse otimismo, esse espírito. É fundamental, não é mesmo?

— E onde está a equipe? Desapareceram todos — puxa a porta do embarcadouro, firma a tranca, dá uma olhada final no centro logístico Pantaleão Pantoja. — Queria dar um abraço neles, agradecer sua colaboração.

— Foram à Casa Mori comprar um presentinho para o senhor — sussurra, aponta para Iquitos, sorri, se emociona Chuchupe. — Uma pulseira de prata, com o seu nome em letras douradas, senhor Pantoja. Mas não diga que eu contei, faça como se não soubesse, querem lhe fazer uma surpresa. Vão levá-la ao aeroporto.

— Caramba, que coisa — faz girar o chaveiro, fecha o portão principal, sobe no caminhão Pantaleão Pantoja. — Vão acabar me deixando triste com essas ideias. Sinforoso, Palomino! Saíam senão

deixo vocês aí dentro, vamos. Adeus Pantolândia, adeus, rio Itaya. Arranque, China.

— E dizem que no instante em que ele morreu o céu se apagou, ainda eram quatro da tarde mas tudo ficou escuro, começou a chover, o povo estava cego com os raios e surdo com os trovões — trabalha no bar Mao Mao, viaja para os acampamentos madeireiros em busca de clientes, se apaixona por um amolador Coca. — Os animais do mato começaram a grunhir, a rugir, e os peixes saíam da água para se despedir do Irmão Francisco enquanto ele subia.

— Já aprontei a bagagem, filhinho — contorna volumes, pacotes, camas nuas, faz o inventário, entrega a casa a senhora Leonor. — Só deixei de fora o seu pijama, suas coisas de barbear e a escova de dentes.

— Muito bem, mamãe — leva as malas para o escritório da Faucett, despacha como bagagem não acompanhada Panta. — Conseguiu falar com a Pocha?

— Foi um sacrifício, mas consegui — telegrafa à pensão reservem quartos família Pantoja a senhora Leonor. — Não se ouvia direito. Uma boa notícia: vai viajar amanhã para Lima, com a Gladyzinha, para que se encontre conosco.

— Vou para que Panta abrace a menina, mas lhe aviso que não vou perdoar nunca essa última cachorrada do seu filhinho, dona Leonor — ouve os programas de rádio, lê as revistas, escuta as fofocas, sente que apontam para ela nas ruas, acha que está na boca do povo em Chiclayo Pochita. — Todos os jornais aqui continuam falando do cemitério, e sabe o que dizem? Cafetão! Sim, sim, CAFETÃO. Nunca vou fazer as pazes com ele, dona Leonor. Nunca, nunca.

— Fico feliz, estou com tanta vontade de ver a pequena — percorre as lojas da alameda Lima, compra brinquedos, uma boneca, babadores, um vestido de organdi com uma fita azul-celeste Panta. — Como deve ter mudado em um ano, não é, mamãe?

— Diz que Gladyzinha está ótima, gordinha, cheia de saúde. Eu a ouvi brincando pelo telefone, ai minha netinha linda — vai à Arca de Moronacocha, abraça os irmãos, compra medalhas do menino-mártir, estampas de Santa Ignacia, cruces do Irmão Francisco a senhora

Leonor. — Pochita ficou muito contente quando soube que transferiram você de Iquitos, Panta.

— Ah, sim? Bem, é lógico — entra na Floricultura Loreto, escolhe uma orquídea, que leva ao cemitério e pendura no nicho da Brasileira Panta. — Mas não tão contente como você. Parece que remoçou vinte anos desde que lhe dei a notícia. Só falta sair cantando e dançando pelas ruas.

— Em compensação, você não está nem um pouco alegre — copia receitas de comidas amazônicas, compra colares de sementes, de escamas, de dentes, flores de penas de ave, arcos e flechas de fios multicoloridos a senhora Leonor —, e isso é o que não entendo, filhinho. Você parece ter pena de deixar esse trabalho sujo e voltar a ser um militar de verdade.

— E então chegaram os soldados e os bandidos ficaram gelados ao vê-lo morto na cruz — joga na loteria, adocece do pulmão, trabalha como faxineira, pede esmola nas igrejas Pichuza. — Os judas, os herodes, os malditos. O que vocês fizeram, seus loucos, o que vocês fizeram, seus loucos, parecia se esgoelar aquele sujeito de Horcones que agora é tenente. Os irmãos nem ouviam: de joelhos, com as mãos para o alto, rezavam e rezavam.

— Não é que me dê pena — passa a última noite em Iquitos perambulando sozinho e cabisbaixo pelas ruas desertas Pantita. — Afinal de contas, são três anos da minha vida. Recebi uma missão difícil e a cumpri. Apesar das dificuldades, da incompreensão, fiz um bom trabalho. Construí algo que já tinha vida, que crescia, que era útil. Agora derrubaram tudo com um tapa e nem sequer me agradecem.

— Não vê que está com pena? Já se acostumou a viver entre bandidas e malfeitores — regateia por uma rede de fibra de *shambira*, decide levá-la na mão junto com a mala de viagem e a bolsa a senhora Leonor. — Em vez de ficar feliz por sair daqui, fica amargurado.

— Por outro lado, não tenha muitas ilusões — chama o tenente Bacacorzo para se despedir, dá a roupa velha ao cego da esquina, contrata um táxi para buscá-los ao meio-dia e levar ao aeroporto

Panta. — Duvido que nos mandem para um lugar melhor que Iquitos.

— Vou feliz para qualquer lado, desde que você não tenha que fazer as nojeiras que fez aqui — conta as horas, os minutos, os segundos que faltam para a viagem a senhora Leonor. — Mesmo que seja no fim do mundo, filhinho.

— Está bem, mamãe — se deita ao amanhecer mas não fecha os olhos, se levanta, toma um banho, pensa hoje vou estar em Lima, não sente alegria Panta. — Vou sair um instante, para me despedir de um amigo. Quer alguma coisa?

— Vi quando ele saiu e pensei que era uma boa oportunidade, dona Leonor — entrega uma carta para Pocha e este presentinho para a Gladyzinha, acompanha-a até o aeroporto, beija-a e abraça Alicia. — Quer ir rapidinho ao cemitério ver onde está enterrada aquela p.?

— Sim, Alicia, vamos dar uma fugidinha — empoa o nariz, estreia um chapéu, treme de cólera no aeroporto, sobe no avião, se assusta na decolagem a senhora Leonor. — E depois me acompanhe ao Colégio Santo Agostinho, para me despedir do padre José María. Ele e você são as únicas pessoas daqui que vou recordar com carinho.

— Estava com a cabeça caída sobre o coração, os olhinhos fechados, suas feições pareciam mais finas e muito pálidas — é aceita por Moquitos, trabalha sete dias por semana, contrai duas gonorreias num ano, troca de cafetão três vezes Rita. — A chuva lavou o sangue da cruz, mas os irmãos recolhiam essa água santa em panos, baldes, pratos, bebiam e ficavam puros de pecado.

— Entre a satisfação de alguns e as lágrimas de outros, odiado e querido pela população dividida — emposta a voz, usa roncos de aviões como fundo sonoro o Sinchi —, hoje ao meio-dia partiu rumo a Lima, por via aérea, o discutido capitão Pantaleão Pantoja. Foi em companhia da senhora sua mãe e das emoções controvertidas da população loretana. Nós nos limitamos, com a proverbial cortesia iquitenha, a desejar-lhe boa viagem e melhores costumes, capitão!

— Que vergonha, que vergonha — vê um lençol verde, nuvens espessas, os picos nevados da cordilheira, os areais da costa, o mar, despenhadeiros a senhora Leonor. — Todas as pês. de Iquitos no

aeroporto, todas chorando, todas abraçando você. Até o último instante essa cidade tinha que me provocar. Meu rosto ainda está ardendo. Espero nunca mais na vida ver alguém de Iquitos. Olhe, olhe, já vamos aterrissar.

— Desculpe incomodar de novo, senhorita — toma um táxi até a pensão, manda passar a farda, se apresenta no Comando de Administração, Intendência e Serviços Vários do Exército, fica três horas sentado numa poltrona, se inclina o capitão Pantoja. — Tem certeza de que devo continuar esperando? Marcaram para as seis e já são nove da noite. Não terá havido algum engano?

— Nenhum engano, capitão — para de pintar as unhas a senhorita. — Estão reunidos lá dentro e ordenaram que espere. Um pouquinho de paciência, já vai ser chamado. Quer que lhe empreste outra fotonovela de Corín Tellado?

— Não, muito obrigado — folheia todas as revistas, lê todos os jornais, consulta mil vezes o relógio, sente calor, frio, sede, febre, fome o capitão Pantoja. — Na verdade não consigo ler, estou um pouco nervoso.

— Bem, não é para menos — faz dengos a senhorita. — O que está sendo decidido lá dentro é o seu futuro. Tomara que não lhe deem uma punição muito forte, capitão.

— Obrigado, mas não é só isso — enrubesce, lembra a festa onde conheceu Pochita, os anos de noivado, o arco de espadas que seus companheiros de turma fizeram no dia do casamento o capitão Pantoja. — Estou pensando na minha esposa e na minha filhinha. Já devem ter chegado há muito de Chiclayo. Faz um bocado de tempo que não as vejo.

— Exatamente, coronel — cruza e descruza a selva, chega a Indiana, perde a fala, telefona aos seus superiores o tenente Santana. — Morto há dias e se desmanchando feito uma pamonha. Um espetáculo de arrepiar qualquer um. Deixo que os fanáticos o levem? Enterro o corpo aqui mesmo? Não está em condições de ser transferido para lugar algum, está ali há dois ou três dias e a pestilência provoca vômito.

— Não se importaria de me dar outro autógrafo? — lhe entrega uma caderneta com capa de couro, uma caneta-tinteiro, sorri para

ele com admiração a senhorita. — Estava esquecendo da minha prima Charo, ela também coleciona celebridades.

— Com muito prazer, já lhe dei três, que diferença dar quatro — escreve com os meus respeitosos cumprimentos a Charo e assina o capitão Pantoja. — Mas garanto que está enganada, não sou nenhuma celebridade. Só os cantores dão autógrafos.

— O senhor é mais famoso que qualquer artista, com as coisas que fez, há-há — pega um batom, passa nos lábios usando como espelho o vidro da escrivantina a senhorita. — Ninguém acreditaria, capitão, com a pinta de sério que tem.

— Não me empresta seu telefone um instantinho? — olha outra vez o relógio, vai até a janela, vê os postes de luz, as casas borradas pela neblina, presente a umidade da rua o capitão Pantoja. — Queria ligar para a pensão.

— Diga o número que eu telefono — aperta um botão, gira o disco a senhorita. — Com quem quer falar? A senhora Leonor?

— Sou eu, mãezinha — pega o auricular, fala bem baixo, olha de esguelha a senhorita o capitão Pantoja. — Não, ainda não me receberam. Pocha e o bebê chegaram? Como está a menina?

— É verdade que os soldados abriram passagem até a cruz a coronhadas? — atua em Belén, em Nanay, abre casa própria na estrada de San Juan, tem clientes aos montes, prospera, economiza Maminha. — Que derrubaram a cruz com um machado? Que jogaram o Irmão Francisco no rio com cruz e tudo para que as piranhas o comessem? Conte, Milcaras; pare de rezar, o que foi que você viu?

— Alô? Panta? — modula a voz como uma cantora tropical, olha a sogra sorrindo feliz, vê Gladyzinha cercada de brinquedos Pocha. — Amor, como está. Ai, dona Leonor, estou tão emocionada que nem sei o que dizer. A Gladyzinha está aqui ao meu lado. Está lindíssima, Panta, você vai ver. Juro que a cada dia se parece mais com você, Panta.

— Como vai, Pocha, amorzinho — sente o coração bater, pensa eu a amo, ela é a minha mulher, nunca vamos nos separar Panta. — Um beijo no bebê e outro em você, muito forte. Estou doido para ver vocês. Não pude ir ao aeroporto, desculpe.

— Já sei que está no ministério, sua mãe me explicou — canta, solta umas lágrimas, troca sorrisos cúmplices com a senhora Leonor Pochita. — Não tem importância que não foi, seu bobo. O que lhe disseram, amor, o que vão fazer com você?

— Não sei, vamos ver, ainda estou no purgatório — vê sombras através dos vidros, volta a sentir a impaciência, o medo Panta. — Assim que sair daqui, vou voando. Tenho que desligar, Pocha, a porta está se abrindo.

— Entre, capitão Pantoja — não lhe dá a mão, não bate continência, se vira de costas, ordena o coronel López López.

— Boa noite, coronel — entra, morde o lábio, bate os calcanhares, cumprimenta o capitão Pantoja. — Boa noite, general. Boa noite, general.

— Pensávamos que o senhor não era de matar uma mosca e nos saiu um safado de marca maior, Pantoja — balança a cabeça atrás de uma cortina de fumaça o Tigre Collazos. — Sabe por que teve que esperar tanto? Vamos explicar agorinha mesmo. Sabe quem acabou de sair por aquela porta? Conte a ele, coronel.

— O ministro da Guerra e o chefe do Estado-Maior — soltam faíscas os olhos do coronel López López.

— Era impossível trazer os restos para Iquitos porque estavam fedendo, Santana e seus homens podiam pegar uma infecção dos diabos — rubrica o informe, viaja para Iquitos de lancha, se reúne com o general Scavino, na volta à guarnição compra um porquinho o coronel Máximo Dávila. — E, depois, todos esses malucos iriam acompanhar, o enterro seria monstruoso. Acho que o rio foi o mais sensato. Não sei o que o senhor acha, general.

— Adivinha para que vieram? — grunhe, dissolve um comprimido num copo de água, bebe, faz careta o general Victoria. — Para repreender o Serviço pelo escândalo de Iquitos.

— Repreender como se fôssemos uns recrutas novatos, capitão, gritar conosco apesar dos nossos cabelos grisalhos — coça o bigode, acende um cigarro com a guimba do anterior o Tigre Collazos. — Não é a primeira vez que temos o prazer de receber esses cavalheiros aqui. Quantas vezes eles se incomodaram de vir puxar as nossas orelhas, coronel?

— É a quarta vez que o ministro da Guerra e o chefe de Estado-Maior nos honram com sua visita — joga as baganas do cinzeiro no cesto de papéis o coronel López López.

— E cada vez que aparecem neste gabinete, trazem de presente um novo pacote de jornais, capitão — limpa as orelhas, o nariz, com um lenço azulado o general Victoria. — Que falam maravilhas do senhor, naturalmente.

— Neste momento, o capitão Pantoja é um dos homens mais populares do Peru — pega um recorte, aponta para a manchete “Capitão do Exército Elogia Prostituição: Prestou Homenagem a Prostituta Loretana” o Tigre Collazos. — De onde pensa que vem este pasquim? De Tumbes, imagine.

— É o discurso mais lido na história deste país, sem a menor dúvida — remexe, mistura, esparrama os jornais na escrivaninha o general Victoria. — O povo recita parágrafos de cor, fazem piadas sobre ele nas ruas. Até no estrangeiro se fala do senhor.

— Enfim, enfim, os dois pesadelos da Amazônia terminaram de uma vez por todas — desabotoa a braguilha o general Scavino —, Pantoja transferido, o profeta morto, as visitadoras sumidas, a Arca se dissolvendo. Isto aqui vai voltar a ser a terra tranquila dos bons tempos. Mereço uns carinhos de prêmio, não é, Peludita?

— Sinto muito ter causado dificuldades ao Comando com essa iniciativa, general — não se move, não pisca, prende a respiração, olha fixamente a foto do Presidente da República o capitão Pantoja. — Não foi essa a minha intenção, longe de mim. Fiz uma avaliação incorreta dos prós e dos contras. Reconheço a minha responsabilidade. Aceitarei a punição que me for aplicada por esse erro.

— O grande problema é que não há castigo suficientemente grave para a monstruosidade que cometeu lá em Iquitos — cruza os braços sobre o peito o Tigre Collazos. — Fez tanto mal ao Exército com esse escândalo que nem o fuzilamento seria uma desforra à altura.

— Matutei muito sobre o assunto e cada vez fico mais besta, Pantoja — apoia a cara nas mãos, olha para o outro com malícia, surpresa, inveja, desconfiança o general Victoria. — Seja sincero,

diga a verdade: por que fez aquele disparate? Estava louco de tristeza pela morte da sua amante?

— Juro por Deus que meus sentimentos por essa visitadora não influíram em absoluto na minha decisão, general — permanece rígido, não move os lábios, conta seis, oito, 12 condecorações no fraque do primeiro mandatário o capitão Pantoja. — O que escrevi no informe é a mais estrita verdade: tomando aquela iniciativa, pensei que iria ajudar o Exército.

— Prestando honras militares a uma puta, chamando-a de heroína, agradecendo-lhe as trepadas concedidas às Forças Armadas — solta baforadas de fumaça, tosse, olha o cigarro com ódio, murmura estou me matando o Tigre Collazos. — Não nos defenda, compadre. Com outro serviço como este, vai conseguir nos desprestigiar para sempre.

— Eu me apressei, batendo em retirada em vez de travar a última batalha — encosta a cabeça na rede, olha para o céu e suspira o padre Beltrán. — Confesso que sinto saudade dos acampamentos, dos guardas, dos galões. Nestes meses sonho diariamente com espadas, com o toque da alvorada. Estou tentando voltar à ativa e parece que a coisa vai se acertar. Não esqueça das bolinhas, Peludita.

— Minhas colaboradoras estavam muito abaladas com a morte dessa visitadora — desvia um milímetro os olhos, distingue o mapa do Peru, a grande mancha verde da selva o capitão Pantoja. — Meu objetivo era levantar o moral delas, animá-las, pensando no futuro. Eu não podia imaginar que o Serviço de Visitadoras ia ser fechado. Justamente agora, que funcionava melhor do que nunca.

— Não pensou que esse Serviço só podia existir na mais absoluta clandestinidade? — passeia pelo gabinete, boceja, coça a cabeça, ouve badaladas, diz é tardíssimo o general Victoria. — O senhor foi advertido muitas vezes que a primeira condição do seu trabalho era o segredo.

— A existência e as funções do Serviço de Visitadoras eram conhecidas por todo mundo em Iquitos, muito antes da minha iniciativa — mantém os pés juntos, as mãos coladas ao corpo, a cabeça imóvel, tenta localizar Iquitos no mapa da parede, pensa é

esse ponto negro o capitão Pantoja. — Contra a minha vontade. Garanto que tomei todas as precauções para evitar isso. Mas numa cidade tão pequena era impossível, em poucos meses a notícia tinha que se espalhar.

— Isto era motivo suficiente para transformar os boatos numa verdade apocalíptica? — abre a porta, indica pode ir embora quando quiser, Anita, eu fecho o coronel López López. — Se queria discursar, por que não o fez em nome próprio e à paisana?

— Então estão todas com saudade dele? Eu também, éramos bons amigos, o coitado deve estar tiritando de frio — se deita de barriga para cima o tenente Bacacorzo. — Mas pelo menos não o expulsaram do Exército, ele morreria de tristeza. Sim, hoje assim. Mãos nas cadeiras, cabeça para trás e mexa-se, Coca.

— Por uma avaliação equivocada das consequências, coronel — não vira a cabeça, não olha de soslaio, pensa que distante parece tudo isso o capitão Pantoja. — Eu estava atormentado com a ideia de que iria haver uma debandada no Serviço depois do que aconteceu em Nauta. E cada vez estava mais difícil recrutar visitadoras, pelo menos de qualidade. Queria retê-las, reavivar sua confiança e carinho pela instituição. Sinto muito ter cometido esse erro de cálculo.

— Seu equívoco vem nos custando uma semana de irritações e de noites em claro — acende outro cigarro, traga, solta a fumaça pela boca e pelo nariz, está com o cabelo despenteado, os olhos vermelhos e fatigados o Tigre Collazos. — É verdade que o senhor, pessoalmente, passava pelas armas todas as candidatas ao Serviço de Visitadoras?

— Era parte do exame de ingresso, general — enrubesce, emudece, engasga, gagueja, se arranha, morde a língua o capitão Pantoja. — Para avaliar as aptidões. Não podia confiar nos meus colaboradores. Tinha descoberto favoritismos, subornos.

— Não sei como não acabou tuberculoso — contém o riso, ri, fica sério, torna a rir, está com os olhos marejados o Tigre Collazos. — Ainda não descobri se o senhor foi um panaca angelical ou um baita cínico.

— O Serviço de Visitadoras afundou, a Arca afundou, não tenho mais quem defender e ninguém me solta um tostão — bate na barriga, se torce, retorce, estala a língua o Sinchi. — Uma conspiração geral para que eu morra de fome. É por essa razão que não lhe respondo, não que lhe faltem encantos, cara Penélope.

— Vamos encerrar esta história de uma vez — dá uma batidinha na mesa o general Victoria. — É verdade que se nega a pedir baixa?

— Categoricamente, general — recupera a energia o capitão Pantoja. — Toda a minha vida está no Exército.

— Estávamos lhe oferecendo uma saída cômoda — abre uma pasta, passa ao capitão Pantoja uma lauda escrita a máquina, espera que leia, depois a guarda o general Victoria. — Porque poderíamos submeter o senhor ao conselho de guerra, e pode imaginar a sentença: degradação infamante, expulsão.

— Decidimos não fazer isso, porque já chega de escândalos e em função dos seus antecedentes pessoais — fuma, tosse, vai até a janela, abre-a, cospe na rua o Tigre Collazos. — Se prefere ficar no Exército, fique. Pode imaginar que, com esse relatório que vamos anexar à sua folha de serviço, vai passar uma boa temporada sem que seus galões deem crias.

— Farei todo o possível para me reabilitar, general — alegam-se a voz, o coração, os olhos do capitão Pantoja. — Nenhum castigo será pior que o remorso por ter causado um mal involuntário ao Exército.

— Está bem, mas não volte a fazer uma besteira dessas nunca mais — olha para o relógio, diz são dez horas, preciso ir embora o general Victoria. — Já encontramos um novo destino para o senhor, bem longe de Iquitos.

— Vai viajar para lá amanhã mesmo e não ponha os pés fora desse lugar pelo menos durante um ano, nem sequer por 24 horas — veste a jaqueta, ajeita a gravata, alisa o cabelo o Tigre Collazos. — Se quer continuar no Exército, é indispensável que o povo se esqueça da existência do famoso capitão Pantoja. Depois, quando ninguém se lembrar mais do assunto, veremos.

— Os braços amarradinhos assim, as perninhas assim, a cabeça caída sobre este peitinho — ofega, vai, vem, enfeita, amarra, mede o tenente Santana. — Agora feche os olhos e se faça de morta,

Pichuza. Assim mesmo. Coitadinha da minha visitadora, ai que pena da minha crucificada, minha irmãzinha da Arca tão linda.

— A Guarnição de Pomata está precisando de um intendente — fecha as cortinas, passa a chave nos armários, põe em ordem as escrivatinhas, pega uma maleta o coronel López López. — Em vez do rio Amazonas, terá o lago Titicaca.

— E em vez do calor da selva, o frio da puna — abre a porta, deixa seus companheiros passarem o general Victoria.

— E em vez de visitadoras, lhaminhas e vicunhas — põe o quepe, apaga a luz, estende a mão o Tigre Collazos. — Que sujeito estranho me saiu, Pantoja. Sim, já pode se retirar.

— Brrrr, que frio, que frio — estremece Pochita. — Onde estão os fósforos, onde está a maldita vela, que horrível viver sem luz elétrica. Panta, acorde, são cinco horas. Não sei por que você tem que ir pessoalmente ver o café da manhã dos soldados, seu maníaco. É cedo demais, estou morrendo de frio. Ai, que idiota, você me arranhou de novo com essa pulseira, por que não a tira de noite? Já disse que são cinco horas. Acorde, Panta.



Jornalista, dramaturgo, ensaísta e crítico literário, Mario Vargas Llosa é um escritor consagrado internacionalmente. Nascido em Arequipa, no Peru, em 1936, ganhou notoriedade literária com a publicação do premiado romance *A cidade e os cachorros* (1961). Mudou-se para Paris nos anos 1960 e lecionou em diversas universidades norte-americanas e europeias ao longo dos anos. Numa incursão ao mundo da política, candidatou-se à presidência do Peru em 1990, perdendo a eleição para Alberto Fujimori.

O autor divide seu tempo atualmente entre Londres, Paris, Madri e Lima. Entre seus livros publicados, destacam-se *Travessuras da menina má*, *Tia Julia e o escrevinhador*, *A guerra do fim do mundo*, *Elogio da madrasta*, *Quem matou Palomino Molero?* e *Cartas a um jovem escritor*. Em 2010, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[Sobre o autor](#)